



Ilustração de Dimitrije Djordjevic

Sara Marina Duarte dos Santos Pinto

O debate democrático no espaço público digital: A participação política no espaço de comentários do *Expresso* no *Facebook*

Relatório de Estágio no jornal *Expresso*, para obtenção do grau de Mestre em Jornalismo e Comunicação, orientado pelo Doutor Carlos Camponez e coorientado pela Doutora Rita Basílio de Simões, apresentado ao Departamento de Filosofia, Comunicação e Informação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.

2017



UNIVERSIDADE DE COIMBRA

Faculdade de Letras

O debate democrático no espaço público digital: A participação política no espaço de comentários do *Expresso* no *Facebook*

Ficha Técnica:

Tipo de trabalho	Relatório de Estágio
Título	O debate democrático no espaço público digital: A participação política no espaço de comentários do <i>Expresso</i> no <i>Facebook</i>
Autora	Sara Marina Duarte dos Santos Pinto
Orientador	Doutor José Carlos Costa dos Santos Camponez
Coorientadora	Doutora Rita Joana Basílio de Simões
Júri	Presidente: Doutora Ana Teresa Fernandes Peixinho de Cristo Vogais: 1. Doutor Gil António Baptista Ferreira 2. Doutora Rita Joana Basílio de Simões
Identificação do Curso	2º Ciclo em Jornalismo e Comunicação
Área científica	Jornalismo
Data da defesa	18/10/2017
Classificação	18 valores



Resumo

A participação política dos cidadãos na vida pública é a garantia de uma democracia forte. Na definição de Habermas, o espaço público ideal é um fórum de discussão aberto a todos os cidadãos, no qual se debatem ideias com o objetivo da obtenção de um consenso sobre o que é melhor para o bem comum. Sem política não é possível a vida em sociedade, pois é a política que dá sentido à ação coletiva (Inzerotti, 2006: 22). Por seu turno, a comunicação permite a manutenção de uma cultura política, “na qual os debates políticos produzidos nas instâncias informais de deliberação originam consequências na ação das instituições políticas” (Correia et al., 2010: 3).

Atualmente, a Internet ocupa um papel central nas nossas vidas. Estamos, de uma forma geral, sempre ligados. Por essa razão, é fundamental refletir sobre a utilização política que fazemos da Internet. Aquando do surgimento deste meio, pensava-se que o mesmo viria ampliar o espaço público, funcionando como uma arena global, permitindo o acesso de novos participantes, mesmo daqueles que nunca tinham tido a oportunidade de serem ouvidos. Mas será a interação entre utilizadores da Internet o correspondente aos debates que os cidadãos burgueses empreendiam nos cafés dos séculos XVIII e XIX? Terão os *media* digitais a mesma importância ou cumprem as mesmas funções que os jornais tinham para estes espaços? Oferece a Internet a possibilidade aos cidadãos para exercerem uma comunicação horizontal com os seus governantes, tal como prometeu?

O trabalho que apresentamos de seguida propõe uma reflexão teórica sobre estas questões. O nosso objetivo é estudar o espaço público digital e de que forma se desenrolam os debates políticos na Internet. Para tal, levamos a cabo uma investigação na qual analisamos o estado do debate no espaço de comentários do jornal *Expresso*, no *Facebook*. A escolha do *corpus* foi feita a partir dos artigos produzidos para a secção *Online*, durante o período de estágio curricular, de 1 de setembro de 2016 a 28 de fevereiro de 2017.

Palavras-chave: Espaço público *online*; Participação política; Debate democrático; Democracia deliberativa; Jornal *Expresso*

Abstract

The political participation of citizens in public life is the guarantee of a strong democracy. In Habermas's definition, the ideal public space is a discussion forum open to all citizens, in which ideas are discussed in order to reach consensus on what is best for the common good. Without politics, life in society is not possible, since it is politics that gives meaning to the collective action (Inzerilli, 2006: 22). Besides, communication allows the maintenance of a political culture “in which one the political debates produced in the informal instances of deliberation give rise to consequences in the action of political institutions” (Correia et al., 2010: 3).

Nowadays, the Internet plays a central role in our lives. We are, in a general way, always connected. For this reason, it is fundamental to reflect on the political use that we make of the Internet. When this medium was created, it was thought that it would expand the public space, functioning as a global arena, allowing the access of new participants, even of those who had never had the opportunity to be heard. But does the interaction between Internet users correspond to the debates that bourgeois citizens waged in the cafes of the eighteenth and nineteenth centuries? Do digital media have the same importance or perform the same functions that newspapers had for these spaces? Does the Internet offer citizens the possibility to establish a horizontal communication with their rulers as promised?

The work presented below proposes a theoretical reflection on these issues. Our goal is to study the digital public space and how political debates on the Internet are being led. To do this, we carried out an investigation in which we analyzed the state of the debate that happens in the comments section of the newspaper *Expresso's Facebook* page. The choice of the corpus was made from the articles produced for the Online section, during the curricular internship period, from 1st September 2016 to 28th February 2017.

Keywords: Online public space; political participation; democratic debate; deliberative democracy; *Expresso* newspaper

Índice

Introdução	6
Capítulo I - Apresentação do estágio e da Entidade Acolhedora.....	12
1.1 - O grupo Impresa.....	13
1.2 - O semanário <i>Expresso</i>	15
1.2.1 – Tiragens e circulação	19
1.3 - O <i>Expresso</i> no meio digital	21
1.3.1 - <i>Expresso Online</i>	21
1.3.2 - <i>Expresso Diário</i>	22
1.3.3 - <i>Expresso Curto</i>	23
1.4 - Estágio curricular	23
1.4.1 - A redação.....	24
1.4.2 – Experiência pessoal e atividades desenvolvidas.....	25
1.4.3 - Balanço do estágio	29
Capítulo II - A participação no espaço público	32
2.1 - A emergência do espaço público.....	33
2.1.1 – O público, a multidão e a massificação da sociedade.....	36
2.1.2 – Os problemas do espaço público moderno	38
2.1.3 - O papel do jornalismo no espaço público	40
2.1.4 - A participação política no espaço público.....	45
2.2 - Democracia deliberativa.....	49
2.3 - Jornalismo cívico	51
2.4 - O potencial democrático da Internet	53
2.4.1 - A constituição de um novo espaço público	57
2.4.2 - A participação política <i>online</i>	60
2.4.3 – Literacia para os <i>media</i> digitais	62

2.4.4 – O <i>digital divide</i> como fator de exclusão	63
2.4.5 – O déficit de participação e a crise da legitimidade democrática.....	64
2.5 - A fragmentação do espaço público e a multiplicidade de espaços	67
2.5.1 – As redes sociais	69
2.6 – Os problemas que o meio digital enfrenta	74
2.6.1 – Jornalismo cidadão	74
2.6.2 – As câmaras de eco	76
2.6.3 – O <i>infotainment</i>	77
2.6.4 – O lucro	79
Capítulo III - Serão os comentários <i>online</i> o novo espaço de debate público?	81
3.1 - Os comentários <i>online</i>	82
3.2 – Estudo de caso	86
3.2.1 - Apresentação do <i>corpus</i> e metodologia	86
3.2.2 - Análise dos comentários.....	87
3.2.3 - Conclusões	93
Conclusão	95
Referências bibliográficas.....	99
Anexos.....	I
Gráficos de análise.....	II
Categorias de análise	IX
Tabela de apresentação do <i>corpus</i>	X
<i>Corpus</i>	XIII

Introdução

A democracia é uma forma de governo que dá poder aos cidadãos. Nos governos democráticos há uma preocupação em incluir as pessoas nos processos de tomada de decisões. Por esse motivo, a participação política dos cidadãos é extremamente vital para assegurar a vida em sociedades livres. Existem vários modelos de democracia, mas cada um oferece múltiplas oportunidades para a participação cívica. Por outro lado, o desinteresse dos indivíduos pelas questões políticas é especialmente perigoso, uma vez que conduz a um déficit democrático e é capaz de pôr em causa as liberdades individuais, favorecendo as práticas de dominação e manipulação.

Num sistema de democracia representativa, o voto é a principal atividade de cidadania que os cidadãos podem desenvolver. Periodicamente, as eleições permitem que os indivíduos escolham os seus representantes, o que possibilita a participação política em massa (Glynn et al., 1999: 215). Nesse sentido, torna-se fundamental que as sociedades possuam níveis de informação que lhes permitam efetuar escolhas refletidas, que tenham em consideração aquilo que é melhor para todos. Walter Lippmann tem uma posição bastante crítica a este respeito, defendendo que a democracia é “impossível” uma vez que não se pode esperar que os cidadãos comuns tomem decisões racionais sobre as complexas questões públicas e que seria muito trabalhoso para cada cidadão estar informado sobre todos os assuntos públicos (apud Glynn et al., 1999: 216).

Visão diferente tem John Dewey, que acredita que a democracia requer uma participação ativa dos cidadãos e que as campanhas eleitorais têm um papel importante ao contribuírem para informar cidadãos que de outro modo não se preocupariam em obter o conhecimento sobre as grandes questões que marcam o sistema político (Glynn et al., 1999: 219). Já Lindeman e Glynn et al. (1999: 251) consideram que as nações estariam melhor se os cidadãos prestassem mais atenção à política, dado que “a ignorância pública generalizada sobre a política é muitas vezes vista como uma barreira à competência democrática”. No entanto, a maior parte da população não se interessa por assuntos políticos e, por esse motivo, o voto acaba por ser a expressão política mais importante da população (Lindeman e Glynn et al., 1999: 253).

Neste contexto, torna-se fundamental falar do papel de visível importância política que o jornalismo cedo assumiu, responsabilizando-se por fornecer aos cidadãos a informação de que precisam para desenvolverem um pensamento crítico, participarem ativamente na vida cívica e reivindicarem os seus direitos. Uma das principais funções do jornalismo é ainda atuar como

um vigilante atento do governo, para evitar abusos de poder e corrupção, acabando também por aproximar os governantes das populações. Assim, o jornalismo é de tal maneira relevante que sem a sua existência, a democracia não seria possível. Também no que diz respeito ao debate democrático, os *media* têm uma função crucial na estruturação da esfera pública, uma vez que são as figuras centrais do espaço público (Correia, 2010: 73), responsáveis pela formação da opinião pública.

Começamos por falar sobre a importância que a democracia e a participação cívica têm para as sociedades livres. Por essa razão, é ainda importante refletirmos sobre um outro tipo de democracia, que efetivamente confere mais poder aos cidadãos, ao lhe atribuir um papel ativo como atores políticos (Silveirinha, 2005: 151). No entanto, o modelo de democracia deliberativa também não é perfeito, visto que os públicos são compostos por um conjunto muito grande de cidadãos, tornando-se difícil a manutenção de debates políticos e a chegada a um consenso que beneficie o bem-comum. De acordo com Young (apud Silveirinha, 2004: 214) o facto de nem todos os indivíduos terem capacidade de argumentação é outro problema do modelo participativo, para além das diferenciações de género e da exclusão das minorias que ocorrem nas situações comunicativas em que seja valorizado o confronto de argumentos.

Devido a estas limitações, depositaram-se várias esperanças de que a Internet configurasse um meio que permitisse a reunião de todos os cidadãos do mundo, numa única plataforma. Nesse sentido, a Internet efetivamente cumpre o requisito, no entanto era preciso ter em conta a vontade dos cidadãos para participarem nos complexos debates políticos (Ferreira, 2012: 95). Na opinião de Zizi Papacharissi (2002: 22), a falta de um compromisso sólido por parte dos cidadãos “invalida o verdadeiro potencial da Internet como esfera pública”. De acordo com Daniel Innerarity (2006: 12), ainda não foi possível determinar, com certeza absoluta, que efeito produz a Internet no espaço público. Se por um lado pode contribuir para “facilitar a aquisição de uma cultura cívica comum” (Innerarity, 2006: 12), por outro, pode ainda favorecer a “fragmentação e a polarização social por fomentar uma informação seletiva” (Sunstein apud Innerarity, 2006: 12).

Sendo que a participação política é a base da democracia, torna-se necessário refletir sobre os novos espaços digitais, que permitem o diálogo entre os cidadãos, e de que maneira podem representar um alargamento do espaço público. Os *media* digitais oferecem mais oportunidades “para o desenvolvimento de métodos e práticas deliberativas” (Correia et al., 2010: 3), alterando a forma de comunicar. Por esse motivo, este trabalho tem como objetivo refletir sobre o estado

atual do debate *online*. Devido às suas especificidades, que permitem a fácil interação entre os participantes, a Internet trouxe novas esperanças no sentido de se constituírem mais fóruns de participação democráticos. Dessa forma, a nossa tarefa será analisar como é feita essa participação e se é relevante para a formação de uma esfera pública global.

Uma vez que o presente trabalho se trata de um relatório de estágio, começamos por fazer, no primeiro capítulo, uma apresentação da entidade acolhedora e um pequeno resumo dos seis meses de estágio, que teve início a 1 de setembro de 2016 e terminou a 28 de fevereiro de 2017. Assim, numa primeira fase, apresentamos o grupo Impresa, liderado por Francisco Pinto Balsemão, destacando alguns momentos da sua história. De seguida, introduzimos o jornal *Expresso*, semanário fundado em 1973, começando por falar sobre os principais acontecimentos que marcaram a história do jornal, as secções e cadernos pelo qual é constituído e ainda sobre os vários diretores que foi tendo ao longo do tempo e qual o contributo que deram. Consideramos que um subcapítulo em relação às tiragens e circulação do jornal fazia sentido dado que foi o jornal mais vendido em Portugal no primeiro bimestre de 2017 e é líder de vendas no meio *online*, com o *Expresso Diário*, elaborando ainda um apanhado desta evolução ao longo do tempo. Em relação ao *Expresso* apresentamos ainda os seus produtos digitais – *Online*, *Diário* e a *newsletter* diária, denominada *Expresso Curto*. Em relação ao estágio fazemos um apanhado das tarefas diárias, da constituição da redação de Lisboa, do modo de funcionamento do jornal, fazendo também um balanço do estágio, dos desafios, das dificuldades e das conquistas.

No Capítulo II, intitulado “A participação no espaço público”, fazemos um estado da arte sobre os pressupostos teóricos relacionados com o nosso trabalho. Assim, começamos por falar sobre a emergência do espaço público, numa primeira fase sobre a *ágora* grega, para posteriormente abordarmos a formação do espaço público burguês. Para o desenvolvimento deste tema apoiamo-nos sobretudo na teoria desenvolvida por Habermas, publicada em 1962, no seu livro *Strukturwandel der Öffentlichkeit*. Abordamos ainda a formação da sociedade de massas, que levou ao alargamento do espaço público burguês a mais classes e grupos sociais, provocando uma alteração estrutural da esfera pública. Consideramos também importante refletirmos sobre os problemas do espaço público moderno e ainda sobre que papel ocupam os *media* e o jornalismo, em concreto, nesse espaço público. Neste subcapítulo, voltamos a recuar um pouco no tempo, dado que pensamos que faria sentido falar da importância que os jornais foram tendo ao longo da história e como é que foram marcando as sociedades do seu tempo. Em seguida, aprofundamos o tópico da participação política no espaço público, pois apesar de já termos

falado ao de leve sobre participação dos cidadãos, optamos por pormenorizar os tipos de participação, a sua importância para a democracia e as relações de poder que estão associadas a esta prática comunicativa.

Reconhecendo a importância da participação política, dedicamos um subcapítulo exclusivamente ao modelo de democracia deliberativa, visto ser aquele que propõe uma maior intervenção dos cidadãos no processo de tomada de decisões, por oposição, como vimos, ao da democracia representativa, no qual o voto representa quase exclusivamente a participação da maioria dos cidadãos na vida política. Esta necessidade de chamar os cidadãos para a vida pública contribuiu para o aparecimento do jornalismo cívico, de que falamos no subcapítulo seguinte, com os jornalistas a preocuparem-se em estabelecer uma ligação com as comunidades, com vista a que os públicos assumissem um papel mais ativo.

Em seguida, refletimos sobre o papel democratizador que a Internet tem para o debate público. Começamos por dar conta das várias potencialidades do novo meio no sentido de criar novos espaços democráticos e permitir o acesso de mais indivíduos ao espaço público, possibilitando que um maior número de vozes seja ouvido. Por ser um tema tão vasto, dividimos este subcapítulo em cinco pontos, que acabam por estar relacionados entre si. Assim, numa primeira fase referimo-nos apenas às características do novo espaço público *online*, depois focamos a participação cívica nesse espaço, falamos ainda na literacia para os *media* digitais, que é necessário que os cidadãos possuam para que as pessoas possam compreender os conteúdos em circulação nas esferas públicas, e no *digital divide*, ou barreiras digitais, que resultam numa limitação na participação democrática de certas camadas da população. Estas exclusões digitais acabam mesmo por configurar um paradoxo para a Internet, uma vez que supostamente se trata de uma plataforma que permite a inclusão e a participação de todos. Por fim, atentamos sobre a crise do sistema democrático, provocada pela falta de envolvimento dos indivíduos e a apatia pelas questões políticas. Como explicitamos com mais detalhe, há vários motivos para que os cidadãos se desinteressem pela vida política. Um desses motivos prende-se com o facto de sentirem que não têm poder de decisão e que as suas opiniões não são tidas em conta pelos governantes.

Como vimos, a Internet criou novos espaços comunicativos, fragmentando o espaço público em espaços mais pequenos e segmentando a audiência, que passa a consumir os conteúdos de acordo com gostos pessoais. A um maior número de espaços públicos não corresponde necessariamente um maior pluralismo político, uma vez que esse facto apenas pode pôr em

causa a estabilidade da esfera pública. Por outro lado, também é verídico que diversas plataformas da Internet, como por exemplo as redes sociais, vieram permitir que se criassem novos espaços nos quais as pessoas interagem entre si. No entanto, como nos diz Valéria Marcondes (2007: 4), as novas tecnologias só por si não são capazes de promover o debate público, é preciso que haja interesse e engajamento cívico por parte dos cidadãos. Uma vez que falamos sobre redes sociais e a análise que levamos a cabo ter sido realizada com base na discussão num espaço de comentários no *Facebook*, consideramos que fazia sentido criar um tópico no qual refletíssemos sobre a questão das redes sociais, as possibilidades que oferecem para o estabelecimento de uma comunicação horizontal com governantes e organizações e ainda dissecássemos sobre o contributo que têm para a democracia e para a própria esfera pública.

No final do Capítulo II damos conta de alguns problemas que o meio digital enfrenta. Um desses problemas é o caso do “jornalismo cidadão”, conceito que surgiu para designar os conteúdos criados pelos utilizadores no meio *online* e que está a gerar controvérsia, dado que veio desestabilizar ainda mais o jornalismo enquanto profissão. Outro problema é o fenómeno das câmaras de eco, resultado da fragmentação do espaço público, que mina a diversidade no que diz respeito ao contacto dos utilizadores com diferentes pontos de vista, uma vez que estes apenas vão contactar com informação com a qual estão de acordo. O *infotainment* e a obtenção de lucro também têm consequências negativas para a qualidade do espaço público. Em primeiro lugar, o *infotainment* refere-se ao carácter cada vez mais *light* das notícias, que misturam informação com entretenimento. O jornalismo rendeu-se à lógica do *clickbait*, principalmente nas redes sociais, numa tentativa de atrair mais leitores. No que diz respeito ao lucro, as corporações começaram a ver a Internet como uma grande empresa de massa (Papacharissi, 2002: 19), aplicando-lhe padrões capitalistas que estão a alterar a natureza do meio, no sentido de um âmbito comercial e afastando-o da promoção do bem-estar social (Papacharissi, 2002: 20).

O terceiro capítulo, intitulado “Serão os comentários *online* o novo espaço de debate público?”, parte da premissa de Ruiz et al. (2011: 464), que associa os jornais digitais e as discussões que existem nas suas caixas de comentários aos cafés burgueses dos séculos XVIII e XIX. Numa primeira fase, damos conta de um estudo que teve como objetivo avaliar a qualidade dos debates no espaço de comentários de cinco dos maiores jornais internacionais. Com isto pretendíamos dar a conhecer como é que alguns jornais a nível mundial tratam da questão dos comentários no seu *site*, uma vez que o jornal *Expresso* deixou de possibilitar essa funcionalidade.

De seguida, procedemos à nossa própria análise. A importância que atribuímos à presente investigação vai no sentido de considerarmos relevante encetar uma avaliação do estado atual do debate público na Internet. Dado que os jornais são as principais figuras do espaço público e uma vez que o nosso estágio havia sido no jornal *Expresso*, escolhemos analisar caixas de comentários de notícias elaboradas por nós, partilhadas pela página de *Facebook* do jornal. Assim, o nosso *corpus* de análise contou com 22 publicações, partilhadas no período de um mês a seguir à tomada de posse de Donald Trump como presidente dos Estados Unidos da América, desde o dia 20 de janeiro, até ao dia 20 de fevereiro. Apesar de não ser um *corpus* numeroso, a análise que efetuamos permitiu-nos chegar a algumas conclusões sobre a forma como as pessoas interagem neste espaço público de debate.

Capítulo I

Apresentação do Estágio e da Entidade Acolhedora

1.1 - O grupo Impresa

A Impresa, liderada por Francisco Pinto Balsemão, é o “maior grupo de comunicação social em Portugal”¹ e “um dos mais antigos” (Silva, 2004: 85). A *holding* detém vários títulos, sendo responsável pela publicação do *Expresso*, *Visão*, *Visão História*, *Visão Júnior*, *Activa*, *Arquitectura & Construção*, *Blitz*, *Caras*, *Caras Decoração*, *Casa Cláudia*, *Casa Cláudia Ideias*, *Courrier Internacional*, *Exame*, *Exame Informática*, *Jornal de Letras*, *Telenovelas*, *Tv Mais* e *Volante*. Na televisão tem a *SIC*, a *SIC Notícias*, a *SIC Internacional*, a *SIC K*, a *SIC Mulher*, a *SIC Radical* e a *SIC Caras*. Na área dos *media* conta ainda com participações em diversos segmentos de negócio (Silva, 2004: 85).

Apesar do regime ditatorial que se vivia em Portugal no início da década de 70 e, conseqüentemente, da censura, Francisco Pinto Balsemão acreditava que era possível produzir um semanário de qualidade. Para tal, começou por criar a Sojornal, em 1972. O primeiro ativo desta empresa foi o jornal *Expresso*, que teve a sua primeira edição a 6 de janeiro de 1973. O semanário representou também o ponto de partida para a criação do grupo Impresa (Impresa, s.d.: para. 1).

Para distribuir o semanário, foi fundada a VASP em 1975, sendo que seis anos mais tarde a Sojornal adquiriu uma parte do seu capital, com o objetivo de ter “presença na empresa que distribuía o seu então único ativo” (Évora, 2011: 68). Anos mais tarde, em 2002, a VASP viria a fundir-se com uma outra grande distribuidora do mercado, a Deltapress (Silva, 2004: 86). Atualmente, para além das publicações do grupo Impresa, a VASP é responsável pela distribuição de dezenas de outras publicações (Impresa, s.d.: para. 3).

Em 1988, Francisco Pinto Balsemão fundou a Controljornal, que passou a ser a empresa *holding* de todo o grupo, “agrupando as diversas participações detidas pelo grupo” (Impresa, s.d.: para. 4). Um ano mais tarde, numa *joint-venture* com o grupo brasileiro Abril, é lançada a *Exame*, que foi a primeira revista de negócios em Portugal e marcou a entrada do grupo na área das revistas. De acordo com Silvino Lopes Évora (2011: 68), é a partir deste período que “a dimensão da empresa de Balsemão começou a tornar-se visível”.

Em março de 1991, a abertura do Capital Social da Controljornal a investidores externos permitiu a criação de uma “super *holding*”, sob a denominação de Impresa (Impresa, s.d.: para.

¹ Segundo o *site* da Impresa, em 2015 o grupo teve uma faturação de 230 milhões de euros (Impresa, s.d.: para. 20).

6). No mesmo ano, o novo grupo concorreu à atribuição dos primeiros canais de televisão privados em Portugal, tendo-se tornado num dos acionistas fundadores da *SIC - Sociedade Independente de Comunicação*. O arranque das emissões deu-se em outubro de 1992, bastando apenas três anos para que o novo canal se tornasse líder de audiências. O *site* do grupo aponta a “qualidade, a imagem e a independência” como os fatores responsáveis por este sucesso, que levaram a que a estação tivesse uma “relação privilegiada com os telespectadores portugueses” (Impresa, s.d.: para. 7).

Entre 1995 e 1999, a *holding* criou várias publicações e foi ainda protagonista de novas parcerias, quer com o grupo Abril, adquirindo participação em todos os títulos detidos pelo grupo brasileiro (Évora, 2011: 68), quer com a Edipresse, associação que resultou no lançamento da *TV Mais, Visão, Telenovelas* e *Jornal de Letras* (Évora apud Silva, 2011: 69). Em setembro de 1997, têm início as emissões da *SIC Internacional*, com o objetivo de chegar à comunidade portuguesa espalhada pelo mundo e ainda aos Países de Língua Oficial Portuguesa (Impresa, s.d.: para. 8).

A entrada no novo milénio trouxe a presença na Internet, primeiro do *Expresso*, no ano 2000, seguida da *SIC Online*, em 2001. Já em 2003 houve uma transformação no ramo das revistas, criando-se a Edimpresa, cujo capital era detido pela Impresa (50%) em conjunto com os suíços da Edipresse (50%). Cinco anos mais tarde, em 2008, a Impresa viria a adquirir a totalidade do capital da Edimpresa, o que permitiu também a fusão das atividades dos jornais e revistas debaixo da *sub-holding* Impresa Publishing (Impresa, s.d.: para. 12).

Apesar da crise económica de 2008 ter obrigado o grupo Impresa a reduzir o seu portefólio de publicações e empresas, foi nesse mesmo ano que “a Impresa Publishing se tornou na maior editora de publicações portuguesas, com um portefólio de cerca de 30 publicações” (Impresa, s.d.: para. 15).

O crescimento também foi notável no setor televisivo. Em 2015, “a *SIC* estava presente em 14 países, através de 53 operadores com 7 canais temáticos, abrangendo mais de 6 milhões de telespectadores” (Impresa, s.d.: para. 20).

Como empresa de comunicação, pertencente a um grupo económico familiar, ligado a Francisco Pinto Balsemão, que se rege pelas lógicas do mercado, a Impresa visa a obtenção de lucro. Para isso, a *holding* procurou sempre estabelecer mecanismos de concentração através de estratégias de fusão. Como escreve Elsa Costa e Silva (2004: 24), “a forma mais simples de concentração tem lugar quando uma empresa mediática compra uma participação maioritária numa

companhia que opera no mesmo negócio” (Silva, 2004: 24). Também Silvino Lopes Évora (2011: 39) esclarece que “a concentração horizontal e a integração vertical são as formas predominantes de fusão e edificação de grupos na área da comunicação social”.

A Impresa é, desta forma, “um caso de propriedade cruzada, mas também de concentração horizontal, que não descurou a integração vertical” (Silva, 2004: 86). Dentro do setor da comunicação, o grupo detém dois grandes órgãos de comunicação social – a *SIC* e o *Expresso* –, que refletem um exemplo de propriedade cruzada. As várias revistas do grupo resultam de uma fusão horizontal, com a finalidade de “melhorar a eficiência e/ou o poder de mercado, [que] têm como objetivo ganhos de eficiência, nomeadamente, a poupança de custos comuns” (Cabral apud Silva, 2004: 26).

Com a criação da VASP, a Impresa teve em atenção, de igual forma, a integração vertical. A teoria económica aponta vantagens para este tipo de concentração, uma vez que “permite a uma empresa a redução dos seus custos de produção e distribuição, pela ligação de atividades seguidas, ou porque é essencial assegurar fornecimentos fiáveis de matéria-prima” (Silva, 2004: 27). Deste modo, a Impresa procedeu à combinação de duas atividades relacionadas na produção.

1.2 - O semanário *Expresso*

O jornal *Expresso* é um semanário generalista português de referência, detido pela Impresa *Publishing*. Foi fundado em 1973 por Francisco Pinto Balsemão, que para além de ter sido o seu primeiro diretor, nunca deixou de ser o principal proprietário do jornal. A sua primeira edição, de formato *broadsheet*, foi composta por dois cadernos – um de carácter mais noticioso e outro, intitulado *Revista*, mais desligado da atualidade, constituído por textos longos que convidavam à reflexão (Castanheira, 2013: para. 5). O semanário “mantinha-se na primeira linha de uma imprensa europeia de qualidade, independente e de referência” (Rocha, 1994: 378). Distribuído aos sábados, o jornal teve a sua primeira sede na rua Duque de Palmela, em Lisboa.

Pinto Balsemão foi diretor do *Expresso* até 1979, altura em que deixou o semanário para se dedicar à política. O seu sucessor, Marcelo Rebelo de Sousa, esteve apenas dois anos na direção do jornal, saindo em 1981, também para se envolver na política. A direção ficou entregue a Augusto de Carvalho (Pinto, 2001: 51).

De janeiro de 1981 a junho de 1983, Francisco Pinto Balsemão exerceu a função de primeiro-ministro em consequência da inesperada morte de Francisco Sá Carneiro num acidente aéreo. Durante esse período, a redação do *Expresso* fez um esforço no sentido de afirmar a sua independência face ao poder político, na altura exercido pelo proprietário do jornal (Pinto, 2001: 51). Este facto também incomodava Pinto Balsemão, que chegou a ponderar a possibilidade de o vender, numa altura em que ainda não era o semanário português com maior circulação (Pinto, 2001: 51).

Segundo José Pedro Castanheira (2013: para. 22), Augusto de Carvalho não estava “fadado para diretor”. Por esse motivo, em fevereiro de 1983, José António Saraiva junta-se à direção, passando de colaborador para subdiretor. No entanto, esta solução não duraria muito tempo e, em outubro do mesmo ano, na sequência de uma querela sobre o “destaque a dar a uma entrevista dada pelo presidente de Moçambique, Samora Machel”, Augusto de Carvalho apresenta a sua demissão (Castanheira, 2013: para. 24). Francisco Pinto Balsemão apontou então José António Saraiva para lhe suceder no cargo, o qual “se tornou um diretor lendário da história da imprensa moderna portuguesa” (Rocha, 1994: 378). Sob o comando de José António Saraiva, o *Expresso* transformou-se “no maior êxito jornalístico contemporâneo” (Rocha, 1994: 378).

Em setembro de 1984, uma nota publicada na secção Gente, “que comentava o assédio de um antigo ministro a uma senhora casada que convidara para o seu aniversário na Quinta do Lago”, da autoria de João Carreira Bom, ex-editor da secção nacional e à data cronista do *Expresso*, levou à instauração de um processo disciplinar, movido pelo presidente do Conselho de Administração, ao seu autor (Sindicato dos Jornalistas, 2002: para. 6). Para reforçar o núcleo dirigente e fazer face às várias críticas internas de que era alvo, o diretor José António Saraiva convidou Vicente Jorge Silva e Jorge Wemans para a direção do semanário (Castanheira, 2013: para. 25). Wemans viria a ser o responsável da proposta para que a área de economia fosse “autonomizada num caderno próprio” (Castanheira, 2013: para. 26). Conforme referiu Saraiva, citado por José Pedro Castanheira (2013: para. 26), a partir deste período, o jornal assenta sobre “um tripé: a política, a economia e a cultura”, sendo o “início de um período de grande crescimento do jornal, que irá culminar em outubro de 1989 com a existência de sete cadernos fixos”.

Vicente Jorge Silva, responsável pela Revista desde a sua criação, tinha também a ideia de criar um jornal diário. O jornalista propôs a ideia a Pinto Balsemão, contudo, o proprietário do

Expresso não se mostrou interessado no projeto. Pelo contrário, Belmiro de Azevedo, patrão da Sona, mostrou-se mais favorável e, em 1990, é lançado o jornal *Público*. Do *Expresso*, Vicente Jorge Silva e Jorge Wemans “levam consigo quase uma vintena de jornalistas” (Castanheira, 2013: para. 27). Na reconstituição da redação, José António Saraiva garante que Joaquim Vieira, repórter de investigação que tinha sido promovido a diretor-adjunto, teve um papel fundamental, trazendo nomes como Henrique Monteiro e João Garcia do semanário *O Jornal* e Fernando Madrinha do *Diário de Notícias*. Entre os estagiários que entram para o jornal encontra-se Ricardo Costa (Castanheira, 2013: para. 28).

No ano de 2002 o *Expresso* “chega à televisão”, através de uma proposta da jornalista Cândida Pinto, que à data era diretora da *SIC Notícias* (Paixão, 2015: para. 29). O “*Expresso da Meia Noite*” é mais um exemplo de sinergia do grupo Impresa, uma vez que se trata de um “programa feito em colaboração entre a *SIC Notícias* e o semanário *Expresso*” (Impresa, 2013: para. 10). Trata-se de um debate semanal, exibido sexta-feira às 23h, sobre um tema que esteja a marcar a atualidade, moderado por Ricardo Costa, Nicolau Santos e Bernardo Ferrão.

No início de 2003, a *Revista*, “um dos produtos mais distintivos do *Expresso*” (Castanheira, 2013: para. 35), foi substituída pela *Única*, data na qual o *Cartaz* (caderno cultural) passou a chamar-se *Actual*. Nesta altura, as instalações na rua Duque de Palmela já não tinham capacidade para albergar toda a gente, apesar da redação ocupar agora todo o edifício e não apenas o segundo andar direito, como aquando da fundação do jornal. Assim, em março desse ano, a redação do *Expresso* muda-se para o edifício São Francisco de Sales, em Paço de Arcos, que é partilhado pelas restantes publicações do grupo (Paixão, 2015: para. 30).

No ano de 2005, José António Saraiva termina o período de 23 anos como diretor do *Expresso* (Castanheira, 2013: para. 37). Consequentemente, Francisco Pinto Balsemão convidou Henrique Monteiro para o substituir, o qual assume a direção em janeiro de 2006. O novo diretor trouxe mudanças significativas para o jornal. A 9 de setembro, o *Expresso* apresenta um novo formato – *berliner* (mais pequeno) –, para além de um “grafismo radicalmente novo, criado pela empresa de consultores *Innovation* e executado por Marco Grieco” (Castanheira, 2013: para. 40), que lhe valeu vários prémios internacionais, como o “*World’s Best-Design Newspaper*” (jornal mais bem desenhado do mundo), por dois anos consecutivos – em 2007 e em 2008. Também a redação sofreu alterações com Henrique Monteiro. Citado por José Pedro Castanheira (2013: para. 40), o então diretor explica, orgulhoso, que acabou com os gabinetes e pôs toda a gente em *open space*, “incluindo os diretores”.

A 8 de janeiro de 2011, Ricardo Costa, que entretanto havia passado pela *SIC*, toma posse como o sexto diretor do *Expresso*, nome sugerido a Pinto Balsemão por Henrique Monteiro (Castanheira, 2013: para. 42). No mês seguinte, por ocasião da edição n.º 2000 do jornal, que saiu a 26 de fevereiro de 2011, foi lançado um número especial, estreou-se a edição no iPad e o *site* sofreu modificações profundas. O novo diretor admite que não é uma época áurea na história do jornal, sendo que “o mais negativo são as condições de mercado, que têm vindo a degradar-se, a par e passo com o país”, e cujas consequências se refletem nas vendas e na publicidade. Ricardo Costa, citado por José Pedro Castanheira (2013: para. 45), salienta, por outro lado, que “nunca o jornal chegou a tanta gente através da edição em papel, da *net*, do iPad, dos telemóveis e até da própria televisão”.

A 6 de março de 2016, o jornal *Expresso* conhece o seu atual diretor, Pedro Santos Guerreiro. A direção de informação do jornal é ainda constituída por Martim Silva, diretor executivo; Nicolau Santos, João Vieira Pereira e Miguel Cadete como diretores-adjuntos e Marco Grieco mantém-se como diretor de arte (Expresso, 2016: para. 1).

Com o slogan “*Expresso* – Liberdade para pensar”, o semanário caracteriza-se “pela publicação de extensas informações de análise nacional e internacional com artigos de opinião de reconhecidos intelectuais que o tornaram o semanário de maior difusão e o que tem maiores receitas de publicidade” (Rocha, 1994: 378).

O Estatuto Editorial do *Expresso* defende que se trata de “um jornal com convicções, mas independente de todos os poderes”, porque só dessa maneira pode cumprir a sua “função essencial perante a sociedade” (Expresso, 2017a: para. 1-2). A luta do semanário sempre foi no sentido da liberdade de expressão e da liberdade de informar, repudiando “qualquer forma de censura ou pressão, seja ela legislativa, administrativa, política, económica ou cultural” (Expresso, 2017a: para. 1). E vai mais além, declarando que “quaisquer leis limitadoras da liberdade de expressão terão sempre a firme oposição” do jornal (Expresso, 2017a: 4).

O semanário *Expresso* é composto por vários cadernos, que primam por uma informação de “atualidade e análise” nas mais variadas áreas como “política, economia, sociedade e cultura, dando igualmente muita atenção à opinião plural de diversos comentadores, bem como ao noticiário internacional e ao desporto” (Impresa, 2013: para. 2). O Primeiro Caderno aborda as notícias das últimas 24 horas e contém análises profundas sobre os principais temas que marcaram a semana e ainda artigos de opinião de jornalistas e personalidades nacionais.

A revista *E* tem uma forte componente cultural, apresentando “formatos de longo jornalismo e micro formatos com assinatura” (Impresa, 2013: para. 4). Apresenta também “figuras relevantes, entrevistas e perfis, reportagem e investigação”. O *Expresso* é ainda composto pelo caderno *Economia* que “adota a mesma postura de rigor jornalístico num caderno dedicado aos assuntos económico-políticos nacionais e internacionais, dirigido a investidores, executivos e profissionais de todas as áreas” (Impresa, 2013: para. 5), integrando também o setor de imobiliário e pelo *Emprego*, um espaço informativo sobre o mercado de trabalho, um conteúdo destinado a anúncios de emprego e informações sobre cursos ou ações de formação.

O perfil de leitor do *Expresso*, segundo dados da Impresa (que tem como fonte um estudo da Bareme Imprensa referente ao período entre setembro de 2014 e maio de 2015), tem uma idade compreendida entre os 25 e os 64 anos e é maioritariamente masculino (61,8%). Pertence às classes ABC1 e ocupa quadros médios e altos. É ainda residente em regiões urbanas, principalmente na região da Grande Lisboa (35,4%). O estudo revela ainda que o leitor do *Expresso* é “bastante preocupado com as questões ambientais e sociais, estando estas no topo das suas prioridades. Este leitor tem ainda uma forte ligação às novas tecnologias, comunicação e Internet”.

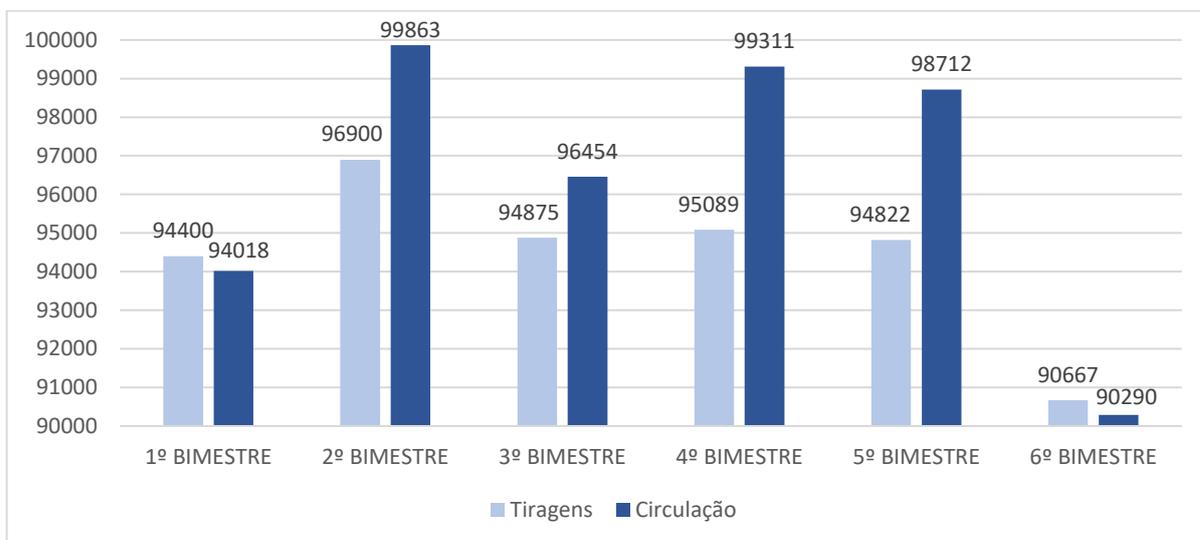
1.2.1 – Tiragens e circulação

O *Expresso* foi o jornal mais vendido em Portugal no primeiro bimestre de 2017, segundo dados da APCT (Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação). O semanário teve uma tiragem de 91 163 jornais e uma circulação de 95 034 exemplares, valor no qual se encontra incluída a circulação total digital (que por sua vez também é líder de vendas neste meio).

No ano de 2016, o *Expresso* foi o segundo jornal generalista mais lido, superado apenas pelo *Correio da Manhã* (diário). No último bimestre do ano passado, o *Expresso* teve uma circulação de 90 290 exemplares, tendo sido impressos 90 667 jornais. O segundo bimestre do mesmo ano foi o que apresentou valores mais elevados, com uma circulação total de 99 863 publicações.

Fig. 1 – Gráfico produzido a partir dos dados sobre as tiragens e circulação do jornal *Expresso* no ano de 2016.

Fonte: APCT



Estes números, no entanto, estão longe dos 163 388 exemplares impressos e alcançados em 1995 (Rocha, 1994: 378), num dos períodos áureos da publicação. A evolução desde o ano da sua fundação foi notável, visto que o seu primeiro número teve uma tiragem de 65 mil exemplares.

No ano de 1999, o *Expresso* teve uma tiragem entre 150 mil e 170 mil exemplares e uma circulação média de 141 029 jornais (Pinto, 2001: 49). Contudo, estes valores baixaram nos primeiros anos do novo milénio, “com a média total a situar-se nos 135 702 exemplares” (Pinto, 2001: 49).

Segundo José Pedro Castanheira (2013: para. 41), o recorde de vendas do *Expresso* ocorreu a 28 de outubro de 2006, com uma circulação de 202 108 exemplares, “no termo de uma oferta de DVD aos leitores”.

Nos últimos anos, de acordo com dados da Obercom (2016: 10), a circulação do *Expresso* tem vindo a diminuir, de 119 875 em 2008 para 77 812 em 2015, valor que, como já vimos, aumentou em 2016 e 2017.

1.3 - O *Expresso* no meio digital

1.3.1 - *Expresso Online*

O *Expresso* foi o primeiro semanário português a marcar presença na Internet, estreando-se “de forma experimental” em julho de 1997 (Bastos, 2010: 3). No meio digital, o jornal começou por transpor integralmente a edição semanal para o suporte eletrónico (Castanheira, 2004: 30). O espaço para comentários chegaria no ano seguinte, tanto para os comentários gerais, como para os comentários a cada um dos artigos publicados, “sem qualquer requisito prévio em termos de identificação” e ainda sem qualquer espécie de edição (Castanheira, 2004: 31).

O que se acabou por verificar foi que alguns utilizadores estavam a fazer comentários recorrendo a um “tom insultuoso, ofensivo e difamante” (Castanheira, 2004: 31). Desta forma, em abril de 2001, foram introduzidos filtros que eliminavam palavras ou expressões tidas como “menos próprias para um meio público” (Castanheira, 2004: 31). No mesmo ano, passou ainda a ser obrigatório o registo de quem quisesse participar. Em janeiro deste ano, os comentários foram retirados do *site* do jornal, devido ao declínio da qualidade do espaço de comentários.

A partir do ano 2000, o *Expresso* começou a atualizar as notícias diretamente na edição *Online*, disponibilizando um acesso completamente gratuito (Castanheira, 2004: 31). No entanto, em finais de março de 2001, o *Expresso Online* acabaria com a atualização de notícias e dispensaria “metade da redação, ou seja, 17 pessoas num total de 34, entre jornalistas e outro pessoal, na maioria contratados a prazo” (Bastos, 2010: 5). A Sojornal justificou o despedimento como uma necessidade de “reajustar editorialmente o site” (Bastos, 2010: 5), com o argumento de que a fase experimental, que durara seis meses, estava agora no fim.

Posteriormente, José António Lima, diretor-adjunto do *Expresso*, explicou que o jornal aumentou a redação devido à euforia que se gerara em torno da Internet e que o importante era “marcar posição” (Vieira apud Bastos, 2010: 5). No entanto, as receitas com a publicidade não corresponderam às expectativas. Dessa forma, no final do mês de março de 2001, a reestruturação passou pela não renovação do contrato de 17 jornalistas do *Online* (Bastos, 2010: 5).

Já em maio desse ano, Miguel Martins assumiu o cargo de editor do *Expresso Online* e relançou o *site*, “numa lógica que fosse valorativa para o próprio *Expresso* (Bastos, 2010: 9). O *Online* viria a sofrer nova renovação em setembro de 2007, apostando em vídeos, fotogalerias, *podcasts*

e na interação com os leitores (Bastos, 2010: 9). Em 2011, o *Expresso* lança as primeiras aplicações para iPad e para *tablets* Android.

Diz-nos, a propósito, Hélder Bastos (2010: 10):

“A primeira década de ciberjornalismo em Portugal fica marcada, em termos gerais, por uma fase experimental relativamente longa e reveladora de hesitações por parte das empresas jornalísticas, por uma fase de expansão tão acelerada e intensa quanto curta, e por uma fase de estagnação profunda – pontuada por alguns investimentos a contracorrente”.

O *Expresso Online* está dividido em várias categorias – Últimas, Opinião, Economia, *Expresso Curto*, *Podcasts*, *Tribuna*, 2:59, Multimédia e Documentários. Dentro das Últimas estão as cinco editorias do jornal: Política, Sociedade, Internacional, Economia e Cultura. A *Tribuna* é a secção de desporto do *Expresso*, criada em agosto de 2016. Quanto ao 2:59, a rubrica consiste em pequenos vídeos de 2 minutos e 59 segundos, nos quais um jornalista analisa e explora um tema pertinente da atualidade.

1.3.2 - *Expresso Diário*

O *Expresso Diário* foi lançado no dia 6 de maio de 2014. É um jornal vespertino (sai de segunda a sexta, às 18h), disponível exclusivamente *online*. É de acesso fechado, ou seja, apenas assinantes do diário ou compradores da versão em papel podem aceder a este jornal. Segundo o *site* da Impresa (s.d.: para. 19), o *Expresso Diário* é um caso de sucesso, dado que em menos de 2 anos conseguiu superar a marca dos 17 mil clientes digitais, o que representa cerca de 20% da circulação total do jornal. Comparado com outras publicações, “o *Expresso* continua a liderar nas receitas de circulação digital, tendo atingido, no final de setembro [de 2016], um número médio de 22 700 compradores, entre assinantes e vendas digitais, o que representou cerca de 23% das vendas totais do jornal” (Impresa, 2016). Os dados da APCT sobre o primeiro bimestre de 2017 vieram confirmar a liderança do diário no que diz respeito à circulação digital paga em Portugal, “tendo conseguido aumentar o número de exemplares vendidos: mais de 23 mil exemplares, espelhando o sucesso da aposta do grupo na sua estratégia de crescimento no digital” (Expresso, 2017b: para. 3).

A nova plataforma do *Expresso* vem trazer uma inovação, com um design diferente, especialmente concebido para a Internet, propondo ainda artigos que fazem uma análise diária da atualidade. Está dividido em nove categorias: primeira página, que é a capa do jornal; o dia

num minuto, uma seleção das 13 notícias que marcaram o dia, resumidas num parágrafo, no qual se inclui ainda a frase do dia, dita por uma figura pública; os temas principais, que são os principais acontecimentos que marcaram o dia, analisados em profundidade; opinião; país; mundo; cultura; lazer e última, constituída pela rubrica de Henrique Monteiro, “Chamem-me o que quiserem”.

1.3.3 - *Expresso Curto*

O *Expresso Curto* é uma *newsletter* diária, enviada de segunda a sábado por *email* aos subscritores, no início de cada manhã. De acordo com o site da Impresa (s.d.: para. 20), foi criada “no âmbito da expansão digital” do *Expresso*. Consiste numa breve síntese dos principais temas da atualidade, escrita pelos diretores e editores do *Expresso*. Ao sábado, a *newsletter* fala sobre os principais temas que são tratados no jornal impresso, como uma estratégia para cativar os leitores a comprar o semanário.

1.4 - Estágio curricular

O estágio curricular no jornal *Expresso* teve início a 1 de setembro de 2016 e terminou a 28 de fevereiro de 2017. Foi realizado no âmbito da unidade curricular “Estágio/Relatório”, do mestrado em Jornalismo e Comunicação da Universidade de Coimbra. O meu orientador de estágio foi o jornalista Germano Oliveira, que ocupa o cargo de editor-executivo.

Para a realização do estágio, foi necessária uma entrevista prévia, que ocorreu a 27 de julho de 2016. No início de agosto, fui contactada pelo técnico de Recursos Humanos, Tiago Cardoso, que me informou que tinha sido selecionada e iria estagiar na secção do *Online*.

Nessa chamada telefónica, acordamos ainda a data de início e término do estágio, bem como o horário em que iria decorrer. Por escolha pessoal, optei pelo horário das 16h à 00h. Ainda que fosse um horário tardio, acabou por se revelar extremamente positivo para mim, visto que a partir das 21h a redação ficava reduzida a um ou dois jornalistas e eu acabava por ter um papel mais importante no auxílio das tarefas.

No primeiro dia de estágio foi-me entregue um cartão que me permitia aceder à redação, bem como um *email* de estagiária e as credenciais de acesso à intranet do *Expresso*, mais especificamente, ao *Backoffice*² e ao *Content Station*³.

Ao longo dos seis meses escrevi quase exclusivamente para o *Online*. Maioritariamente, fazia artigos para a secção Internacional, tendo como fonte os principais jornais internacionais. Não obstante, acabei por escrever para todas as secções do *Online*, incluindo para a *Tribuna*.

A exceção deu-se no dia 5 de novembro, quando foi publicado o meu primeiro e único artigo na revista *E*. Foi ainda a única vez que saí da redação e que assinei um artigo durante todo o estágio, visto que o *Expresso* apenas autoriza jornalistas com carteira profissional a assinar as suas peças.

1.4.1 - A redação

A redação do *Expresso* situa-se no 4.º piso do edifício São Francisco de Sales, na Rua Calvet de Magalhães, n.º 242, em Paço de Arcos⁴. No mesmo edifício funcionam ainda outras publicações do grupo Impresa (*Visão*, *Activa*, *Blitz*, etc.). Composta por várias ilhas em *open space*, uma mesma sala acolhe as redações das várias editorias do *Expresso* – Política, Economia, Sociedade, Internacional, *Online*, *Tribuna*, revista *E*, fotografia, multimédia – e da *Exame*. Ao centro da sala, os membros da direção (Pedro Santos Guerreiro, Martim Silva, João Vieira Pereira e Miguel Cadete) têm a sua secretária. No lado direito da sala há ainda salas para reuniões ou para fazer entrevistas e uma sala multimédia.

A secção do *Online* situa-se entre a *Tribuna* e o Internacional. Para o *Online* trabalham diariamente seis jornalistas – Paulo Luís de Castro (Coordenador de Multimédia), Carlos Abreu, Liliana Coelho, Mafalda Ganhão, Alexandre Costa e Marta Gonçalves –, e vários colaboradores que trabalham a partir de casa e na redação ao fim de semana ou quando são chamados. Também vários jornalistas que escrevem para o papel contribuem para o *Online*.

Durante o período do estágio, o meu computador de trabalho era na secção do *Online*, ao lado do Carlos Abreu e de frente para o Paulo Luís de Castro e para a Liliana Coelho. A secretária do meu orientador ficava do meu lado direito, numa ilha central constituída ainda pelo editor-

² O *Backoffice* é uma plataforma *online* na qual se inserem e editam os artigos antes de serem publicados no *site*.

³ O *Content Station* é uma aplicação usada para inserir e editar textos, imagens e infografias para o *Expresso Diário* e para a edição em papel. Serve ainda para consultar “*takes*” da Lusa e fotografias de agência.

⁴ O *Expresso* tem duas redações – a delegação de Lisboa, onde estagiei, e a Delegação Norte, em Matosinhos.

adjunto do *Expresso Diário*, José Cardoso, por paginadores e pelos responsáveis pela atualização das redes sociais do jornal.

O *Online* tem dois horários distintos de funcionamento – das 08h às 16h e das 16h à 00h. O resto da redação entrava um pouco mais tarde, a meio da manhã e saía ao final da tarde. Com exceção da Marta Gonçalves, todos os jornalistas do *Online* fazem o horário da manhã, sendo que, alternadamente durante uma semana alguém ficava destacado para fazer o horário da tarde/noite. Todavia, por vezes acontecia ficar só com a Marta durante a noite. Também por esse motivo, as minhas peças não eram sempre editadas pela mesma pessoa. Até por volta das 20h eram corrigidas pelo meu orientador, mas, quando este saía, ia pedindo a quem estivesse a fazer noite.

1.4.2 – Experiência pessoal e atividades desenvolvidas

Ao longo dos seis meses de estágio, a rotina diária foi sempre muito semelhante. Quando chegava, por volta das 16h, começava por me pôr ao corrente dos últimos artigos publicados no site do *Expresso*, de seguida, ia ler os principais *media* e agências internacionais – *The Guardian*, *BBC*, *The Washington Post*, *The New York Times*, *CNN*, *El País* e *Reuters*. Esta pesquisa tinha o intuito de encontrar temas relevantes sobre a atualidade que o *Expresso* não tinha ainda abordado para sugerir ao meu orientador escrever sobre eles. Por vezes, em alternativa, este dava-me um artigo para fazer ou, então, o Coordenador de Multimédia pedia-me que colocasse “*takes*” da Lusa no *Backoffice*.

Para colocar um “*take*” da Lusa no *Backoffice* não basta copiar e colar. É necessário ver se o título é o melhor para dar à peça, escrever uma entrada, colocar uma foto e ler a peça na íntegra para detetar alguma gralha, verificar se as frases fazem sentido e adaptar tudo ao estilo do *Expresso*. Apesar de o jornal não ter um Livro de Estilo, tem várias normas que me foram sendo chamadas à atenção nos primeiros tempos e eu as fui assimilando. Em diversos momentos, partia também de “*takes*” da Lusa para elaborar artigos mais complexos, principalmente sobre temas de Internacional.

Como referi anteriormente, escrevi maioritariamente artigos para esta editoria, num total de mais de duas centenas. Os temas foram sempre bastante variados, desde confrontos internacionais, refugiados, União Europeia, *Brexit*, política dos diferentes países, a temas de história, ciência, exploração espacial, meio ambiente, entre muitos outros. Nos últimos dois

meses de estágio foquei-me principalmente na política americana e fui acompanhando o desenrolar dos acontecimentos.

Facilmente acabei por constatar que era muito mais fácil escrever sobre um acontecimento que temos vindo a acompanhar, conseguindo contextualiza-lo melhor, do que começar do zero num acontecimento que já tem vários desenvolvimentos. Claro que certos acontecimentos ocorrem isolados e nesses não se colocam grandes dificuldades, mas no que toca à política, por exemplo, não existem acontecimentos que não tenham antecedentes.

Também escrevi frequentemente para a *Tribuna*, principalmente depois dos jogos de futebol sobre as reações dos jogadores e dos treinadores na *flash interview*. Este exercício não era nada complexo, mas exigia uma certa rapidez. Era preciso captar as declarações e construir um pequeno texto, indo buscar uma foto dos intervenientes durante o jogo ao *Content Station*.

À sexta-feira era dia de ajudar a preparar o fim-de-semana. Por volta das 20h recebíamos um *email* com o nome dos artigos do semanário que era preciso colocar no *Backoffice*, para serem publicados durante os dois dias seguintes. Dado que estes conteúdos se encontravam no *Content Station*, era necessário copiar tudo, fazer *upload* das fotos, colocar o autor e, de seguida, deixar agendada a publicação para uma hora e data que também nos eram fornecidas.

A primeira e única saída da redação ocorreu no dia 10 de outubro de 2016. Cheguei à redação por volta das 16h, como era habitual, e apanhei um táxi a crédito para a Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. Ia entrevistar António Antunes, cartoonista do *Expresso* há mais de 40 anos, responsável pela rubrica o “Cartoon do António” no semanário, e Jean Plantureux, mais conhecido como Plantu, cartoonista do jornal francês *Le Monde*, para um artigo que me tinha sido pedido pelo Miguel Cadete. Plantu estava em Lisboa para receber o Prémio Europeu Helena Vaz da Silva para a Divulgação do Património Cultural 2016. Não obstante, o meu artigo tinha como objetivo centrar-se sobre o tema dos cartoons e a sua importância interventiva e comunicativa no contexto social atual.

Para isso, antes da cerimónia de entrega do prémio ter início, reuni com os dois cartoonistas numa sala da Fundação e realizei uma entrevista conjunta, na qual estava ainda presente o fotógrafo do *Expresso*, Luís Coelho, que tinha chegado entretanto. Não foi uma atividade fácil, pelo menos nos momentos iniciais, devido à barreira imposta pela língua, que dificultou a minha comunicação com Plantu, pois este não dominava a 100% o inglês, logo não compreendia algumas perguntas, e o meu francês é bastante básico. No entanto, acabou por correr tudo bem, pois o António ia traduzindo as perguntas para francês, para que o seu colega de profissão

conseguisse perceber. Assim que nos habituamos a este esquema, a entrevista passou a ser uma agradável conversa, na qual discutimos vários temas, com predominância para a importância cultural dos cartoons e o impacto que os desenhos podem ter em povos de culturas diferentes, numa alusão clara ao ataque ao jornal satírico francês *Charlie Hebdo*.

Com tanta matéria-prima, a parte mais difícil acabou por ser a de seleccionar as informações mais relevantes e interessantes para incluir na peça final. A tentação é sempre de falar um pouco sobre tudo, para dar a conhecer ao leitor todas as informações que conseguimos recolher. No entanto, no dia a seguir à minha deslocação, o diretor-adjunto Miguel Cadete veio ter comigo para perguntar como tinha corrido e se tinha material para um artigo a sair na revista *E*. Perante a minha resposta afirmativa, disse-me para ir ter com o editor da *E*, Jorge Araújo, que me daria os caracteres e a *deadline* para a entrega. Num primeiro momento, o editor deu-me 3500 caracteres, o que eu achei francamente pouco para o que queria escrever, mas, perante a impossibilidade do artigo sair na edição inicialmente prevista devido à necessidade de mais espaço para publicidade, acabou por sair na edição seguinte, o que me possibilitou escrever até aos 5000 caracteres. Com o título “Satirizar não é humilhar”, o meu artigo foi publicado a 5 de novembro de 2016 na revista *E*, na secção “Culturas”. Foi ainda a única vez durante o estágio que assinei uma peça com o meu nome.

No meu percurso pelo *Expresso*, o artigo que mais gozo me deu elaborar foi uma peça para a *Tribuna*, que o jornalista Paulo Paixão me desafiou a fazer, sobre o lançamento do livro *Mundial 66 - 100 Primeiras Páginas*, dos historiadores César Rodrigues e Francisco Pinheiro, que recupera 100 capas de jornais da época, que retrataram a prestação da seleção portuguesa na competição. Para a elaboração do artigo, intitulado “A vontade de sonhar”⁵, entrevistei um dos autores, César Rodrigues, que é ainda investigador de História e Desporto do CEIS20 da Universidade de Coimbra.

Uma das dificuldades iniciais que senti foi no que diz respeito ao conhecimento sobre o tema. Já tinha uma noção acerca da prestação portuguesa no mundial de 1966 e sobre a lenda dos magriços, no entanto, não tinha o conhecimento aprofundado de alguém que tinha vivido na época e tinha acompanhado os acontecimentos. Dessa forma, aqui o trabalho de pesquisa foi muito importante. Ganhei também muito nesta parte com a entrevista, pois a paixão de César Rodrigues pelo tema é tão grande que me contou a jornada portuguesa com todos os pormenores. Para a elaboração do trabalho final, o meu objetivo era fazer algo diferente do que

⁵ Disponível em: <http://tribunaexpresso.pt/selecao/2016-12-19-A-vontade-de-sonhar>

apenas escrever sobre o que consistia o livro. Queria transmitir um pouco da paixão de César Rodrigues pelo acompanhamento da seleção portuguesa no mundial de 1966 para que quem viveu essa época se identificasse e relembresse esse momento feliz para Portugal. No entanto, também queria que os mais jovens, que nunca tivessem ouvido falar no tema, se interessassem pelo artigo. Nesse sentido, fiz o que me pareceu mais apelativo: uma comparação entre a vitória recente de Portugal no europeu de 2016 com a prestação no mundial de 1966. Considero que foi uma ideia feliz e que resultou muito bem, abençoada talvez por um pouco de sorte, visto que havia muitas semelhanças entre o que ocorreu na década de 60, com o que se passou no verão passado. Para a elaboração do artigo, foi ainda crucial a ajuda dada pelo jornalista Paulo Paixão, não só porque se ofereceu para o editar no final de um dia de trabalho, como pelos vastos conhecimentos que me foi passando sobre o tema e ainda pela disponibilidade que teve para tirar todas as minhas dúvidas.

Por mais duas ocasiões voltei a contactar com fontes para contar as suas estórias. A primeira resultou de uma tarefa que o meu orientador me deu logo em setembro para entrevistar (por *Skype*) António Ferraz, um investigador português a trabalhar na NASA, em Los Angeles, na área das ciências da Terra e que se interessa por cartografar e monitorizar a floresta a nível global, focando-se especialmente na floresta tropical. O artigo, que focava a experiência e o trabalho do português na agência espacial pretendia não só dar a conhecer um pouco da sua história de vida, como também mostrar que a NASA não é só exploração espacial, como o imaginário das pessoas tantas vezes associa. No entanto, apesar de considerar que o artigo estava interessante, nunca chegou a ser publicado porque, mesmo tendo lembrado o meu editor por diversas vezes, a peça acabou por ficar esquecida no *Backoffice*.

A última vez que voltei a escrever sobre a história de alguém foi em dezembro, uma tarefa que também me foi dada pelo meu orientador. Foi das peças mais extensas que escrevi⁶, tendo contribuindo para isso o facto de, no *Online*, o espaço ser praticamente ilimitado e a história de Luiz Thadeu ser tão rica. O brasileiro de 58 anos sofreu um acidente de viação em 2003, no qual fraturou o fémur e ficou condicionado ao uso de muletas para se poder movimentar. No entanto, desde 2009 que viaja pelo mundo, e, à data da entrevista, tinha já visitado 110 países. A entrevista com Luiz Thadeu ocorreu na redação do *Expresso*, numa das salas de reuniões e

⁶ Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/internacional/2016-12-01-Luiz-Thadeu-Desde-2009-a-percorrer-o-mundo-com-muletas>

foi a entrevista em que estive mais à vontade, libertando-me do papel que levava com as perguntas e conduzindo a entrevista pela curiosidade sobre as suas viagens e as suas estórias.

Não obstante, por diversas vezes contactei com outro tipo de fontes, como a PSP, proteção civil, bombeiros, hospitais, entre outros, através de chamada telefónica, para obter informações ou mais desenvolvimentos sobre um acontecimento, ou confirmar informação proveniente de “takes” da Lusa.

1.4.3 - Balanço do estágio

Um estágio, principalmente quando é o primeiro, é sempre pautado por altos e baixos, por momentos de pequenas conquistas que muito nos orgulham e por momentos em que ficamos mais em baixo devido aos nossos erros. Felizmente, é nos primeiros estágios que a margem para errar é maior, e é assim que vamos crescendo e aprendendo.

Os primeiros tempos no *Expresso* foram complicados para mim. A adaptação foi difícil porque estava num espaço onde não conhecia ninguém, estava nervosa e insegura, o medo de errar ou de não fazer alguma coisa bem era grande. Mas, com o passar do tempo, todos estes receios se foram desvanecendo. Comecei a perceber a dinâmica do jornal, a conhecer toda a gente à minha volta e fui descontraindo e libertando-me cada vez mais.

No entanto, não considero que tenha sido uma boa abordagem para um início de estágio. Começaram a dar-me tarefas mas não me explicaram nada, nem como se fazia, nem como se trabalhava com os programas. Pediam-me para fazer chamadas telefónicas mas não me deram o indicativo que tinha de marcar para a chamada ser reencaminhada. Ou seja, foi sempre um desafio ter de me desenrascar sozinha e ir perguntando a várias pessoas como se faziam certas coisas. Aqui, a Marta Gonçalves e o Pedro Ramos tiveram um papel fundamental, pois estiveram sempre disponíveis para me tirarem dúvidas ou ensinarem a fazer algumas coisas, quer no *Backoffice*, quer no *Content Station*. Talvez tenha sido um bom processo de aprendizagem ter de procurar aprender sozinha perante os desafios, mas, na minha opinião, acho que as coisas deviam ser diferentes porque nos primeiros tempos estamos nervosos, sentimento que é amplificado pelo facto de não sabermos se estamos a fazer determinada tarefa da melhor maneira.

Ao longo do percurso fui tendo algumas dificuldades, próprias de quem está a começar. Das maiores dificuldades que senti foi na elaboração de notícias de última hora, porque tinha de

escrever em conta-relógio, sob muita pressão. Por norma, nestas notícias escrevia-se um título, uma entrada curta e uma ou duas frases sobre o que se sabia até ao momento acerca do acontecimento, colocando no final do texto a expressão: “*em desenvolvimento*”. Depois de estar publicada, era necessário continuar a construção da notícia. Como não tinha permissão para publicar (o meu *Backoffice* nem sequer apresentava essa opção), depois de completar a notícia tinha de a enviar por *email* a quem estivesse disponível para a colocar no *Backoffice*, atualizando a antiga, o que por vezes estava dependente de alguém que pudesse parar o trabalho que estava a fazer para realizar essa tarefa.

Por vezes, também tinha dificuldade em escrever algumas notícias de Internacional, devido ao uso de termos em língua inglesa a que não estava habituada, nomeadamente, determinados cargos políticos, administrativos, entre outros. Nestes casos, tinha sempre muito cuidado com as traduções que fazia e certificava-me sempre de que estava a empregar a palavra mais correta em português. Por vezes, também ia esclarecer dúvidas com o editor de Internacional, Rui Cardoso.

Como pontos altos destaco toda a autonomia que me foi dada durante o estágio. Essa liberdade obriga-nos a pensar nas escolhas que fazemos e nas consequências para o jornal. Dar-nos autonomia é também dar-nos a responsabilidade de conduzir o jornal o que, na minha opinião, para uma estagiária é uma vitória e um motivo de orgulho porque nos acham capazes para executar tal tarefa.

Também tive sempre bastante liberdade para escolher os temas sobre os quais escrevia. A não ser quando alguém já tinha pegado nesse tema, nunca me foi recusada uma proposta apresentada. Por vezes, escolher um tema não era fácil, porque quando chegava às 16h, os grandes temas do dia já estavam tratados. Não obstante, durante o meu período de trabalho, a política americana ia tendo muitos desenvolvimentos devido à diferença de horário.

Do estágio destaco ainda toda a camaradagem na redação. O contacto com outros jornalistas era permanente, fosse para esclarecer dúvidas, falar sobre algum acontecimento, ou simplesmente para conversar para descomprimir um pouco. Fui sempre bem tratada e senti-me sempre integrada. Também executei sempre as tarefas que os outros jornalistas do *Online* faziam e nunca me foi negado escrever sobre um tema por ser estagiária, ainda que, quando eram temas de política e economia nacionais, acabasse por ter mais ajuda de jornalistas destas áreas, por serem temas considerados mais “pesados”.

Principalmente nas primeiras semanas, mas também ao longo do estágio, fui tendo sempre *feedback* sobre os meus artigos. Como é óbvio, nos primeiros tempos ia sendo chamada à atenção para questões de estilo do jornal, sobre as quais ainda não tinha conhecimento, mas, com o passar do tempo, estas correções deixaram de existir. Ao longo dos seis meses, recebi sempre *feedback* muito positivo e elogios sobre o meu trabalho.

Quanto aos pontos baixos, sublinho não ter saído mais do que uma vez da redação, para ganhar experiência de campo, mas também compreendo que cada deslocação, por ser feita num táxi a crédito configure uma despesa grande para a empresa e, por esse motivo, se limite mais as saídas. O pouco contacto com fontes também é uma outra crítica negativa, mas aqui talvez, tenha tido um pouco de culpa. Apesar de ter feito artigos interessantes que resultaram de entrevistas a várias pessoas, nos últimos dois meses fui ganhando gosto por escrever sobre política americana e acabei por praticamente só tratar esse tema na reta final do estágio.

Uma das memórias mais caras que guardo foi quando o *The Washington Post* lançou um alerta de última hora de que o presidente do México, Enrique Peña Nieto, havia cancelado o encontro com Donald Trump. Como se tratava de um tema que eu tinha vindo a acompanhar, a minha reação foi imediatamente abrir o *Backoffice*, pronta a lançar o “última hora”, quando o meu orientador chamou o meu nome. Virei-me para ele e acenei com a cabeça. Sem precisarmos de falar, sabia que estava responsável por tratar aquele assunto⁷. Na mesma altura, vários jornalistas, que não percebi quem eram porque os meus olhos estavam apenas focados no ecrã para completar a notícia em desenvolvimento (que já estava publicada), anunciaram que Peña Nieto havia cancelado o encontro com o presidente americano e se alguém já estava a tratar aquilo, ao que o meu orientador respondeu que eu já tinha tudo assegurado.

Num balanço final, considero que o estágio correu muito bem e que aprendi imenso. Olhando para trás, talvez fizesse algumas coisas diferentes e tentasse sair mais vezes da redação, apesar do constrangimento financeiro. Não obstante, acredito veemente que todos os conhecimentos que adquiri ao longo destes seis meses me vão ajudar no futuro, quando vier a integrar uma redação.

⁷ Disponível em: <http://expresso.sapo.pt/internacional/2017-01-26-Presidente-mexicano-cancela-encontro-com-Trump>

Capítulo II

A participação no espaço público

2.1 - A emergência do espaço público

A democracia, tal como a percebemos hoje em dia, tem uma história relativamente curta, quando comparada com a existência da humanidade (Glynn et al., 1999: 39). A primeira forma de espaço público remonta à Grécia Antiga, em que os cidadãos masculinos se reuniam na *ágora* para discutirem abertamente os temas da vida pública (Figueiras, 2005: 22). A esfera da *pólis* afigura-se como um espaço de liberdade, onde não entram formas de dominação e os cidadãos se percebem como livres e iguais (Arendt, 2001: 45), sustentando a ideia de sociedade civil enquanto “comunidade ético-política de cidadãos” que regem as suas vidas segundo um conjunto de valores (Correia, 2004a: 76).

No século V a.C., cidadãos e líderes das cidades gregas recorriam ao uso da oratória e da retórica para debaterem as questões políticas. De acordo com o historiador alemão Wilhelm Bauer (apud Glynn et al., 1999: 51), os cidadãos reuniam-se em arenas ou nos mercados da Grécia Antiga, locais nos quais a oratória se acabou por tornar na “técnica que melhor se adequava à manipulação da opinião”. Não obstante, era nestes fóruns de discussão da *pólis* que se formava a opinião pública, fruto da “livre discussão entre os cidadãos esclarecidos” (Figueiras, 2005: 22). Era uma opinião única, comum a todos os indivíduos pois resultava da formação de um consenso entre todos os intervenientes. Era, por esse motivo, a única opinião considerada legítima.

A ascensão de uma nova classe social no final da Idade Média, a burguesia mercantil, que provém do povo e está ligada às atividades comerciais, provoca uma “reorganização da sociedade contra o Estado” (Correia, 2004a: 76). Devido às atividades mercantis, a burguesia está dotada de um forte poder financeiro, do qual advém uma crescente relevância social e política, que lhe permite “discutir a regulamentação estatal da circulação de mercadorias” (Correia, 2004a: 76). Ao contrário da nobreza que, neste período, está cada vez mais dependente dos privilégios do Estado, a burguesia ganha alguma independência financeira, que lhe confere liberdade para “lutar contra os poderes do Estado Absolutista” (Correia, 2010: 78).

Desta forma, constitui-se a sociedade civil como contraponto da autoridade (Habermas, 2012: 93) e que se traduz como uma “rede de associações autónomas, independentes do Estado, que juntam os cidadãos em assuntos de interesse comum e que, pela sua natureza, podem influenciar a política” (Taylor apud Correia, 2004a: 76). Como veremos de seguida, a relação que se estabelece entre o Estado e a sociedade civil é o elemento essencial da democracia (Castells, 2008: 78).

Da sociedade civil vai emergir um novo espaço social, denominado por Habermas de espaço público liberal. Os locais onde os cidadãos burgueses se reuniam, frequentemente cafés, salões e sociedades de convívio (Habermas, 2012: 106), configuravam espaços democráticos na medida em que o seu acesso era livre e, desta forma, todos os participantes podiam contribuir para controlar e vigiar o poder do Estado. A esfera pública burguesa vai permitir a formação da opinião pública como um espaço comunicativo e argumentativo para a legitimação da política e da própria democracia (Dourado, 2009: 2). Segundo Habermas (2012: 136), a regulação da sociedade civil é a tarefa política da esfera pública burguesa. John Dewey (apud Papacharissi, 2002: 10) destacou os pontos positivos da deliberação em grupo, afirmando que a consulta popular e a comunicação constituem a base da sociedade democrática, ou seja, ouvir a opinião das pessoas, saber o que elas querem e o que acham sobre determinado assunto ou proposta de lei torna-se a base da democracia.

Habermas acredita que a partir da esfera pública, os cidadãos conseguem orientar as ações sociais através do diálogo democrático, que apresenta argumentos racionais, e do consenso, sem uma imposição coerciva. O meio que utilizavam para a confrontação política era singular e, de acordo com o autor, “sem precedente histórico”: o uso público da razão (Habermas, 2012: 103). O espaço público burguês configura um local onde os cidadãos se reúnem para debater as ações e políticas do Estado, sendo que para que isso aconteça é fundamental que as instituições públicas ou organizações privadas que exercem funções públicas no quadro da ordem política apresentem uma “estrutura interna organizada de acordo com o princípio da publicidade”, ou seja, tornando público tudo o que se passa no interior destas entidades (Habermas, 2012: 352).

A esfera pública é, assim, caracterizada pelos ideais de universalidade, igualdade e liberdade de acesso (Correia, 2004a: 67). É ainda descrita, por Cohen e Arato (apud Silveirinha, 2004: 205) da seguinte forma:

“Um espaço burguês, liberal e democrático – burguês, na medida em que são os proprietários independentes, cujo estatuto coincide com a qualificação em termos de educação, os que participam na produção de uma vontade coletiva através de um processo de comunicação racional livre de dominação; liberal, na medida em que direitos que asseguram a autonomia desta esfera, em conjunção com os que asseguram o âmbito de autonomia individual, consolidam ao mesmo tempo a esfera pública e privada da sociedade civil e se erguem como barreiras à intromissão do poder público; democrático ou potencialmente democrático, no sentido de que o poder burocraticamente organizado é controlado e equilibrado por uma esfera público-política que, emergindo da sociedade civil, penetra no Estado sob a forma de parlamento”.

Segundo Zizi Papacharissi (2002: 10), o termo “público” está ligado a ideais democráticos de cidadania, ao que é comum e acessível a todos. O próprio termo espaço público, que foi cunhado em alemão por Habermas como *Öffentlichkeit*, apresenta dois sentidos diferentes: o sentido de “público” como um conjunto soberano de cidadãos “que não exclui ninguém *a priori* e tem o crítico poder político de se constituir como a instância de legitimação do governo” (Peters apud Silveirinha, 2004: 205) e o sentido de “publicidade”, que significa tornar público, sendo por isso, o “resultado do processo no qual os indivíduos exigem dos governantes justificação moral dos seus atos em público” (Silveirinha, 2005: 155).

A esfera pública burguesa é ainda concebida por Habermas como “a esfera das pessoas privadas reunidas num público” (Habermas, 2012: 103). Os burgueses eram pessoas privadas e, como tal, não se encontravam em cargos de governação (Habermas, 2012: 104). Relacionavam-se entre si como se fossem um público, o que levou a que a sua compreensão do uso público da razão fosse guiada pelas experiências privadas que saltavam para fora do domínio da esfera íntima (Habermas, 2012: 105). Deste modo, para Habermas, a esfera pública está incluída no domínio privado porque é constituída por pessoas privadas.

Também Hannah Arendt aborda estes conceitos, separando o domínio público do domínio privado. Para a autora, a esfera da vida privada corresponde à vida em família, por oposição à esfera da vida pública, na qual os assuntos estão relacionados com a política e com o Estado. Estas esferas são “entidades diferentes e separadas, pelo menos desde o surgimento da antiga cidade-estado” grega (Arendt, 2001: 43). Verificam-se, portanto, várias diferenças entre o espaço público burguês, entendido como a reunião das pessoas privadas que se juntam como um público, e a *ágora* grega, na qual há uma divisão clara entre o domínio público e o domínio privado (Rodrigues, 2006: 11). Desta forma, a *ágora* constitui um lugar público onde os cidadãos se reúnem de igual para igual com o objetivo de debater assuntos que dizem respeito ao governo da cidade. Por outro lado, a esfera privada configura um espaço no qual se verifica a dominação do dono da casa sobre a mulher, as crianças e os escravos (Rieffel, 2003: 45).

Apesar de se considerar a Grécia Antiga como o berço da democracia, o espaço público da *pólis* não refletia todos os ideais democratas, se tivermos em conta a conceção contemporânea do conceito (Glynn et al., 1999: 39). Zizi Papacharissi (2002: 11) salienta, de igual forma, a ironia de que aquilo que é considerado como sendo “o pináculo da democracia”, afinal não possuiu uma estrutura democrática durante séculos, excluindo as mulheres e as classes sociais mais baixas.

Também a esfera pública burguesa, como Habermas acaba por reconhecer, que supostamente configura um espaço de acesso aberto onde se efetua a deliberação dos assuntos públicos por excelência, é, afinal de contas, um espaço homogêneo (Rieffel, 2003: 45), constituída apenas por homens do mesmo estrato social, negando a “participação ativa e igualitária na formação de opinião e da vontade políticas” às mulheres e ao povo (Habermas, 2012: 29).

Esta visão tem ainda o apoio de Nancy Fraser (1992: 114), que argumenta que a esfera pública que Habermas conceptualizara funcionava como uma arena na qual estavam apenas permitidos a participar homens burgueses, que se viam a si mesmos como a classe universal. Fraser (1992: 116-117) aponta que a esfera pública burguesa se tratava de uma noção ideológica masculina para “legitimar uma nova forma de domínio de classe”, contribuindo para a constituição de um novo modo de dominação hegemónica consentido. Assim, as mulheres estavam excluídas da esfera pública androcentrista, tendo sido impedidas de participar legalmente (Silveirinha, 2004: 208). Ficavam, deste modo, confinadas à permanência no espaço privado, da casa e das relações pessoais.

De igual forma, muitas críticas tecidas ao modelo concebido por Habermas apontam para um foco excessivo na esfera pública burguesa, acusando o autor de ter ignorado a exclusão de outras classes sociais, como homens de camadas inferiores, por não possuírem propriedades, nem lhes ser reconhecida competência para o debate, e ainda a exclusão devido ao fator racial (Fraser, 1992: 118). No prefácio à reedição de 1990 de *Strukturwandel der Öffentlichkeit*, Habermas reconhece algumas das críticas, afirmando ter considerado que a esfera pública plebeia se tratava de “uma variante da esfera pública burguesa que foi suprimida no decurso do processo histórico” (Habermas, 2012: 26) e que a exclusão das mulheres da esfera pública, “num mundo dominado por homens”, se lhe afigura agora de forma diferente do que quando escreveu pela primeira vez (Habermas, 2012: 28).

2.1.1 – O público, a multidão e a massificação da sociedade

Um dos académicos que mais se dedicou ao estudo da psicologia das multidões foi Gustave Le Bon. O autor considerava que o comportamento da multidão resultava, por um lado, da ideia de anonimato, que conferia ao público a perceção de “invencibilidade e falta de responsabilidade pessoal” e, por outro, pelo contágio de ideias e sentimentos que influenciam as pessoas a terem determinados comportamentos que normalmente não teriam (Glynn et al., 1999: 15). Desta forma, podemos aferir que as multidões se definem pelas experiências emocionais que

partilham, ao contrário das massas, marcadas pelo isolamento interpessoal dos indivíduos. O sociólogo Herbert Blumer (apud Glynn et al., 1999: 16) define a massa como um conjunto de pessoas anónimas que estabelecem entre si pouca interação e reagem apenas às suas próprias necessidades. Também Price (apud Glynn et al., 1999: 16) observa que a massa é “extremamente heterogénea, incluindo pessoas de todos os estratos da sociedade e de todos os setores da vida”.

Por seu turno, o público é diferente da multidão e da massa. Enquanto a multidão desenvolve uma resposta para as emoções partilhadas, o público organiza uma resposta para o problema. Fazer parte da multidão requer apenas “a capacidade de sentir e simpatizar”, contudo, pertencer ao público exige ainda “a capacidade de pensar e argumentar com os outros” (Glynn et al., 1999: 16). A essência do público assenta sobre o debate, o que significa que, de acordo com Blumer (apud Glynn et al., 1999: 16), a opinião pública “é sempre racional, apesar de nem sempre inteligente”. Se o público perder a capacidade crítica, vai acabar por se dissolver e se transformar numa multidão. Em vez de opinião pública, gera-se apenas um sentimento público, dado que a multidão se desenvolve a partir das respostas às emoções partilhadas (Glynn et al., 1999: 17).

Assim, como explica João Pissarra Esteves (2003: 28), os públicos dependem da comunicação para realizarem a permuta de ideias sobre os problemas e assuntos de interesse comum e debaterem as suas soluções. É através da comunicação que os públicos se constituem como agentes sociais (Esteves, 2003: 29). O espaço público é o local no qual “os problemas são assinalados e interpretados, onde as tensões são experimentadas e o conflito se converte em debate” (Innerarity, 2006: 10). João Pissarra Esteves descreve os processos de interação que se geram no interior dos públicos como livres e autónomos, que têm por base a diversidade de opiniões, sem a interferência de coações exteriores. O objetivo é a constituição de uma opinião comum “sob a forma de um consenso formado a partir de um universo de discurso comum e da plena disponibilidade revelada pelos participantes para a intercompreensão” (Esteves, 2003: 28).

No final do século XIX registou-se um grande alargamento do espaço público, uma vez que muitos indivíduos de outros grupos e classes sociais manifestavam intenções claras de quererem participar no debate democrático (Esteves, 1997: 2). Neste período ocorreram várias transformações da sociedade que conduziram ao que Habermas (2012: 343) designou por “mudança estrutural da esfera pública”. Os cidadãos perderam a sua identidade pessoal e

passaram a integrar uma massa atomizada de indivíduos. A emergência da massa, que corresponde ao alargamento da opinião pública, conduz à decadência da esfera pública burguesa (Esteves, 1997: 3).

A opinião pública passa a ser uma opinião de massa: já não é constituída verdadeiramente por públicos, mas sim por “formas de agregação social dos indivíduos que têm por base relações sociais frágeis, superficiais e burocratizadas” (Esteves, 1997: 3). Ocorre, assim, uma grande alteração no que diz respeito à participação e ao relacionamento dos indivíduos no seio da esfera pública (Esteves, 1997: 2). O espaço público fica também desprovido das suas instituições, uma vez que os salões e os cafés “foram perdendo as características que até então os caracterizavam como espaços privilegiados de debate na esfera pública” (Rodrigues, 2006: 15).

É neste contexto que os *media* assumem uma nova relevância enquanto resultado, mas também promotores deste processo de massificação, difundindo informações fragmentadas e descontínuas⁸. Apesar de terem disponíveis um grande número de informação, os indivíduos veem-se imprevistos para discutirem as suas ideias (Rodrigues, 2006: 15). Desta forma, os debates perdem racionalidade, pondo em causa a formação de consensos sobre o bem comum.

A massa é, assim, um conjunto de indivíduos anónimos e isolados, indiferentes às questões políticas. Pautada pela irracionalidade, a massa é facilmente manipulada (Correia, 2004a: 169). Como destaca João Pissarra Esteves (1997: 3), se não há sujeitos na massa, então não faz sentido falar-se em direitos, obrigações ou responsabilidades da opinião pública. Deste modo, no seu lugar surge “um território politicamente pantanoso”, que é propício a ser influenciado por interesses particulares (Esteves, 1997: 3).

2.1.2 – Os problemas do espaço público moderno

Independentemente das exclusões sociais que ocorreram ao longo da história do espaço público, espera-se que este seja um espaço de pluralidade que promova a reflexão sobre a realidade (Correia, 2004a: 115). João Carlos Correia (2004b: 1) tem, ainda assim, um entendimento normativo do espaço público “como instância de comunicação política aonde é colocada a questão da legitimidade do poder e onde se verifica um debate com vista à produção da deliberação coletiva”.

⁸ Com o crescente desenvolvimento do capitalismo industrial, o jornalismo passou a integrar uma atividade comercial, cujas consequências analisaremos com mais detalhe em seguida.

Deste modo, o espaço público contemporâneo apresenta diferentes problemas. João Pissarra Esteves tem uma visão bastante crítica sobre a opinião pública contemporânea. Citando Pierre Bourdieu (apud Esteves, 1997: 4), o autor explica que a opinião pública perdeu a sua independência em relação ao Estado e que, por esse motivo, já não configura uma voz autónoma da sociedade civil nem expressa a vontade coletiva dos cidadãos. Nas mãos do Estado, tornou-se um “artefacto político”, usada e controlada por este e ainda por vários interesses privados, que criam falsas ideias de consenso a respeito de vários assuntos que fazem passar por “vontade coletiva da sociedade” para legitimar interesses particulares (Esteves, 1997: 5).

Outro problema do espaço público moderno é a ausência de participação. A apatia política dos cidadãos é crescente e a interação no espaço público limita-se à votação nas eleições (também estas marcadas por fortes percentagens de abstenção) e à resposta a sondagens. Esta alienação da população em relação aos assuntos de interesse comum é especialmente preocupante na medida em que, como explicou Charles Taylor (apud Correia, 1997: 3), leva ao despotismo político, pondo em causa a própria democracia. Desta maneira, “a ignorância pública generalizada sobre a política é muitas vezes vista como uma barreira à competência democrática” (Lindeman & Glynn et al., 1999: 251). Se atentarmos em várias análises referentes à opinião pública, rapidamente verificamos que mesmo as visões mais otimistas acreditam que as nações “estariam melhor se as pessoas prestassem mais atenção à política e soubessem os seus detalhes” (Lindeman & Glynn et al., 1999: 251). No entanto, o que acontece é que muita investigação feita sobre opinião pública revela que a maior parte da população não se interessa por assuntos políticos (Carpini & Keeter apud Glynn et al., 1999: 215). Posto isto, Lindeman e Glynn et al. (1999: 253) afirmam que o voto pode ser “a expressão política mais importante de opinião pública”.

Como conclui João Pissarra Esteves (2010: 27-28), a crise do espaço público está intimamente ligada com um declínio nas práticas de argumentação e discussão coletiva, que está a dar lugar a uma nova comunicação “ordenada sistemicamente, de acordo com processos e critérios formais rígidos, com carácter institucional e dentro da qual cada participante tende a ser acomodado como um simples recurso de mercado” (Mills apud Esteves, 2010: 28). Para a comunicação pública deixa de ser relevante a racionalidade dos discursos produzidos, passando para tal a importar apenas o estatuto social e o poder que detêm os interlocutores das mensagens. Desta forma, é exercido um controlo perigoso sobre as informações e os fluxos de comunicação. A opinião pública deixa de ser a opinião do público para passar a ser opinião para o público (Esteves, 2010: 28). Também o sentido da palavra “pública” sofre modificações, tomando o

sentido de abertura, “como uma voz ou um coro em uníssono, que se torna audível para todos aqueles capazes de a escutar no espaço público” (Hannay, 2005: 62).

Deste modo, João Pissarra Esteves (2010: 27) admite que houve uma “mudança estrutural da opinião pública moderna”, observando-se alterações nas estruturas políticas das sociedades ocidentais, a nível político, económico e cultural. Estas mudanças passaram pelo desenvolvimento da economia capitalista, da democracia de massa, do Estado Social, “dos *media* como dispositivos de experiência simbólica por excelência e a massa como a nova grande forma de sociabilidade emergente” (Esteves, 2010: 27). Nas palavras do autor, este conjunto de elementos traduz “dinâmicas profundamente paradoxais”, uma vez que criam condições para um alargamento do espaço público, mas, pelo contrário, ameaçam a sua autonomia e a sua “capacidade de representação da vontade coletiva da sociedade civil” (Esteves, 2010: 27).

2.1.3 - O papel do jornalismo no espaço público

A invenção dos meios de impressão veio revolucionar por completo a estrutura da sociedade do século XV. Com a publicação de livros, jornais e panfletos, passou a ser possível “a distribuição em massa de conhecimento” (Glynn et al., 1999: 54). Por essa razão, as técnicas de impressão vieram introduzir a era da comunicação de massas. O cidadão comum passou a ter acesso a várias informações sobre diversos temas, como política, religião e artes. A circulação de panfletos, jornais e livros por preços acessíveis impulsionou a literacia nos países europeus (Glynn et al., 1999: 54). Consequentemente, esta abertura do conhecimento a uma franja alargada da população acabou por se tornar numa ameaça ao poder político e religioso e veio ainda acabar com o monopólio da educação detido pela elite. Como facilmente se constata, apesar do grande crescimento dos artefactos impressos, a liberdade de imprensa não acompanhou este processo, dado que os monarcas silenciavam os jornais quando estes criticavam o Estado e os autores das publicações eram perseguidos (Glynn et al., 1999: 54-55).

Não obstante, a circulação destes materiais impressos veio possibilitar aos cidadãos formularem as suas próprias ideias, mobilizando-os para causas políticas e conduzindo ao desenvolvimento da opinião pública. Aqui os jornais tiveram um papel crucial visto que serviram de catalisador para o debate entre os cidadãos. Nos séculos XVII e XVIII, os jornais foram peças-chave na evolução dos cafés e dos salões, espaços por excelência onde se realizavam as discussões cívicas (Glynn et al., 1999: 55). Os cafés tiveram especial relevância em Inglaterra. A entrada era barata e os cidadãos passavam várias horas nestes espaços a ler o jornal e a debater ideias.

Várias descrições destes espaços feitas no século XVIII davam conta de que as pessoas que frequentavam os cafés eram bastante diversificadas, desde juízes e jornalistas, a homens de negócios e trabalhadores (Glynn et al., 1999: 55). Já os salões, especialmente relevantes em França, eram espaços menos democráticos, visto que a entrada dependia da aceitação das suas proprietárias, senhoras da alta sociedade, “tanto nobres como burguesas” (Habermas, 2012: 112). Deste modo, a opinião pública formulada nestes espaços refletia apenas as visões de uma elite francesa, composta por intelectuais, homens do Estado e artistas (Glynn et al., 1999: 56).

Os jornais iam-se revestindo de importância política, tornando-se num “espaço privilegiado de ideias” (Dourado, 2009: 3), com um jornalismo de opinião que tinha como prioridade “informar, esclarecer, formar e incentivar uma reflexão coletiva” (Dourado, 2009: 3). A imprensa, que se havia desenvolvido a partir do raciocínio do público, “não deixou de ser uma instituição desse mesmo público: eficaz como um mediador e amplificador das discussões públicas, já não um mero órgão do transporte de informações e ainda não um meio da cultura de consumo” (Habermas, 2012: 316).

No entanto, com a consolidação do Estado de Direito burguês durante os anos 30 do século XIX, a publicidade foi legalizada, o que resultou no enfraquecimento do ativismo político por parte do público (Habermas, 2012: 316). A imprensa crítica perde o seu jornalismo de opinião, abandonando a sua “posição polémica”, para passar a tirar partido das oportunidades de receita como qualquer empresa comercial (Habermas, 2012: 316-317). O lucro passa, assim, a ser uma necessidade e os jornais tornam-se “grandes empreendimentos capitalistas, baseados na publicidade e nos anúncios” (Dourado, 2009: 3). O negócio dos anúncios leva a que os editores vendam um espaço cada vez maior do seu jornal para publicidade (Habermas, 2012: 317). Operando numa lógica de empresa, os jornais começam a defender os seus próprios interesses políticos e económicos, o que acaba por influenciar o seu conteúdo, lesando a qualidade do debate político (Dourado, 2009: 3).

Neste quadro, Habermas vê as novas formas de publicidade como uma forma de dominação, que vieram substituir a publicidade crítica, com o fim de manipular o público e de se legitimar perante ele (Habermas, 2012: 307). A imprensa passa a incorporar anúncios nas suas páginas para diminuir o preço das suas publicações, tornando-se “atraente para o consumidor” (Silveirinha, 2004: 233). Assim, em vez de um “público leitor”, passa-se a ter um “público consumidor”, que perde o seu sentido crítico, tornando-se num mero cliente (Silveirinha, 2004: 234). Com o surgimento de novas formas de *media* – rádio, cinema sonoro e televisão – esta

tendência de massificação da imprensa acabou por migrar também para os novos meios, tendo-se acentuado ainda mais, dado que também eles precisavam de capital e possuíam grande poder publicístico (Habermas, 2012: 321). Verifica-se uma “refeudalização” da própria esfera pública política dado que as organizações pretendem estabelecer compromissos políticos com o Estado, excluindo o público. Para tal, “ao fazê-lo têm de se assegurar de uma aprovação plebiscitária através do desenvolvimento de uma publicidade demonstrativa ou manipulativa junto de um público mediatizado” (Habermas, 2012: 382).

Desta forma, no final do século XIX, a imprensa sofre uma mudança estrutural, com uma tendência crescente para a concentração e centralização (Habermas, 2012: 320). Em vários países, como por exemplo, na Inglaterra, nos Estados Unidos e na França, a imprensa tornou-se um negócio, dando origem aos primeiros grandes conglomerados (Habermas, 2012: 320). Como consequência, os *media* participam no processo de declínio do espaço público, que acabou por se prolongar pelo século XX (Silveirinha, 2004: 232).

Como relembra Valéria Marcondes (2007: 3), a mercantilização da informação e a cultura do consumo fizeram com que os conteúdos se tornassem mais simples e retirassem espaço dos meios de comunicação destinado ao debate crítico. Consequentemente, o público perdeu a capacidade de raciocinar e de ter uma atitude crítica em relação às ações políticas. Isto é especialmente perigoso se tivermos em conta que sem pensamento crítico, o abuso de poder e a manipulação de massas acabam por ser facilitados (Marcondes, 2007: 3).

Apesar das várias teorias da comunicação elaboradas no final do século XIX e durante todo o século XX, a questão dos efeitos que os *media* produzem sobre o seu público ainda permanece por esclarecer de forma cabal. Para Lasswell, “algumas das mensagens de alguns meios de comunicação têm alguns efeitos, nalgumas audiências, algumas vezes” (apud Glynn et al., 1999: 388). Já em 1963, Bernard Cohen afirmou que a imprensa “pode não ser bem-sucedida, na maior parte das vezes, a dizer às pessoas o que devem pensar, mas é extraordinariamente bem-sucedida ao dizer aos seus leitores sobre o que eles devem pensar” (Cohen, 1963: 13). Anos mais tarde, na década de 70, Maxwell McCombs e Donald Shaw, pegaram nesta premissa de Cohen e formularam a teoria do *agenda-setting*, segundo a qual a agenda dos *media* é responsável por definir os temas da opinião pública (Correia, 2005: 198). Vários estudos posteriores vieram reforçar esta teoria, verificando que, quanto mais ênfase um meio de comunicação dá a um acontecimento, maior é a tendência da audiência para considerar esse acontecimento como mais importante (Glynn et al., 1999: 389).

Posto isto, é possível perceber a importância que os meios de comunicação têm como “instituição estruturante da esfera pública” (Correia, 2010: 73), pois são as figuras centrais do espaço público. Já Habermas acreditava que os meios de comunicação tinham a capacidade para definir os temas que marcam a agenda e dar origem ao debate. Os *media* desempenham ainda um papel fundamental ao providenciarem aos cidadãos informações relevantes que visem um debate racional (Rodrigues, 2006: 14). Para o exercício da democracia é indispensável que os cidadãos estejam informados (Keane, 1991: 170), logo, os meios de comunicação assumem-se como importantes legitimadores democráticos das sociedades. A informação pretende levar a uma tomada de posição por parte do público, promovendo a sua capacidade crítica e interventiva, estimulando a sua participação (Fidalgo, 2015: 204).

No entanto, António Fidalgo (2015: 207-208) reconhece que cada vez menos a informação cumpre o seu papel de formação cívica, desde logo porque relega para segundo plano os acontecimentos de interesse público, que devido à sua complexidade, suscitam pouca curiosidade na grande maioria da audiência. Segundo o autor, os consumidores de notícias adotam um papel passivo de espetadores porque são indiferentes ao que se passa e não têm intenção de intervir no debate (Fidalgo, 2015: 210).

Não obstante, não podemos negar o papel vital que o jornalismo assume na difusão da informação. Kovach e Rosenstiel (2004: 16) garantem ainda que é função do jornalismo providenciar os cidadãos com a informação que precisam para serem livres e autónomos. Desta forma, podemos aferir que o papel do jornalismo vai ao encontro das quatro funções da imprensa previstas pela Primeira Emenda norte-americana:

“1. proporcionar um fórum para a discussão de ideias muitas vezes contraditórias; 2. dar voz à opinião pública; 3. ser os olhos e os ouvidos dos cidadãos para avaliar a cena política e o desempenho dos políticos; 4. agir como “vigilante” que avisa quando deteta sinais de mau comportamento, corrupção e abuso nos corredores do poder” (Ferreira, 2012: 94).

Como explica Nelson Traquina (2005: 23), a teoria democrática prevê a existência de uma “relação simbiótica entre jornalismo e democracia”. Esta teoria refere que o jornalismo “deve ser um veículo de informação para equipar os cidadãos com as ferramentas vitais ao exercício dos seus direitos” (Traquina, 2005: 129). Consequentemente, o jornalismo tomaria a função de porta-voz das diversas opiniões da sociedade, refletindo as suas preocupações, para que todos os indivíduos pudessem ser ouvidos. Segundo Boyce (apud Traquina, 2005: 129), os *media* traduzem um “elo indispensável entre a opinião pública e as instituições governantes”. O jornalismo deve, assim, assegurar que os indivíduos vivam em democracia, dotando-os de

mecanismos que os permitam exprimir-se livremente, garantindo a diversidade de diferentes visões do mundo e respeitando os princípios de uma comunicação livre e igualitária entre todos (Keane, 1991: 128). Sem os *media* “torna-se utópico falar em decisão democrática” (Correia, 2005: 64).

A importância dos *media* para o espaço público é de tal ordem que “uma pessoa não se pode orientar no espaço público sem aquele saber que se obtém pelos meios de comunicação” (Innerarity, 2006: 90). Desta maneira, o espaço público contemporâneo é um espaço público mediatizado, uma vez que não se pode dissociar do papel dos *media* (Wolton, 1995: 167). Como explica Luhmann, “o que nós sabemos da nossa sociedade, e até do mundo em que vivemos, sabemos-lo pelos meios de comunicação” (apud Innerarity, 2006: 89). Por conseguinte, vivemos numa realidade mediada, sendo que nos é cada vez mais difícil experienciar essa realidade em primeira mão (Innerarity, 2006: 95). É desta forma que o jornalismo contribui para a “construção social da realidade” (Correia, 2004a: 168) e para a formação da opinião pública.

No entanto, sendo a realidade que percebemos aquilo que nos é descrito pelos meios de comunicação, afigura-se aqui um problema no que diz respeito ao jornalismo e à formação de consensos. Apesar de vivermos numa sociedade diversificada e plural, a linguagem jornalística “tende a reproduzir o que é socialmente aceitável e previsível” (Correia, 2005: 185), negligenciando o que se desvia da norma, correndo, por isso, o risco de perpetuar estereótipos. Desta forma, o jornalismo assume preferência pelos valores dominantes, descorando pessoas ou grupos cujos valores ou ideologias não se coadunam com os da maioria (Correia, 2004a: 165). Também Teun van Dijk reforça a ideia de que o jornalismo tende a posicionar-se do lado da ideologia dominante com o objetivo da formação de consensos. O poder dos *media* é “particularmente efetivo se o seu relato for consistente com os interesses da maioria dos leitores” (van Dijk, 2005: 82), o que acaba, de certa forma, por legitimar a desigualdade. De igual modo, Stuart Hall (1982: 83) admite que a sobrevivência dos *media* está totalmente dependente daquilo que é admitido por todos, que é o consenso.

Este fenómeno verifica-se devido ao “carácter industrial da produção cultural no campo jornalístico e o desejo de acessibilidade que qualquer *medium* possui” (Correia, 2004a: 111). Desta forma, torna-se mais fácil conquistar um público maior se a nível da produção forem reproduzidas as normas sociais, as crenças e os valores compartilhados comuns a um maior número de indivíduos (Correia, 2004a: 111).

Contudo, como vimos anteriormente, em vez de discursos homogêneos que perpetuam os ideais da maioria dominante, o jornalismo deveria “privilegiar uma visão rigorosa, pluralista e interpretativa das dinâmicas sociais” (Correia, 2004a: 165), com vista à formação de uma cultura que integrasse as identidades habitualmente excluídas do espaço público, sem que estas sejam forçadas a perder as características que as diferenciam. João Carlos Correia (2005: 187) admite que a linguagem dos *media* pode mesmo configurar um “fator de desestabilização de ordens dominantes”, mas não descarta que o jornalismo frequentemente reproduz “compromissos estabelecidos, impedindo a problematização crítica da realidade” (Correia, 2005: 187).

Por tudo isto, o autor entende que é “legítimo defender a intervenção do Estado na criação de condições para o exercício de um debate esclarecido, com um enquadramento institucional que assegure a existência de uma pluralidade de organizações mediáticas independentes” (Correia, 2005: 70). Isto quer dizer, que, para João Carlos Correia (2005: 71), a forma mais segura de garantir que o jornalismo cumpre o seu papel passa pela defesa de um serviço público de qualidade, consagrando os direitos da liberdade de expressão e do direito a informar e a ser informado. O serviço público dificulta ainda a concentração dos *media*, o que resulta num ganho para o pluralismo e diversidade das perspetivas da realidade transmitidas. Segundo o autor, no que diz respeito à televisão de serviço público, esta deve ser financiada pelo Estado, “através de uma taxa ou do pagamento de indemnizações compensatórias pagas pelo Estado”, para deixar de depender dos anunciantes (Correia, 2005: 71). John Keane (1991: 127-128) concorda com esta ideia, pois, na sua opinião, o objetivo dos *media* deveria ser o de contribuir para o empoderamento de todos os cidadãos, “servir minorias e fazer circular o conhecimento e a cultura, [estimulando] a crítica e a experimentação” e que, por esse motivo, um serviço público de qualidade deve promover uma comunidade informada que faça escolhas conscientes e reflita os diferentes modos de vida, gostos e a pluralidade de opiniões dos cidadãos que dela fazem parte.

2.1.4 - A participação política no espaço público

Em “Waves of media democratization: A brief history of contemporary participatory practices in the media sphere”, Nico Carpentier, Peter Dahlgren e Francesca Pasquali (2013: 288) abordam a relação entre comunicação e participação, distinguindo duas formas inter-

relacionadas de se efetuar essa participação: a participação nos *media* e a participação através dos *media*.

A participação através dos *media* inclui as “oportunidades de participação mediada em debate público e a autorrepresentação na variedade de espaços públicos que caracterizam o social” (Carpentier et al., 2013: 288). A esfera mediática funciona como um espaço para os cidadãos expressarem as suas opiniões e experiências, bem como para estabelecer interações com outros intervenientes, sendo que o contexto sociocultural de cada um e o ambiente ideológico-democrático da própria esfera mediática vão ter um impacto forte no que diz respeito à intensidade da participação. Assim, a participação no espaço público é facilitada pelos meios de comunicação, mas o foco do engajamento encontra-se nos contextos (Dahlgren, 2013b: 22).

Por seu turno, a participação nos *media* engloba fazer parte da produção de conteúdos mediáticos e ainda da tomada de decisões por parte da organização de *media* (Carpentier et al., 2013: 288). No entanto, quando olhamos para as formas mais populares de *media*, constatamos que a produção mediática é restrita a um grupo específico de pessoas, nomeadamente os profissionais da comunicação, especializados no desenvolvimento da profissão. Mas também estes profissionais, de uma forma geral, se encontram excluídos da gestão da organização mediática a que pertencem. De igual modo, as organizações mediáticas comunitárias e alternativas arriscam-se a serem excluídas deste tipo de participação. Estas organizações, que constituíram as primeiras formas de participação nos *media*, nas décadas de 1960 e 1970, podem ser vistas como uma forma de corrigir os desequilíbrios de poder dentro dos principais meios de comunicação (Carpentier et al., 2013: 290).

Esta idiossincrasia está igualmente relacionada com os limites do próprio conceito de participação, isto é, há uma tendência para considerar a participação como um processo político, no qual os intervenientes na tomada de decisão se encontram posicionados através de relações de poder igualitárias (Carpentier et al., 2013: 288). Segundo os autores, o próprio conceito de participação é “parte das lutas de poder na sociedade” (Carpentier et al., 2013: 289).

Com o crescimento do capitalismo industrial e das empresas privadas de *media*, ficou mais complicado de efetivar a participação popular nos meios de comunicação. Apenas nos *media* de serviço público se desenvolveram algumas estruturas de participação, na forma de representação da sociedade civil. Apesar dos vários problemas que lhe estão associados, o serviço público contribui para a democracia na medida em que tem impacto nalgumas decisões que são tomadas nos *media* e estabelece ainda o controlo democrático sobre os meios de

comunicação (Carpentier et al., 2013: 291). Também Peter Dahlgren refere que o serviço público se esforça no sentido de representar diversas vozes e grupos, devido à responsabilidade social que possui, logo é possível afirmar que tem constituído uma exceção notável que acaba por facilitar a participação nos *media*, ainda que esta seja feita indiretamente (Dahlgren, 2013b: 22).

Como afirma Carpentier et al. (2013: 292), “ainda há muito espaço para a inovação democrática”, não só nos *media* tradicionais como agora também na Internet. Com o surgimento do digital, a participação nos meios de comunicação social transformou-se completamente (Dahlgren, 2013b: 22), dando-se um importante passo no sentido da democratização dos *media* no espaço *online*, tema de que falaremos mais adiante. Todavia, não existe garantia de que esse aumento de participação irá continuar a longo prazo.

Como nos diz Peter Dahlgren (2013b: 11), a visão de que a democracia precisa da participação das pessoas é consensual, contudo, as formas que deve tomar são variáveis. O autor destaca ainda que estar informado sobre os assuntos políticos consome muito tempo diário da vida quotidiana de um indivíduo e que, na sociedade contemporânea, vários atores competem pela nossa atenção através dos *media*. No entanto, nas democracias ocidentais, verifica-se um problema no que diz respeito ao défice de atenção. A participação e ação no processo democrático por parte dos cidadãos não é garantida de forma concludente pela democracia no seu estado corrente, tanto em termos legislativos como em termos eleitorais (Dahlgren, 2013b: 11). Manifestar interesse não corresponde automaticamente à participação dos cidadãos (Berger, 2011: 11). Ben Berger (2011: 11) argumenta que a atenção dos cidadãos requer energia e que, para que estes possam dispensar esta última, é preciso que os assuntos sejam do agrado dos indivíduos. Segundo o autor, “prestamos atenção às coisas que gostamos, às vezes às custas dos nossos próprios interesses a longo prazo” (Berger, 2011: 11).

Não obstante, o sistema democrático dos nossos dias oferece variadas oportunidades para participação. Todavia, dentro da mesma sociedade, pode-se verificar a existência de diferentes obstáculos dependendo da camada social. O modo de funcionamento das máquinas partidárias, a falta de representação de alguns cidadãos ou o difícil acesso aos detentores de poder são fatores que podem condicionar e desviar a participação dos indivíduos (Dahlgren, 2013b: 11).

Mas apesar dos constrangimentos enumerados, a participação não depende apenas da iniciativa dos cidadãos, mas está dependente das circunstâncias. Desta forma, nem toda a falta de participação deve ser entendida como uma questão de apatia cívica, mas tem de ser

compreendida “no contexto das dinâmicas e dilemas da democracia moderna tardia em geral” (Dahlgren, 2013b: 11). O declínio da participação na arena pública pode ser atribuído ao desinteresse do envolvimento com determinada causa, motivado por desconfiança política e sentimentos de impotência face ao sistema (Dahlgren, 2013b: 13). No entanto, Peter Dahlgren (2013b: 14) repara no facto de que o desengajamento dos cidadãos pode representar por si só um ato político, funcionando como uma resposta ponderada às circunstâncias em questão. Como exemplo, o autor fala do campo da participação política alternativa, dado que é um domínio que reúne vários cidadãos envolvidos politicamente, mas que, no entanto, se encontram à margem do sistema eleitoral. Estes cidadãos estão ainda a explorar novas formas alternativas de participação, muitas vezes motivados pela frustração de não serem ouvidos pelos partidos dominantes ou por considerarem que o sistema político os exclui (Dahlgren, 2013b: 14).

A participação política democrática está intimamente ligada com as relações de poder, uma vez que a participação configura sempre um confronto com o poder, e este, de certa forma, condiciona-a. Desta forma, para Peter Dahlgren, a interação entre dois interlocutores é necessária, porém não traduz a essência da participação, uma vez que descarta a questão das relações de poder. Assim, para existir participação democrática é estritamente necessário que as relações de poder sejam englobadas nalgum momento, “por mais fracas ou remotas que pareçam” (Dahlgren, 2013b: 28). Como exemplos temos a representação formalizada e as eleições, assim como um sem número de micro-contextos. Podemos, por isso, aferir que a participação significa a existência de envolvimento com o domínio político e envolve esforço por parte dos cidadãos.

Para uma participação efetiva, o contexto é, em grande parte, muito importante. Isto quer dizer que é diferente se estivermos a falar do envolvimento nas discussões da esfera pública, no voto aquando das eleições ou nas manifestações de rua conflituantes das democracias modernas ou, por outro lado, se pensarmos na participação como forma de resistência contra regimes autoritários, nos quais os cidadãos enfrentam graves perigos e, inclusive, arriscam a própria vida. Por este motivo, a ideia de uma participação universal desvanece-se (Dahlgren, 2014a: 258).

2.2 - Democracia deliberativa

No modelo de democracia tradicional, “os membros de uma sociedade são governados pela vontade de uma maioria” (Silveirinha, 2005: 149), desprezando a vontade dos grupos minoritários. É por isso extremamente importante que os cidadãos estejam informados a respeito das questões políticas, para que esta “regra da maioria” seja considerada legítima (Silveirinha, 2005: 150). No entanto, este modelo de democracia representativa liberal limita a participação dos cidadãos visto que o papel destes está reduzido à escolha periódica dos elementos que os irão representar, remetendo para segundo plano a necessidade de um envolvimento direto. Por essa razão, quando se deteta um problema no que diz respeito às engrenagens das sociedades complexas, é frequente atribuir culpa à “governamentabilidade” (Silveirinha, 2005: 150). A sociedade liberal entende ainda que é dever da comunicação social manter a população em geral devidamente informada sobre o panorama político-ideológico corrente, de modo a que o processo eleitoral reflita um conhecimento de causa, baseado na reflexão sobre os vários aspetos que o integram (Silveirinha, 2005: 150).

Por outro lado, a democracia deliberativa adota uma perspetiva completamente diferente, atribuindo um papel ativo ao cidadão como ator político (Silveirinha, 2005: 151), não descurando os desafios que se colocam a uma sociedade pluralista. Esta “nova noção de democracia” (Ferreira, 2010b: 3) necessita de igual modo de cidadãos informados, no entanto, a contribuição destes para o “processo de tomada de decisão não se restringe às eleições, mas estende-se à participação racional no debate público sobre questões políticas” (Silveirinha, 2005: 151).

Este modelo de democracia percebe cada indivíduo como um agente autónomo, capaz de formar juízos de valor e conseguir considerar pontos de vista diferentes do seu. Uma decisão democrática é legítima se for resultado de um processo deliberativo inclusivo e igualitário (Ferreira, 2010b: 3). Desta forma, a democracia deliberativa prevê que as tomadas de decisões políticas impliquem a participação de todos os cidadãos, que chegam a um consenso através da troca de razões e argumentos sobre o que é justo, indo para lá dos seus interesses pessoais e da sua própria opinião (Silveirinha, 2005: 152). O processo deliberativo insta os cidadãos “a justificar as suas decisões e opiniões, apelando ao uso de argumentos que todos possam aceitar nas circunstâncias de um debate público” (Correia, 2010: 76).

Na democracia deliberativa, as identidades dos indivíduos são tidas em consideração, uma vez que se abandonou a conceção do “sujeito coletivo da vida social como uma entidade una e

estável” (Silveirinha, 2005: 147), permitindo, deste modo, que os grupos minoritários se constituam enquadrados no espaço público democrático, tendo por base reivindicações políticas que reflitam as suas diferenças (Silveirinha, 2005: 147). É através da democracia que os cidadãos discutem as matérias que os afetam. Mas nem todos os cidadãos de uma mesma sociedade partilham a mesma cultura, sendo por isso necessário que o debate democrático respeite as diferenças e complexidades das sociedades plurais, não marginalizando os seus intervenientes e tornando a discussão mais inclusiva e aberta (Silveirinha, 2005: 147). Para que a democracia seja legítima, é preciso perceber que as decisões representam “de uma forma justa os interesses de todas as partes afetadas e não apenas as que podem constituir uma maioria cultural ou numérica” (Silveirinha, 2005: 147). Por outro lado, Maria João Silveirinha (2005: 158) reconhece que a invocação da unidade, que tem como fim o bem comum e está subentendida na democracia deliberativa, não é mais do que “um apelo implícito a alinhar pela cultura dominante”.

Como já vimos, “o processo de deliberação é necessariamente aberto”, o que significa que os indivíduos têm de poder considerar os argumentos e as reivindicações que são produzidas por outros (Ferreira, 2010a: 102). Neste contexto, os *media* assumem um papel fundamental dado que é através deles que os cidadãos têm contacto com diferentes pontos de vista sobre vários assuntos e ainda recebem a informação e conhecimentos necessários para a elaboração de argumentos válidos que vão enriquecer o debate democrático. Desta forma, “o incentivo à igualdade e ao pluralismo nos *media* é uma condição essencial para o desenvolvimento da democracia deliberativa” (Ferreira, 2010a: 103). Os recentes avanços tecnológicos, especialmente a Internet, vêm corroborar esta premissa, dadas as potencialidades para a participação democrática no meio digital, como veremos mais adiante.

Esta visão sobre o conceito de democracia deliberativa não deslumbra particularmente Young (apud Silveirinha, 2004: 214) que, apesar de concordar que o modelo de democracia em questão é preferível ao de uma democracia de interesses de grupo, reconhece que existem obstáculos à sua execução. Por essa razão, a autora propõe um modelo de democracia comunicacional, que visa ser ainda mais igualitário e inclusivo. Desta maneira, as decisões tomadas pelo corpo político seriam legítimas se fossem o resultado consensual da discussão entre todos os cidadãos (apud Silveirinha, 2004: 213). A autora usa o termo comunicativo em vez de deliberativo para destacar a importância da interação neste modelo.

Young tece ainda várias críticas ao modelo deliberativo. Para si, o modo de comunicar na democracia deliberativa pode dissuadir vários cidadãos, dado que a capacidade de argumentação “não é um recurso igualmente distribuído” (Young apud Silveirinha, 2004: 214). Nas situações de discurso em que o confronto de argumentos seja valorizado, “as raparigas e as mulheres tendem a falar menos que os rapazes e os homens” (Young apud Silveirinha, 2004: 214). Quando o poder entra nas relações comunicativas, verifica-se uma tendência para a exclusão dos grupos mais marginalizados. Segundo a autora, a democracia comunicacional é diferente de outros tipos da democracia deliberativa pois tem como objetivo a inclusão de todos os grupos sociais e culturais na discussão (Young apud Silveirinha, 2004: 214).

2.3 - Jornalismo cívico

O jornalismo cívico⁹ surgiu da necessidade de aproximar os cidadãos do jornalismo, numa altura em que os *media* atravessavam uma crise de credibilidade, no final dos anos 80 (Mesquita, 2004: 65). O jornalismo rendera-se ao sensacionalismo e os cidadãos encontravam-se cada vez mais desinteressados dos assuntos da vida pública, culminando em elevadas taxas de abstenção nas eleições. Consequentemente, a própria vida comunitária estava a ser ameaçada e o decréscimo no número de leitores de jornais preocupava os jornalistas. Na América, a campanha presidencial do ano de 1988 foi “marcada por discursos políticos altamente cautelosos e calculados”, o que contribuiu ainda mais para afastar os cidadãos dos assuntos políticos, ficando a “comunicação política mediatizada sustentada por uma elite minoritária” (Ferreira, 2012: 97), configurando, assim, um problema político.

Desta maneira, no início dos anos 90, Davis Merritt, que à data detinha o cargo de diretor do jornal norte-americano *Wichita Eagle*, concluiu que a cobertura jornalística estava a sofrer influência dos candidatos presidenciais, pelo que advertiu ser necessária a redefinição da relação entre comunicação social e política (Camponez, 2002: 160). Também ao longo da década de 90 alguns estudos revelaram que muitos indivíduos associavam a imprensa à classe política, por estarem ambas afastadas das preocupações reais das comunidades (Ferreira, 2012: 97). Tornava-se, por isso, necessário refletir sobre qual era afinal o papel do jornalismo para a democracia.

⁹ Vários autores referem-se ainda a este conceito como jornalismo público, jornalismo comunitário ou novo jornalismo.

O jornalismo cívico aparece assim para tentar colmatar a indiferença da população relativamente às questões políticas, atribuindo ao jornalismo a função de promotor do debate público como forma de promoção da própria democracia (Ferreira, 2012: 97). Desde o início que o jornalismo cívico “foi influenciado pelas teorias da democracia deliberativa” (Gastil apud Correia, 2010: 85), cabendo aos jornalistas alimentar e melhorar o debate público. Nesse sentido, os jornalistas começaram por compreender quais os temas que mais preocupação suscitavam nos cidadãos, no sentido de os reunir para que pudessem discutir e trocar ideias (Rodrigues, 2006: 93). Assim, em vez de um papel de observador passivo, era esperado que os cidadãos tivessem um papel mais ativo. Ao concentrar-se sobretudo nos problemas das pessoas comuns, o jornalismo cívico vem tentar criar um elo de ligação entre os jornalistas e as comunidades (Eksterowicz, Roberts e Clark, 2003: 85).

O jornalismo público que Merritt defendeu configurou uma rutura com o jornalismo tradicional. Para si, o jornalismo devia:

“1) ir para além da missão de dar as notícias para uma missão mais ampla de ajudar a melhorar a vida pública; 2) deixar para trás a noção do «observador desprendido» e assumir o papel de «participante justo»; 3) preocupar-se menos com as separações adequadas e mais com as ligações adequadas; 4) conceber o público não como consumidores, mas como atores na vida democrática, tornando assim prioritário para o jornalismo estabelecer ligações com os cidadãos. Assim, para o jornalismo cívico, torna-se um imperativo que o jornalismo encoraje o desenvolvimento do cidadão na vida pública, desenvolvendo nos jornalistas uma nova perspetiva – a perspetiva do «participante justo» (*fair-minded participants*) – com a utilização de um novo conjunto de instrumentos de trabalho” (Traquina, 2003: 13-14).

Segundo João Carlos Correia (2010: 85), o jornalismo cívico deve ver os cidadãos como um público, cujos membros estão empenhados na deliberação. O autor destaca que neste modelo de jornalismo, os profissionais têm o papel de ajudar a constituir públicos capazes de participar no processo de deliberação e ainda de se empenharem em resolver os problemas da comunidade, sem que para isso ponham em causa a sua objetividade (Correia, 2010: 85). Para tal, os *media* devem promover o debate sobre esses problemas, ajudando os cidadãos a comunicar entre si e a chegarem aos detentores de poder, com o objetivo de se encontrarem soluções e se criarem políticas que resolvam esses problemas (Correia, 2010: 85).

2.4 - O potencial democrático da Internet

Desde o seu aparecimento, que ao meio digital são associadas diversas possibilidades políticas (Esteves, 2011: 33). A esperança depositada na *web 2.0* refletia a crença de que este novo meio traduzisse um impacto positivo na democracia (Dahlgren, 2005: 147) e as expectativas de que viesse aumentar as possibilidades de participação democrática eram enormes (Ferreira, 2010a: 101), uma vez que as particularidades específicas do digital vinham facilitar a interação entre os vários intervenientes. Certas características da Internet permitem diferenciá-la dos *media* que a precederam, como é o caso da sua “dimensão plural, não hierárquica e rizomática”, que lhe permite fomentar os processos de deliberação democrática (Ferreira, 2010a: 101).

Já nos anos 80, Benjamin Barber (2003: 273-274) reconhecera que as novas tecnologias da informação conseguiriam criar uma “democracia forte” devido às capacidades dos novos meios de possibilitar o acesso à informação de forma igualitária e reforçar a educação cívica, num espaço em que cidadãos e instituições se reunissem para efetuarem uma discussão participada, mesmo encontrando-se estes intervenientes do debate a grandes distâncias entre si.

As perspetivas mais entusiastas sobre a Internet admitem que as características do novo meio correspondem aos requisitos da esfera pública definidos por Habermas. O meio digital permite o acesso universal e a participação de todos os cidadãos, é um espaço não-hierárquico, prevê comunicação não coerciva, confere liberdade de expressão, uma agenda sem restrições, possibilita a comunicação fora das tradicionais instituições políticas e visa a formação de opinião pública através de processos de deliberação (Ferreira, 2010a: 105).

O debate democrático abre-se a um maior número de participantes e verifica-se uma maior igualdade de oportunidades e uma participação política livre por parte de pessoas que de outro modo estariam afastadas do processo de deliberação (Ferreira, 2011: 48). Desta forma, presume-se que uma das possibilidades que se oferecem ao exercício de práticas cívicas no espaço digital seja a participação civil na decisão política, louvada maioritariamente pelos apoiantes da democracia deliberativa (Ferreira, 2010a: 101), que veem a Internet como “o meio por excelência para a promoção dos espaços necessários à discussão racional”, nos quais se gera a deliberação (Ferreira, 2010a: 105).

De um modo geral, assume-se que a “tecnologia da Internet pode ser explorada para tornar o processo político mais inclusivo e deliberativo” (Ferreira, 2011: 49). Aliado a este princípio de participação surgiu a ideia de que as facilidades que as inovações tecnológicas trouxeram permitiriam a resolução de um problema estrutural que afeta as sociedades modernas e, deste

modo, aproximariam a “esfera político-decisória dos representantes” (Ferreira, 2011: 49). Pensava-se, assim, que a Internet seria a solução para fomentar a prática do exercício cívico dos indivíduos e, conseqüentemente, aumentar a “participação civil no processo de decisão política” (Ferreira, 2011: 50), dado que constitui uma ferramenta que permite exercer pressão sobre o poder político (Morgado & Rosas, 2010: 6). Na mesma linha de pensamento, Cruz (apud Marcondes, 2007: 7) admite que a ciberdemocracia pode trazer uma oportunidade importante na comunicação entre os cidadãos e o governo, reforçada pelos vários espaços públicos que apareceram como resultado dos progressos democráticos verificados nos meios digitais. A Internet facilita, desta forma, uma “rede de comunicação civil”, que possibilita que os cidadãos se organizem em “manifestações de protesto à margem das organizações tradicionais, como os sindicatos” (Morgado & Rosas, 2010: 6).

Segundo Peter Dahlgren (2014b: 191), os *mass media* tradicionais não perderam a sua importante função, no entanto, cada vez mais cidadãos estão a utilizar a Internet e as redes sociais para objetivos políticos. O autor mostra-se otimista com as possibilidades sem precedentes das novas tecnologias de comunicação para a intervenção democrática na arena política (Dahlgren, 2014b: 192). Apesar de nem tudo serem vantagens, os *media* digitais “oferecem novas e significantes possibilidades para o empoderamento dos cidadãos em comparação com outros canais de comunicação” (Dahlgren & Álvares, 2013: 57).

Zizi Papacharissi (2002: 9), por seu turno, prefere falar sobre como variados aspetos da Internet e das tecnologias que lhe estão intrínsecas tanto restringem, como aumentam o potencial prometido de reavivar a esfera pública. Como vantagens, a autora refere que a Internet tem a capacidade de gravar toda a informação, a qual vai ser útil ao debate público, visto que lhe fornece informações que de outra forma não estariam disponíveis. Desta forma, as novas tecnologias disponibilizam ferramentas importantes para garantir que o público possa participar na arena política e social. Por este motivo, verificou-se uma grande propagação de grupos políticos e ativistas no meio *online*, o que permite confirmar o uso político que é dado à Internet. Assim, espera-se que o discurso *online* aumente a participação política e abra caminho para uma “utopia democrática”, capaz de salvar a esfera pública do declínio professado por académicos e políticos (Papacharissi, 2002: 10).

Como pontos negativos, Papacharissi (2002: 9) atenta sobre as desigualdades que se verificam no acesso à informação e a iliteracia mediática, visto que as tecnologias não são acessíveis a todos, constituindo-se como fatores que vão pôr em causa a representatividade da esfera virtual.

Os indivíduos que “podem aceder a informações *online* estão equipados com ferramentas adicionais para serem cidadãos mais ativos e participantes da esfera pública” (Papacharissi, 2002: 15), limitando-se as discussões políticas no meio digital apenas para quem tenha acesso à Internet. A autora sublinha que o facto de apenas uma parte da população ter acesso contribui para um espaço público *online* elitista, semelhante à esfera pública burguesa dos séculos XVII e XVIII (Papacharissi, 2002: 14). No entanto, é importante notar também que nem todos aqueles que têm acesso garantidamente se envolvem na discussão política, o que equivale a dizer que, ter acesso a mais informações não significa necessariamente que os cidadãos estejam mais bem informados, nem ter acesso ao espaço público garante que haja uma maior participação política por parte dos indivíduos (Papacharissi, 2002: 15).

Também Gil Baptista Ferreira (2010a: 107) reconhece que o acesso universal aos espaços públicos virtuais é fundamental para fortalecer a democracia, mas que esse acesso só por si não é suficiente para que se realizem as práticas deliberativas. Não obstante, a Internet configura uma oportunidade para a realização do modelo deliberativo, uma vez que cidadãos de “diferentes classes sociais, minorias étnicas, de género, religiosas e outros grupos anteriormente com menor visibilidade e acesso aos *media*” passam agora a estar integrados na nova arena deliberativa, contribuindo para a existência de uma heterogeneidade de pontos de vista nas discussões *online* (Ferreira, 2010a: 107-108).

No que se refere às potencialidades do novo meio, como podemos constatar, as opiniões dividem-se entre os autores. Enquanto alguns, como Benkler (2006), Castells (2010) e Shirky (2008) revelam um forte otimismo, outros mais céticos, Fuchs (2011), Hindman (2009), Goldberg (2010), Song (2009) e Morozov (2011), apontam que as características da Internet foram sobrevalorizadas (apud Dahlgren, 2013b: 33). Contudo, todos concordam que a Internet “não opera num vácuo social e [que] não deve ser vista como uma solução simples para os problemas da democracia” (Dahlgren, 2013b: 34).

Mas utilizar a Internet para fins políticos não é das principais atividades que as pessoas realizam no meio *online*. De acordo com Peter Dahlgren (2013b: 34), o uso da Internet como forma de participação cívica e política está muito atrás do consumo, do entretenimento, das conexões sociais e até mesmo da pornografia. Como nos diz o autor, a política “continua a ser uma pequena utilização líquida” da Internet, mas o novo meio facilita a entrada dos políticos na comunicação *online* (Dahlgren, 2013b: 35).

Dados diferentes obteve um inquérito produzido no ano de 2014 pelo Instituto Nacional de Estatística, incluído no Anuário da Comunicação da Obercom do ano de 2015, que teve como universo indivíduos com idade entre os 16 e os 74 anos, residentes em território nacional. Nele, constatou-se que no topo das principais atividades desenvolvidas pelos inquiridos na Internet estão a pesquisa de informações sobre bens e serviços, o envio e receção de *emails*, e a participação nas redes sociais. Ler notícias *online* surge em quarto lugar (Obercom, 2015: 133). Estes resultados são animadores, no sentido em que os primeiros lugares têm a ver com necessidades essenciais, como a procura por um serviço ou a comunicação com a família ou amigos, naturalmente à frente do consumo de informação, não obstante, este vem logo de seguida, à frente do entretenimento.

A nova rede ainda é percecionada como um produto ou uma manifestação de relações sociais de dominação. Tobias Olsson (2014: 204) tem uma posição bastante crítica, apontando que apesar dos novos recursos tecnológicos, a *web 2.0* tornou-se uma extensão da lógica capitalista e empresarial. Como sublinha Des Freedman (2012: 88), a produção mediática, mesmo na Internet, está longe de poder ser considerada democrática, dado que ainda é incorporada num sistema de troca de mercadorias controlado por elites já existentes. Isto não significa que os *media* digitais não sejam dotados de poder para fomentar a mudança social, mas deve-se salientar o facto de que as mudanças sociais e culturais reais não começam apenas com a reconfiguração do ambiente de comunicação, mas que devem começar pela mudança das relações sociais e culturais de poder (Fuchs apud Olsson, 2014: 205). Desta forma, Olsson (2014: 205) conclui que a arquitetura de participação da Internet é direcionada para as elites económicas e políticas, sendo que são estas que definem as condições para a participação.

Gil Baptista Ferreira (2010a: 112-113) assume que apesar de existirem vários estudos que demonstram que “os fóruns de discussão *online* tendem a não cumprir as exigências do ideal da esfera pública”, muitos são os fóruns *offline* que também não cumprem estas premissas, logo não se pode concluir que a Internet não contribui para reforçar a democracia. Até porque, por mais pequeno que seja o contributo da discussão *online* para o sistema político, a democracia vai beneficiar sempre dele (Ferreira, 2010a: 113). Desta forma, o autor acredita que para que o potencial democrático da Internet se realize, é preciso proteger e estimular os seus espaços de deliberação (Ferreira, 2010a: 113). Gimmler (2001: 34) admite mesmo que, para garantir este incremento democrático, é necessário que haja regulamentação legal e administrativa, o que advém como consequência do conceito de esfera pública normativa.

2.4.1 - A constituição de um novo espaço público

Se refletirmos sobre o papel da Internet para a democracia, constatamos que este novo meio veio configurar uma “nova arena pública discursiva” (Ferreira, 2011: 50). Aliado a este fator, havia a esperança numa revitalização da esfera pública. Assim, vemos o ciberespaço como um “espaço de partilha virtual, que permite a interação pública e a partilha de informação”, contribuindo para auferir um novo vigor à esfera pública e, por conseguinte, à democracia (Dahlberg apud Ferreira, 2010a: 103). Podemos ir ainda mais longe e pensar nesta esfera pública renovada como uma nova esfera pública, uma esfera virtual, que se constitui como fruto do espaço público *online*.

De igual modo, podemos também pensar sobre um modelo de democracia deliberativa digital (Dahlberg apud Ferreira, 2010a: 103), se atentarmos nas várias oportunidades possíveis para estender as oportunidades democráticas, como o “governo eletrónico, o voto eletrónico e a transparência do Estado”, ou até mesmo a “cibermilitância, formas eletrónicas de comunicação alternativa e novos movimentos sociais” (Ferreira, 2010a: 103-104). Gil Baptista Ferreira (2010a: 104) admite que praticamente todas as formas de participação política tradicionais são passíveis de ser realizadas no novo meio digital. Dentro destas atividades incluem-se o “contacto e a pressão sobre os representantes eleitos à formação da opinião pública, à formação de movimentos da sociedade civil ou ainda à participação em fóruns eletrónicos de deliberação e à intervenção em plebiscitos *online*” (Ferreira, 2010a: 104).

O autor refere ainda que as perspetivas mais entusiastas “não têm reservas em considerar que os dispositivos de comunicação *online* reúnem as condições para responder aos requisitos básicos da teoria normativa habermesiana sobre a esfera pública democrática” (Ferreira, 2011: 50). Desta forma, rapidamente concluímos que os novos meios refletem as características que Habermas associava à esfera pública, pois são de acesso universal, não hierárquicos, oferecem a possibilidade de uma comunicação não opressiva e conferem liberdade de expressão aos indivíduos (Ferreira, 2011: 51). A formação de opinião pública é possível através de debates a nível global, numa escala muito diferente dos *media* tradicionais, o que contribui para a existência de uma esfera pública global.

Antes do aparecimento da Internet, as empresas de jornalismo detinham “três componentes, que hoje se encontram desagregadas: o canal de distribuição, o produto e o modelo de rendimento” (Figueiredo, 2015: 263). Hoje, o canal de distribuição é a própria Internet, praticamente sem custos para o utilizador, e que tem vindo a evoluir. Numa primeira fase “centrava-se nos portais

online; depois, fez emergir os motores de pesquisa; mais tarde, deu origem às redes sociais; e presentemente contribuiu para a generalização do recurso a dispositivos móveis” (Figueiredo, 2015: 263). No que diz respeito ao produto, do texto tradicional passou-se para os conteúdos multimídia e para a participação nas redes sociais. São estes espaços sociais da Internet que contribuem para a constituição da nova esfera pública global (Castells, 2008: 90).

De acordo com Maria João Silveirinha (2004: 266), as características da Internet possibilitam reativar os ideais democráticos de uma sociedade na qual a interação ocorre face a face, porque as próprias redes digitais têm particularidades que facilitam a reaproximação da “discussão política dos lugares tradicionais de discussão pública, por uma comunicação aparentemente mais próxima, menos anónima, menos *mass* mediada e sobretudo, com um maior potencial de interatividade” (Silveirinha, 2004: 266). De acordo com a autora, verifica-se uma separação em relação aos *media* tradicionais, nos quais a comunicação se processava apenas num sentido e os recetores tinham pouca capacidade de resposta (Silveirinha, 2004: 266).

A Internet veio, assim, permitir vários tipos de comunicação, sejam eles de muitos para muitos (Castells, 2008: 90), de um para muitos ou de muitos para um apenas (Ferreira, 2011: 52). O novo meio permite, assim, que novas vozes sejam ouvidas, ultrapassando aquelas que eram as “fronteiras convencionais dos sistemas mediáticos” (Silveirinha, 2004: 267). Efetivamente, este meio possibilita uma maior participação em relação aos meios que lhe antecedem, visto que é relativamente fácil comunicar através da Internet e os custos associados à participação são reduzidos. Gil Baptista Ferreira (2011: 51) assume que é possível avaliar os níveis de participação política *online* com base na definição do conceito de esfera pública, uma vez que a Internet é vista como “o meio por excelência para a promoção de espaços e comportamentos necessários à deliberação” e os custos associados à participação são reduzidos. Tal como afirma João Pissarra Esteves (2011: 39), a interação tem um papel fundamental para a democracia, dado que esta não se concretiza sem estruturas que permitam “ligar de algum modo os seus cidadãos”. Desta maneira, a interação configura-se uma prática indispensável à democracia deliberativa, assumindo-se como um mecanismo democrático que fomenta a participação política.

Zizi Papacharissi tem uma posição crítica em relação à esfera pública *online*. Segundo a autora (2002: 12-13), a Internet é um “recurso valioso para a participação política”, mas que apenas está disponível para aqueles que têm acesso ao espaço público virtual, excluindo aqueles que não o têm. Apesar de tudo, Papacharissi reconhece que a Internet fornece várias arenas para a

expressão política e numerosas maneiras para os cidadãos se tornarem politicamente ativos e influenciarem as decisões políticas (Bowen apud Papacharissi, 2002: 13). O meio digital permite que indivíduos que nunca se interessariam por participar num fórum *offline* para discutir assuntos políticos, o façam agora no meio digital (Papacharissi, 2002: 23). No entanto, a autora comenta que muitas das discussões que ocorrem online não seriam diferentes se acontecessem face a face.

O facto de o acesso ao meio *online* ser “barato, rápido e conveniente a mais informações não significa necessariamente que todos os cidadãos estejam mais informados ou dispostos a participar”. Logo, uma maior participação na discussão política, apesar de ser um aspeto positivo, não é garantia de uma democracia mais saudável visto que um maior número de participantes não traduz necessariamente uma discussão mais diversificada. As novas tecnologias facilitam essa discussão, contudo ainda não estão disponíveis para todos (Papacharissi, 2002: 23).

Para Papacharissi (2002: 13), apesar de a Internet facultar um espaço adicional para discussão política, este ainda está particularmente marcado pelas insuficiências do nosso sistema político. Desta forma, a autora afirma que o novo meio digital fornece um novo espaço público, mas que não constitui uma esfera pública. A autora deixa claro que há uma diferença entre espaço e esfera pública virtual e que a transformação do primeiro no segundo não depende da tecnologia (Papacharissi, 2002: 9). A Internet providencia, assim, um novo fórum de discussão política, mas não constitui uma verdadeira esfera pública porque o acesso ao novo meio não é ainda universal (Papacharissi, 2002: 9). Por outro lado, a autora também admite que a Internet, como esfera pública, “pode facilitar a discussão que promove uma troca democrática de ideias e opiniões”, aumentando a democracia (Papacharissi, 2002: 11). Apesar das novas tecnologias permitirem a discussão entre indivíduos fisicamente distantes, quebrando as barreiras geográficas, este debate torna-se fragmentado, sem sentido e enfurecido, estando longe de assegurar a revitalização da esfera pública (Papacharissi, 2002: 9-10).

Não obstante, Gil Baptista Ferreira reflete ainda sobre um outro tipo de problemas associados às discussões políticas no fórum digital. Segundo o autor, nem toda a discussão política na Internet é “democrática, liberal ou promove a democracia” (Ferreira, 2010b: 6). Analisando um espaço de discussão *online*, denominado *talk.abortion*, Schneider (apud Ferreira, 2010b: 6) chegou à conclusão que a participação é “dramaticamente desigual”, dado que mais de 80% das publicações eram produzidas por menos de cinco por cento de todos os participantes. O autor

refere que novos estudos realizados posteriormente também vieram confirmar esta ideia sobre as discussões políticas *online*: elas são dominadas por alguns (Ferreira, 2010b: 6). De igual modo, Papacharissi (2002: 14) apoia esta ideia, mencionando que as discussões *online* são dominadas por poucos.

Gil Baptista Ferreira propõe uma explicação para o facto:

“Primeiro, porque as mensagens servem principalmente para ampliar os próprios pontos de vista do indivíduo e raramente para confrontar diferentes ideias; em seguida, devido à falta de respostas às mensagens, uma falta causada por uma interação que é, por si só, inconsistente com uma esfera pública forte. Aspectos como o medo de gerar controvérsia, isolamento, sentimentos de inadequação, falta perceptível de conhecimento, falta de vontade para desafiar as normas do grupo, ou medo de se opor à maioria, contribuem para uma contração geral na discussão política” (Ferreira, 2010b: 6).

Por seu turno, Benkler (apud Dahlgren & Álvares, 2013: 60) apoia a ideia de que a grande distribuição da Internet é capaz de promover uma maior democratização do discurso público, permitindo que este último se distancie do controlo por parte das elites. No entanto, apesar de qualquer ponto de vista poder ser expresso *online*, ele só vai ser relevante se os outros intervenientes acharem que é interessante (Etling et al. apud Dahlgren & Álvares, 2013: 60). Desta forma, a discussão pública *online* vai ser alvo de um processo de “filtração coletiva”, que tem como resultado o esclarecimento da opinião pública (Dahlgren & Álvares, 2013: 60).

Posto isto, podemos verificar que o meio digital trouxe novos participantes a esta conversação global, permitindo que um maior número de vozes pudesse ser ouvido e contribuindo, assim, para a emancipação de várias classes minoritárias. Por outro lado, é igualmente importante pensarmos se este aumento de participação que a Internet trouxe se reflete, ou não, num maior incremento da democracia. Apesar da amplitude interativa que o *online* veio facultar, temos de pensar nesta questão de uma forma crítica. Em primeiro lugar, é preciso atentar nas desigualdades que se verificam no uso “dos meios de comunicação digital e, correspondentemente, das formas de participação política que lhes estão associadas” (Ferreira, 2011: 53). Gil Baptista Ferreira crê que por mais pequeno que seja o contributo dos indivíduos para a discussão política *online*, “a democracia sairá sempre beneficiada” (Ferreira, 2010b: 7).

2.4.2 - A participação política *online*

A noção de participação é um conceito bastante central quando falamos de democracia, que implica que os cidadãos tomem parte nas discussões e decisões que têm impacto nas suas vidas.

Como notam Peter Dahlgren e Cláudia Álvares (2013: 48), a democracia “é uma ordem política complexa, inconstante e contestada, e os contextos e os modos de participação variam muito”. Torna-se, por isso, relevante distinguir participação de mero acesso aos *media* ou interação (Carpentier, 2011: 131). Estes últimos dois elementos são importantes e necessários, contudo não são suficientes para gerar participação, uma vez que evitam as relações de poder (Dahlgren & Álvares, 2013: 48), como já vimos anteriormente.

Também como já referimos, muitos cidadãos afastam-se do sistema político devido à inacessibilidade perante os detentores de poder. Com a Internet, este paradigma altera-se substancialmente devido ao seu importante atributo que é a existência de uma comunicação horizontal, que significa que no meio virtual os cidadãos podem ligar-se diretamente a organizações, órgãos ou figuras políticas, estabelecendo interações, com o objetivo de partilhar informação ou “fornecer apoio mútuo, organizar, mobilizar ou solidificar identidades coletivas” (Dahlgren & Álvares, 2013: 55).

No mundo moderno, “a *web* é absolutamente essencial para a participação política” (Dahlgren, 2014a: 266), isto é, o envolvimento político é cada vez mais realizado através dos *media* porque também a maior parte das interações entre os indivíduos ocorre no espaço digital. Como explica Peter Dahlgren, a comunicação política que ocorre quer numa discussão presencial, quer num fórum *online*, quer no *Facebook*, é vista como participação, pois é a promulgação da esfera pública. Embora não deixe de ser um ingrediente fundamental para a vida democrática, o autor adianta que há muito mais que pode ser feito. Dahlgren (2013b: 19) acredita que muita da participação não vá para além da expressão e desenvolvimento de uma opinião, o que é compreensível, visto que a maior parte das esferas públicas são “fracas” pois estão desprovidas de qualquer ligação com a tomada de decisões, devido à existência de mecanismos de exclusão que “impedem o impacto que a opinião pode ou deve realmente ter nas decisões”.

Ainda que o domínio político possa surgir nas redes sociais, ter acesso a estas plataformas não significa que o indivíduo se envolva politicamente. Não obstante, estas redes vieram facilitar muito a participação cívica, porque permitem a sua realização em concreto. Geralmente a participação é feita sob a forma de atividade comunicativa devido ao envolvimento discursivo. Mas as redes sociais, assim como os recursos da Internet, no geral, tanto permitem uma “ampla gama de práticas”, como facilitam o desenvolvimento de novas técnicas por parte dos cidadãos, para que estes possam “apropriar as tecnologias para novos objetivos e estratégias” de participação (Dahlgren, 2014b: 193).

2.4.3 – Literacia para os *media* digitais

A literacia para os *media* digitais é um conceito intimamente ligado com o potencial democrático da Internet (Dahlgren & Álvares, 2013: 57), cuja definição vai variando de autor para autor. Peter Dahlgren e Cláudia Álvares (2013: 56-57) entendem que a literacia mediática deve ter como objetivo final o “empoderamento genuíno no mundo político” e que, por esse motivo, não se deve focar tanto nas capacidades técnicas individuais, mas sim na promoção de uma reflexão crítica, relacionada sobretudo com o organismo democrático e que tenha em consideração os contextos coletivos.

Várias políticas sobre literacia mediática digital mostram-se otimistas no que diz respeito ao combate às exclusões digitais, à promoção do conhecimento sobre o meio virtual e à inclusão do uso social dos *media online* no leque dos direitos universais. A educação para os meios de comunicação é feita através dos próprios *media*, mas não deixa de estar interligada com o mundo *offline*, na medida em que relaciona a vida de um indivíduo a contextos sociais mais amplos e, por esse motivo, tem de ter em consideração quer as práticas cívicas, quer as identidades individuais (Dahlgren & Álvares, 2013: 57).

Assim, não basta tornar as novas tecnologias acessíveis a todos, é preciso também que os indivíduos desenvolvam uma cultura mediática (Correia, 2005: 72). Desta forma, é importante fomentar a literacia para os *media*, visto que os públicos mais esclarecidos acabam por ser também mais críticos e hoje em dia, “uma sociedade civil democrática, é uma sociedade de comunicação” (Correia, 2005: 88). Mas como alertam Peter Dahlgren e Cláudia Álvares (2013: 57), é preciso ter em atenção que os processos pelos quais as pessoas se tornam cidadãos capacitados e se percebem como membros participantes do desenvolvimento social leva o seu tempo. É através da interação cívica que os indivíduos “constroem o seu senso coletivo de si e as suas memórias partilhadas como pertencentes a um grupo” (Dahlgren & Álvares, 2013: 57).

A literacia mediática, não tem que ver somente com as questões do meio digital, trata-se também de facultar conhecimento aos cidadãos para que estes percebam como funcionam as engrenagens dos *media* e como se desenvolvem os mecanismos de representação, para que de certa forma possam “influenciar o modo como se constrói a diferença e a hierarquia no interior dos discursos mediáticos” (Correia, 2005: 72). É importante que os cidadãos compreendam como são produzidos os discursos mediáticos, especialmente os discursos jornalísticos, conheçam os códigos e técnicas utilizadas e sejam mesmo capazes de produzir conteúdos

mediáticos, que usam como forma de expressão e de comunicação (Correia, 2005: 72). Esta questão ganha ainda mais pertinência numa altura em que utilizamos os *media* digitais diariamente e produzimos frequentemente conteúdo para a rede.

2.4.4 – O *digital divide* como fator de exclusão

A existência de “barreiras digitais” (Ferreira, 2011: 55), daqui em diante designadas por *digital divide*, configura um dos primeiros problemas relacionados com a utilização da Internet. Apesar de o novo meio possuir um carácter mais inclusivo, verifica-se a existência de desigualdades no que diz respeito ao uso das tecnologias digitais (Dahlberg, 2011: 84). Esta questão torna-se problemática na medida em que na base da democracia deliberativa está o princípio de igualdade, mais especificamente a igualdade de oportunidade (Knight & Johnson apud Ferreira, 2011: 53). Podemos constatar, desde logo, que há uma falha nos princípios de igualdade que estão associados à Internet, condicionando, desta forma, o debate democrático. Por esse motivo, é importante refletirmos sobre todos os aspetos que estão na origem destas desigualdades digitais.

O aspeto mais preocupante e que está na base destas desigualdades é o acesso aos próprios meios tecnológicos, que ainda não é universal, nem se encontra distribuído de forma igualitária entre todas as populações (Gomes, 2005: 71-72). Esta exclusão de acesso ao meio digital representa uma situação grave de défice democrático (Dahlgren, 2011: 12), que acaba por pôr em causa o princípio da universalidade de participação no espaço público e até o carácter democrático da Internet, configurando, por isso, um sério problema. Como nos diz Papacharissi (2002: 19), aqueles que mais poderiam beneficiar com as oportunidades democráticas do novo meio são aqueles que não têm acesso.

No entanto, não devemos deixar de falar de um princípio democrático de acesso universal uma vez que, apesar de tudo, o número de utilizadores da Internet tem vindo a crescer exponencialmente nos últimos anos, o que se traduz numa visível expansão deste meio (Esteves, 2011: 36). Por outro lado, também é verdade que a um maior acesso não corresponde um maior uso da Internet com finalidades políticas. Apesar deste meio desempenhar um papel cada vez mais fundamental no que diz respeito à vida política, assiste-se ao que Norris (apud Esteves, 2011: 36) designou por *democratic divide*, ou seja, há uma diferença considerável entre os indivíduos que recorrem ao meio virtual para um envolvimento nas questões políticas e aqueles que utilizam estes recursos com outras finalidades. De igual modo, um estudo efetuado por

Tambini (apud Ferreira, 2011: 57), concluiu que os grupos de discussão *online* mais populares eram aqueles cujos temas não estavam relacionados com política.

Todavia, as dimensões da problemática da desigualdade digital vão para além da questão do acesso, que não configura o único fator de exclusão que ocorre no meio *online*. Os *media* digitais tendem a reproduzir fatores de desigualdade já existentes, acabando por facultar novos meios para que certos cidadãos, já influentes e poderosos, possam aumentar ainda mais a sua influência e a sua participação no espaço público (Ferreira, 2011: 54).

Também a literacia digital, as competências de cada utilizador, a autonomia do uso dos aparelhos, o ambiente social e as finalidades da utilização da tecnologia (Ferreira, 2011: 55) são fatores capazes de condicionar e limitar o acesso de muitos indivíduos ao espaço público *online*. A falta destas competências técnicas e culturais afigura-se como um problema para a democracia digital, na medida em que se traduz em desigualdades nas oportunidades políticas por parte daqueles que não as possuem (Ferreira, 2011: 57). Desta forma, para participarem politicamente, os cidadãos precisam de ter um certo grau de literacia e conhecimento, para que sejam capazes de compreender o conteúdo que circula nas esferas públicas (Dahlgren, 2011: 20). A literacia digital é, desta forma, um fator determinante no que diz respeito à participação política na Internet, dado que os cidadãos necessitam deste conhecimento para participarem de uma forma responsável e produtiva na arena pública.

2.4.5 – O défice de participação e a crise da legitimidade democrática

A democracia está a atravessar um “período de crise”, vítima da falta de envolvimento dos cidadãos nas questões políticas. A participação cívica é especialmente importante na medida em que legitima a própria democracia. O seu declínio configura um problema grave para o sistema democrático (Dahlgren, 2013a: 164), na medida em que empobrece a cidadania. Deste modo, para a realização da participação torna-se fundamental que os cidadãos estejam envolvidos nas “questões da vida política” (Dahlgren & Álvares, 2013: 50). Porém, esta questão complica-se quando inferimos que uma grande parte da população está descontente com o sistema político, pois sentem que não estão a ser ouvidos pelos seus representantes ou que estão a ser deixados à margem do sistema (Dahlgren & Álvares, 2013: 50). Como consequência, gera-se um estado de apatia cívica, que leva a que os indivíduos percam a motivação e a vontade de

contribuir para o debate público (Serrazina, 2012: 180), tornando-se indiferentes às questões políticas.

O nível de interesse político por parte da maior parte da população é baixo (Gomes, 2005: 60). Os indivíduos no geral mostram-se desinteressados pela política, considerando-a irrelevante e alienam-se da esfera civil e do debate público (Dahlgren, 2011: 25). Este facto pode ser em parte explicado na medida em que os cidadãos sentem que as suas intervenções têm pouco peso nas decisões tomadas pelo Governo (Serrazina, 2012: 186). Por outro lado, se estes sentirem que os efeitos da sua participação são efetivos, então vão ter mais vontade de participar no debate público.

Os meios tecnológicos são particularmente importantes visto que facilitam o processo de participação, no entanto, tem de partir do indivíduo a vontade de utilizar esses meios para efetuar “ações concretas e relevantes para a vida pública” (Serrazina, 2012: 184). Apesar de um maior potencial democrático que é conferido à Internet, este meio só por si não vai fortalecer a democracia nem incrementar o debate coletivo (Marcondes, 2007: 4). Elementos importantes como a motivação, a autonomia ou a iniciativa têm a capacidade de levar o cidadão a interagir, mas não são proporcionados pela tecnologia (Marcondes, 2007: 5).

“Nunca antes na história existiram tantas oportunidades para aceder, comentar e desafiar as autoridades governativas. Mas nunca antes na história, pelo menos na história democrática, o público se sentiu tão frustrado e desapontado pela falta de capacidade em fazer alguma diferença nas políticas e decisões do governo” (Coleman & Blumler apud Serrazina, 2012: 184-185).

Como Coleman e Blumler (apud Serrazina, 2012: 185) dão conta, a participação política por parte dos cidadãos é cada vez menor, porque, apesar de se verificar um número crescente de utilizadores da Internet, persiste nos cidadãos a “ausência de vontade para assumir proactivo da cidadania” (Serrazina, 2012: 186). Este distanciamento pode ser de dois sentidos: por um lado o distanciamento do indivíduo em relação ao bem comum, pois está a dar mais atenção a assuntos relacionados com a sua esfera privada, isto é, o espaço da casa e da família, negligenciando a causa pública (Serrazina, 2012: 185); por outro lado o distanciamento que ocorre do político face aos cidadãos, que vai contribuir para que o indivíduo perceba que a sua intervenção tem pouca implicância prática. Com o político fora da esfera pública, o debate torna-se menos plural e perde diversidade de opiniões e pontos de vista (Serrazina, 2012: 185). De acordo com João Carlos Correia (2004b: 2), os sistemas políticos encontram-se “mergulhados numa crise estrutural de legitimidade” e estão cada vez mais afastados dos cidadãos.

O poder político distancia-se ainda do sistema democrático para se aproximar do setor privado. Segundo Bauman (apud Dahlgren & Álvares, 2013: 49), esta premissa não é totalmente novidade, mas “intensificou-se sob as lógicas das versões neoliberais do desenvolvimento social”. Como consequência, a participação cívica é prejudicada, com consequências danosas para a democracia. Se o desenvolvimento social for pensado segundo uma lógica capitalista, o espaço destinado à discussão democrática é erodido (Sandel apud Dahlgren & Álvares, 2013: 49), o que resulta na despolitização e no desinteresse por parte dos cidadãos no que diz respeito às questões políticas.

Claramente, o desenvolvimento da tecnologia, por si só, não vai erradicar o problema do déficit de participação, até porque, como vimos anteriormente, a utilização da Internet para questões políticas não está nas principais atividades que as pessoas realizam no meio *online*. Deste modo, não podemos confiar que a solução para o aumento da participação civil na vida pública, capaz de dar continuidade ao próprio sistema democrático, passe apenas pelo desenvolvimento dos meios tecnológicos (Serrazina, 2012: 180). Não obstante, é importante reconhecermos o papel fundamental que esses meios ocupam ao facilitarem a participação dos cidadãos na esfera pública (Serrazina, 2012: 182) e ao criarem novos espaços de debate, visto que se verifica nos dias de hoje uma carência de um número qualificado e significativo de arenas públicas e as oportunidades de participação civil por via da discussão pública são escassas e pouco efetivas (Gomes, 2005: 61). Apesar das exclusões digitais que se verificam no novo meio, a Internet tem um potencial para reduzir o déficit democrático que se faz notar no sistema político atual (Serrazina, 2012: 177).

Decorre nos dias de hoje uma discussão sobre se a Internet tem efetivamente a capacidade para resolver a questão do déficit democrático presente na sociedade contemporânea e aumentar o envolvimento de todos os cidadãos (Gomes, 2005: 58). John Keane (2013: 78) acredita na validade desta premissa, pois na sua visão, uma cidadania eletrónica ativa e participativa constitui uma forma de democracia digital, passível de ser comparada à “democracia de assembleia de que gozaram os democratas gregos”. É por intermédio dos meios tecnológicos que os indivíduos detêm o poder de participarem, “um poder que, contudo, de pouco servirá, se a ele não lhe estiver associado o conhecimento” (Serrazina, 2012: 182). Desta forma, a argumentação pública exige que os cidadãos estejam bem informados para que sejam capazes de produzirem discursos consistentes.

Para estudar a relação entre o nível de educação e a participação política nos principais meios de comunicação, incluindo a Internet, António Rosas (2010: 127) partiu dos dados de sondagem do ano de 2007 da *European Social Survey* e posteriormente definiu as variáveis que queria analisar – níveis de educação dos entrevistados, interesse destes pela “aquisição de novos conhecimentos e competências” e a utilização que fazem de jornais, televisão, rádio e Internet no sentido de se informarem sobre o mundo e sobre questões políticas (Rosas, 2010: 127). As conclusões a que o autor chegou, como o próprio afirma, não são particularmente animadoras no que diz respeito à relação entre as variáveis “educação, comunicação e participação”.

António Rosas (2010, 127) constatou que os portugueses que usam mais frequentemente a Internet são os que têm um nível de educação igual ou superior ao terceiro ciclo, sendo também o grupo mais capaz para aquisição de novas competências. O autor inferiu ainda que “os meios de comunicação não parecem ter efeitos muito significativos na participação política, embora os mais instruídos já prefiram a Internet para fazerem participação/oposição não convencionais” (Rosas, 2010: 128). Outra conclusão importante revela que há uma associação clara entre os níveis de educação e os diferentes tipos de utilização que é feita da Internet, sendo que as hipóteses de aqueles com mais instrução acederem e fazerem uso deste meio são 111% maiores do que aqueles que não têm qualquer nível de educação (Rosas, 2010: 130). Estas conclusões vêm, por isso, ajudar-nos a compreender a importância, para a participação e, conseqüentemente, para a democracia, de os cidadãos terem capacidades e a informação necessária para a discussão racional de ideias e valores.

2.5 - A fragmentação do espaço público e a multiplicidade de espaços

Os cidadãos que integram uma sociedade são diferentes entre si, tendo gostos e identidades próprias. Os meios de comunicação, ao perceberem que a sua audiência era constituída por públicos diferentes, começaram a produzir conteúdos destinados a cada um desses públicos (Rodrigues, 2006: 9). Este fenómeno levou a que os *media* segmentassem os seus conteúdos, o que está hoje bem patente nos numerosos canais temáticos de televisão ou nas publicações especializadas (Rodrigues, 2006: 9). No que diz respeito à Internet, este fenómeno foi ainda mais visível. Com a multiplicação de espaços comunicativos, nasceram “novos espaços que promovem o debate sobre os mais variados temas” (Rodrigues, 2006: 20).

Estes novos espaços comunicativos possibilitam a troca de informação e de ideias, facilitando a articulação de debates que levam à formação da opinião pública (Dahlgren, 2005: 148). Segundo John Keane (apud Silveirinha, 2004: 221), é importante refletir sobre a pluralidade e fragmentação do espaço público atual, porque passaram a existir múltiplos espaços públicos e, nessa medida, se considerarmos que os vários espaços *online* correspondem aos tradicionais cafés dos séculos XVIII e XIX, onde grupos de indivíduos se reuniam para discutirem as questões públicas, então assiste-se a um retomar do conceito de espaço público burguês.

Em “A fragmentação do espaço público: novos desafios ético-políticos”, João Carlos Correia (2004b: 1) corrobora a ideia de que a Internet contribuiu muito para a segmentação dos fenômenos de produção e recepção de conteúdo. O autor crê que o espaço público está “sujeito a tensões fragmentárias” devido sobretudo ao sistema de consumo atual e aos novos dispositivos tecnológicos de mediação (Correia, 2004b: 2). Um maior número de espaços públicos não significa que exista um maior pluralismo político, no entanto, resulta numa segmentação de audiências e cria nichos de mercado, o que é particularmente significativo “numa perspectiva comercial ao serviço de uma lógica de acumulação de capital” (Gitlin apud Correia, 2004b: 3). Como alerta o autor, a tendência para a segmentação levanta dúvidas a respeito da “fiabilidade e solidez da esfera pública” (Correia, 2005: 58).

A Internet e os dispositivos móveis vieram promover o que Peter Dahlgren (2013b: 41) designou por “individualismo na rede”. Isto significa que cada indivíduo absorve apenas os elementos dos vários contextos sociais “nos quais encontra coisas em comum para partilhar” (Dahlgren, 2013b: 41). O fenómeno da globalização veio desvalorizar as identidades sociais “em detrimento crescente de identidades baseadas em pertenças culturais” (Correia, 2004b: 2). Corre-se o risco de que as pessoas passem apenas a relacionar-se com quem partilhem características em comum (Correia, 2004b: 3). Por esta razão, os *media* têm uma função importante na “definição dos territórios simbólicos que permitem a formulação destes novos tipos de afirmação identitária” (Correia, 2004b: 2).

Outro ponto que Zizi Papacharissi (2002: 17) traz à discussão relaciona-se com a incerteza no que diz respeito ao número de pessoas que as nossas opiniões podem alcançar, visto que tanto pode ser mais elevado, devido aos muitos utilizadores da Internet, como também pode ser menor, tendo em conta a fragmentação do meio *online*. Determinados grupos vão captar utilizadores que tenham interesse num determinado tópico, oferecendo a possibilidade de uma discussão especializada com outras pessoas interessadas no assunto (Papacharissi, 2002: 17).

Estas divisões do público em grupos de discussão cada vez menores, falham em captar o ideal de uma esfera pública.

No entanto, não podemos negar que as múltiplas plataformas que a Internet disponibiliza, como os *blogs* e as redes sociais, vieram permitir a formação de novos espaços para discussão e, por essa razão, constituem novas formas de intervenção no espaço público (Rodrigues, 2006: 24). Assiste-se, por esse motivo, a um grande crescimento no número de “esferas públicas alternativas dotadas de dinamismo e capazes de responderem e de se afirmarem como um complemento inverso das segmentações de audiência causada pelos *media mainstream*” (Correia, 2004a: 214). Ou seja, apesar dos novos espaços criados não traduzirem o ideal da esfera pública, oferecendo uma discussão aberta a todos aqueles que quiserem participar e fomentando a pluralidade de pontos de vista, a verdade é que as pessoas também acabam por encetar discussões nestes espaços mais pequenos e isso, de certa forma, acaba por trazer um incremento à própria democracia.

2.5.1 – As redes sociais

As redes sociais são formas de *media* que visam sobretudo a interação social, a partilha e a participação dos seus utilizadores. Segundo José van Dijck (apud Sandoval, 2014: 144), as redes sociais são plataformas *online* que facilitam e promovem redes humanas (*human networks*), que assentam sobre as interligações que se estabelecem entre várias pessoas. Na definição de danah boyd (apud Sandoval, 2014: 144), as redes sociais configuram um tipo de *software* que permite que os indivíduos e as comunidades se reúnam, colaborem, comuniquem e partilhem. Estas são, por isso, as principais características destas plataformas.

Há vários tipos de redes sociais. Como exemplos temos o *Facebook*, o *Twitter*, o *Instagram*, o *Snapchat*, o *YouTube*, a *Wikipedia*, os *blogs*, entre outros. Todos estes *sites* partilham algumas características em comum: o utilizador necessita de criar um perfil com algumas informações pessoais e a partir daí está habilitado a produzir conteúdo. Hoje em dia, as redes sociais têm bastante impacto na vida dos indivíduos, com níveis de utilização diária bastante elevados. Estão ainda interligadas com a vida *offline* dos utilizadores, “bem como com o funcionamento de grupos, organizações, instituições e relações de poder sociais” (Dahlgren, 2014b: 196).

Às redes sociais é atribuída a capacidade de quebrarem as barreiras tradicionais que delimitavam o domínio público do privado. Isto significa que um usuário tem a possibilidade

de partilhar publicamente detalhes sobre as suas preocupações privadas e há uma maior facilidade para os cidadãos privados supervisionarem o domínio público dos meios políticos e institucionais oficiais (Papacharissi apud Fenton, 2012: 124). Um importante atributo que Peter Dahlgren (2013b: 40) destaca na Internet é a possibilidade que oferece às pessoas de estabelecerem uma comunicação horizontal com as organizações, isto é, através principalmente das redes sociais, qualquer indivíduo consegue interagir diretamente com diversos organismos, sejam eles institucionais ou corporativos, e vice-versa, estabelecendo estruturas de comunicação que fomentam relações democráticas sociais não hierarquizadas.

Desde o aparecimento das redes sociais que se lançou o debate sobre o papel que teriam na democracia e na própria esfera pública. Se, por um lado, vários entusiastas exaltaram o potencial democrático destes meios, por outro, alguns céticos atentaram nas suas limitações no que diz respeito à promoção da participação (Dahlgren, 2014a: 256). Peter Dahlgren admite que é preciso cautela com “os prognósticos alegradores sobre o que a *web* pode fazer pela democracia”, mas, por outro lado, reconhece que as novas tecnologias de comunicação têm possibilidades sem precedentes para que os cidadãos intervenham democraticamente na arena pública.

As redes sociais são, por isso, ferramentas que permitem uma ampla gama de práticas, e que vieram, como todas as outras plataformas da Internet, alterar o domínio político (Dahlgren, 2014a: 256). Na visão de Peter Dahlgren (2013b: 36), as redes sociais são o aspeto da Internet “mais relevante para a participação”. Desta forma, a Internet, os telemóveis e as redes sociais ampliaram o desenvolvimento de espaços públicos. O *Facebook*, o *Twitter* e o *YouTube* tornaram-se “importantes instituições da esfera pública” (Dahlgren, 2013a: 158). O autor reconhece ainda que o *Facebook*, em especial, é um bom meio para as pessoas discutirem e debaterem ideias, facilitando o desenvolvimento de uma identidade coletiva (Dahlgren, 2013b: 40).

Por seu turno, Baym (apud Dahlgren, 2014b: 197) atenta no facto de que as características das redes sociais facilitam as conexões sociais. Por essa razão, estes meios servem para fomentar a participação política. No entanto, não se pode esperar que as redes sociais sejam inteiramente responsáveis pela promoção dessa participação, visto que esta tem de partir de cada indivíduo. Logo, se o indivíduo não estiver já sensibilizado para as questões políticas, então a contribuição discursiva das redes sociais apenas servirá para “desviar a participação política e oferecer uma

série de tentadoras alternativas privatizadas”, que não servem o propósito de promover a vida política democrática (Dahlgren, 2014b: 200).

As redes sociais são o local “onde múltiplos atores passam a fazer parte do processo comunicacional” (Cádima, 2012: 237). Posto isto, conferimos que o elemento chave para a participação política está concentrado no ato comunicativo e é por isso que as redes sociais assumem um papel bastante importante, na promoção da interação entre os indivíduos. Ainda que na maior parte das vezes o conteúdo das conversas não seja particularmente interessante, a verdade é que as pessoas interagem entre si (Serrazina, 2012: 188). E é na interação social “que encontraremos uma hipótese de pensar e de transformar a realidade social” (Morgado, 2009: 257). De acordo com Fenton (2012: 130), se considerarmos as múltiplas maneiras pelas quais se pode gerar comunicação entre várias pessoas através das redes sociais, podemos comprovar uma “pluralização das relações sociais”. Para além disso, também é proclamado que as redes sociais são uma ajuda à democracia, devido ao aumento do número de espaços disponíveis para a deliberação (Fenton, 2012: 130).

A principal diferença entre a audiência dos *mass media* tradicionais e a da Internet é que a última está munida das ferramentas necessárias para produzir conteúdos. O termo “conteúdo gerado pelo utilizador” pretende descrever este processo (Fenton, 2012: 129), do qual também falaremos mais adiante. As redes sociais permitem que cada indivíduo produza e distribua o seu próprio conteúdo. Desta maneira, as redes sociais criam múltiplas vozes que possuem um certo grau de autonomia sem precedentes no processo comunicativo através dos *media* (Fenton, 2012: 128). Porém, verifica-se ainda que o uso das redes sociais é altamente desigual entre as várias camadas da população e muito do seu conteúdo é gerado apenas “por uma percentagem pequena de pessoas” (Fenton, 2012: 127). Por outro lado, convém também lembrar que os utilizadores muito raramente têm como principal objetivo o de contribuir para o desenvolvimento da democracia e acabam por usar a Internet, na maior parte das vezes, para atividades relacionadas com o entretenimento (Fenton, 2012: 126).

No entanto, a Internet está organizada segundo uma estrutura que permite que cada utilizador possa selecionar os conteúdos mediáticos que pretende ver (Bimber & Davis apud Fenton, 2012: 130). Pensa-se também que esta exposição seletiva ocorre nas arenas de discussão política *online*, tendo como resultado a polarização política. Vários autores dão ainda conta de que as comunidades virtuais são “bastante homogéneas em termos de valores e pontos de vista” (Dahlberg & Siapera apud Fenton, 2012: 130). Uma das críticas endereçadas às redes sociais é

precisamente que despolitizam as questões públicas e realçam desigualdades antigas, enquanto fornecem às corporações dados importantes para o *marketing online*, a promoção de negócios e a exploração de assuntos privados (Fenton, 2012: 124). Toda a atividade desenvolvida pelos utilizadores na Internet deixa “pegadas digitais que podem ser rastreadas, analisadas e comercializadas” (Fuchs apud Fenton, 2012: 128).

As redes sociais tornaram-se uma parte relativamente importante da esfera pública, visto que configuram importantes canais para a comunicação política (Dahlgren, 2013b: 60). Estas plataformas reúnem numa mesma plataforma o domínio político e social com o domínio pessoal, a sociedade civil com o consumo e o lazer (Dahlgren, 2013b: 60-61).

Com os seus 2 mil milhões de utilizadores¹⁰, a expectativa depositada no *Facebook* era a de que fosse a maior arena deliberativa a nível global. Porém, no que diz respeito ao seu “papel como site para debate político”, de acordo com Peter Dahlgren (2013b: 61), o botão de ‘gosto’ tem outro significado, visto que é normal as pessoas serem atraídas por semelhantes ou pessoas que pensem da mesma maneira, o que não configura, de todo, um “caminho saudável para a democracia ou para o melhoramento da participação política”. Os utilizadores têm ainda a tendência para adicionarem pessoas conhecidas ou cujas ideias se aproximem das suas próprias. Ora, “com o passar do tempo, as pessoas começam a habituar-se a lidar maioritariamente com pessoas que pensem da mesma forma que elas”, o que configura uma ameaça para a democracia na medida em que os cidadãos deixam de ter contacto com diferentes pontos de vista sobre um assunto e perdem capacidade de argumentação (Dahlgren, 2013b: 61).

Um estudo produzido pelo Observatório da Comunicação, publicado em 2017, que utilizou dados quantitativos, obtidos através de inquérito, da ERC (2015 e 2016), da Reuters (2016) e do projeto Sociedade em Rede (com dados de 2004 e 2013), teve como objetivo perceber como é que os indivíduos utilizam a Internet, mais propriamente as redes sociais, para efetuarem a sua participação cívica, e ainda averiguar de que forma as redes sociais influenciam a leitura de notícias (Obercom, 2017: 5).

A utilização das redes sociais passa também pela atualização noticiosa. Do total de usuários que consultam notícias *online*, cerca de 70% acedem às notícias a partir das redes sociais, maioritariamente através do *Facebook* (Obercom, 2017: 5). Desta forma, constata-se que os indivíduos utilizam as redes sociais para se informarem (Obercom, 2017: 6), estando, de certa forma, dependentes das notícias que lhes aparecem no seu *feed*, local no qual aparecem também

¹⁰ Anunciados por Mark Zuckerberg, CEO e fundador do *Facebook*, na sua página pessoal, no dia 27 de junho.

vários conteúdos de diversas naturezas, incluindo publicações privadas ou assuntos sem relevância.

Contudo, este facto relaciona-se com a premissa de que quem utiliza as redes sociais não tem como prioridade a participação política. Se atentássemos apenas neste facto poderíamos ser levados a pensar que a Internet não constitui o “espaço ideal para uma democracia deliberativa” (Obercom, 2017: 6), porém, o estudo comprova que entre 2004 e 2013 se registou uma evolução na utilização da Internet no que diz respeito à participação dos cidadãos na vida pública, aumentando o número de atividades cívicas realizadas, como, por exemplo, entrar em contacto com o Governo (Obercom, 2017: 7). A Internet constitui assim um “meio que aproxima os cidadãos dos órgãos de soberania” (Obercom, 2017: 10).

Em relação ao interesse dos inquiridos pelas notícias políticas, ainda segundo o estudo, 35% diz estar “nada interessado pelo tema” e 22,6% “não muito interessado”. Quanto aos que têm interesse, “32,3% revelam-se algo interessados, com 7% a dizerem-se muito, e apenas 2,3% a declararem-se extremamente interessados” (Obercom, 2017: 17). O desinteresse pela leitura de notícias políticas, que tratam de assuntos que dizem respeito à vida dos indivíduos, pode ser, como é apontado no estudo, revelador de indiferença por parte dos cidadãos na vida cívica (Obercom, 2017: 17).

O relatório mostra ainda que há poucos utilizadores que comentam uma notícia, mas que, no que toca ao local para efetivar o comentário, a preferência recai sobre comentar as notícias nas redes sociais em detrimento das caixas de comentário dos *sites* dos órgãos de comunicação (Obercom, 2017: 23). Não obstante, 30,3% dos utilizadores da Internet reconhece que desde que começaram a usar as redes sociais, sentem que estão “mais predispostos a expressar a sua opinião ou a apoiar causas políticas e sociais” (Obercom, 2017: 30). Contudo, quando questionados sobre se desde que usam as redes sociais têm estado fisicamente presentes em “eventos relacionados com a defesa de causas políticas e sociais” (Obercom, 2017: 31), 32,8% dos inquiridos discordam e quase 10% discordam totalmente. Tal significa que os meios virtuais, apesar de poderem desempenhar um papel relevante na divulgação, não são determinantes do envolvimento físico dos indivíduos em causas políticas (Obercom, 2017: 31).

2.6 – Os problemas que o meio digital enfrenta

2.6.1 – Jornalismo cidadão

As novas tecnologias, mais do que fornecer novas formas para os cidadãos comunicarem entre si ou ampliarem o espaço público, criando múltiplos espaços para debate *online*, vieram também possibilitar os internautas de produzir os seus próprios conteúdos. Ao contrário dos *media* tradicionais, em que a comunicação era unidirecional e os recetores encontravam-se isolados uns dos outros (Lévy, 1999: 203), a Internet permite o surgimento de novas vozes e novos atores sociais, “propõe o pluralismo, a diversidade informacional, a liberdade de acesso e alternativas concretas à massificação industrial” (Dourado, 2009: 4). O novo meio viabiliza que um utilizador difunda as próprias informações para um público alargado, sem precisar de recorrer a um intermediário (Dourado, 2009: 4).

A Internet veio permitir, deste modo, que os *media* evoluíssem no sentido de serem recetivos ao conteúdo gerado pelo utilizador, produzido praticamente sem custos e “com pouco controlo editorial”, contribuindo para a erosão da dicotomia entre produtores e consumidores de informação (Dahlgren & Álvares, 2013: 57). Por este motivo, Peter Dahlgren (2013a: 159) reconhece que não configura particular surpresa que o envolvimento cívico *online* tenha invadido o campo do jornalismo. Desta forma, surgiram vários termos – tais como “jornalismo cidadão”, “jornalismo participativo” ou “jornalismo colaborativo” (Correia, 2010: 88) – para designar o papel ativo que as audiências têm no “processo de reunião, análise e disseminação de notícias e informação” (Browman & Wiilis apud Correia, 2010: 88), funções que antes eram restritas aos *media*.

Este conceito, no entanto, é diferente do de jornalismo cívico. Como vimos anteriormente, o jornalismo cívico procura estimular a participação dos cidadãos, todavia “as organizações noticiosas mantêm um elevado nível de controlo” (Correia, 2010: 88). A principal diferença entre este tipo de jornalismo e o “jornalismo cidadão” é que o jornalismo cívico é produzido por jornalistas, enquanto o segundo pode configurar uma oportunidade para os cidadãos poderem participar na produção mediática, deixando de parte o papel de meros espectadores (Gillmor apud Rodrigues, 2006: 96).

As principais vantagens que são apontadas ao “jornalismo cidadão” pelos seus defensores, segundo João Carlos Correia (2010: 88-89), prendem-se com “o acesso de muitas pessoas à produção e divulgação pública de mensagens” e ainda com a possibilidade que oferece da

cobertura de certos temas, que não são rentáveis para os *media* tradicionais e que, por esse motivo, esse conteúdo nunca seria mediatizado. Por sua vez, Peter Dahlgren (2013a: 159-160) comenta que “com não-jornalistas a usar plataformas como o *Facebook*, o *Twitter* e os *blogs* para gerar e partilhar material jornalístico, o jornalismo está gradualmente a tornar-se mais interativo, colaborativo, diverso, partidário e imediato”. Por consequência, nas sociedades democráticas as esferas públicas foram alargadas, enquanto nos regimes autoritários as estruturas de poder foram desafiadas (Dahlgren, 2013a: 160). Como propõe o autor, se se analisar a relação entre o crescente aumento da participação dos cidadãos no jornalismo e o crescimento do envolvimento cívico e político, constatamos que configura uma das principais formas no que toca ao desenvolvimento atual da democracia (Dahlgren, 2013b: 110).

O “jornalismo cidadão”, de acordo com João Carlos Correia (2010: 95), veio, de certa forma, democratizar a produção jornalística, parecendo ter esquecido “as componentes sociais e políticas do exercício do poder nos *media*”. A substituição dos jornalistas no processo de *gatekeeping*, pelo qual são os únicos responsáveis, por cidadãos comuns, sem formação específica, seria um passo “essencial” numa mais alargada forma de democratização jornalística (Correia, 2010: 95).

Por vezes, também são os próprios jornalistas a pedirem a colaboração dos cidadãos, principalmente quando não têm acesso direto aos eventos (Dahlgren, 2013a: 159). Longe vão os tempos em que um jornal tinha uma grande rede de correspondentes locais. Atualmente, os *media* noticiosos perceberam que podiam usar a Internet e mais concretamente as redes sociais para recolherem material a partir dos utilizadores, passando depois por um processo de seleção de acordo com as normas profissionais. Desta forma, o jornalismo depara-se com vozes não profissionais que “estão a contar histórias viáveis” (Dahlgren, 2013a: 168).

O jornalismo está a tornar-se mais colaborativo, mesmo que se verifique um forte controlo editorial (Dahlgren, 2013a: 168). No entanto, também é verdade, segundo Campbell et al. (apud Dahlgren, 2013a: 160), que os *bloggers* raramente são capazes de produzir conteúdo original e que tal apenas se verifica quando o utilizador tem um conhecimento especializado sobre algum tema ou um acesso privilegiado aos eventos.

Este tema tem gerado muita controvérsia e veio desestabilizar ainda mais a própria profissão de jornalista (Dahlgren, 2013a: 157). Um dos pontos que mais preocupação merece a respeito desta temática prende-se com a credibilidade da informação produzida pelo cidadão comum, que claramente não tem capacidades nem conhecimentos para exercer a função de jornalista, para

além de que não é obrigado a respeitar um código ético e deontológico e que por esse motivo não tem nenhum compromisso com a verdade. Assim, a função de produzir notícias continua a ser dos jornalistas, sendo que agora têm ainda o papel de filtrar, organizar e confirmar o conteúdo que é gerado pelo público (Brambilla apud Dourado, 2009: 5). Peter Dahlgren (2013a: 157) destaca o incremento democrático que a participação dos cidadãos no jornalismo pode trazer, no entanto, reconhece que é necessária uma reflexão sobre o significado de tal participação cívica, devido à importância do jornalismo para a própria democracia.

2.6.2 – As câmaras de eco

Uma das possibilidades que a Internet oferece aos seus utilizadores é a hipótese de estes escolherem os conteúdos a que desejam ter acesso. Como consequência, as pessoas vão optar por ver coisas que gostem e nas quais tenham interesse, e vão ainda formar grupos *online* preferencialmente com indivíduos “ideologicamente próximos” (Ferreira, 2010a: 108). Estes pontos de encontro virtuais criam novos espaços nos quais as pessoas vão apenas contactar com informação com a qual estão de acordo, com prejuízo para o pluralismo de visões. John Keane (2013: 122) referiu-se a este fenómeno como “câmaras de eco”. Como frisa Peter Dahlgren (2014b: 198), apesar de fazer parte da natureza humana uma pessoa sentir-se atraída por indivíduos semelhantes e que pensem da mesma maneira, tal não traduz “necessariamente um padrão saudável para a democracia ou para o reforço da participação política”.

Este fenómeno acontece porque, segundo Gil Baptista Ferreira (2010b: 5), as pessoas sentem-se desconfortáveis quando estão perante um “conflito, um desacordo ou uma diferença”. Como dá conta o autor, vários estudos apontam para a tendência de as pessoas não aceitarem bem visões diferentes das suas no meio digital. No entanto, os espaços públicos virtuais permitem que as pessoas procurem opiniões concordantes com as suas. Tal resulta num agrupamento dos cibernautas segundo comunidades de interesse. Deste modo, pessoas que partilhem as mesmas crenças e interesses reúnem-se nos mesmos espaços virtuais (Wilhelm apud Ferreira, 2010b: 6).

O fenómeno das câmaras de eco tem sido alvo de várias análises. Segundo John Keane (2013: 123), os cidadãos estão cada vez mais narcisistas. A abundância comunicativa que supostamente deveria ser diversificada, é realizada por cidadãos que comunicam para si próprios. Os indivíduos têm hábitos solitários, alimentando o receio de que as pessoas percam a sua identidade com o uso das novas ferramentas de comunicação. Como afirma o autor, é um

paradoxo que a intensa comunicação *online* produza efeitos de isolamento social e sirva ainda para causar vulnerabilidade política (Keane, 2013: 123).

Por outro lado, esta abundância comunicativa também significa a existência de uma quantidade enorme de informação, que submerge os cidadãos nas suas próprias crenças, atuando como “autorreforço de falta de consciência” (Keane, 2013: 123). Como consequência, perde-se o pensamento crítico individual, que dá lugar ao que o autor designa por “pensamento de colmeia” (Keane, 2013: 123), ou seja, floresce a crença popular na “sabedoria das multidões” e a presunção de que “o coletivo está mais próximo da verdade”. Deste modo, é possível que surjam formas de dominação da multidão, visto que, mesmo que os cidadãos não acreditem nos clichés que lhes são apresentados, eles vão receber e aceitar essas mensagens, em parte porque, à primeira vista, parecem ser plausíveis. No entanto, muitos indivíduos não vão de todo ponderar e analisar essas informações, até porque, por vezes, as outras pessoas com quem contactam ou os habitantes das suas próprias câmaras de eco acreditam ou falam sobre isso (Keane, 2013: 123), o que para eles é suficiente. Pode acontecer ainda que apoiem de forma irrefletida causas que não entendam adequadamente.

John Keane (2013: 122-123) aponta ainda para um medo antigo sobre o comportamento dos cidadãos que estão mal informados sobre o mundo. Como explicam os críticos, os conteúdos *online* são compostos por “fragmentos sem autores, materiais sem fonte, os pontos de vista são difíceis ou impossíveis de verificar” (Keane, 2013: 123). Diariamente usamos várias plataformas, como o *Facebook*, as pesquisas no *Google* ou a *Wikipedia*, que seguem esta lógica. Desta forma, a abundância comunicativa “contribui para a confusão geral entre os cidadãos sobre o que acreditar e onde recorrer para obter informações sobre o que está a acontecer no mundo” (Keane, 2013: 129). Mas de uma forma geral, os cidadãos não perdem muito tempo a refletir sobre o mundo. Estão sempre a comunicar com outros, mas preocupados apenas com eles mesmos. As consequências que advêm deste facto são terríveis, pois milhões de pessoas estão a comunicar, mas poucas comunicam racionalmente com terceiros. John Keane (2013: 129) admite mesmo que estes indivíduos sofrem com o facto de quem está no poder não lhes prestar atenção, e por essa razão a “autorrepresentação é o último recurso”.

2.6.3 – O *infotainment*

O termo *infotainment* surge a partir da aglutinação das palavras inglesas *information* (informação) e *entertainment* (entretenimento). Ao se regerem por uma lógica de mercado, as

instituições jornalísticas já não se importam tanto em produzir conteúdos complexos e pesados, que informem verdadeiramente os cidadãos, para que o seu contributo para o debate democrático seja válido, bem pelo contrário, cederam aos produtos *light*, que têm como objetivo entreter o seu público (Correia, 2004b: 7-8). Esta tendência não é nova; já havia sido referida por Habermas como tendo ocorrido no século XIX, com a imprensa de massas (Rodrigues, 2006: 15). Os jornais deixam, assim, de ser “o mero suporte de grandes cruzadas ideológicas para incluírem secções destinadas ao entretenimento” (Rodrigues, 2006: 16).

Tal não significa que toda a informação se tenha convertido em diversão ou que seja esse o seu único fim. Sem embargo, a informação para o grande público visa cada vez menos a formação cívica dos seus destinatários, por outro lado a sua elaboração tem cada vez mais em conta a curiosidade informativa. A informação que realmente reflete os interesses reais dos destinatários está a ser rotulada de informação especializada (Fidalgo, 2015: 212). Como vimos anteriormente, a função da informação séria, que trata sobretudo os temas de economia, finanças, política e cultura, é a formação cívica dos cidadãos, visando a obtenção de uma consciência cívica e a participação na vida pública. No entanto, essa formação acaba por ser “uma opção dos recetores da informação e não uma educação imposta pelos jornalistas” (Fidalgo, 2015: 212-213). Parafraseando António Fidalgo (2015: 212-213), se não existir este propósito de formar os cidadãos para que participem na arena pública, então a informação transformar-se-á em diversão, movida pela curiosidade informativa inata do ser humano. O autor frisa ainda que a informação é diversão “quando desvia a atenção de quem a recebe das circunstâncias e dos reais problemas do dia-a-dia” (Fidalgo, 2015: 212).

Na Internet a problemática do *infotainment* torna-se ainda mais controversa, visto que o novo meio permite que os indivíduos selecionem aquilo que querem ver, podendo optar por conteúdos de entretenimento em vez de produtos de informação. Como consequência, os jornalistas estão a tentar prender o público com notícias de variedades e renderam-se à lógica do *clickbait* nas redes sociais, para captar a atenção dos indivíduos com títulos sensacionalistas que os levem a clicar no *link* para aceder a determinada notícia.

Por esse motivo, João Carlos Correia (2004b: 11) assume que o Estado deveria intervir, certificando que existem condições ou criando meios e recursos para que haja um debate plural de qualidade, “com um enquadramento institucional que assegure a existência de uma pluralidade de organizações mediáticas independentes”, impedindo as formas de concentração de poder. Como referimos anteriormente, esta premissa cumpre-se com a “defesa do serviço

público”, através do qual a liberdade de expressão e o direito a informar e ser informado constituem direitos efetivos (Correia, 2004b: 11). Não obstante, os conteúdos mediáticos “devem refletir o pluralismo sociológico e político, proporcionar informação de qualidade e desgovernamentalizada e manter, com as devidas cautelas, uma distância profunda em relação à guerra de audiências” (Correia, 2004b: 11). Por fim, é igualmente importante que os indivíduos desenvolvam uma cultura mediática e que, para tal, as novas tecnologias sejam acessíveis a todos (Correia, 2004b: 12).

2.6.4 – O lucro

Apesar de todo o otimismo em relação às oportunidades do novo meio, Papacharissi (2002: 18) lembra que a Internet surgiu no período capitalista. Como tal, está sujeita às mesmas forças que contribuíram para a transformação da esfera pública no século XIX (Carey apud Papacharissi, 2002: 18). Nos dias de hoje, com milhões de utilizadores, a Internet sofreu uma forte expansão capitalista (Dahlgren & Álvares, 2013: 52). O meio digital é regido pelas lógicas do mercado, que visam a obtenção de lucro. No entanto, esta maneira como a Internet está orquestrada levanta sérios problemas à democracia (Dahlgren & Álvares, 2013: 53).

O espaço comunicativo digital está a ser “colonizado” por corporações, o que significa que a crescente aplicação das lógicas de mercado na Internet vai trazer implicações para as relações de poder *online* (Dahlgren, 2013b: 22). Para muitas corporações, a Internet está a ser percebida como “outra grande empresa de massa” (Papacharissi, 2002: 19), pois apesar do seu acesso barato, é um recurso especialmente rentável para as empresas. As páginas da web estão ainda repletas de várias formas de publicidade, tendo já sido criadas ferramentas para bloquear os anúncios para os utilizadores. Como alerta Papacharissi (2002: 19), os padrões capitalistas que estão a ser aplicados na Internet estão a transformar este meio de comunicação no sentido de um âmbito comercial, afastando-o da promoção do bem-estar social (Papacharissi, 2002: 20).

Profissionais de *marketing*, relações públicas e da área dos negócios encontraram nas redes sociais um meio para atraírem clientes. José van Dijck (apud Dahlgren & Álvares, 2013: 52-53) reconhece que a lógica de várias redes sociais, principalmente do *Facebook*, deixou de ter a tônica no seu utilizador, que tinha poder para controlar minimamente a dinâmica da plataforma, passando a poder ser otimizada por empresas e organizações que expõem os seus

produtos e serviços com base nos gostos e pesquisas dos usuários, mesmo que este não tenha interesse em receber os conteúdos.

Os jornais, que viram a sua circulação impressa diminuir, têm agora de atrair leitores, habituados à gratuidade da informação *online*, para os seus conteúdos pagos. Em Portugal, como vimos anteriormente, o jornal Expresso pode ser apontado como um caso de sucesso, pois lidera a circulação digital paga. Por outro lado, é cada vez mais habitual os jornais fazerem títulos pouco claros, que apelam à curiosidade do leitor para o levar a clicar na notícia e terem, assim, mais visualizações. Na opinião de Maria João Silveirinha (2004: 243), se o jornalismo se focasse mais nas notícias de qualidade e na opinião, por oposição “à atual lógica decorrente de contextos concorrenciais de procura de audiências”, poderia não se estar a assistir ao afastamento dos cidadãos da vida comum e das questões políticas.

Capítulo III

**Serão os comentários *online* o novo
espaço de debate público?**

3.1 - Os comentários *online*

O surgimento da Internet renovou a esperança na redinamização de uma verdadeira esfera pública tendo em conta o seu potencial para criar novas formas de diálogo social. O acesso universal, a comunicação horizontal, não hierárquica, a possibilidade de agir de igual para igual com membros de todo o mundo e ainda de contactar diretamente com governantes e instituições são os pressupostos de um espaço público vibrante, pensado por Habermas, e que a Internet teria a possibilidade de tornar uma realidade.

Uma perspetiva interessante lançada por Ruiz et al. (2011: 463) é a de pensar que se os cafés burgueses foram o espaço para as discussões democráticas nos séculos XVIII e XIX e os jornais tiveram um papel fundamental na mediação da opinião pública no século XX, “então está na altura de avaliar se os jornais *online* providenciam uma nova encarnação da esfera pública, tornando-se os cafés digitais da esfera pública 2.0”. Para tal, os autores vão avaliar a qualidade dos debates no espaço de comentários dos *websites* de cinco jornais internacionais: *The Guardian* (Reino Unido), *The New York Times* (Estados Unidos da América), *Le Monde* (França), *El País* (Espanha) e *La Repubblica* (Itália). O objetivo é averiguar até que ponto os comentários *online* podem configurar uma reativação dos cafés burgueses que levaram à fundação da esfera pública (Ruiz et al., 2011: 463). Os dados foram recolhidos da página principal e das secções de política, economia, internacional, desporto, cultura e sociedade de cada jornal. Os comentários analisados foram feitos das 12 até às 24 horas de 2 a 8 de novembro de 2010, uma semana escolhida aleatoriamente (Ruiz et al., 2011: 468).

De todas as formas de conteúdo gerado pelo utilizador, os comentários são a forma mais comum e popular nos sites dos jornais (Ruiz et al., 2011: 464). A análise do debate entre cidadãos é importante, dado que a Internet é uma extensão da esfera pública, local no qual ocorrem discussões e troca de argumentos (Dahlberg apud Ruiz et al., 2011: 466). No entanto, não importa ter somente em consideração se os cidadãos estão ou não a produzir conteúdo, visto que o que é realmente relevante é a qualidade do que está a ser dito. Como destaca Sartori (apud Ruiz et al., 2011: 465), “o ruído é irrelevante para a democracia”. Por esse motivo, torna-se bastante pertinente, sob o ponto de vista democrático, analisar a discussão pública *online* (Ruiz et al., 2011: 465). Como vimos anteriormente, para uma democracia saudável, é necessário que os participantes se envolvam na discussão, respeitando os princípios básicos, como o pluralismo e a tolerância, e se tentem compreender mutuamente (Ruiz et al., 2011: 466).

Os cinco jornais analisados têm regras normativas para a efetivação da participação no meio digital, que visam sobretudo melhorar a qualidade do debate entre os leitores (Ruiz et al., 2011: 467). Nas entrevistas que os autores do estudo fizeram aos editores *online*, estes últimos explicaram que os jornais se tentam proteger quanto à participação dos cidadãos, recorrendo à moderação de comentários. Por esse motivo, definem regras para garantirem que as contribuições dos vários usuários correspondem aos “padrões de qualidade jornalística” (Ruiz et al., 2011: 464) e sejam compatíveis com os princípios democráticos. Estas normas procuram atingir um equilíbrio entre a liberdade de expressão e o respeito mútuo, que é a “essência da ética democrática” (Ruiz et al., 2011: 471).

O *The New York Times* e o *The Guardian* são os que têm definidas regras mais explícitas no sentido de balizar a participação dos cidadãos para garantir que haja um debate frutífero e respeito pelos pontos de vista dos outros participantes (Ruiz et al., 2011: 471). De acordo com o jornal americano, o objetivo da moderação é criar um espaço no qual os leitores possam trocar comentários substantivos, que reflitam ideias sustentadas e informadas, e que acabam também por melhorar a qualidade das notícias (Ruiz et al., 2011: 471).

Assim, o primeiro requisito para participar no espaço de comentários destes jornais *online* é o registo no *site*. As informações pedidas para o registo variam de plataforma para plataforma. Normalmente, o utilizador tem de fornecer o seu nome, género, *email*, país, código postal e data de nascimento. O *site* do jornal *La Repubblica* pede ainda um número de telefone fixo e um de telemóvel. O *site* do jornal *El País* é o que pede menos informação, sendo apenas preciso um nome de usuário e um endereço de *email* em cada comentário. Já o *site* do *Le Monde* é “o mais restritivo”, visto que apenas permite comentários feitos por assinantes do jornal *online* (Ruiz et al., 2011: 471). O registo é importante, no sentido que responsabiliza, de certa forma, os usuários pelos comentários que efetuam. De acordo com a provedora do *El País*, o anonimato dilui a responsabilidade e conduz a “um clima de impunidade que promove o excesso” (Ruiz et al., 2011: 471). Para si, é preferível que existam regras de participação mais restritivas, que levem à redução do número de participantes, com vista a tornar as conversas “muito mais ricas” (Ruiz et al., 2011: 472).

No que diz respeito à moderação de comentários, apenas o *The Guardian* opta pela revisão depois da publicação dos comentários. Os outros quatro, pelo contrário, reveem os comentários antes destes serem disponibilizados no *site* (Ruiz et al., 2011: 473). Segundo o *The Guardian* (apud Ruiz et al., 2011: 472), a moderação é fundamental porque, enquanto grande organização

de *media*, o jornal tem a responsabilidade de zelar pela qualidade dos conteúdos presentes no seu *site*. Acrescenta ainda que não tem como objetivo censurar comentários, apenas pretende assegurar que as áreas da sua página disponibilizadas para a participação dos leitores são adequadas, inteligentes e respeitam a lei.

Como refere Domingo (apud Ruiz et al., 2011: 472), as estratégias adotadas pelas redações para gerirem a participação da audiência constituem um “fator crucial” para se determinar que responsabilidade assume o jornal em relação à qualidade do debate. Numa redação, nem todos os jornalistas estão responsáveis pela moderação da caixa de comentários. Em alguns casos, esta moderação nem sequer é feita nas redações (Ruiz et al., 2011: 472). No caso do *The Guardian*, qualquer pessoa que esteja interessada em colaborar pode-se candidatar a este cargo.

Para um debate democrático com qualidade é fundamental que os participantes se reconheçam como interlocutores válidos. Assim, é crucial que haja respeito pelos intervenientes da conversa, um indicador que pode ser medido pela presença de insultos e referências depreciativas face aos restantes participantes (Ruiz et al., 2011: 476-477). De acordo com Ruiz et al. (2011: 464), a acumulação de insultos e linguagem depreciativa nos comentários das notícias faz já parte do debate no seio da indústria dos *media*, tendo como possíveis soluções a criação de restrições mais rigorosas (Peacock apud Ruiz et al., 2011: 464) ou o cancelamento por completo da funcionalidade (Rieder apud Ruiz et al., 2011: 464). Não obstante, os autores acreditam que a moderação conseguiu manter as caixas de comentários praticamente livres de insultos, dado que menos de 1% de todos os comentários analisados contém linguagem insultuosa.

Quanto à linguagem depreciativa, esta aparece mais frequentemente, representando 10% de todos os comentários, todavia, na maior parte dos casos é usada contra os intervenientes das notícias e instituições políticas no geral e não contra outros utilizadores. Por vezes, também os próprios jornalistas e jornais recebem críticas que podem ter presente este tom depreciativo. Os autores pressupõem que existe uma taxa muito baixa de comentários excluídos nos jornais *online* (apesar de não terem dados que o comprovem) e que por essa razão acreditam que são os próprios usuários que tentam evitar insultar os outros intervenientes, preferindo outras estratégias retóricas, como a ironia, para mostrar o seu desagrado. Se os insultos são detetados relativamente fácil por *softwares* de filtragem e por moderadores, a ironia, por outro lado, requer uma avaliação mais subjetiva (Ruiz et al., 2011: 477).

De uma maneira geral, não se verificam muitas interações entre os participantes no debate, sendo que apenas 1,3% dos intervenientes participam mais de três vezes num espaço de comentários e há poucas interações entre os participantes do debate. De igual modo, também é raro os intervenientes perguntarem mais detalhes sobre a posição do seu interlocutor, para além de que “quase nunca apoiam os pontos de vista de outra pessoa” (Ruiz et al., 2011: 481). Este facto tem consequências negativas, visto que a falta de diversidade de opiniões pode desencorajar um diálogo mais intenso.

No *Le Monde* esta homogeneidade faz-se sentir ainda mais, uma vez que a possibilidade de fazer comentários está restrita aos assinantes (Ruiz et al., 2011: 481). No jornal francês, os leitores exprimem livremente a sua opinião, por vezes de formas muito eloquentes, citando clássicos da literatura francesa ou compositores nacionais, no entanto acaba por ser o meio no qual menos usuários tentam argumentar a sua posição. Os autores do estudo dão ainda conta de que é muito mais comum a presença de ironia, exclamações e perguntas retóricas (Ruiz et al., 2011: 481).

Nas comunidades de debate nos *sites* do *The New York Times* e do *The Guardian* as discussões são caracterizadas por uma maior troca de pontos de vista e por um maior número de interações reais entre os participantes, do que nos restantes jornais analisados. As diferentes opiniões são bem aceites e, de uma forma geral, respeitadas. Quem contribui, tenta sustentar as suas crenças com argumentos. Principalmente no *The New York Times*, há uma maior tendência para que, quando se gera um debate, este seja um intenso diálogo civilizado de argumentos (Ruiz et al., 2011: 479). Por outro lado, nos outros três jornais *online*, são poucos os usuários que contribuem com mais do que um comentário, o que os autores descrevem como um “diálogo de surdos” (Ruiz et al., 2011: 480).

As conclusões dos autores apontam no sentido de que o espaço de comentários nas notícias continua a propagar pontos de vista hegemónicos, lesando a pluralidade de ideias. No entanto, não deixam de destacar as discussões que se vão verificando, mais nalguns jornais do que noutros, em que os cidadãos se envolvem numa troca efetiva de argumentos, que os autores veem como um motivo de esperança para a obtenção de um espaço público digital vibrante (Ruiz et al., 2011: 484).

Uma visão mais pessimista tem o atual diretor do *Expresso*, Pedro Santos Guerreiro, que explica que a retirada do espaço de comentários do *site* do jornal, em janeiro, foi motivada para “valorizar o espaço do jornal”, que se estava a transformar num espaço de “difamação, calúnia

e ofensa”. Como explica o jornalista, “quando os espaços de comentários são tornados em espaços de insultos, então quem tem bons contributos para dar, já não os vai dar porque não quer estar ali no meio”. Uma forma de resolver esta problemática é a autorregulação da comunidade ou a moderação dos comentários por parte dos editores, que Pedro Santos Guerreiro admite que não estava a servir o propósito de melhorar o espaço de debate. No entanto, este espaço não foi totalmente perdido, visto que foi substituído pelas cartas ao diretor, semelhante ao que já acontecia na imprensa. O diretor do semanário acrescenta ainda que o espaço de comentários instantâneos foi transferido para as redes sociais¹¹.

3.2 – Estudo de caso

3.2.1 - Apresentação do *corpus* e metodologia

A análise que apresentamos de seguida tem como principal objetivo perceber como é que efetivamente se realiza o debate *online* na rede social *Facebook* e qual o estado atual da discussão. Consideramos que a análise de comentários é importante para aferirmos até que ponto os comentários produzidos no meio digital permitem o desenvolvimento de uma esfera pública vibrante. Desta forma, pretendemos averiguar se a Internet responde às expectativas que nela foram depositadas de configurar um verdadeiro espaço público global. Apresentamos, por isso, uma pesquisa empírica na qual procedemos, numa primeira fase, a um levantamento de um *corpus* representativo que nos permita atingir os nossos objetivos. Visto que esta análise está inserida num relatório de estágio, faz todo o sentido que o *corpus* escolhido seja de entre os artigos produzidos durante esse mesmo estágio. Como nos interessa estudar a discussão *online* e uma vez que o jornal *Expresso* retirou os comentários do *site*, então resta-nos as redes sociais. Escolhemos, por isso, as publicações que foram partilhadas na página do *Facebook* dos artigos produzidos durante o estágio. O espaço de comentários do *Expresso* na rede social escolhida é público, ou seja, de acesso livre a todos que queiram participar, bastando que para tal possuam uma conta de utilizador.

De entre todas as publicações, escolhemos aquelas que resultaram da partilha dos artigos que escrevemos no período de um mês a seguir à tomada de posse do novo presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, desde o dia 20 de janeiro, até ao dia 20 de fevereiro. A escolha prendeu-se sobretudo com o facto de, entre os temas que tive oportunidade de tratar, este fazer parte de

¹¹ Declarações dadas por Pedro Santos Guerreiro em entrevista e gentilmente cedidas pela colega Cátia Cavaleiro.

um importante tema de política internacional, que acaba por ter implicações mundiais e não só nos Estados Unidos da América.

O número de artigos foi de 25 no total, no entanto, três desses não foram partilhados no *Facebook*, o que resulta num *corpus* de 22 artigos para a nossa análise. Como é evidente, temos a noção de que não é um *corpus* numeroso, porém já nos permite tirar algumas conclusões sobre o tipo de debate que temos atualmente nesta rede social. Por uma questão de facilidade de identificação referirmo-nos a cada uma das 22 publicações pela ordem cronológica com que os artigos foram colocados no *Facebook*.

Para podermos proceder à análise do *corpus* recolhido, utilizamos um método quantitativo de análise que pressupõe um levantamento de dados e o seu posterior tratamento numérico. Desta forma, este método permitiu-nos proceder à análise quantitativa do conteúdo das peças recolhidas, no período referido, através da criação de várias categorias de análise, para melhor sistematizarmos e interpretarmos os dados, que nos permitiram tirar algumas conclusões. Criamos para o efeito 18 categorias de análise e 4 subcategorias.

3.2.2 - Análise dos comentários

No total, foram analisados 838 comentários, dos quais 441 eram comentários principais e 397 eram respostas. Consideramos como comentários principais aqueles que são feitos na caixa principal de comentários imediatamente por baixo do texto e como respostas aqueles que são feitos na caixa de cada um dos comentários principais. Em média, cada publicação tem 20 comentários principais, sendo que, se juntarmos as respostas, dá uma média de 38 comentários. No entanto, convém destacar que há uma grande dispersão destes resultados uma vez que há publicações que atingem mais de 100 comentários no total e 9 dessas publicações têm menos de 10 comentários. Das 22 publicações analisadas, apenas uma não possui qualquer comentário. Nos gráficos n.º 1, n.º 2 e n.º 3, em anexo, indicamos o número discriminado de comentários por publicação.

Em relação ao número de intervenientes no debate, constatamos que em média, há 25 pessoas que participam por publicação, num total de 558¹². Seguidamente, consideramos relevante verificar quantos destes participantes efetuam mais do que um comentário¹³, para aferirmos até

¹² Gráfico n.º 4 (anexo).

¹³ Gráfico n.º 5 (anexo).

que ponto se poderá estabelecer algum debate ou não. Aqui o número é francamente mais baixo, com uma média de 6 participantes por publicação, sendo que há 7 publicações que não tiveram nenhum, que acabam por corresponder também aos artigos que têm menos respostas. Desta forma, apuramos que a grande maioria dos participantes produz apenas um comentário, não se preocupando realmente em dar continuidade ao debate. O exemplo mais gritante é na publicação do artigo 8, que apesar de ser a que teve o maior número de participantes, 101 no total, destes apenas 20 é que participaram mais do que uma vez.

Na sequência deste ponto, decidimos ainda analisar quantos comentários principais é que têm alguma resposta¹⁴. Com esta categoria pretendemos saber como é a distribuição das respostas por comentários, na medida em que, como nos diz Matthew Hindman (2009: 142), é relativamente fácil falar no ciberespaço, mas torna-se difícil ser escutado, logo é importante saber quantas publicações foram respondidas. Não consideramos como resposta se o autor do comentário principal for a única pessoa a comentar. Assim, constatamos que apenas em 5 publicações existem mais de 10 comentários principais que têm alguma resposta. Do total dos 838 comentários, apenas 102 têm pelo menos uma resposta. Destes últimos, a média de respostas por comentário é de 5. Para além do número de comentários com alguma resposta ser muito baixo, os que as têm também não apresentam um grande número, o que acaba por minar a quantidade de debates possíveis.

Seguidamente passamos a analisar quantos comentários¹⁵ é que lançam o debate. Aqui decidimos contar sempre que um comentário tenha respostas de pelo menos dois participantes que não o autor do comentário e que as respostas falem minimamente sobre o conteúdo do primeiro comentário. Anteriormente definimos que um debate verdadeiramente democrático ocorre quando vários interlocutores se reúnem, defendem os seus argumentos e chegam a uma conclusão que tenha em consideração o bem comum. No entanto, na maior parte dos casos isso não se verifica, pois poucos são os comentários que têm muitas respostas. Mas também houve o caso de alguns comentários com poucas respostas, terem intervenções com conteúdo, em que o seu autor defendia o seu ponto de vista e, por esse motivo, não poderíamos deixar de considerar que esses comentários estavam a lançar um debate.

Posto isto, verificamos que de 838 comentários, 39 geram alguma discussão¹⁶. Deste total, apenas 9 têm pelo menos 10 respostas. A publicação do artigo 7 é a que tem um comentário

¹⁴ Gráfico n.º 6 (anexo).

¹⁵ A partir deste ponto, quando se falar de comentários, referir-mo-nos ao total dos principais mais as respostas.

¹⁶ Gráfico n.º 7 (anexo).

com o maior número de respostas: 29. Seguem-se um comentário na publicação do artigo 10, que conta com 25 respostas e um outro na publicação do artigo 2, com 17 respostas. A média por publicação é relativamente baixa: 2 comentários, dado que mais de metade das publicações não tiveram nenhum comentário nesta categoria e, no geral, não se registou nenhum valor acima de 7 discussões por publicação.

Por esse motivo, decidimos criar uma subcategoria, mais subjetiva, para dar conta de que comentários poderiam lançar o debate, mas não obtiveram nenhuma resposta. A criação desta subcategoria deveu-se ao facto de considerarmos que estávamos perante comentários suscetíveis de gerar debate, uma vez que estavam bem formulados, dado que o seu produtor imprimiu a sua opinião e apresentou ainda argumentos para a defender. Contudo, aferimos que apenas 24 comentários no total de publicações é que poderiam lançar o debate¹⁷, o que resulta numa média de 1 comentário por publicação. A publicação do artigo 8 foi a que registou um maior número, com um total de 7 comentários, o que acaba por ser um valor francamente baixo se tivermos em conta que essa publicação teve 84 comentários principais.

Em relação ao número de comentários relacionados com o tema da notícia – não considerando as reações que apenas apresentam *emojis* –, temos, em média, 16 comentários relacionados por publicação¹⁸. No entanto este valor esconde aquilo que realmente acontece: do total dos 838 comentários, apenas 342 estão relacionados com a notícia. Há apenas 5 publicações cujos comentários dos seus participantes estão todos relacionados com o tema da notícia, contudo, são também publicações com poucos comentários. Isto significa que muito mais de metade dos comentários não estão em nada relacionados com a notícia, porém, estes dados não nos permitem aferir se os intervenientes leram ou não a notícia.

Todavia, na publicação do artigo 3, que tem como título “EUA: Vários diplomatas do Departamento de Estado deixam o cargo”, facilmente se constata que o conteúdo de pelo menos 10 comentários revela uma falta de leitura atenta da notícia. O que sucedeu, como se explica na notícia, é que quando há transição de Governo nos Estados Unidos da América, todos os funcionários antigos, por lei, têm de apresentar a sua carta de demissão, dado que o novo presidente tem o direito de nomear a sua equipa. Contudo, o que acontece normalmente é que esses funcionários são reconduzidos ao cargo que estavam a ocupar. O que se verificou desta vez foi que a administração Trump aceitou os seus pedidos de demissão. Este tema acabou por

¹⁷ Gráfico n.º 8 (anexo).

¹⁸ Gráfico n.º 9 (anexo).

ser notícia no *Expresso* porque, horas antes, vários *media* davam conta de que vários funcionários se tinham demitido em massa e outros diziam ainda que estes funcionários tinham sido demitidos, o que configurava uma situação muito mais grave do que era na realidade. Ainda segundo o porta-voz do Departamento de Estado, Mark Toner, muitos dos funcionários que vão ser dispensados vão-se reformar ou excederam o limite de tempo de permanência em serviço. Apesar de o *Expresso* ter publicado o artigo apenas quando havia informação suficiente para se perceber o que realmente aconteceu e de ter explicado tudo isto, outros órgãos não atualizaram as suas notícias, o que pode justificar comentários como estes: “Foram despedidos seus inúteis. Naveguei na net 5 minutos descobri logo o que tinha sucedido. Ou vocês são muito burros ou muito aldrabões”; “Eles foram despedidos. Despedidos”; “Foram demitidos e isto [já] se fala [há tempos] RUA!! O *Expresso* e o seu falso jornalismo”.

Quanto aos comentários em que o interveniente defende o seu ponto de vista, dando argumentos concretos que permitam enriquecer a discussão – o que é aliás, uma das premissas do debate no espaço público – estes são 121, cerca de 14,3% dos comentários totais¹⁹. Se tivermos em conta em quantos comentários se demonstra interesse²⁰ pelas intervenções de outros intervenientes, este número aumenta para 267²¹. Ainda no que diz respeito ao uso de argumentos, quisemos também aferir o número de intervenientes que, para sustentar os seus pontos de vista, apresentam informação adicional ou dados fidedignos, sob a forma de citação ou de hiperligação, relacionados com o tema em questão. Para esta análise não consideramos as situações em que o usuário coloca só um *link* ou só uma citação, uma vez que, se não estão a dar argumentos, então não podemos concluir que essa informação reproduz o ponto de vista de quem a partilha. Assim, temos 11 pessoas que se preocuparam em sustentar os seus discursos, cerca de 2% do total de intervenientes e 1% do total de comentários²².

Partindo do pressuposto teórico de que o debate no espaço público conduz à formação de consensos, em que os intervenientes, depois de discutirem as suas ideias chegam a alguma conclusão, analisamos os momentos em que tal se verifica. No entanto, em nenhum momento os participantes chegam a alguma conclusão. O que ocorre da maioria dos casos, e que temos como exemplo a publicação do artigo 7 – aquele que tem um comentário com o maior número de respostas – é que mesmo quando se dá uma discussão extensa, os utilizadores deixam o

¹⁹ Gráfico n.º 10 (anexo).

²⁰ Consideramos como interesse quando um usuário mostra que leu o comentário a que está a responder, porque fala sobre o conteúdo do comentário anterior.

²¹ Gráfico n.º 11 (anexo).

²² Gráfico n.º 12 (anexo).

debate suspenso, muitos intervenientes ficam sem resposta e não se chega a nenhuma conclusão²³. Por esse motivo, criamos ainda uma categoria para verificarmos quantas das discussões poderiam eventualmente levar a uma tomada de ação por parte dos seus intervenientes, mas constatamos que também nenhuma o poderia fazer. Por outro lado, também devemos ter em atenção que se trata de temas de política americana e que, por essa razão, os intervenientes possam considerar que não têm capacidade para intervir ou tomar ação de alguma forma.

Segundo Ruiz et al. (2011: 481), a escrita de frases ou expressões em letras maiúsculas não é bem vista segundo as regras de etiqueta da Internet, pelo facto de que sugere que o utilizador está a gritar. Por essa razão, decidimos fazer o levantamento do número de comentários que apresentam palavras, expressões ou a totalidade do seu conteúdo escrito em letras maiúsculas. No total de comentários, 34 possuem estes requisitos, sendo que só a publicação do artigo 5 apresenta 10, e quase metade das publicações não apresenta nenhum²⁴.

Como vimos no início deste capítulo, para a existência de um verdadeiro debate democrático é preciso que haja respeito mútuo pelos participantes na discussão. Assim, a presença de insultos e linguagem depreciativa permite-nos aferir a qualidade desse debate e se os intervenientes têm os outros em consideração (Ruiz et al., 2011: 476-477). Não obstante, a análise que realizamos é um pouco mais extensa, porque alargamos também os insultos às personagens da notícia e aos jornalistas. Para o efeito, criamos 3 subcategorias para distinguirmos a quem é endereçado o insulto.

A primeira, insultos às personagens da notícia, é a mais comum, com 85 comentários no total²⁵. Sem surpresa, a personalidade mais insultada nos comentários foi Donald Trump, mas também Hillary Clinton ou Marine Le Pen, por exemplo, foram alvo de ofensas. Outra subcategoria que criamos foi para os insultos aos jornalistas. Grande parte dos 20 comentários que registamos injuriava a comunicação social no geral, apontando falhas e defeitos dos jornalistas portugueses e do próprio *Expresso*²⁶. Também há muitas críticas ao jornal que apontam que o *Expresso* ataca muitas vezes Donald Trump e está a dar-lhe muito destaque. Por fim, a última subcategoria é os insultos a outros intervenientes do debate²⁷, que somam um total de 48. Alguns destes comentários denigrem bastante a imagem dos outros usuários. Isto traz problemas para o debate

²³ Tal situação poderá ter a ver com a natureza informativa, e não tanto deliberativa, das notícias.

²⁴ Gráfico n.º 13 (anexo).

²⁵ Gráfico n.º 14 (anexo).

²⁶ Gráfico n.º 15 (anexo).

²⁷ Gráfico n.º 16 (anexo).

público, não só pela falta de respeito evidente entre os participantes, mas também porque a existência deste tipo de conflitos “frequentemente intimida os participantes de se juntarem à discussão *online*” (Papacharissi, 2002: 16). Como afirma Peter Dahlgren (2013b: 138), a esfera pública degenera quando a discussão se torna irracional, perde a lógica e é desagradável.

Quanto à presença de linguagem depreciativa, palavras ou expressões, que não insultando diretamente, têm uma conotação pejorativa no contexto em que são utilizadas, ou então palavras de baixo calão, verificamos estarem presentes em 242 comentários²⁸, o que representa cerca de 29% dos comentários totais, percentagem que consideramos ser demasiado elevada. No que diz respeito aos comentários que apresentam ironia, estes são 109 no total²⁹, com uma média de 5 comentários por publicação.

Aproveitamos ainda para analisar quantos comentários incentivam o ódio, tendo encontrado 11 comentários³⁰. Aqui incluímos vários tipos de comentários, como por exemplo comentários que incentivam ao ódio racial ou xenófobos, como por exemplo, a palavra “chinocas” e “maldita tralha do Islão”, comentários que incentivam ao ódio político, como por exemplo “esquerdalha” e “zombies de esquerda”, e ainda consideramos um comentário que consistia num *emoji* animado de uma personagem feminina a estender o braço para cima, no que dá a entender ser um símbolo nazi, depois desse mesmo usuário ter enaltecido Donald Trump.

A segunda discussão com mais comentários, presente na publicação do artigo 10, que tem como título “Obama «satisfeito com o envolvimento da comunidade» quando «os valores da América estão em jogo»”, inicia com uma interveniente criticando o antigo presidente norte-americano, e que ao longo da conversa vai fazendo vários comentários racistas e xenófobos em relação a Barack Obama e às populações do Médio Oriente. Como resposta, vários intervenientes insultam-na e criticam os seus argumentos. A mesma interveniente acaba por ameaçar ainda um participante, dizendo “sei bem onde te encontras...cuidado”.

Por fim, quisemos também registar que nenhum dos comentários tem o objetivo de fazer publicidade a algum produto ou serviço.

²⁸ Gráfico n.º 17 (anexo).

²⁹ Gráfico n.º 18 (anexo).

³⁰ Gráfico n.º 19 (anexo).

3.2.3 - Conclusões

Apesar do *corpus* analisado ser reduzido, permite-nos tirar algumas conclusões acerca do tipo de debates nas redes sociais, quando este é feito na página de um jornal. A principal ilação que podemos tirar é que, num espaço que deveria ser de debate, a maior parte dos intervenientes não se interessa por responder a outros participantes. Muitas vezes, quando comenta, não regressa para dar continuidade ao debate. Desta forma, torna-se complicado empreender uma discussão com base na troca de pontos de vista fundamentados, visto que cada pessoa é quase como se falasse apenas para si própria, não se interessando minimamente por aquilo que os outros dizem.

Como também pudemos constatar, o debate gerado nestas arenas públicas não é de todo rico em argumentos, visto que apenas 14,3% dos comentários totais apresentavam argumentos válidos. Também verificamos que muitos dos comentários não estão nada relacionados com o tema da notícia, pois vários intervenientes utilizaram a caixa de comentários somente para criticar o presidente norte-americano, muitas vezes insultando-o, sem relacionarem minimamente essa crítica com algum conteúdo da notícia.

Outro condicionante do debate público é o enxovalhamento na praça pública com interlocutores a insultarem-se uns aos outros, o que acontece com bastante frequência. Na publicação do artigo 7, que tem como título “Presidente mexicano cancela encontro com Trump”, gera-se uma discussão grande, com 29 respostas ao comentário principal, sobre economia política, finanças e fluxo transfronteiriço. Apesar de haver troca de argumentos e cada utilizador partilhar o seu ponto de vista e conhecimentos sobre o tema, verifica-se a existência de muitos insultos, alguns acusando inclusive outros participantes de não estarem devidamente informados sobre o assunto.

Na publicação do artigo 2 ocorrem ainda duas discussões que valem a pena destacar. Uma delas, sobre o Tratado Transpacífico, o comércio livre e que consequências teria para Portugal se saísse da União Europeia, depois de tal ser sugerido por uma interveniente, apresenta troca de argumentos válidos entre vários utilizadores, com exposição de ideias. No entanto, encontram-se também presentes insultos, há utilizadores que ficam sem resposta e não se chega a nenhuma conclusão. O mesmo se verifica numa outra interação na mesma publicação. Porém, apesar desta não descurar o tema da notícia, há uma discussão muito acesa entre os utilizadores, com múltiplos insultos. Como concluímos, não é possível gerar um debate verdadeiramente democrático quando se tem comentários como “Uma vaca racista a balbuciar umas

anormalidades! De rir!”, feito na publicação do artigo 10 em relação a uma interveniente, uma vez que para que o debate sério aconteça é fundamental que os participantes se respeitem.

Apenas na publicação do artigo 8, que é também aquela com mais comentários, se dá uma discussão em que consideramos aproximar-se do ideal do espaço público. Trata-se de uma discussão sobre como é que Donald Trump vai aplicar o imposto de 20% sobre as importações mexicanas. Os interlocutores debatem sobre quem pensam que será o verdadeiro pagador do muro na fronteira entre os Estados Unidos e o México, apresentam os seus argumentos e interessam-se pelos comentários dos outros participantes. Por seu turno, a publicação do artigo 13 apresenta um comentário bem elaborado, a dar o seu ponto de vista com um exemplo pessoal, e as respostas que teve foi as de usuários a agradecerem pelo comentário. Ou seja, aquilo que deveria ser a norma, ainda causa estranheza. Já na publicação do artigo 5, um utilizador colocou “sem ofensa” entre parêntesis no final do comentário, o que leva a sugerir que estaria a tentar evitar uma confrontação mais acesa com outros usuários.

A conclusão a que chegamos com a análise que levamos a cabo foi que ainda há muito por fazer no espaço *online*. As potencialidades continuam presentes, o espaço de comentários que analisamos poderia configurar um espaço a que o cidadão acesse, no qual pudesse aprender com o contributo de outros participantes, questionar até, se tivesse dúvidas, ou dar o seu contributo para esclarecer outras pessoas. Em suma, podia ser realmente um espaço útil de debate, se fosse devidamente aproveitado, mas não foi isso que verificamos que está a ocorrer no presente.

Conclusão

As condições criadas pela Internet para potenciar o debate político no espaço público não estão a ser aproveitadas na sua totalidade. A principal conclusão a que chegamos com a análise empírica que levamos a cabo neste trabalho é que os cidadãos estão a desvalorizar os espaços digitais onde o debate seria possível e teria um contributo positivo para a democracia e para a vida pública. Apesar de, durante o trabalho, termos louvado as potencialidades da Internet por ter permitido a criação de um fórum de discussão aberto à participação igualitária de todos os indivíduos e ainda de ter dado voz àqueles que nunca tiveram a oportunidade de aceder ao espaço público, a verdade é que o novo meio não é perfeito.

Devido à presença de muitas empresas e agentes na Internet, que funcionam numa lógica capitalista, o utilizador acabou por perder parte do poder que tinha no controlo sobre a escolha de conteúdos a que queria aceder, devido à otimização de *sites* que segmenta as várias páginas de acordo com as preferências dos usuários. Ou seja, cada indivíduo que navegue na Internet vai receber conteúdos próximos daquilo que procura e com que já concorda. Tal prática é lesiva para o pluralismo de opiniões na medida em que impede os cidadãos de contactarem com pontos de vista diferentes do seu, limitando a compreensão e a tolerância com aquilo que é diferente. Muitos utilizadores tornam-se, assim, consumidores passivos de informação, não tomando o papel proativo de procurarem contactar com visões ideológicas diferentes da sua. Modelos como o da democracia deliberativa, por exemplo, acentuam a tónica no papel do cidadão ativo que contribui para melhorar o debate público.

O meio *online* veio facilitar a comunicação entre os indivíduos, mas nem toda a interação que acontece na rede é de carácter político. A sociabilidade que temos com os nossos amigos, nas nossas páginas pessoais, é diferente daquela que temos num espaço destinado ao debate público. Dado que, como vimos, os jornais são figuras centrais do espaço público, consideramos por isso que o espaço de comentários desses jornais na Internet configura um espaço destinado ao debate. Por esse motivo a nossa intenção era avaliar o estado da discussão e como é que esses espaços estão efetivamente a ser usados. As ilações que tiramos não são nada animadoras. Pelo contrário, certos comentários revelam falta de civismo e uma autêntica falta de respeito pelos outros intervenientes. Os usuários insultam-se, desprezam-se, ignoram-se. Mais de metade dos comentários analisados não está sequer relacionada com o tema da notícia. De uma maneira geral, os indivíduos não têm interesse em lançar o debate.

Os resultados que obtivemos confirmam ainda a tese de alguns autores, que reconhecem que o interesse político por parte da maior parte da população é baixo. Isto acontece possivelmente porque os cidadãos dão a democracia por adquirida. A falta de participação pode ser ainda indicador de que as pessoas se sintam intimidadas a falar de assuntos políticos e, por essa razão, tenham medo de participar. Outro fator pode ser também a falta de informação e as pessoas não participarem por não estarem informadas. Se é certo que ler notícias é uma tarefa que diariamente consome muito tempo e os cidadãos comuns não tenham essa disponibilidade, por outro é importante que as pessoas estejam informadas para evitar práticas de dominação e manipulação.

Como vimos, cabe ao jornalismo a função de informar as pessoas. No entanto, também os meios de comunicação social pertencem a grandes empresas, regidas pelas lógicas de mercado, o que tem como consequência uma perda na qualidade da informação. Torna-se, por isso, necessária a reflexão sobre o papel do jornalismo e dos *media* em geral na manutenção de uma opinião pública informada. No decorrer do trabalho abordamos vários momentos em que o jornalismo é ameaçado. Na incessante busca por mais audiências, certos meios de comunicação começaram a dar preferência a temas mais simples, que fossem mais ao encontro do interesse do público. A informação vai progressivamente cumprindo a função de entreter o público, em detrimento de o informar. O jornalismo passa, assim, a ser mais superficial, deixando para segundo plano conteúdos pesados, com profundidade, cuja produção é mais dispendiosa.

Consideramos ainda que a Internet veio acentuar a homogeneização de conteúdos que já existia nos *media* tradicionais, uma vez que, de uma forma geral, todos os meios fazem notícias sobre os mesmos acontecimentos. Como pude constatar durante o estágio, não falar de uma matéria dada por outros órgãos é ficar para trás, ainda que haja sempre a tentativa de contar o acontecimento de uma maneira original ou segundo outra abordagem. Esta é ainda uma técnica muito usada para tratar dos temas da secção de Internacional. Dado que a falta de recursos não permite uma rede alargada de correspondentes, os temas do resto do mundo são maioritariamente tratados com base nos grandes jornais internacionais como fonte de informação. Mas também a necessidade do imediatismo e de ser o primeiro a dar uma informação pode explicar este fenómeno, na medida em que o meio de comunicação até pode ter correspondentes num determinado sítio, no entanto, a notícia já foi dada por outro *medium* e é mais rápido citar quem já deu a notícia do que esperar pelo texto do correspondente.

Um dos grandes desafios que atualmente se coloca ao jornalismo no meio *online* é o de não ser o único produtor de conteúdos. Não concordamos com o conceito de jornalismo cidadão, ainda que muitos autores o utilizem, pois não consideramos que um cidadão esteja equiparado a um jornalista para produzir informação séria, com fontes confirmadas, respeitando os princípios éticos e deontológicos da profissão. No entanto, as pessoas estão a produzir conteúdos para a Internet. Por esse motivo, vários autores apontam que o novo papel do jornalista no meio digital é o de seleccionar informação, credibilizando-a e filtrando aquela que não tem interesse ou é falsa. Também não concordamos na totalidade que o caminho a seguir seja esse, dado que os jornalistas não têm tempo para tudo e é mais importante que dispensem esse tempo a produzir conteúdos bem estruturados, sem prejuízo de poderem partir de temas sugeridos ou abordados pelos cidadãos.

A crise no jornalismo conduziu ao emagrecimento das redações. No *Expresso* trabalham apenas 6 jornalistas no *Online*, apesar de alguns jornalistas do semanário acabarem também por escrever artigos para o *site* e ter alguns colaboradores a escrever a partir de casa. Nesta secção os jornalistas tratam de todos os temas, mesmo daqueles que não dominam tão bem. Faz falta mais gente, no entanto, acreditamos que esta falta de investimento no *online* seja motivada pelo facto de os jornais ainda não terem encontrado um modelo totalmente eficaz para o jornalismo vencer no meio digital. Como podem os jornalistas incentivar os indivíduos a pagar por informação, se a mesma circula na Internet de forma gratuita, configura uma das perguntas até agora sem resposta. No entanto, o *Expresso* pode ser considerado um caso de sucesso, visto que está a conseguir vingar no novo meio com o *Diário*, um produto relativamente recente. Na nossa visão e uma vez que conhecemos bem os conteúdos desta publicação, o sucesso deve-se à qualidade da informação. Ou seja, consegue-se concluir que as pessoas estão dispostas a pagar por informação séria, por artigos e reportagens longos, que lhes expliquem os acontecimentos complexos que acontecem em Portugal e no mundo.

Posto isso, a nossa opinião é de que o jornalismo tem de educar as populações para que estas percebam a importância da informação de qualidade. Para o mais básico exercício do direito cívico, o voto, é extremamente fundamental que as pessoas estejam informadas sobre os candidatos, as suas propostas e algum contexto, para que possam escolher um representante com o qual se identifiquem e apoiem as suas ideias. Como vimos anteriormente, na democracia tradicional, os cidadãos são governados pela vontade da maioria e, por essa razão, para que a “regra da maioria” seja considerada legítima, é preciso que os indivíduos efetuem as suas escolhas de forma racional (Silveirinha, 2005: 150). Não obstante, com a nossa análise também

concluimos que muitos intervenientes estão descontentes com a comunicação social e não lhe dão o devido valor. Assim, torna-se igualmente necessário uma mudança de mentalidades, no sentido de levar os cidadãos a compreenderem que sem jornalismo, a democracia é posta em causa.

Por fim, estamos conscientes de que a nossa análise revela que a qualidade do debate no espaço de comentários do *Facebook* é fraca. Reconhecemos também que uma análise mais extensiva a mais órgãos de comunicação e sobre outros temas políticos, inclusive de política nacional, nos permitisse avaliar de uma forma mais exata as discussões que as pessoas levam a cabo. No fundo, continuamos otimistas de que poderá ocorrer uma mudança de paradigma no que diz respeito ao debate no espaço público digital. Acreditamos que as potencialidades da Internet de configurar uma nova esfera pública são demasiado promissoras e capazes de melhorar a vida democrática dos cidadãos para não haver uma vontade maior de as fazer cumprir. Como fica implícito na nossa discussão, para que isto aconteça, é necessário também apostar numa cidadania mais consciente, mais responsável, que passa em grande medida por uma ética comunicativa que está para além dos *media* e dos jornalistas. Assim, mantemos a esperança de que, no futuro, as pessoas possam debater questões políticas, económicas, sociais, entre outras, num fórum *online* como as caixas de comentários dos jornais no *Facebook*, com respeito mútuo pelos seus intervenientes, contribuindo com argumentos racionais e chegando a uma conclusão que leve à tomada de uma ação que beneficie o bem comum.

Referências bibliográficas

Arendt, H. (2001). *A condição humana*. Lisboa: Relógio D'Água Editores. (Trabalho publicado pela primeira vez em 1958).

Associação Portuguesa para o Controlo de Tiragem e Circulação (2017). Informação sobre tiragens e circulação do Expresso. Retirado de http://www.apct.pt/Analise_simples.php?idSegmento=2&ano=2016&ordenacao=tiragem1Bi%20DESC

Barber, B. (2003). *Strong democracy: Participatory politics for a new age*. Berkeley: University of California Press. (Trabalho publicado pela primeira vez em 1984).

Bastos, H. (2010). “Da implementação à estagnação: os primeiros doze anos de ciberjornalismo em Portugal”. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bastos-helder-da-implementacao-a-estagnacao.pdf>

Berger, B. (2011). *Attention deficit democracy: The paradox of civic engagement*. Princeton: Princeton University Press.

Cádima, F. (2012). Das crises aos desafios do jornalismo na era pós-wikileaks. In I. Cunha, A. Cabrera & J.P. Sousa (Eds.), *Pesquisa em media e jornalismo: homenagem a Nelson Traquina* (pp. 234-253). Covilhã: Labcom.

Camponez, C. (2002). *Jornalismo de proximidade. Rituais de comunicação na imprensa regional*. Coimbra: MinervaCoimbra.

Carpentier, N. (2011). *Media and participation: A site of ideological-democratic struggle*. Bristol: Intellect.

Carpentier, N., Dahlgren, P. & Pasquali, F. (2013). Waves of media democratization: A brief history of contemporary participatory practices in the media sphere. *Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies*, 19(3), 287-294.

Castanheira, J. P. (2004). *No Reino do Anonimato*. Coimbra: MinervaCoimbra.

Castanheira, J. P. (2013). A história de 2080 semanas. Retirado de http://expresso.sapo.pt/site_expresso_40_anos/a-historia-de-2080-semanas=f777795

Castells, M. (2008). The new public sphere: global civil society, communication networks, and global governance. *ANNALS, AAPSS*, 616, 78-93. doi:10.1177/0002716207311877

- Cohen, B. (1963). *The Press and Foreign Policy*. Princeton: Princeton University Press.
- Correia, J. C. (1997). Jornalismo e espaço público. Retirado de http://www.bocc.ubi.pt/pag/jcorreia_jornalismo.pdf
- Correia, J. C. (2004a). *Comunicação e cidadania: Os media e a fragmentação do espaço público nas sociedades pluralistas*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Correia, J. C. (2004b). A fragmentação do espaço público: novos desafios ético-políticos. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/correia-joao-carlos-fragmentacao-do-espaco-publico.pdf>
- Correia, J. C. (2005). *Sociedade e comunicação: estudos sobre jornalismo e identidades*. Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Correia, J. C. (2010). Novos jornalismo e vida cívica: limites e possibilidades do “jornalismo deliberativo”. In I. S. Morgado & A. Rosas (Eds.), *Cidadania Digital* (pp. 71-100). Covilhã: Livros LabCom.
- Dahlberg, L. (2011). Web 2.0 divides: A critical political economy. *Media & Jornalismo*, N.º 18, Vol.º 10, N.º 1, 84-99.
- Dahlgren, P. (2005). The Internet, public spheres, and political communication: Dispersion and deliberation. *Political Communication*, 22(2), 147-162. doi:10.1080/10584600590933160
- Dahlgren, P. (2011). As culturas cívicas e a Internet: Para uma contextualização da participação política. *Media & Jornalismo*, N.º 18, Vol.º 10, N.º 1, 11-30.
- Dahlgren, P. (2013a). Online journalism and civic cosmopolitanism. *Journalism Studies*, 14(2), 156-171.
- Dahlgren, P. (2013b). *The political web: Media, participation and alternative democracy*. Londres: Palgrave Macmillan.
- Dahlgren, P. (2014a). Political participation via the web: Structural and subjective contingencies. *Interactions: Studies in Communication & Culture*, 5(3), 255–269.
- Dahlgren, P. (2014b). Social media and political participation: Discourse and deflection. In C. Fuchs & M. Sandoval (Eds.), *Critique, Social Media and the Information Society* (pp. 191-202). Nova Iorque: Routledge.

Dahlgren, P. & Álvares, C. (2013). Political participation in an age of mediatisation, *Javnost - The Public: Journal of the European Institute for Communication and Culture*, 20(2), 47-65. doi:10.1080/13183222.2013.11009114

Dourado, M. (2009). A esfera pública no jornalismo cidadão *online*: Refletindo a reconfiguração do conceito de Habermas nas práticas colaborativas da notícia. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-jornalismo-mariana.pdf>

Eksterowicz, A., Roberts, R. & Clark, A. (2003). Jornalismo público e conhecimento público. In N. Traquina & M. Mesquita (Eds.), *Jornalismo Cívico* (pp. 85-105). Lisboa: Livros Horizonte.

Esteves, J. P. (1997). Opinião pública e democracia na sociedade de informação. Retirado de <http://www.bocc.ubi.pt/pag/esteves-pissarra-opiniao-publica.pdf>

Esteves, J. P. (2003). *Espaço público e democracia: Comunicação, processos de sentido e identidades sociais*. Lisboa: Edições Colibri.

Esteves, J. P. (2010). Opinião pública. In J. C. Correia, G. B. Ferreira & P. Espírito Santo (Eds.), *Conceitos de comunicação política* (pp. 21-32). Covilhã: Livros LabCom.

Esteves, J. P. (2011). Novos *media* e deliberação: Sobre redes, tecnologia, informação e comunicação. *Media & Jornalismo*, N.º 18, Vol.º 10, N.º 1, 31-45.

Évora, S. L. (2011). *Concentração dos media e liberdade de imprensa*. Coimbra: MinervaCoimbra.

Expresso (s.d.). Perfil de leitor. Retirado de <http://binaries.cdn.impresa.pt/9f7/e80/5942013/Perfil-de-Leitor--Readers-Profile--Expresso.pdf>

Expresso (2016). Pedro Santos Guerreiro será o novo diretor do Expresso. Retirado de <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2016-02-18-Pedro-Santos-Guerreiro-sera-o-novo-diretor-do-Expresso>

Expresso (2017a). Estatuto Editorial do *Expresso*. Retirado de <http://binaries.cdn.impresa.pt/2e9/60d/10304175/ESTATUTOS-EDITORIAIS-EXPRESSO-2017.pdf>

Expresso (2017b). Expresso torna-se o jornal mais vendido em Portugal. Retirado de <http://expresso.sapo.pt/sociedade/2017-04-27-Expresso-torna-se-o-jornal-mais-vendido-em-Portugal>

Fenton, N. (2012). The internet and social networking. In J. Curran, N. Fenton & D. Freedman (Eds.), *Misunderstanding the Internet* (pp. 123-148). Oxfordshire: Routledge.

Ferreira, G. B. (2010a). Espaços discursivos *online* e democracia deliberativa: Promessas e limites. In I. S. Morgado & A. Rosas (Eds.), *Cidadania Digital* (pp. 101-115). Covilhã: Livros LabCom.

Ferreira, G. B. (2010b). The Internet as a virtual public sphere - Forums online and the limitations of an idea. *Medianali*, 4(8), 1-10.

Ferreira, G. B. (2011). Democracia digital e participação política: O acesso e a igualdade na deliberação *online*. *Media & Jornalismo*, N.º 18, Vol.º 10, N.º 1, 46-61.

Ferreira, G. B. (2012). *Novos media e vida cívica: Estudos sobre deliberação, internet e jornalismo*. Covilhã: Livros LabCom.

Fidalgo, A. (2015). O consumo da informação. In A. T. Peixinho, C. Camponez, I. Vargues & J. Figueira (Eds.), *20 anos de jornalismo contra a indiferença* (pp. 203-213). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Figueiras, R. (2005). *Os comentadores e os media. Os autores das colunas de opinião*. Lisboa: Livros Horizonte.

Figueiredo, A. D. (2015). À descoberta do jornalismo de nova geração. In A. T. Peixinho, C. Camponez, I. Vargues & J. Figueira (Eds.), *20 anos de jornalismo contra a indiferença* (pp. 257-269). Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra.

Fraser, N. (1992) Rethinking the public sphere: A contribution to the critique of actually existing democracy. In C. Calhoun (Ed.), *Habermas and the Public Sphere* (pp. 109-42). Cambridge: MIT Press.

Freedman, D. (2012). Web 2.0 and the death of the blockbuster economy. In J. Curran, N. Fenton & D. Freedman (Eds.), *Misunderstanding the Internet* (pp. 69-94). Oxfordshire: Routledge.

- Gimmler, A. (2012). Deliberative democracy, the public sphere and the Internet. *Philosophy and Social Criticism*, 27(4), 21-39.
- Glynn, C. J., Herbst, S., Lindeman, M., O'Keefe, G. J. & Shapiro, R. Y. (1999). *Public opinion*. Boulder: Westview Press.
- Gomes, W. (2005). Internet e participação política em sociedades democráticas. *Revista Famecos*, 1(27), 58-78.
- Habermas, J. (2012). *A transformação estrutural da esfera pública. Investigações sobre uma categoria da sociedade burguesa*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. (Trabalho publicado pela primeira vez em 1962).
- Hall, S. (1982). The rediscovery of “ideology”: Return of the repressed in media studies. In M. Gurevitch, T. Bennett, J. Curran & J. Woollacott (Eds.), *Culture, society and the media* (pp. 52-86). London: Methuen.
- Hannay, A. (2005). *On the public*. Londres: Routledge.
- Hindman, M. (2009). *The myth of digital democracy*. New Jersey: Princeton University Press.
- Impresa (s.d.). Apresentação do grupo. Retirado de <http://www.impresa.pt/apresentacao-grupo>
- Impresa (2013). Marcas. Retirado de <http://www.impresa.pt/marcas/marca/2013-07-05-Expresso>
- Impresa (2016). Informação 3º Trimestre 2016. Retirado de <http://binaries.cdn.impresa.pt/bc3/fc8/9929001/RC-3-Trim-2016.pdf>
- Innerarity, D. (2006). *O novo espaço público*. Lisboa: Teorema.
- Keane, J. (1991). *A democracia e os media*. Lisboa: Temas e Debates.
- Keane, J. (2013). *Democracy and media decadence*. Nova Iorque: Cambridge University Press.
- Kovach, B. & Rosenstiel, T. (2004). *Os elementos do jornalismo: O que os profissionais do jornalismo devem saber e o público deve exigir*. Porto: Porto Editora.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34.
- Marcondes, V. (2007). Novas tecnologias de conexão e o futuro da esfera pública. *Verso e Reverso*, Ano XXI - 2007/1 - Número 46.

- Mesquita, M. (2003). *O quarto equívoco – O poder dos media na sociedade contemporânea*. Coimbra: MinervaCoimbra.
- Morgado, I. S. (2009). *Direitos do Homem, imprensa e poder*. Covilhã: Livros LabCom.
- Morgado, I. S. & Rosas, A. (2010). *Cidadania digital*. Covilhã: Livros LabCom.
- Observatório da Comunicação (2015). *Anuário da comunicação 2014 – 2015*. Retirado de <https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/06/Anu%C3%A1rio-da-Comunica%C3%A7%C3%A3o-2014-2015.pdf>
- Observatório da Comunicação (2016). *A Imprensa em Portugal*. Retirado de https://obercom.pt/wp-content/uploads/2016/07/2016_OBERCOM_A_Imprensa_em_Portugal.pdf
- Observatório da Comunicação (2017). *Notícias, “fake news” e a participação online*. Retirado de https://obercom.pt/wp-content/uploads/2017/02/2017_OBERCOM_noticias-fake-news-participa%C3%A7%C3%A3o-online.pdf
- Olsson, T. (2014). “The architecture of participation”: For citizens or consumers? In C. Fuchs & M. Sandoval (Eds.), *Critique, social media and the information society* (pp. 203-215). Nova Iorque: Routledge.
- Paixão, P. (2015). Expresso a caminho dos 43. Uma vida em 43 momentos. Retirado de <http://expresso.sapo.pt/sociedade/expresso-a-caminho-dos-43-uma-vida-em-43-momentos=f905084>
- Papacharissi, Z. (2002). The virtual sphere: the internet as a public sphere. *New Media Society*, 4(1), 9-27. doi:10.1177/14614440222226244
- Pinto, J. S. (2001). *Comunicasos*. Lisboa: Verbo.
- Rieffel, R. (2003). *Sociologia dos media*. Porto: Porto Editora.
- Rocha, N. (1994). Os meios de comunicação após a Revolução dos Cravos (1974-1996). In A. P. Quintero (Ed.), *História da Imprensa* (pp. 369-396). Madrid: Planeta Editora.
- Rodrigues, C. (2006). *Blogs e a fragmentação do espaço público*. Covilhã: Livros LabCom.
- Rosas, A. (2010). O virtual é o real finalmente materializado: A Internet e os novos micro-espacos públicos democráticos. In I. S. Morgado & A. Rosas (Eds.), *Cidadania Digital* (pp. 117-142). Covilhã: Livros LabCom.

- Ruiz, C., Domingo, D., Micó, J. L., Díaz-Noci, J., Meso, K. & Pere, M. (2011). Public sphere 2.0? The democratic qualities of citizen debates in online newspapers. *The International Journal of Press/Politics*, 16(4), 463-487. doi:10.1177/1940161211415849
- Sandoval, M. (2014). Social Media? The Unsocial Character of Capitalist Media. In C. Fuchs & M. Sandoval (Eds.), *Critique, social media and the information society* (pp. 144-164). Nova Iorque: Routledge.
- Serrazina, F. (2012). Esfera pública, tecnologia e reconfiguração da identidade individual. *Observatorio Journal*, 6(3), 177-191.
- Silva, E. C. (2004). *Os donos da notícia: Concentração da propriedade dos media em Portugal*. Porto: Porto Editora.
- Silveirinha, M. J. (2004). *Identidades, media e política*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Silveirinha, M. J. (2005). Democracia deliberativa e reconhecimento: repensar o espaço público. In J. C. Correia (Ed.), *Comunicação e Política* (pp. 147-180). Covilhã: Universidade da Beira Interior.
- Silveirinha, M. J. (2010). Esfera Pública. In J. C. Correia, G. B. Ferreira & P. Espírito Santo (Eds.), *Conceitos de comunicação política* (pp. 33-42). Covilhã: Livros LabCom.
- Sindicato dos Jornalistas (2002). Na morte de João Carreira Bom. Retirado de <http://www.jornalistas.eu/?n=489>
- Teixeira, M. O. (2014). A interação usuário x jornal em um site de rede social: Indícios de uma mudança. *Brazilian Journalism Research*, 10(1), 192-217.
- Traquina, N. (2003). Jornalismo cívico: reforma ou revolução? In N. Traquina & M. Mesquita (Eds.), *Jornalismo Cívico* (pp. 9-17). Lisboa: Livros Horizonte.
- Traquina, N. (2005). *Teorias do jornalismo. Volume I: Porque as notícias são como são*. Florianópolis: Insular.
- Van Dijk, T. A. (2005). Poder e a imprensa. In *Discurso, notícias e ideologia: Estudos na análise crítica do discurso* (pp. 73-95). Porto: Campo das Letras.
- Wolton, D. (1995). As Contradições do Espaço Público Mediatizado. *Revista de Comunicação e Linguagens, Comunicação e Política*, nº 21-22, 167-188.

Anexos

Gráficos de análise

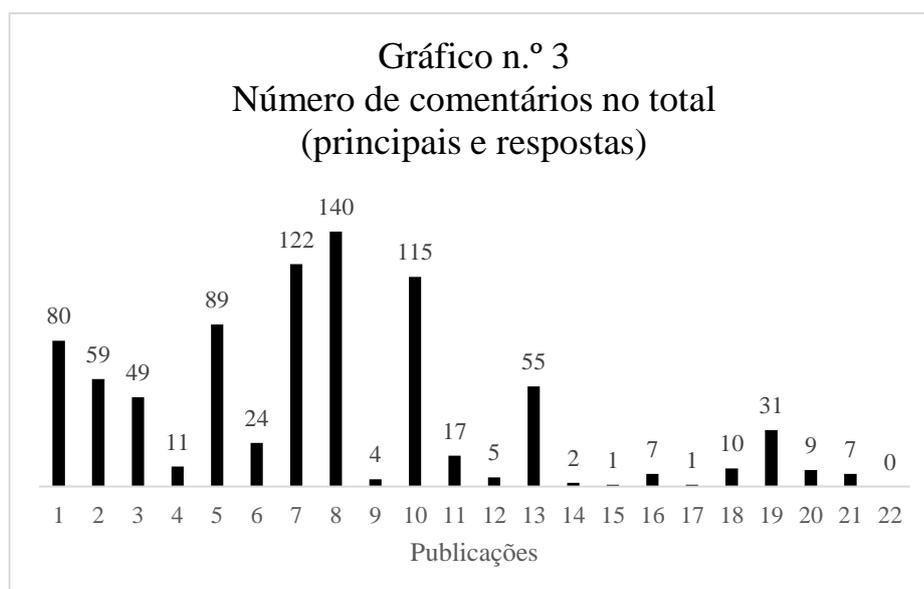
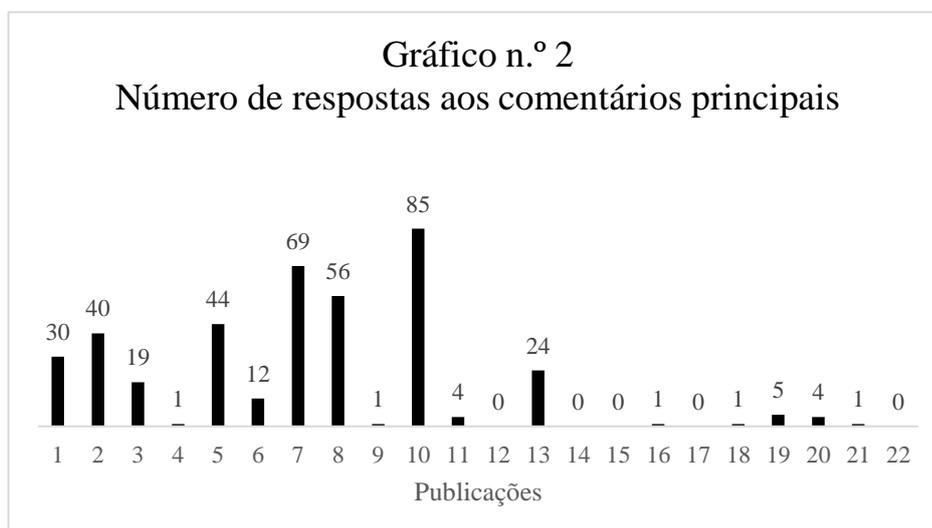
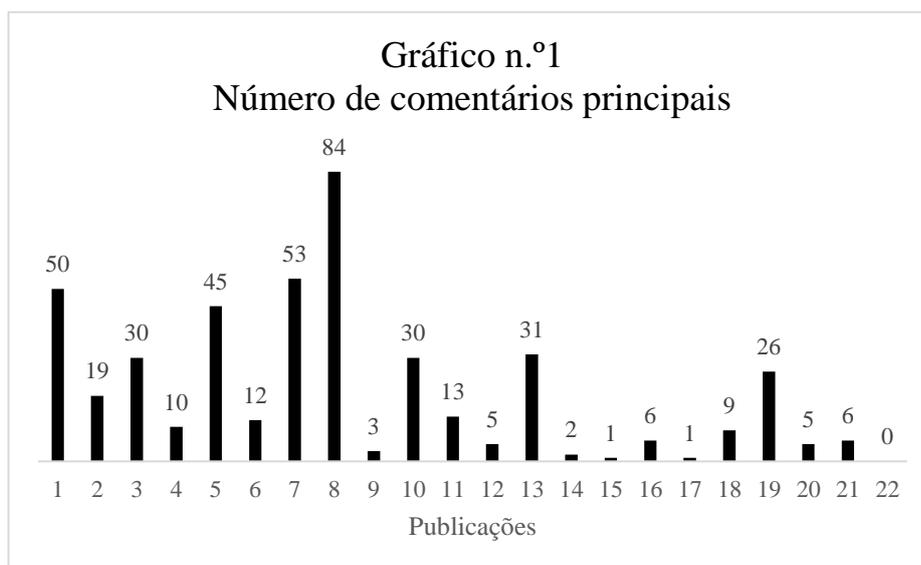


Gráfico n.º 4
Número de intervenientes que participam

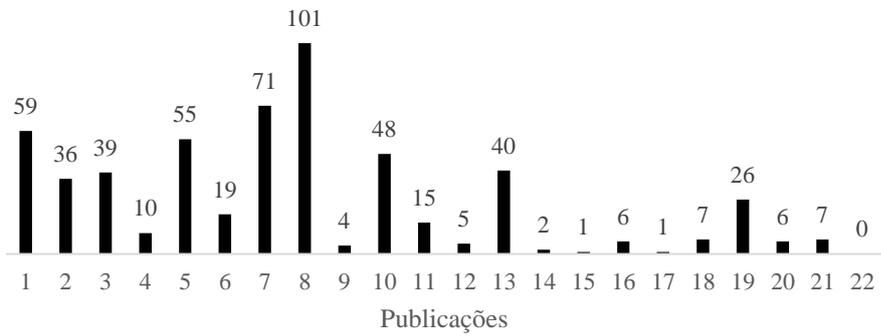


Gráfico n.º 5
Número de intervenientes que participam e fazem mais do que um comentário

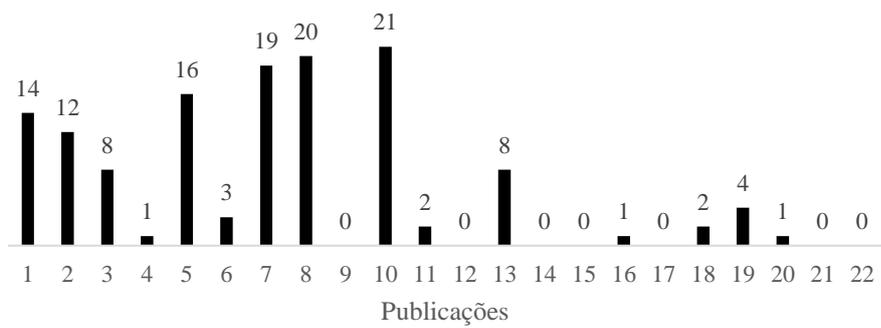


Gráfico n.º 6
Número de comentários principais que têm alguma resposta

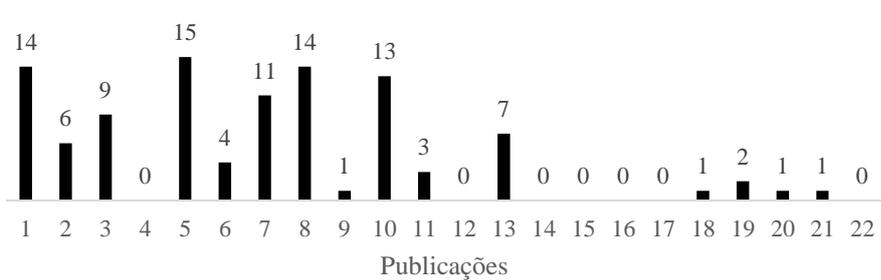


Gráfico n.º 7
Número de comentários de lançam o debate

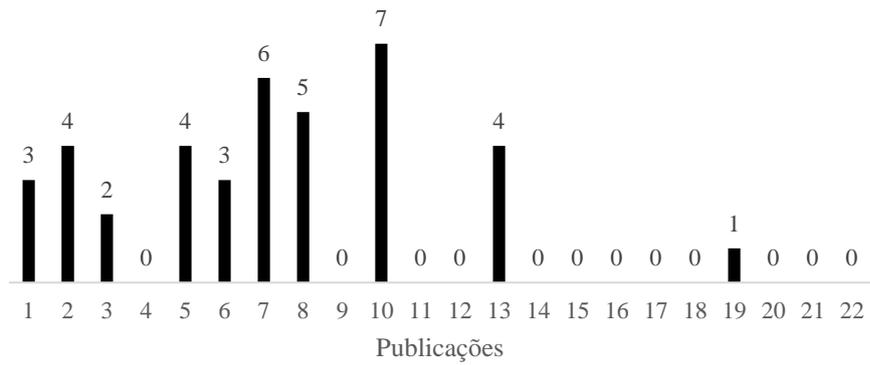


Gráfico n.º 8
Número de comentários que têm o intuito de lançar o debate

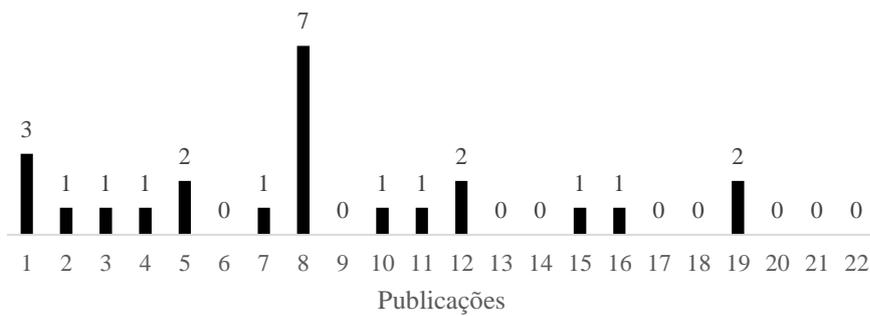


Gráfico n.º 9
Número de comentários que estão relacionados com o tema da notícia

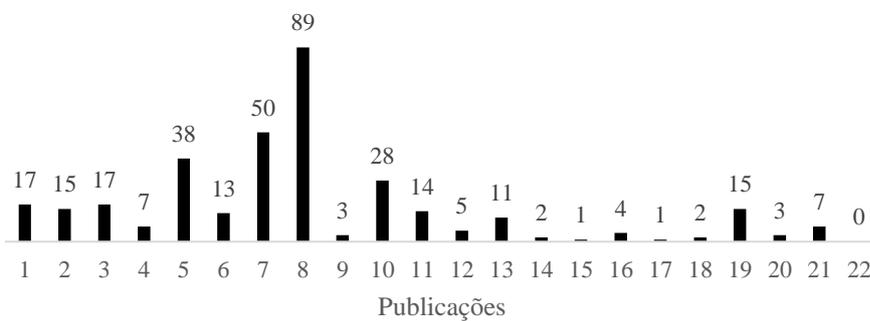


Gráfico n.º 10
Número de comentários em que o interveniente defende o seu ponto de vista

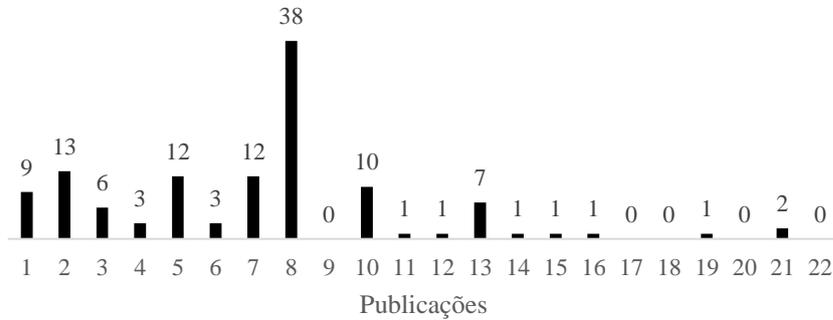


Gráfico n.º 11
Número de comentários em que os intervenientes mostram interesse nos argumentos de outros participantes

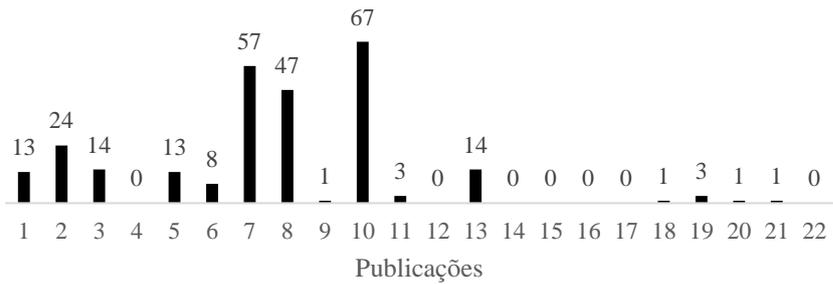


Gráfico n.º 12
Número de intervenientes que para sustentar os seus pontos de vista apresenta informação adicional

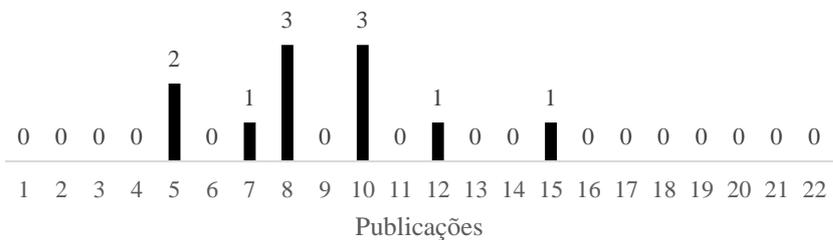


Gráfico n.º 13
Número de comentários que apresentam
palavras, expressões ou a totalidade do seu
conteúdo escrita em letras maiúsculas

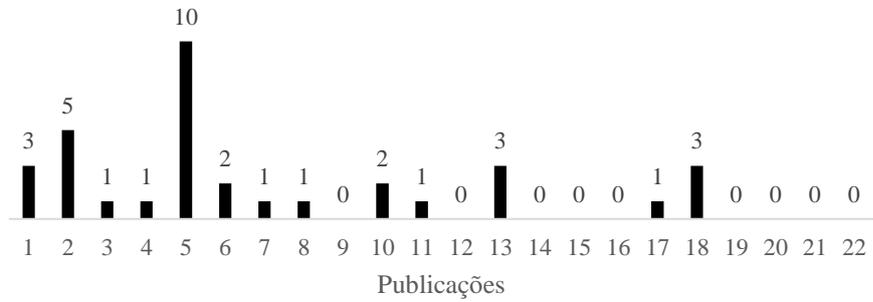


Gráfico n.º 14
Número de comentários que apresentam
insultos aos intervenientes da notícia

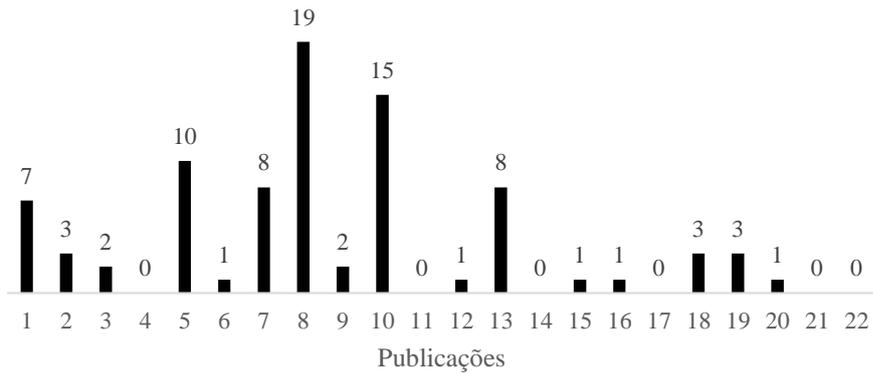


Gráfico n.º 15
Número de comentários que apresentam
insultos aos jornalistas

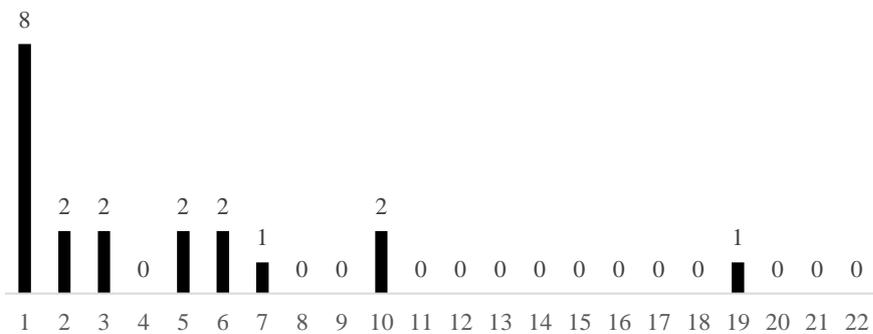


Gráfico n.º 16
Número de comentários que apresentam insultos
aos outros intervenientes do debate

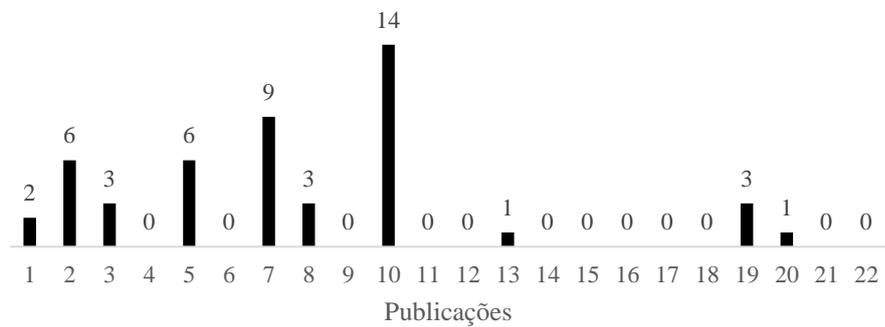


Gráfico n.º 17
Número de comentários que apresentam
linguagem depreciativa

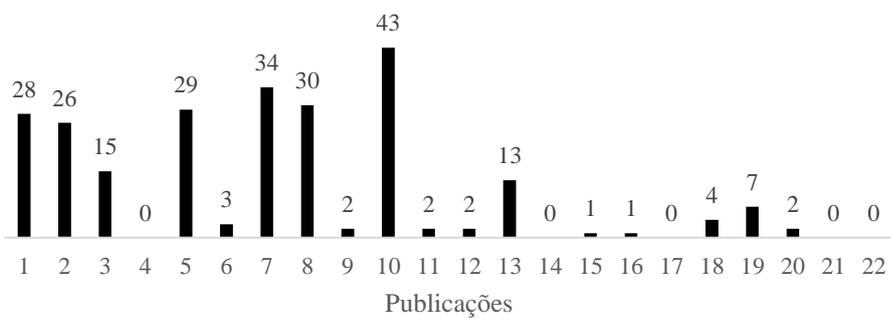


Gráfico n.º 18
Número de comentários que apresentam ironia

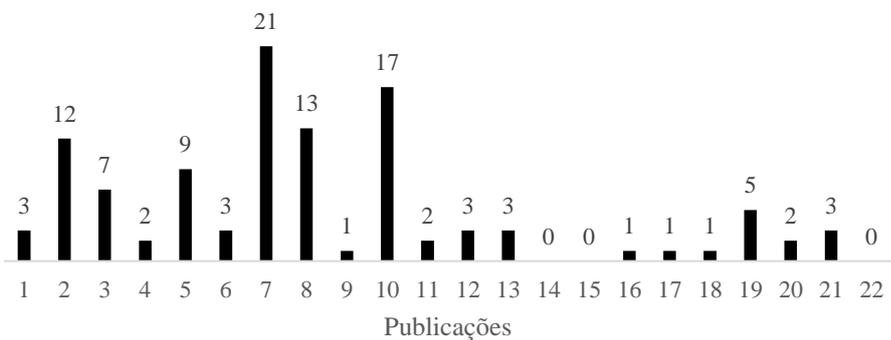
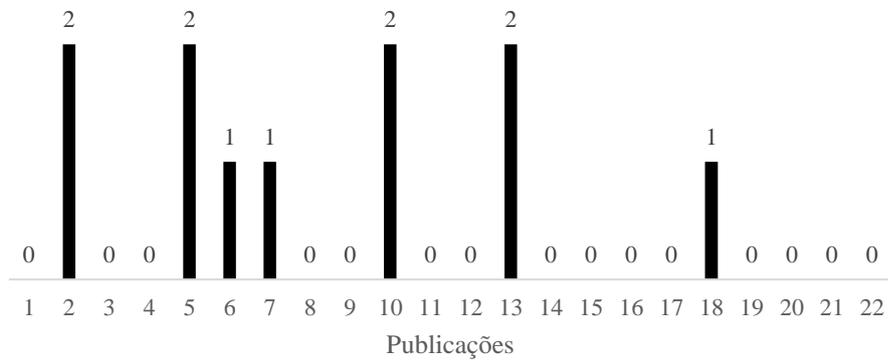


Gráfico n.º 19
Número de comentários que incentivam ao ódio



Categorias de análise

Categoria 1	Número total de comentários principais
Categoria 2	Número total de comentários e respostas
Categoria 3	Número de intervenientes que participam
Categoria 4	Quantas vezes um interveniente faz mais do que um comentário
Categoria 5	Quantos comentários principais têm alguma resposta
Categoria 6	Quantos comentários lançam o debate
Categoria 6.1	Quantos têm o intuito de lançar o debate
Categoria 7	Quantos comentários estão relacionados com o tema
Categoria 8	Número de comentários em que o interveniente defende o seu ponto de vista
Categoria 9	Quantos intervenientes mostram interesse nos argumentos de outros participantes
Categoria 10	Quantos intervenientes usam fontes para sustentar os seus argumentos
Categoria 11	Quantos intervenientes chegam a alguma conclusão
Categoria 12	Quantas discussões poderão levar à tomada de ação
Categoria 13	Quantos comentários apresentam palavras, expressões ou a totalidade do seu conteúdo escrita em letras maiúsculas
Categoria 14	Quantos comentários apresentam insultos
Categoria 14.1	Às personagens da notícia
Categoria 14.2	Aos jornalistas
Categoria 14.3	A outros intervenientes do debate
Categoria 15	Quantos comentários apresentam linguagem depreciativa
Categoria 16	Quantos intervenientes recorrem ao uso da ironia
Categoria 17	Quantos comentários incentivam o ódio
Categoria 18	Quantos comentários fazem publicidade a alguma coisa

Tabela de apresentação do *corpus*

Número do artigo	Título	Data	Link
1	Trump tomou posse mas nomeados para o seu gabinete continuam a levantar polémica por questões éticas	20/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154619293702949
2	Trump assina saída do Tratado Transpacífico	23/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154630440167949
3	Aborto: Trump volta a proibir o financiamento público	23/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154631169982949
4	China declarou “soberania indiscutível” no Mar do Sul da China	24/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154636247192949
5	Trump assinou decreto para construção do muro com o México. E garante que os americanos vão ser reembolsados	25/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154639912657949
6	EUA: Vários diplomatas do Departamento de Estado deixam o cargo	26/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154643113447949
7	Presidente mexicano cancela encontro com Trump	26/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154642335857949
8	Casa Branca: muro será pago com imposto de 20% sobre importações mexicanas	26/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154642852757949

9	“Vamos renegociar os nossos acordos comerciais”. A conversa telefónica entre Trump e Peña Nieto	27/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154645236867949
10	Obama “satisfeito com o envolvimento da comunidade” quando “os valores da América estão em jogo”	30/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154653893152949
11	Iraque já não vai retaliar decisão de Trump	31/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154656926742949
12	Betsy DeVos mais perto de se tornar secretária da Educação norte-americana	31/01/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154657452007949
13	“França já não tem quaisquer fronteiras por causa da UE”: Marine Le Pen elogia medida anti-imigração de Trump	01/02/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154660038512949
14	Eurodeputados pedem que escolha provável de Trump para embaixador na UE seja rejeitada	02/02/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154663198682949
15	EUA podem impor novas sanções ao Irão devido a ensaio de míssil balístico	02/02/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154663643112949
16	Para o ex-diretor da CIA há uma “ligação especial” entre Trump e Putin	06/02/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154674581762949
17	Trump já sabia “há semanas” que Flynn tinha enganado membros da administração	14/02/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154697054472949

18	Trump garante que serviços secretos norte-americanos estão a passar informação de forma “ilegal”	15/02/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154700172812949
19	Trump desconfia dos próprios serviços secretos	16/02/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154703982942949
20	“Herdei uma confusão”. Trump volta a criticar os media e elogia o trabalho da sua administração	16/02/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154704767667949
21	Scott Pruitt, que disse não acreditar nas alterações climáticas, vai liderar a Agência de Protecção Ambiental	17/02/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154708298237949
22	Flynn já tem substituto. Trump nomeia general do Exército seu conselheiro de segurança nacional	20/02/2017	https://www.facebook.com/jornalexpresso/posts/10154717085547949

Corpus

Artigo 1

Expresso - 20/1

Muitos dos escolhidos por Donald J. Trump para integrarem o seu Governo estão a braços com conflitos de interesses, posições extremas e falta de conhecimento sobre as matérias que vão ter de gerir



Trump tomou posse mas nomeados para o seu gabinete continuam a levantar polémica por questões éticas

EXPRESSO.SAPO.PT

Gosto Comentar Partilhar

103 Comentários Principais (sem filtro)

11 partilhas
52 comentários

Fatima Costa Discurso populista no seu essencial, nada de novo, igual ao personagem, a não ser um facto novo, ter enviado um grito a Karl Marx, (que se deve ter revirado de pernas para o ar na sua tumba) quando afirma que vai (devolver) entregar o poder ao povo americano! Desde quando virou comunista Donald Trump?! Veremos, o que o futuro, muito próximo, nos dirá!
Gosto · Responder · 7 · 20/1 às 18:21

António Dias Costa Pois, pois.....
Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 18:43

Cassio Chaves Haja desconhecimento e inocência...
Gosto · Responder · 21/1 às 1:07

Milena Reis E que tal esperarmos para ver como ele governa? O homem ainda so ontem se sentou na cadeira! Como homem de negocios...e um facto que sabe! Como governante, logo se vera! Deixem-no em paz e vejam como governam os nossos!
Gosto · Responder · 1 · 21/1 às 5:44

Emanuel Lopes sim, o marxismo deu o poder ao povo. o poder de não poder fazer nada
Gosto · Responder · 1 · 21/1 às 17:43

Alexandre Fanha Constantino Ninguém é insubstituível----- dêem espaço e tempo ao homem.... acho que tem direito ao benefício da duvida de ser ou não ser capaz de governar ... Foi eleito democraticamente ..portanto há que respeitá-lo----- eu sei que os comunistas e familia não respeitam como seria de esperar pois não valem uma sandes de corato
Gosto · Responder · 5 · 20/1 às 20:04

Eugenia Fern

Gosto · Responder · 20/1 às 21:58

Eugenia Fern

Gosto · Responder · 20/1 às 21:58



Nuno Costa Vai ser um governo para o povo mas as escolhas q faz para o governo levantam na sua maioria questões éticas numa escala sem precedentes, enfim... 'bem prega Frei Tomás, olha para o que ele diz, não olhes para o que ele faz'.

Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 18:05



Artur Medeiros Pereira Um governo para o povo? Acha que um governo de multimilionários que, na maioria, são contra todas as medidas de apoio aos trabalhadores, vão governar para o povo? Viu a audiência da futura secretária da educação no Senado? Se não viu aconselho-o a ver e depois diga-me se espera um governo para o povo desta corja.

Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 18:36



Nuno Costa releia sff

Gosto · Responder · 20/1 às 18:53



José Bolotas "Um governo para o povo" cuja primeira medida vai ser acabar com o obamacare.....

Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 19:55



Artur Medeiros Pereira Nuno Costa, peço desculpa...não li com a devida atenção o que escreveu.

Gosto · Responder · 20/1 às 21:59



Jaime Trabucho Vai acontecer o mesmo q aconteceu a todos os secretários de estado... Todos têm de ser aprovados! Algum foi recusado? Lá Pq um berloque questionou , qual o espanto? Perderam, não tem maioria é teve os seus 5 minutos de fama... Já agora, Expresso. Os Panamá papers? Se estivesse lá o nome do Trump? Estão lá canhotos não é, por isso calaram-se?

Gosto · Responder · 21/1 às 10:57



Luis Monteiro Estou a imaginar o caos nos aeroportos do EUA. Tudo a fugir para o Canadá... e os aviões privados das estrelas de cinema, música e outras, engarrafados à espera de permissão para levantar. Deve ser de loucos. Entretanto, no Canadá já estão preocupados com o fluxo de pessoas pouco recomendáveis que estão a querer ir para lá.

Gosto · Responder · 5 · 20/1 às 19:45



José Bolotas Grunho detected

Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 19:56



Jose Forbes de Bessa



Gosto · Responder · 20/1 às 19:58



Luis Monteiro José Bolotas PCTP/MRPP ? Ahahahahahahah mata-te cretino.

Gosto · Responder · 2 · 20/1 às 20:57



António Manuel Paredes Silva Façam jornalismo sério em Portugal e deixam em paz o Trump mais os homens que escolheu para a sua equipa. Uma coisa ninguém tem dúvidas como a maioria dos democratas, pobres ou menos ricos, este não precisa de roubar o povo americano, e, portanto para chegar a bilionário por certo não deve ser burro. Agora quanto aos homens que levou com ele para a Casa Branca, que não tem experiencia, saber e seu lá que mais, então façam o favor de analisar os curricula dos homens do Costa que colocou no lugar de ministros, secretarios de estado, deputados e demais cargos da administração pública em lugares que só os melhores dos melhores deveriam ocupar. Vão xurdir e façam jornalismo a sério e olhem para a merda e a corrupção que se grassa neste País, como apareceram tantos ricos e porque é que os bancos vão todos à falência. Investiguem a origem do património do PC, do PS e do PSD, dos impostos que não pagam, do licenciamento ou das respectivas portarias, através das quais foram criadas tantas Fundações e quais as que visam interesses públicos e comem do orçamento. Investiguem para que servem cerca de 300 institutos públicos e que fins perseguem neste monstro que se chama administração pública. Mais, para que servem 232 deputados no parlamento que pouca ou nenhuma legislação produzem e comem por 10 euros. E por último onde estão os nomes das pessoas que comem do BES cujos nomes constam dos documentos do Panamá Papers. Vocês não passam duns factotuns.

Gosto · Responder · 7 · 20/1 às 23:00 · Editado



Patricia Couceiro Pode tentar ler mais sobre a forma como chegou a bilionário e perceber a preocupação do mundo . Os meios não justificam os fins ... basta ver todo o gabinete dele para perceber a merda que vai dar

Gosto · Responder · 21/1 às 11:15



Guida Carvalho Tem passado a vida a roubar. Como é que arranjou a fortuna?

Gosto · Responder · 21/1 às 13:07



Jorge Joca Por acaso até roubou uns americanos classe média q investiram nos casinos na Costa Leste

Gosto · Responder · 21/1 às 19:54



Vitor Andrade Dos Anjos Perguntaram ao Mr Trump porque usava o Twitter, respondeu que os media não lhe inspiravam confiança. Pelos comentários de alguns, somos obrigados a aceitar. Muita desinformação e ausência de conhecimento das realidades actuais Americanas. Tem sido tão bem governado que até já conseguiu uma dívida externa de trilhões.

Gosto · Responder · 21/1 às 5:12



Patricia Couceiro Mas a América pode pagar a sua dívida externa . Obama levantou a América internamente. Sabe que precisava por a economia a crescer para depois trabalhar no saldo da dívida. Tem essa capacidade. Aumentou tudo o resto, mas o aumento da dívida é compreensível . Podem pagar essa factura . Ao contrário do que se passa aqui. Aumentamos a dívida e não temos sequer como a pagar.

Gosto · Responder · 21/1 às 11:17



David Castro Eu não gosto do Trump, ele é maluco completo, mas também me parece que o artigo foi feito propositadamente para denegrir todas as escolhas do homem

Gosto · Responder · 20/1 às 23:02



José Valadas Não fosse este senhor poder influenciar qualquer um de nós na nossa vida, a sua eleição até é didática, para vêr (gente desta) , consegue ter tantos apoiantes, que anos para trás tanto mal infligio ao mundo.

Gosto · Responder · 20/1 às 20:05



Vitor Andrade Dos Anjos Se os nomeados fossem do stabelismnt não levantariam polémica...Foi precisamente contra isso que a América democratica, elegeu o Mr Trump.

Gosto · Responder · 21/1 às 5:07



Cassio Chaves Parem de criticar Trump e tudo a ele relacionado. Foi eleito pela vontade e pelo legítimo modelo escolhido pelos americanos. Além disso, tem tudo para ser um grande presidente para seu país. Esse mimimi da imprensa socialista já encheu o sacco!

Gosto · Responder · 21/1 às 1:06



Guida Carvalho Tem tudo? Exemplos?

Gosto · Responder · 21/1 às 13:12



Cassio Chaves Empresário bem sucedido, entende tudo de gestão. Além disso é cristão.

Gosto · Responder · 21/1 às 20:25



Marco Domenico Eles aprendem num instante. é como um emprego por cunhas toda gente se habitua num instante a fazer nada. Os conselheiros e os gestores estão lá para alguma coisa...!

Gosto · Responder · 20/1 às 21:11



Carlos Sousa A CMTV acusou hoje o Expresso de ter lançado uma ofensiva aos seus jornalistas, convidado-os a mudar em troca de contratos milionários. Contactada a Direcção do Expresso esta, sem confirmar ou desmentir, sempre adiantou que está constantemente à procura de elevar a competência, profissionalismo, ética e bom senso da sua equipa e, nesse óptica, os jornalistas da CMTV seriam bem vindos pois seriam um contributo muito grande para aumentar essa características na equipa do Expresso.

Gosto · Responder · 3 · 20/1 às 18:01



Alvaro Natividade Não consegui achar piada....era p ter?

Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 18:10



Saibaba Manuel Rei Tenham vergonha - ao menos dignidade - que jornalismo é este, sempre a bater na mesma tecla - Trump é presidente - voces falam merda -

Gosto · Responder · 6 · 20/1 às 18:49



José Bolotas Sai baba e ódio...

Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 19:56



Saibaba Manuel Rei Bolotas comem os porcos ...

Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 20:01



Evans Fu Reportar noticias não é razão para ter vergonha, se as nomeações estão a gerar escândalo na América devido a questões éticas, porque não haviam de reportar?

Gosto · Responder · 20/1 às 21:04



Saibaba Manuel Rei Mete a ética e o imperativo categórico onde te couber melhor -

Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 21:18

-  **João Santos Silva** Vão inventar tudo e mais alguma coisa para descredibilizar o novo presidente dos EUA
Gosto · Responder · 1 · 21/1 às 20:26
-  **Julia Barria** Então e o Governo de Portugal quantos familiares nomeou para os diversos cargos? porquê atacarem tanto o Trump?
Gosto · Responder · 20/1 às 22:43
-  **Fatima Gaspar** Um discurso de tomada de posse, que mais parecia um comício da sua campanha eleitoral!...Fastidiosos!...
Gosto · Responder · 2 · 20/1 às 18:43
-  **Tago Litao** Cá pela Lusitânia os secretarios de estado servem tanto para finanças como para agricultura...
...mas isso nao é cá noticia 😊
Gosto · Responder · 3 · 20/1 às 20:44 · Editado
-  **Saibaba Manuel Rei** Desvio de foco - Conveniente ...
Gosto · Responder · 20/1 às 21:19
-  **Joao Teixeira** Deixem-se de tretas. Todos os nomeados para o governo são sujeitos a isto. Sempre foi assim. Com os do Obama foi a mesma coisa...
Gosto · Responder · 21/1 às 3:10
-  **Jose Maria Ribeiro** Uma equipa muito bem escolhida... À imagem do seu boss.
Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 19:17
-  **David Castro** Mas deixo aqui o repto ao Expresso se têm tempo e feito para se preocupar com os escolhidos pelo Presidente dos Estados Unidos da América e retirar toda a sua roupa suja do armário, façam o mesmo ao pessoal que o Costa escolheu, e de antigos governos, isso é que era de aproveitar...
Gosto · Responder · 20/1 às 23:04
-  **Maria Gaiteiro** E acham que são os mais inteligentes do mundo e arredores ... eleger um trampa...
Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 18:20
-  **António Dias Costa** Eleições, não foram sondagens.....
Gosto · Responder · 20/1 às 18:44
-  **Maria DeJesus Rodrigues** Em que é que isso difere do governo português? Aprenderam todos na mesma cartilha.
Gosto · Responder · 20/1 às 21:41
-  **José Bolotas** Temos que desculpar os retardados que apoiam o trumpa, é lixado nascer deficiente e não o saber
Gosto · Responder · 2 · 20/1 às 19:53
-  **Tago Litao** O bolotas vota sempre no mesmo ou pondera o voto a cada eleição? E o mundo está bem ou é preciso mudar? Será que, sendo a Hillary a ganhar, nós portugueses teríamos um destino diferente? Voltamos à Oligarquia? O bolotas é monárquico?
Gosto · Responder · 20/1 às 22:38
-  **José Bolotas** Hum?
Gosto · Responder · 20/1 às 22:40
-  **Vitor Andrade Dos Anjos** No passado faziam- se previsões sobre o futuro, hoje em dia, fazem - se comentários.
Gosto · Responder · 21/1 às 5:04
-  **Tiago Bartolomeu** Pois expresso!! Eu não acredito neste tipo de noticias tendenciosas e ressabiadas
Gosto · Responder · 21/1 às 15:17
-  **Manuelfernandes Faria** As pessoas so sabem fazer critica destrutiva ,nao se ve mais nada?
Gosto · Responder · 20/1 às 19:40
-  **Miguel Marques Moreira** No dia em que Trump toma posse é esta a melhor notícia que o jornal Expresso apresenta no facebook?Só criticam e geram discórdia!
Gosto · Responder · 20/1 às 22:06
-  **Paulo Pereira** Ninguém entende que os muros no MÉXICO nascem da terra para baixo,para acabar vom os tuneis da droga
Gosto · Responder · 20/1 às 19:40
-  **Amelia Fortunato** E alguém esperava outra coisa?
Gosto · Responder · 3 · 20/1 às 18:14

-  **Paulo Bento** Quem elegeu este homem?
Foram de certo os americanos. Entao estao a queixar se fe quê?
Gosto · Responder · 20/1 às 21:28
-  **Valentim Rodrigues** Grande noticia do Expresso! Terá algum credito, quando explicar publicamente o conflito de interesses que o impede de publicar a mitica lista dos Panamá Papers...
Gosto · Responder · 21/1 às 0:24
-  **José Alves** Nunca me senti alguma vez tão representado por um político como agora. Obrigado Presidente Trump.
Gosto · Responder · 21/1 às 5:58
-  **Santos Sousa** Já que falamaos em polémicas, que dizer do barraca abana que nem no dia em que é eleito o novo presidente se escusou a fazer discursos. Parece o passos coelho, com a bandeirinha na lapela, um ano depois de ter sido despedido de primeiro ministro
Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 19:19 · Editado
-  **Mário Reis** A palhaçada!...
Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 19:00
-  **Fernando Moreira** A esquelalha anda aziada...
Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 20:50
-  **Fernanda Orge** INTERESSES FINANCEIROS NADA MAIS E O POVO WUE O ELEGU VAI SE ARREPENDER
Gosto · Responder · 20/1 às 18:31
-  **João Tavares** O presidente que a america merece, vai ser tão bom!
Gosto · Responder · 20/1 às 21:00
-  **Francisco Faria** Extremo é o jornalismo que temos, uma extrema vergonha!
Gosto · Responder · 21/1 às 0:50
-  **Adérito Vieira** E não se calam com esta treta... Dass.
Gosto · Responder · 20/1 às 21:23
-  **Nuno Filipe** Não me digas que apoias esta poia de pessoa!
Gosto · Responder · 21/1 às 0:30
-  **Carlos Almerinda Gomes**

Gosto · Responder · 20/1 às 19:29
-  **Filipe Abrantes** Claro. Espertos e íntegros são vcs do Expresso. Otários.
Gosto · Responder · 2 · 21/1 às 13:30
-  **Joao Coelho** Que tropa fandanga...
Gosto · Responder · 20/1 às 22:15
-  **Jole Spiler**

Gosto · Responder · 21/1 às 1:05
-  **Dacosta Pat** Este gajo não é noticia. Façam como eu, ignorem este tipo.
Gosto · Responder · 20/1 às 22:47
-  **Aderito Valverde** Começa bem!
Gosto · Responder · 20/1 às 18:07
-  **Marco Silva** vamos dar tempo e depois entao argumentamos...
Gosto · Responder · 20/1 às 18:23
-  **Evans** Fu Porquê? O percurso profissional e ideologias das nomeações são bem conhecidos pelo público.
Gosto · Responder · 20/1 às 21:05
-  **Cristian Titus Raicu** até parece um governo europeu, gente incompetente
Gosto · Responder · 20/1 às 20:55
-  **Eduardo Chevallyer** O. Filho do DIABO assumirá seu posto na DISCÓRDIA MUNDIAL.
Gosto · Responder · 20/1 às 22:23
-  **Silvestre Silves Major** Pedro Sebastião, Manuel Alberto, Paulo Forquilha, Evaristo Kibonda, aí tem muitos aprendizes...
Gosto · Responder · 1 · 20/1 às 21:57

Artigo 2

Expresso
- 23/1 -

Donald J. Trump referiu que a retirada dos Estados Unidos do Tratado Transpacífico de Comércio Livre "é uma coisa boa para os trabalhadores norte-americanos"



Trump assina saída do Tratado Transpacífico

EXPRESSO.SAPO.PT

Gosto Comentar Partilhar

189 Comentários Principais (sem filtro)

4 partilhas
19 comentários

-  **Santos Costa Rui** Ora digam lá que o homem não faz umas coisas de jeito. Pode parecer louco e meio estrovinhado da mioleira mas tem tomates a fazer frente a todos os interesses macroeconómicos de certos grupos. Se os países da Europa tivessem presidentes assim talvez muita coisa como crises inventadas não existissem tão facilmente. E quanto a mim preparem-se pois em França a politica está a mudar e face aos outros candidatos que se alinham (Fillon, Macron e agora possivelmente Benoit Hamon) a Marine Le Pen continua a subir. (a não ser que façam como nas últimas eleições em que fizeram uma panelinha tipo geringonça) e lixaram a Le Pen. Veremos
- Gosto · Responder · 15 · 24/1 às 5:41
-  **Branco Ricardo** ter tomates, ou portar-se como um adolescente com "os calores" deve ser a ultima coisa que qualquer país ou pessoa precisa para ter á frente dos seus destinos
- Gosto · Responder · 3 · 24/1 às 7:44
-  **Santos Costa Rui** Yes, Duffy Duck.
- Gosto · Responder · 2 · 24/1 às 19:41 · Editado
-  **Branco Ricardo** Santos Costa Rui glad we understand each other
- Gosto · Responder · 24/1 às 14:00
-  **Filipe Rodrigues** Não faz coisas de jeito apenas medidas populistas e sem cérebro, pronto já disse
- Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 19:07
-  **Branco Ricardo** Filipe Rodrigues e vai levar os Estados Unidos décadas para traz , tudo porque é um narcisistazinho de terceira categoria. o que ele está a fazer com os pipelines parece coisa de ditadorzinho Africano . um Mugabe de cabelo cor de laranja
- Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 22:51 · Editado
-  **João Correia** Não alimentem os animais PNR, a sociedade agradece. ❤️
- Gosto · Responder · 24/1 às 21:49
-  **Branco Ricardo** João Correia estes que andam para aqui aos urros são PNR ? estou a achar os amuoscom o Obama tão infantiloides, com cópias tão desavergonhadamente iguais aos disparates que se dizem nos states e os "viva o Rei Trump tão pouco verosímeis que me parece coisa de meninos de 13 anos e mesmo dentro do género tomava os PNR por políticos profissionais. o ídolo dos do lado de cá do Atlântico é mais a Martine le Pen.os
- Gosto · Responder · 24/1 às 23:04



Maria Silva O Expresso/SIC/Missão ao Trump está sempre a perseguir o Trump... Já mete nojo! Os nossos políticos deviam seguir o exemplo dele, que defende os interesses do seu país em primeiro lugar!!!

Gosto · Responder · 21 · 23/1 às 22:06

^ Ocultar 17 respostas



Jose Maria Ribeiro Ha ha ha e tu estás apaixonada por ele. Do you want him to grab your...!

Gosto · Responder · 3 · 23/1 às 22:34



Márcio Maniês Calma, isto é uma coisa boa, o Tratado só beneficiava grandes companhias, assim quem saiu a ganhar c esta saída foi a classe trabalhadora.. Não se enerve que estes 'des'informadores não levarão a melhor a quem se cultiva 😊

Gosto · Responder · 7 · 23/1 às 22:34



Maria Valbom Não sabe mesmo o que está a dizer. O proteccionismo nunca dá bom resultado a médio longo prazo. E é muito perigoso. Imagine o mundo a fazer o mesmo

...

Gosto · Responder · 23/1 às 22:52



Andreia Gonçalves BREXIT

Gosto · Responder · 24/1 às 0:30



Maria Silva Não tarda, vai-se ouvir falar de PORTUGALEXIT

Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 0:32



Branco Ricardo tretas ! todavia tem piada que um jornal que toda a vida foi atacado por ser uma página da direita em Portugal, agora é acusado de ser de esquerda

Gosto · Responder · 4 · 24/1 às 0:40



Ana Lopez O problema é que assim como Trump defende os interesses "do seu país", segundo a visão dele conservadora; o ditador da Coreia idem, Vladimir Putin, idem e, resumindo e concluindo, pessoas inflexíveis juntas causam uma grande revolução pela sua supremacia... Ver mais

Gosto · Responder · 3 · 24/1 às 2:26 · Editado



Luísa Ferreira Lopes Ana lopez que grande confusão aí vai! O comercio livre traz benefícios a nível global, mas há uns que ganham e outros q perdem. O que a teoria económica demonstra é que o que uns ganham é superior ao que os outros perdem. Ou seja, simplifadamente, aquilo que a China, a India e o Mexico ganham é superior ao que os americanos, alemães e portugueses perdem.

Gosto · Responder · 3 · 24/1 às 3:36



Jose Forbes de Bessa Oiii afinal ha meses que milhares de europeus se manifestam contra o infame TTP o Trump cancela eh uma ma atitude ??? Ohh chentji 😊

Gosto · Responder · 4 · 24/1 às 6:47 · Editado



Joaquim Xavier Lopes Maria Silva você não imagina sequer o impacto que isso teria para os portugueses. Os ingleses nunca deixaram de ter moeda propria, por isso o BREXIT só tem impacto significativo nas transacções comerciais devido à reabertura e de fronteiras, controles aduaneiros e taxas de importação \ exportação. Para nós, que não temos moeda propria, seria o descalabro para os pequenos aforradores e para quem ainda consegue ter alguns euros poupados no banco. Isto para já não falar no impacto sobre produtos financeiros como o crédito à habitação.

Gosto · Responder · 24/1 às 8:51



Joaquim Xavier Lopes Márcio Maniês o cancelamento desse contrato deve ir mesmo beneficiar os americanos comuns. Aliás deve mesmo ser essa a preocupação do magnata.

Gosto · Responder · 24/1 às 8:53



Jose Forbes de Bessa Joaquim Xavier Lopes mas da nos esperancas que atire de vez para o lixo a ideia do TTIP E DO CETA

Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 9:00



Jose Forbes de Bessa Esses tambem sao beneficos para a Europa?Ora diga la

Gosto · Responder · 25/1 às 4:24 · Editado



Maria Silva Joaquim Xavier Lopes os pequenos aforradores ganhariam juros bastante melhores do que os actuais ZERO por cento dos depósitos a prazo. Quanto aos que estão sobre-endividados aos bancos, sim, um aumento dos juros para eles seria potencialmente grave. É uma questão de criar políticas para compensar esse risco ou renegociar os empréstimos à banca, convertendo-os em taxa de juro fixa. Há soluções políticas para tudo. O que não vale, é assustar as pessoas com mentiras de que a saída de Portugal do Euro seria o fim de Portugal. Não seria. O Cavaco destruiu a industria, as pescas a agricultura, tudo para agradar a Bruxelas. Ficámos depenados e dependentes.

Gosto · Responder · 5 · 24/1 às 9:01 · Editado

-  **Henrique Da Silva** Maria Silva, na mosca, agora temos que acordar os adormecidos de olhos fechados com cabecinhas lavadas de cerebro, o que me parece impossível.
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 14:23
-  **Ana Lopez** Luísa Ferreira Lopes sim, eu sei que neste contexto da noticia o que disse tem razão. Mas refiro-me ao ponto de vista psicológico da personalidade do Trump
Gosto · Responder · 24/1 às 15:55
-  **João Correia** Quem diria: uma pessoa que sofra um AVC a cada segundo consegue, ainda assim, publicar lixo no Facebook. Não é coincidência.
Gosto · Responder · 24/1 às 21:50
-  **Carlos Marxo Dias** Esta medida vai deixar os zombies de esquerda meio desorientados ahahaha andaram todos a exigir o fim deste tratado, até manifs foram feitas onde se partiu tudo, e agora o gajo mais odiado faz-lhes a vontade.... é ve-los agora todos calados sem saber o que dizer ahahahaha
Gosto · Responder · 3 · 24/1 às 8:55
-  **Ilda Rodrigues** E muito bem, os empregos estão a fugir do ocidente, se há alguma melhoria do nível de vida não será na Europa nem nos EUA. Ele olha pelo bem dos seu país, que é o que os estadistas de vem fazer pelos seu países, pelos seus povos, neste momento não há estadistas, a não ser na Rússia, há mercenários ao serviço da finança internacional.
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 16:05
-  **Gustavo Neves Lima** Cara Maria, defina-me "defender os interesses do país", se fizer o favor.
Gosto · Responder · 24/1 às 0:29
-  **Anthony Salgado** Tomadar decisões que beneficie sempre o cidadão americano. Decisões que levem ao aumento da qualidade e riqueza do americano e das empresas americanas
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 7:09
-  **Anthony Salgado** Tomadar decisões que beneficie sempre o cidadão americano. Decisões que levem ao aumento da qualidade e riqueza do americano e das empresas americanas
Gosto · Responder · 24/1 às 7:10
-  **Branco Ricardo** Anthony Salgado para isso ter "ter algumas pernas para andar era preciso Trump não viver numa realidade virtual, as economias serem sistemas fechados, ele n~~ao ser um narcisista sociopata e a administração dele não ser um bando de saloios ignorantes
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 7:40
-  **Salome Albuquerque** Branco Ricardo os Kennedy também bem são saloios ignorantes? E olha que são 2 que estão a trabalhar com Trump, a irmã e o filho. Pois é, não tem esta informação, né ?
Gosto · Responder · 24/1 às 11:07
-  **Gustavo Neves Lima** E o mundo ter limites inesgotáveis. Esse é uma das premissas capitalistas.
Gosto · Responder · 24/1 às 12:31
-  **Silva Manuel** Quem não compra, também não vende. Boa para chineses tomarem conta do mercado Mundial
Gosto · Responder · 24/1 às 15:17 · Editado
-  **Rui Manuel Romero** Protecionismo
Gosto · Responder · 2 · 23/1 às 23:09
-  **Salome Albuquerque** O que faz a Alemanha? ?
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 11:08
-  **João Correia** Vou buscar pipocas e ver o mundo a arder, até já.
Gosto · Responder · 24/1 às 21:48
-  **Vasco Manuel Soares** Devia era assinar a saída dele do poleiro
Gosto · Responder · 24/1 às 12:37
-  **Nuno Ferreira** E se o Trump estiver certo? Lol
Gosto · Responder · 24/1 às 8:20
-  **Joaquim M Pinto** Unico merda de jeito que ele fez
Gosto · Responder · 2 · 23/1 às 22:56
-  **Jose Forbes de Bessa** Mas so agora comecou. Ja em 8 anos Bobama so fez merda)))
Gosto · Responder · 3 · 24/1 às 4:24
-  **António Oliveira** Os militantes anti-globalização ganharam!
Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 2:16
-  **Jorge Duarte** Boa presidente
Gosto · Responder · 24/1 às 15:24

-  **Silva Helena** Estão os chinocas de saída dos states. E outros
Gosto · Responder · 23/1 às 21:08
-  **Mia Barata** Os "chinocas" são donos de parte dos "states". Grande parte da dívida americana está nas mãos deles. Se Trump decide não pagar, e outros decidirem seguir-lhe o exemplo? Muitas das dívidas públicas de diversos países não pertencem a investidores americanos? Seria criada uma bela embrulhada.
Gosto · Responder · 1 · 23/1 às 23:02
-  **Carlos Alexandre** Mia Barata Você é bem ignorante. O Japão tem muito mais que a China 😂😂
Gosto · Responder · 24/1 às 0:30
-  **José Bolotas** Tinha que aparecer o grunho tazonis a zurrar as suas certezas absolutas.....
Gosto · Responder · 24/1 às 1:18
-  **Fatima Costa** Carlos Alexandre DaCosta Tazanys o senhor sabe tudo!!! Mas, desconhece o mais importante! Sabe de que se trata?! Trata-se da sua má educação e da sua evidente estupidez!
Gosto · Responder · 24/1 às 1:28
-  **Tiago Silvestre** Mia Barata trump não se recusou a pagar, ele simplesmente rasgou o contrato que fazia subir a dívida dos EUA, enquanto empresas americanas produziam com escravos na China...
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 7:58
-  **Carlos Alexandre** Para mim ser educado é não mentir e não manipular a verdade como vocês fazem... constatar um facto e dizer a verdade é uma qualidade e não um defeito. Quem diz que os chineses são donos dos USA é um ignorante!
Gosto · Responder · 24/1 às 13:34
-  **Carlos Alexandre** Lucas Lucas o jose é um perfil falso ...
Gosto · Responder · 24/1 às 13:38
-  **Mia Barata** Carlos Alexandre DaCosta Tazanys Eu escrevi "grande parte" e não a maior parte. Deve ler melhor antes de fazer comentários como os que fez. Se quer chamar ignorante a alguém, pelo menos certifique-se de que o seu comentário não se volta contra si. http://www.jornaldenegocios.pt/.../fotogaleria_os_15...
- 

Fotogaleria: Os 15 maiores detentores de dívida dos EUA
Os EUA divulgaram pela primeira vez o valor...
JORNALDENEGOCIOS.PT
- Gosto · Responder · 24/1 às 22:08
-  **Mia Barata** Tiago Silvestre Eu não disse que ele recusou pagar. Só falei na hipótese, porque ele é imprevisível.
Gosto · Responder · 24/1 às 22:12
-  **Leonor Girão** Ja vi este filme num jardim a beira mar plantado ..
Gosto · Responder · 24/1 às 14:29
-  **José Gil** Trabalha tanto que até dorme.
Gosto · Responder · 25/1 às 18:18
-  **Anthony Salgado** Cumri mais uma promessa eleitoral
Gosto · Responder · 24/1 às 7:06
-  **Vitor Novo** O tratado está ultrapassado, obsoleto e não faz sentido...
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 7:32
-  **Vieira Leiria** e o pai natal desceu à terra...
Gosto · Responder · 24/1 às 0:48

Artigo 3

E **Expresso**
- 23/1 -

Esta medida tomada por Trump está longe de ser original e tem sido adotada por todos os governos republicanos desde Ronald Reagan



Aborto: Trump volta a proibir o financiamento público
EXPRESSO.SAPO.PT

Gosto Comentar Partilhar

169 Comentários Principais (sem filtro)

13 partilhas
32 comentários

Paulo Monteiro Para quando a mesma medida em Portugal? Uma vez que há consultas de planeamento familiar e acesso a contraceptivos no SNS, não se justifica que o aborto, um acto extraordinário, seja encorajado através da isenção de taxa moderadora sem ser por motivo de força maior como o perigo de morte para a progenitora.
Gosto · Responder · 31 · 24/1 às 9:35

Rui Prazeres "Encorajado" é uma palavra um bocado deslocada. Não estou a ver ninguém a acordar de manhã e, depois de tomar uma meia de leite quentinha e comer um croissant com manteiga, sair para a rua e dizer: "Uau, hoje sinto-me extremamente encorajada devido à isenção de taxas moderadoras para fazer um aborto! Vou já postar no facebook para todas as minhas amigas o fazerem também!".
Gosto · Responder · 8 · 24/1 às 15:01 · Editado

Afonso César Encorajado? O Paulo Monteiro, inicia bem ao afirmar "um acto extraordinário", portanto, não assuma erradamente que pela isenção o Estado encoraja, muito menos que as pessoas se sentem encorajadas.
Termina ainda pior, quando só menciona «perigo de more para a progenitora», sem sequer mencionar outros casos que já eram tipificados antes da mais recente lei do aborto, nomeadamente, em caso de violação. Não obstante, a lei como está agora garante segurança e saúde às mulheres, defendendo-as e não excluindo-as nem marginalizando-as.
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 19:33 · Editado

Jorge Braga Portugal financia organizações internacionais que façam abortos???
Gosto · Responder · 25/1 às 0:19

Marlene Silva Hipocrisia ... Na terra de uma tia minha (contava ela) há muitos muitos anos a igreja da aldeia aos domingos estava repleta de gente de mulheres de véus brancos e negros, a baterem com a mão no peito. E volta e não volta num riacho la perto dessa aldeia tão devota apareciam corpinhos de embriões. Eu nunca praticaria um aborto, tenho 3 filhos e é a minha maneira se estar mas não julgo quem o faz e assume. Mas acham mesmo que isto é ideologia como ele o diz (as suas proprias mulheres o fazem), neste momento, estado Norte Americano vai deixar de contribuir muita coisa para empurrar par o privado, afinal de contas quem é que está com ele na casa branca são homens de negocios e pelo menos um ex Goldman Sachs.
Gosto · Responder · 3 · 24/1 às 10:48 · Editado

Fred Xavier Pelo menos não paga o contribuinte Norte Americano, para uma aberração, se vão para o privado isso já é outro assunto!!
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 14:27

-  **Maria Silva** O Expresso/SIC/Missão está sempre a perseguir o Trump... Já mete nojo!
Gosto · Responder · 11 · 24/1 às 6:48
-  **Luis Salles** Esta medida é contra os homens pois se não pagarem pensão de alimentos vão presos, (vamos ver se esta acalma os feministas).
Gosto · Responder · 5 · 24/1 às 0:10
-  **Carlos Marxo Dias** Tal como a questão do muro da fronteira (que já existe), é sempre bom lembrar que o Trum não está a proibir o aborto....
Gosto · Responder · 4 · 24/1 às 8:53
-  **Rui Soares Barbosa** Porque não pode.
Gosto · Responder · 25/1 às 4:10
-  **Alexandra Cardoso** Ao menos têm políticas coerentes com os princípios e valores do partido!
Gosto · Responder · 6 · 24/1 às 5:24
-  **Fred Xavier** Boa Trump, o mesmo deveria ser feito em Portuga, isto é: eu como contribuinte não tenho nem quero, pagar para o que considero um homicídio!!
Gosto · Responder · 3 · 24/1 às 14:23
-  **Vera Matos** Este homem é um Monstro/ditador saído da burrice, machice e da falta evolutiva do povo americano!
Gosto · Responder · 24/1 às 12:44
-  **Roberto Menezes-Borges** Pela conversa apoia a abortadeira assassina clinton... Ainda que existem pessoas decentes como o Trump.
Gosto · Responder · 24/1 às 13:57
-  **Vera Matos**

Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 14:23
-  **Vera Matos** "pessoas decentes como o Trump" o senhor tem jeito para comediante... Enfim... Chama-se direitos da mulher, direitos de escolha! Claro está que como o homem já mais irá entender o que é ser-se mulher!!
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 14:25
-  **Rui Prazeres** Tenho a certeza que se os homens pudessem parir um filho pela pilinha não existiria tanta discussão em relação a esta matéria.
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 15:04
-  **Manel Rosa** Lê o que está "senhor" acaba de escrever Andre Vale fds ...
Gosto · Responder · 24/1 às 16:08
-  **Jorge Braga** Jornalismo ????? "Donald Trump, reintroduziu a proibição de financiar organizações internacionais que realizam abortos ou dão informação sobre a interrupção voluntária da gravidez"
Gosto · Responder · 25/1 às 0:18
-  **O Gato Político** O que é um Ronald 'Reagen'?
Mas estes 'jornalistas' são feitos de merda?
Gosto · Responder · 2 · 24/1 às 0:33
-  **Guida Carvalho** Arturo já chega
Gosto · Responder · 24/1 às 13:37
-  **Anthony Salgado** Tens o direito a escolher fazer o que bem entendes com a m do teu corpo mas não com o meu dinheiro.
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 7:01
-  **Francisco Marques** Brincam a "fabricar" filhos, o Estado paga.
Gosto · Responder · 10 · 23/1 às 23:12
-  **Antonio Maria Curiao** Vamos lá fazer uma festa. Ó, mas agora tivemos este problemazito. Deixa o estado paga o tratamento.Quando
Gosto · Responder · 24/1 às 11:04
-  **Nuno Andre** tens um problema de todos os egocentricos que vivem em democracia. Chama-se democracia. No teu caso chama-se Senado. later poops
Gosto · Responder · 23/1 às 23:45
-  **Carlos AlberBundi Teixeira** muita gente vivi com essa pensão si ele parar com isso vai aumenta o numero de criminosos no pais
Gosto · Responder · 24/1 às 8:02

-  **Ilda Rodrigues** E muito bem, o Reagan foi o último presidente decente que os EUA tiveram.
Gosto · Responder · 24/1 às 15:46
-  **Tomas Das Neves Milisse** Oqui podiamos esperar dos Reublicanos é so pegar o historial do professor Ronald Reagan e pronto.
Gosto · Responder · 24/1 às 7:53
-  **Ruben Mota** Alguém me sabe dizer se esse atrasado mental tb vai proibir a lei do acesso às armas.
Gosto · Responder · 24/1 às 22:38
-  **Hélder Manuel** Ora bem! Abre os olhos geringonça!
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 9:56
-  **Lara Costa** * Ronald Reagan
Gosto · Responder · 2 · 23/1 às 23:08
-  **David Amado** *Recurso
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 2:21
-  **Lara Costa** lágrimas
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 10:02
-  **Lara Costa** lágrimas
Gosto · Responder · 24/1 às 10:02
-  **Vitor Crus** Vitor Crus Acho bem quem quer abortar paga aqui na Suíça tb se paga pork tem K ser de graça ???
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 8:26
-  **Nidia Ribeiro** Vcs podem explicar ao povo porque razao a NOS tem agentes de venda q lidam com programas denominados ARIS e UFFE e a Teleperformance uma equipa de futebol denominada "Os satanicos" e bebem vinho cheio de sulfitos, enxofre ou sulfuro durante os rituais de iniciacao ao Capitalismo?
Gosto · Responder · 24/1 às 1:04 · Editado
-  **Nidia Ribeiro** " Verificamos que adolescentes e adultos que sofrem de enuresia sao quase todos hipnotizaveis . Menos nitidamente passa-se o mesmo com os asmaticos. De resto, O psicanalista Kaufman mostrou que os soldados, agentes , apresentam, geralmente, grande grau de hipnotizabilidade...". DR L Chertok
Gosto · Responder · 24/1 às 0:33 · Editado
-  **Alexandra Loureiro** Muito bem! Cada mulher faz o que quer com o seu corpo mas que o pague do seu bolso 😊
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 11:02
-  **Celina Schoonbeek** E isso quer dizer o quê, garina? Que és menina com dinheiro e por isso tá-se bem" 😊 Hum... empatia deve ser cena de outro mundo para ti, "confessa" aí 🤔
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 21:08
-  **Alexandra Loureiro** Não... quero dizer que nunca engravidei sem eu QUERER!! E pelo seu discurso a si falta-lhe o dinheiro... Trabalhe que isso passa 😊😊😊 Força Trump!!!
Gosto · Responder · 24/1 às 22:49
-  **José Bolotas** Só vim ler os comentários de alguns abortos...
Gosto · Responder · 6 · 23/1 às 23:42
-  **Rui Delvas** Ok gaysolas.
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 1:22
-  **José Bolotas** Beijinhos amor....para a tua mamã tb
Gosto · Responder · 24/1 às 1:23
-  **João Pedro Viegas** Muito bem!!!
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 0:17
-  **Miguel Moura Lamy** Muito bem!
Gosto · Responder · 25/1 às 4:17
-  **Vasco Manuel Soares** Loura burra
Gosto · Responder · 24/1 às 12:26
-  **Sao Gonçaves** Obama resolveu financiar este crime!!!!
Gosto · Responder · 4 · 23/1 às 23:18
-  **Celina Schoonbeek** Carla, és mesmo bué esquisita 😊
Gosto · Responder · 1 · 24/1 às 21:10
-  **João Dias** Nesta decisão concordo com o Tremp. Quem quer abortar que pague.
Gosto · Responder · 24/1 às 23:14

Artigo 4

E Expresso
- 24/1 -

Porta-voz do ministério dos Negócios Estrangeiros chineses salientou que Pequim vai "permanecer firme na defesa dos seus direitos na região"



China declarou "soberania indiscutível" no Mar do Sul da China

EXPRESSO.SAPO.PT

Gosto Comentar Partilhar

47 Comentários Principais (sem filtro)

17 partilhas
11 comentários

-  **Maria Silveira** Ilhas Artificiais da China em águas internacionais...não me parece nada bem. A isso até se dá um nome...que de momento nem me lembra...
Gosto · Responder · 3 · 24/1 às 23:12
-  **Bill Goodman** Está na hora do Trump sacar do livro the art of the deal, e dar aos chineses um pouco da sua magia 😊 ok. foi a ultima vez. Ultimo comentário acerca do trump, agora é deixar o homem trabalhar.
Gosto · Responder · 26/1 às 2:34
-  **Ludgero Edgren** O alarme deve ter soado um par de meses atrás, quando comentaristas chineses começaram a citar Vladimir Putin, que "se uma luta é inevitável, ir e lutar primeiro".
Gosto · Responder · 24/1 às 23:03
-  **Ludgero Edgren** O desenvolvimento surpreendente trará ainda outro grande poder para o que rapidamente se tornou um ponto de flash global bem na vizinhança da Austrália.
Gosto · Responder · 24/1 às 23:10
-  **Ângelo Pontes** ... Pequena ilação...
Ainda bem que metade do tecido empresarial / económico em Portugal é chinês!!! 😊😊😊
Gosto · Responder · 25/1 às 18:12
-  **Ricardo Mesquita** já reescrevem os manuais de história, isto e em tres tempos controlam o mundo
Gosto · Responder · 24/1 às 22:40
-  **Joaquim Pinto** O Trump devia era começar a fazer ilhas artificiais lá também...EhEhEh.
Gosto · Responder · 25/1 às 19:29
-  **Álvaro Vieira** VIVA A CHINA, VIVA, VIVA, VIVA
Gosto · Responder · 25/1 às 10:20
-  **José Pinto** Ou me engano ou vem aí bernarda para o Guterres !
Gosto · Responder · 24/1 às 23:44
-  **Miguel Lopes** Guterres resolve.
Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 1:08
-  **Filipe Silva** A escalada vai aumentando.
Gosto · Responder · 25/1 às 0:00

Artigo 5

Expresso
- 25/1 · 🌐

Presidente dos EUA assegura que o início da obra vai ocorrer "o mais depressa possível" e que o México é que vai pagar tudo



Trump assinou decreto para construção do muro com o México. E garante que os americanos vão ser reembolsados

EXPRESSO.SAPO.PT

👍 Gosto 💬 Comentar ➦ Partilhar

👍 😂 🤔 171 Comentários Principais (sem filtro) ▾

20 partilhas
47 comentários

Abílio Carvalho Pelo que parece o dinheiro vai ser retirado dos programas de ajuda ao México, sendo que um dos programas que mais dinheiro canaliza é o que combate o tráfico de droga pode-se afirmar que os cartéis da droga vão "apreciar" muito este suposto muro, que em grande parte já existe, e sob o qual o tráfico pelos vistos sob a égide de Trump tem tudo para "prosperar".
Gosto · Responder · 10 · 25/1 às 21:38

Carlos M. Vieira Aaaah...o muro agora já existe? Primeiro era racista porque queria fazer o muro! Não pegou, muda-se a tática 😂
Gosto · Responder · 3 · 25/1 às 21:53

Abílio Carvalho Carlos M. Vieira e eu alguma vez escrevi que o muro ou parte dele não existia comente o que está escrito ou não invente.
Gosto · Responder · 3 · 25/1 às 21:55

Carlos M. Vieira O contexto to comentário está lá! Não tente mudá-lo. A única dúvida que tenho é se é esquerdalha do Note. 🤔
Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 23:10

Abílio Carvalho Carlos M. Vieira pelo seu comentário nota-se logo o tipo de argumentação quando se escreve esquerdalha ou direitalha logo se vê que é "gentinha" sem argumentação que não merece que se gaste palavras, passe bem tenha um bom ano e beba um bom chá que isso passa.
Gosto · Responder · 2 · 25/1 às 23:24

Carlos M. Vieira De pseudo-intelectuais ando eu farto. E não me venha com essa conversa de "passe bem" "bom ano" que prescindo, vindo de si. Experimente lá esse chá para ver se essa Trumpite lhe passa.
Gosto · Responder · 26/1 às 1:49

Paulo Nunes Carlos M. Vieira Um defensor de trump não diria melhor!
Gosto · Responder · 26/1 às 10:42

Rodrigo Padula Os cartéis apreciam na verdade os programas de combate às drogas.
Sem concorrentes menores e potenciais disputas por mercado.
Gosto · Responder · 26/1 às 11:28

Kim Kardoso O Carlinhos é emigrante nos states mas apoia um candidato que é contra os emigrantes. Está tudo dito. É como um judeu ser nazi.
Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 11:59

Carlos M. Vieira Kim Kardoso , "candidato que é contra os emigrantes" ??? Então porque Portugal controla as suas fronteiras? Porque não abrem as suas fronteiras e deixem pelo menos vir das ex-colónias todos aqueles que procuram uma vida melhor da que têm por lá? Abram lá essa fronteira!!! Porque não? Será que vocês aí são racistas?
Gosto · Responder · 26/1 às 16:45

Carlos M. Vieira Paulo Nunes Mas eu sou defensor de Trump!!!
Gosto · Responder · 26/1 às 16:53



Sílvia Ramos Ele devia construir um muro à volta de todo o país e fazer também um telhado. Expulsar todos os estrangeiros, matar jornalistas e todos aqueles que forem contra as suas medidas, acabar com importações e exportações!!!! Pode também criar a sua própria religião ou seita e declarar guerra ao mundo!! Vou deixar de comentar tudo o que se relaciona com este psicopata narcisista de seu nome Trump!

Gosto · Responder · 6 · 25/1 às 23:03



João José Marques Mas antes disso tudo vai ter de pagar os 9 trilhões de dólares

Gosto · Responder · 26/1 às 1:05



Sa Mota Joao D. sílvia ou Sílvia como quiser o que esteve é dum radicalismo extremo nem os nazis facistas marxistad o que entenderem tem uma ideologia tão monstruosa

Gosto · Responder · 26/1 às 11:41



Helena Cardoso Isso é o que querem devem estar a ser pagos para nos calarem ! Que se perca a coragem de dizer o que se pensa pois não nos devemos calar quem tem filhos e quer um futuro melhor no mundo tem que se indignar com o que se está a passar

Gosto · Responder · 27/1 às 8:22



Artur Medeiros Pereira Já sabemos como acabaram outros "muros" na história mundial...constroem-se, estão de pé uns tempos...e depois são deitados abaixo!

Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 22:12

^ Ocultar 12 respostas



Graça Pereira Mello E esse tempo, quanto tempo é?

Gosto · Responder · 2 · 25/1 às 22:16



Artur Medeiros Pereira É o tempo que o povo quiser. Todos os outros muros caíram quando o povo se fartou de estar encurralado. Numa era de globalização e abertura não acredito que o povo americano queira ficar fechado numa concha por muito tempo.

Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 22:20



Jose Vieira Por isso mesmo é que se fazem os muros.

Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 22:25



Artur Medeiros Pereira Há várias razões para fazer muros, mas ainda não consegui descobrir uma que me pareça correcta ou lógica. Sempre foram construídos por ideologias ou personagens medíocres e pequenos. E todos, todos, acabam por cair.

Gosto · Responder · 2 · 25/1 às 22:27



Ricardo Diogo Neste caso, são "povos" diferentes.

Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 22:59



Artur Medeiros Pereira Neste momento a principal razão para a construção do muro (controlar a emigração) é completamente falaciosa. Desde 2012 que saem mais mexicanos dos EUA do que os que entram. E a maior parte dos que entram fazem-no através dos aeroportos, com visto. Entram legalmente e ficam nos EUA depois de caducado o visto. Quanto ao controlo do tráfico de droga, também é para rir...com os biliões que move esse "negócio" e com a gente poderosa a ambos lados da fronteira que lucra com ele só mesmo sendo muito inocente é que se acredita que o "muro" vai resolver alguma coisa.

Gosto · Responder · 2 · 25/1 às 23:36



João Ferreira o "muro" já lá está...

Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 23:53



Rui Delvas Artur Medeiros Pereira Sabes mesmo o que me preocupa seriamente? Os 500 médicos, farmacêuticos e delegados de propaganda médica que só em 2015 gamaram ao SNS 500 milhões de euros. É isto que me preocupa.

Gosto · Responder · 25/1 às 23:57



Artur Medeiros Pereira Joao Ferreira , tem razão. Pelo menos uma parte dele...

Gosto · Responder · 25/1 às 23:58



Artur Medeiros Pereira Rui Delvas , acho muito bem que te preocupe. E espero que a justiça também se preocupe. Se roubaram devem pagar por isso. Ladrões são ladrões, não importa a profissão.

Gosto · Responder · 26/1 às 0:00



Francisca Costa Um dia cai os muros e cai quem os ergueu, vamos ver como param as coisas.

Gosto · Responder · 26/1 às 10:42



Helena Cardoso Rui Delvas isso é outros roubos que o ze povinho tem que pagar mas o que se irá passar na América com este presidente talvez nos vá ficar muito mais caro que todos esses roubos juntos

Gosto · Responder · 27/1 às 8:27



Vitor Crus Quem fez o muro fascista na imagem abaixo? Trump? Não! São fotografias do imenso muro construído no governo de Bill Clinton, iniciado 1994, na fronteira dos EUA com o México.

O muro visto na imagem, que tem uma extensão de mais de 3 mil km (cerca de 2 mil milhas), começou a ser construído em 1994, no governo de Bill Clinton. Já em 2006, no governo Bush, com o Departamento de Segurança Interna (DHS) americano, pouco mais de 700 milhas foram estendidas, após o "Ato de Segurança das Fronteiras" (Secure Fence Act)**, aprovado em 2006.

O que a esquerda grita tanto por aqui - "Trump é nazista, louco, xenófobo", sobre as declarações de Donald Trump de um possível muro na fronteira com o México, são apenas continuções da construção do governo Clinton, feita para impedir a imigração em massa de ilegais que atravessavam a fronteira do México com os Estados Unidos.

A então senadora, Hillary Clinton, votou a favor do projeto de lei apresentado pelos republicanos, assim como 26 outros democratas - "Eu votei inúmeras vezes quando era senador para gastarem dinheiro e construírem uma barreira para tentar impedir que imigrantes ilegais entrem nos EUA", comentou a senadora em um evento de campanha em 2015 - "e eu acho que você tem que controlar suas fronteiras."

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 6:37



Helena Cardoso Mas ninguém construir a dizer que fazia o vizinho pagar? E provocador! É próprio de um ditador

Gosto · Responder · 27/1 às 8:29



Bijou Cabral precisa de dinheiro para criar emprego e depois vai gastar cerca de 25 bilhões de dolares em algo que não vai impedir coisa nenhuma. Uma obra que tem uma estimativa para cerca de 20 anos a construir e depois dizer que o México vai pagar??? so se for com droga!

Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 22:52



João Cruz Que paródia, mas os "americanos" é que os escolheram, agora... Ele ainda não fez nada que não tenha dito que ia fazer, em campanha, por isso...

Gosto · Responder · 3 · 25/1 às 21:14 · Editado



Jose Forbes de Bessa

<https://en.m.wikipedia.org/.../Mexico%E2%80%93United...>



Mexico–United States barrier - Wikipedia

The Mexico–United States barrier is a series of...

EN.WIKIPEDIA.ORG

Gosto · Responder · 25/1 às 21:31



Branco Ricardo se a ideia é andar a brincar aos empreiteiros, usando o dinheiro de programas de ajuda a países no seu flanco sul...vai ter piada ver aquele palerma construir um muro no deserto... pode dar dois resultados. aumento do sentimento Anti-Americano e se a situação económica piorar, um aumento da emigração para os Estados Unidos. quanto a pagar. ter que olhar para o focinho dele todos os dias nas notícias, já é uma factura pesada

Gosto · Responder · 25/1 às 23:09



Sa Mota Joao Vitor as esquerdas em Portugal já não sabem como derrubar o homem que foi eleito democraticamente se fosse com um golpe militar como as FP 25 queriam fazer em Portugal ja estavam satisfeitos e a bater palmas

Gosto · Responder · 26/1 às 11:46



Filipe Popesco Inicio da obra???? Voces sao mesmo ridiculos e tendenciosos. Esse muro ja existe foi mandado contruir por BILL CLINTON em 1994 e cobre ja 1/3 da fronteira com o Mexico ou seja tem mais de 1000 KILOMETROS hoje em dia.

Gosto · Responder · 3 · 25/1 às 23:01



João Silva O Presidente do México que se preocupe em erradicar do seu país o negócio da droga e que se dedique a cooperar com Trump . É útil para os Mexicanos não esquecer que já receberam dos EUA muitos milhares de milhões de ajuda pois recebem 500.000.000 todos os anos.

Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 10:51



João Silva Uma simples pergunta para os inimigos de Trump. Porque razão nunca se falou em construir um muro na fronteira com o Canada?

Gosto · Responder · 26/1 às 21:12



Marco Viana Com tanto judeu nos States parece que vai construir um novo muro das lamentações

Gosto · Responder · 2 · 25/1 às 22:21



Filipe Popesco O muro ja existe desde 1994 e foi mandado construir por BILL CLINTON e tem mais de 100 kilometros.. Povo ignorante que come tudo o que le.

Gosto · Responder · 25/1 às 23:02

May Tarek Ben Hamza A história se repete, a primeira vez como tragédia e a segunda como farsa.

Karl Marx MARX, K., Dezoito Brumário de Louis Bonaparte, 1852.

Gosto · Responder · 3 · 25/1 às 21:21

Nuno Costa O dinheiro q vai para o muro nc irá para outro qq sitio, o resto são cantigas para boi dormir.

Gosto · Responder · 25/1 às 21:24

Jorge Fonseca Mas isto será apenas prolongar o muro que já tem 1.100 kms foi feito pelo Clinton e pelo Obama e então ninguém piou!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!E estes jornalheiros são uns aldrabões e manipuladores que não dizem nada disto!!!!!!!!!!!!!!!!!!!!

Gosto · Responder · 2 · 25/1 às 23:37 · Editado

Natalia Henriques Paiva Ele da construção civil tem que fazer aquilo que sabe fazer por as mãos na massa!

Gosto · Responder · 25/1 às 23:06

Julia Correia Será mais correcto dizer que é para continuar a construção do muro que começou a ser feito por Bill Clinton...

Gosto · Responder · 25/1 às 23:59

Branco Ricardo bem, se ele disser que a construção do muro lhes vai trazer mais segurança logo vai ser um investimento na segurança que lhes trará dividendos, é uma coisa. vá-se lá saber como é que ele quantifica os ganhos, a percentagem de indivíduos travados pós muro em relação a a época pré-muro. terá piada ver o custo/benefício da estrutura, custos de manutenção, vai explicar isso como?. mentirá com todos os dentes que tem na boca como é normal

Gosto · Responder · 25/1 às 23:01 · Editado

João José Marques E o Trump Já assinou o despacho de 9 trilhões de dólares em ouro, sim porque os credores não querem papel

Gosto · Responder · 26/1 às 1:03

Alexandre Mateus uma grande estupidez, depois ele não quer mais problemas... como não ele está a cria los!

Gosto · Responder · 25/1 às 21:17

Jose Forbes de Bessa
<https://en.m.wikipedia.org/.../Mexico%E2%80%93United...>



Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 21:31

Alexandre Mateus e então!!!

Gosto · Responder · 25/1 às 21:32

Jose Moreno Eh pá, parece que afinal ja ha muro...mas isso nao interessa à comunicação social... parece que o muro foi iniciado por um tal de Clinton...
<http://observador.pt/.../as-imagens-de-um-muro-que-ja-.../>

Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 22:00 · Editado

Graça Pereira Mello Mas há quanto tempo é que há muro. Acho que andava distraído. (Sem ofensa)

Gosto · Responder · 25/1 às 22:18

Bijou Cabral Não ha muro mas sim uma cerca! Até gosto da vedação que vai ate ao mar. Se calhar devia separar o oceano !!

Gosto · Responder · 25/1 às 23:01 · Editado

Ricardo Diogo Bijou Cabral LOOOOOOOOOOOOOOL

Não há muro?

Isto é o quê?

http://thehilltalk.com/.../image.adapt_990.high__border...



Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 23:02

Filipe Popesco Comem tudo estes idiotas. Povo ignorante que nao pesquisa nem quer saber, so sabe o que lhes metem ha frente dos olhos.

Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 23:03

Filipe Popesco Graça Pereira Mello 1994 por BILL CLINTON e tem mais de 1000 kilometros, ou seja 1/3 da fronteira ja tem muro e nao e uma cerca mas grande parte com tecnologia de ponta, depende das zonas...

Gosto · Responder · 25/1 às 23:08

-  **Joaquim Rocha** https://pt.wikipedia.org/.../Muro_frenteiri%C3%A7o...
Gosto · Responder · 25/1 às 22:22
-  **Paulo Santos** Ricardo Serrão, vamos continuar a dar o benefício da dúvida.
Gosto · Responder · 26/1 às 8:10
-  **Ricardo Serrão** eu ja v que andas a ler muito pouco e não estas a parar da dimensão da coisa ... whatsapp
Gosto · Responder · 26/1 às 8:13
-  **Céu de Lima** Quando o Clinton iniciou o "muro" ninguém reclamou...
Gosto · Responder · 26/1 às 6:55
-  **Sa Mota Joao** E sabe porquê? Era a esquerda que governava a America
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 11:51
-  **Cassio Chaves** Go Trump!!! 🍌🍌🍌🍌🍌
Gosto · Responder · 26/1 às 0:02
-  **Jorge Pinheiro** Para continuar a fazerem...
Gosto · Responder · 25/1 às 23:25
-  **Francisco Vicente** Atrasado mental
Gosto · Responder · 26/1 às 12:07
-  **João Moita** Lá vão ter de contratar os Mexicanos para fazerem as obras!
Gosto · Responder · 25/1 às 22:40
-  **Nuno Afonso** Toca a investir nas acções das constructoras americanas!
Gosto · Responder · 25/1 às 22:12
-  **Carlos Castanheira** Está TRAMPA não sabe distinguir pontes a muros...é mesmo javali
Gosto · Responder · 26/1 às 0:04
-  **Carlos Silva** Doente mental do c.r.lho...
Gosto · Responder · 3 · 25/1 às 21:10
-  **Filipe Popesco** O muro ja existe e tem 1000 kilometros, foi mandado construir por BILL CLINTON em 94. Povo ignorante e facilmente manipulado. afinal quem e doente??? Acho que tu e mais alguns.
Gosto · Responder · 25/1 às 23:04
-  **Carlos Silva** Filipe Popesco oh burro tira as palas. Já existe um muro e chega bem. Que tratem de ter outras políticas em relação a essa gente. Muitos desses imigrantes mexicanos são trabalhadores explorados /pagos com salários abaixo dos de lei. Para isso têm serv... Ver mais
Gosto · Responder · 26/1 às 12:17
-  **Artur C. Lemos Duarte** O muro a seguir é entre ele e os OUTROS!...
Gosto · Responder · 25/1 às 23:48
-  **Nuno Andrade** Mas este homem só sabe assinar?
Gosto · Responder · 25/1 às 22:51
-  **Bijou Cabral** e quem muito ataca a imprensa , passa a vida a convoca-la para mostrar a sua extensa assinatura.
Gosto · Responder · 25/1 às 23:04



Maria Elvira Correia Ele agora manda no dinheiro dos outros

Gosto · Responder · 27/1 às 8:39



Helena Cepeda Está a cumprir tdas as promessa eleitorais.

Gosto · Responder · 26/1 às 21:37



António Martins É louro. (Não estão aqui incluídas AS louras)

Gosto · Responder · 25/1 às 22:46



Teresa Paula Felix Paulo Paulo 4 anos

Gosto · Responder · 26/1 às 1:48



Rui Delvas Grande Trump, pôr o narcoestado a pagar o muro é de génio.

Gosto · Responder · 1 · 25/1 às 23:54



Manuel Silva Ele há cada maluco!

Gosto · Responder · 25/1 às 22:15



Filipe Popesco O muro ja existe e tem 1000 kilometros, foi mandado construir por BILL CLINTON em 94. Povo ignorante e facilmente manipulado.

Gosto · Responder · 25/1 às 23:05



Maria Luísa Veiga



Gosto · Responder · 25/1 às 22:42



Maria Luísa Veiga



Gosto · Responder · 25/1 às 22:42



Maria Manuela Lima Às vezes os muros caem....

Gosto · Responder · 25/1 às 22:44



Gouveia Silva Armando You think this good job. .

Gosto · Responder · 25/1 às 22:16



Albino Magalhães Lá está o diabo em ação; cuidado mundo!!

Gosto · Responder · 25/1 às 21:09



Filipe Popesco O muro ja existe e tem 1000 kilometros, foi mandado construir por BILL CLINTON em 94. Povo ignorante e facilmente manipulado.

Gosto · Responder · 25/1 às 23:05



J Moreira Moreira É pa este gajo é mesmo psicopata...

Gosto · Responder · 25/1 às 22:37



Filipe Popesco Ou foi o BILL CLINTON EM 1994????? Fez mais de 1000 kilometros de muro... tapadinho que come tudo o que le.

Gosto · Responder · 25/1 às 23:06



Joao Coelho Já está resolvido...

<http://www.imprensafalsa.com/muro-com-o-mexico-trump.../>

Gosto · Responder · 26/1 às 3:14 · Editado

Artigo 6



Expresso

26/1

Ao contrário do que aconteceu em anteriores transições de poder em Washington, a Casa Branca já aceitou as cartas de demissão destes diplomatas



EUA: Vários diplomatas do Departamento de Estado deixam o cargo

EXPRESSO.SAPO.PT

Gosto Comentar Partilhar

92

Comentários Principais (sem filtro)

14 partilhas

12 comentários



Martins Jose Quer queiram ou não, algo vai ser diferente se virá melhor ou pior depende de quem está aos comandos, mas não deixa de pesar de quem se deixa comandar, a direita está a tentar se refazer de seus desastres, os povos que desta sopa vão comer, talvez no lugar de andarem pure ai aos saltos protestando, de mãos vazias, só para dizer que a carroagem vai passando e de outro lado tentando guardar o lugar quentinho desses trastes democratasinhos, que será bom não esquecer se hoje estamos nesta encruzilhada, foi graças ao falhanço quando a direita meteu o poder nas mãos dos exepertos em economia de mercado para jerirem os destinos do futuro do Mundo, e tudo se afundou, pure isso pure uma vez seria bom que as classes operarias dechassem de faser a cama desta jente, e pensassem no seu próprio futuro que lugar nos reserva, e em que condições, normalmente seria nisto que deveriam se debroçar, mas se quiserem continuar a gritar contra Trump, amanhã contra Le Pene, para assegurarem seu futuro, ok, sempre irao sobrar umas migalhas como recompensa!!!

Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 9:30 · Editado



Antonio Poeta Foram convidados a sair. É diferente! Quem não aguenta, que vá andando.

Gosto · Responder · 7 · 26/1 às 23:29



Joao Pereira de Almeida Se era para manter a "linda política externa" do funesto Obama, ainda bem que os mandaram embora Já chega de guerras provocadas e hipocrisia pacifista para ganhar dólares

Gosto · Responder · 2 · 27/1 às 7:21 · Editado



Zé Miranda Foram despedidos seus inúteis. Naveguei na net 5 minutos descobri logo o que tinha sucedido. Ou vocês são muito burros ou muito aldrabões.

Gosto · Responder · 8 · 26/1 às 23:17 · Editado



José Bolotas Ah foi,? Então mete aí os links dessa investigação

Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 23:23



Saúl Pereira No stormfront ou no Breitbart?

Gosto · Responder · 3 · 26/1 às 23:28



Jose Forbes de Bessa Foram demitidos e isto já se fala há tempos RUA!! O Expresso e o seu falso jornalismo

Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 4:25



Amelia Fortunato Lá vão mais uns familiares para esses lugares, quer tenham sido demitidos ou se demitiram é igual, o motivo deve ter sido o mesmo!

Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 23:28



Myke Mendes Isso é estratégia típica de países com socialismo, não é com capitalismo...

Gosto · Responder · 27/1 às 1:23



Gabriela Sotma Não diga disparates! O corpo diplomático não são os familiares, não é propriamente a América latina!

Gosto · Responder · 27/1 às 19:19



Amelia Fortunato Parece que vai ser pior que a América latina Gabriela Sotto-Mayor



Maria Vargas E vão deixar muitos mais! Á medida que os disparates forem aumentando....

Gosto · Responder · 4 · 26/1 às 23:13



Tiago Santos para dar lugar a outros

Gosto · Responder · 26/1 às 23:27



Maria Vargas Claro, como em todos os lugares! Há sempre alguém mais de acordo, com o estabelecido.....

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 23:31



Beto Ibeas Eles foram despedidos. Despedidos.

Gosto · Responder · 2 · 27/1 às 0:29



Luis Salles C'est la vie...

Ver Tradução

Gosto · Responder · 27/1 às 13:32



Ruth Marquez Gente com vergonha na cara!

Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 23:13



Edgar Gonçalves Eadgar Os ratinhos fogem a sete pés do tio trump, rrsrrsrrs.

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 23:07



Jose Maria Ribeiro Porque têm alguma dignidade..

Gosto · Responder · 3 · 26/1 às 23:17



Edgar Gonçalves Eadgar O tio trump vai levar a América de novo á Glória perdida com o Zé Obama!!!!

Gosto · Responder · 3 · 26/1 às 23:18



Amelia Fortunato E o goncalveszinho ganha o quê com isso? Está lá como pedreiro e tem medo de perder o assentamento de tijolos lá no muro do México?

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 23:32



Edgar Gonçalves Eadgar



Gosto · Responder · 26/1 às 23:56



Augusto Chiengo Isso tá duro.

Gosto · Responder · 26/1 às 23:08



Mario Ramos VIVA A Donald J. Trump

Gosto · Responder · 27/1 às 10:39

Artigo 7

E Expresso
- 26/1 ·

A decisão vem no seguimento das crescentes tensões entre Enrique Peña Nieto e o recém-empossado Presidente dos Estados Unidos, um dia depois deste ter dado luz verde à construção do muro na fronteira entre os dois países, escreve o *Washington Post*



Presidente mexicano cancela encontro com Trump

EXPRESSO.SAPO.PT

Gosto Comentar Partilhar

486 Comentários Principais (sem filtro) ▾

21 partilhas
56 comentários

Evans Fu Uma grande oportunidade para a China que seguramente vai tentar tomar o lugar dos USA no México e talvez América latina no geral, erro fulcral em política por parte do Trump.

Isto acabou de ficar sério, possível golpe enorme à economia dos USA, primeira repercussão de muitas ainda por vir.

Gosto · Responder · 22 · 26/1 às 17:38 · Editado

Anthony Salgado México tem um excedente de 60 bilhões com os EUA. Quando lidas com um país com o poderio dos EUA, brincas, lixas-te

Gosto · Responder · 3 · 26/1 às 18:06

Elena Henriques Uma vez que o idiota acha que faz o que lhe dá na gana, é possível que a união faça a força, tirando o Putin, não vejo muitos países a dar suporte a esta idiotice.

Gosto · Responder · 4 · 26/1 às 18:18

João Miguel Pelica Anthony Salgado quando um país que deve 300% do seu PIB, a maior parte do qual à China, se mete com os países mais importantes do Planeta, nomeadamente a China, os países da UE, o Canadá e o México, e persiste em isolar-se nas suas fronteiras, tem uma alta probabilidade de se lixar!

Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 19:10

Wender Gonçalves Todos os anos 12bi saem dos EUA para o México através dos ilegais, se Trump cortar a mamata o prejuízo para o México será muito maior.

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 19:24

Jorge Joca Mas a balança comercial é favorável é favorável ao México 60 bilhões ano , não é reversível este cenário a médio prazo

Gosto · Responder · 26/1 às 20:38

Tiago de Sousa Anthony Salgado os EUA compram produtos ao México. O México vende e não tem mais obrigações nenhuma.

#fuckingwall

Gosto · Responder · 27/1 às 13:26



Antonio Neves Ora bem a droga passa em que sentido? A emigração ilegal passa em que sentido? Deve dar uma ideia de onde é mais agradável viver e de quem prevarica para ter que haver apertado controlo fronteiriço...Do lado do Canadá que me consta não há esse problema...Isto é tudo mais show Off do que outra coisa...Fosse o trump ou outro presidente americano democrata o México é que devia criar condições para o seu povo n ter q fugir, bem como controlar o tráfego de droga que todos sabemos que é quem governa o país...Daí que fazer os EuA os maus da fita neste cenário so pq lá chegou o trump é ridículo...

Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 0:15 · Editado



Luis Marreiros Desde 2008 que o fluxo de pessoas é maior indo dos USA para o México do que o contrário. O trabalhador Mexicano é o estrangeiro mais apreciado por patroes Americanos (eu incluido). A droga é toda consumida nos USA...e enquanto houver esse apetite o negócio vai continuar...com aquela fronteira 'tão grande é impossivel travar seja o que for...

Gosto · Responder · 2 · 27/1 às 1:14



Antonio Neves Esta-me a dar razão, a droga passa no sentido mexico-eua e o trânsito de pessoas também. Não me referia a trabalhadores legítimos mas sim à emigração ilegal que é o que a fronteira tenta travar e não o trânsito de trabalhadores honestos.

Gosto · Responder · 27/1 às 8:25 · Editado



Carlos Cunha a droga passa pq os eua sao um pais de drogados, quero ver se a droga deixa de passar....a trump tower vem abaixo...looooll...quanto a imigracao, aquela terra e dos indios, toda a merda que por la esta sao imigrantes, o resto e treta.

Gosto · Responder · 27/1 às 8:41



Antonio Neves Essa lógica dos EUA serem culpados da droga pq consomem é a mesma lógica de desculpar o ladrao pq o proprietário tem bens para roubar lololol...Relativamente à emigração existe em força mas a q tenta a fronteira travar é a ilegal e não a legítima...

Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 8:50 · Editado



Julio Flores ... apesar de dar o "beneficio da duvida" ao Presidente norte-americano, a confirmar-se a notícia, "tiro o meu chapéu" ao Presidente mexicano.

Quem não se sente, não é filho de boa gente ...

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 21:45



Hélio Rodrigues Seja noticias do EUA ou do Reino Unido só se vê ignorantes e idiotas a falar sobre coisas que não percebem nada, ou a dar opiniões sobre o que não entendem nada. Ao que mundo chegou! Em um espaço de um ano só se vê racistas e xenófobos por todo lado. A humanidade está perdida mesmo. Isto é começo do fim.

Gosto · Responder · 4 · 26/1 às 19:14



Roy Valente Paravents viva à liberdada abaixo os muros e sa Fronteiras 🇮🇹🇮🇹🇮🇹

Gosto · Responder · 26/1 às 19:44



Luis Marreiros Nada disso...vai correr tudo bem....Sai do Facebook e desliga a TV....A Humanidade nunca esteve tão bem...

Gosto · Responder · 27/1 às 2:23 · Editado



Rafael Nevado Quase parece um homem!!! 😊 Esquece-se apenas de dois pequenos pormenores: o muro já é praticamente uma realidade e é o México que tem dinheiro a receber dos EUA e não o contrário (isto para já não falar da hipótese de tributação de todas as divisas que saírem dos EUA para o México). 😊 Ou seja, se a estupidez matasse, só à custa do González já se pagava o muro...

Gosto · Responder · 7 · 26/1 às 17:46

^ Ocultar 29 respostas



Ana Susana Dias que pena o senhor ser tao ignorantezinho que nem sequer sabe que o méxico é o 2º (leu bem) parceiro comercial dos eua...

Gosto · Responder · 8 · 26/1 às 17:51



Rafael Nevado Ana Susana Dias eu sei isso, quem pelos vistos não sabe o tipo de participação que existe nessa tal "pareceria" nem tão pouco os valores envolvidos ou para que lado pende a balança comercial não sou eu... E já dizia o outro, há ignorâncias e ignorâncias...

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 17:57



Ana Susana Dias se soubesse alguma coisa, saberia que nos ultimos 10 anos o numero de mexicanos emigrados nos eua diminuiu brutalmente, pois a economia mexicana tem vindo a melhorar ano após ano. acabando com o nafta, quem se vai lixar são os eua pois o méxico continua a ter muitos parceiros comerciais. o trump, com o isolacionismo da américa, e porque pensa que ainda vivemos no século xix, vai levar os eua ao desastre. e eu vou aplaudir cada queda...

Gosto · Responder · 9 · 26/1 às 17:59



Ana Alexandrino Ana Susana Dias não precisa chamar nomes às pessoas porque a senhora se acha muito esperta

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:02



Joaquim Pinto Ana Alexandrino Não é ser mais esperto, se chama melhor informado.

Gosto · Responder · 5 · 26/1 às 18:07



Jose Maria Ribeiro Ana Susana Dias, concordo consigo e esse senhor também desconhece que a comunidade mexicana nos USA tem vindo a aumentar o seu rendimento e o seu poder económico sendo actualmente um dos grupos que mais investe na compra de casa...portanto ajudando a economia ao contrário do que apregoam os Trumpistas primários...

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:08



Rafael Nevado Ana Sousa Dias, não basta debitares aqui todas as idiotices que lês nos sites ligados aos floquinhos de neve lá dos EUA. Se quiseres ser levada a sério tens de sustentar o que escreves mas já vi que economia política e finanças não são propriamente o teu forte...

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:09



Rafael Nevado Bois existem muitos no México e a querer entrar nos EUA, só que agora vão marrar com os cornos numa parede (sem ofensa)... 😊

Gosto · Responder · 2 · 27/1 às 0:09 · Editado



Rafael Nevado Os México vai pagar todos os tijolos do muro seja através de compensação efectuada na balança comercial seja através da taxação de produtos à entrada seja através da taxação do envio de divisas para fora dos EUA. Os EUA têm a faca e o queijo na mão...

Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 18:18



Elena Henriques Isso é o que vamos ver. Era só o que faltava este idiota achar que é o CEO do planeta.

Gosto · Responder · 26/1 às 18:22



Rafael Nevado Elena Henriques, é exactamente isso que se vai passar. Se não for, aqui estarei para fazer o meu mea culpa e espero que todos vocês tenham coragem para fazer o mesmo.

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:24

 **João Correia** O que este delirante escreva se esquece é que a China já deve estar a esfregar as mãos de contente com esta gaffe que apenas custará aos EUA o seu 2º maior parceiro comercial. Depois venham-me falar de ser forte em política e em economia. ❤️

Gosto · Responder · 3 · 26/1 às 18:34

 **Rafael Nevado** A China são contas de outro rosário... Não mistures alhos com bugalhos, ó escreba iluminado.

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:36

 **Rafael Nevado** Vamos ver quem vai sair a ganhar dessa guerra com a China...

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:36

 **Rafael Nevado** O Trump disse que ia construir o muro, já está. O Trump disse que o México o ia pagar de uma maneira ou de outra, e vai pagar. O Trump disse que ia controlar a imigração ilegal de mexicanos e isso também está em marcha. Tudo em 3 dias e no fundo é isso que vos lixa...

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:39

 **Diogo Rodrigues** O pessoal esquece-se que a China tem grande parte da dívida Americana...

Gosto · Responder · 26/1 às 18:40

 **Rafael Nevado** E?!

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:41

 **João Correia** E?! E sanções económicas, conhece o conceito? E deterioração de política externa, conhece o conceito? E taxa de cobertura das importações pelas exportações, conhece o conceito? Aliás, conhece algum conceito económico que não o douto "marrar com os cornos contra um muro"? Uns vivem na Terra, outros, na Legolândia.

Gosto · Responder · 3 · 26/1 às 18:56

 **Rafael Nevado**



Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:57

 **Rafael Nevado** Não brinques..

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:57 · Editado

 **Rafael Nevado** Tu estás mesmo a falar a sério...

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:59

 **Rafael Nevado** Ele está preocupadíssimo com isso tudo, não se nota? E, sobretudo, cheio de medo de sanções... 😊

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 19:05

 **Hélio Rodrigues** E? E tu és mais um ignorante que adora falar sobre coisas que não entende nada. Com muitos outros fazem. Devias usar mais o "google" e aprender umas coisitas. Primeiro os EUA já tem um muro tecnicamente, que é uma vedação para ai com uns 10 metros de altura e cheia de câmaras e com policia fronteiriça, o Trump nao vai construir nada, porque construído ja la esta alguma coisa. E eu sei disso porque ja morei lá, ao contrario de ti. Segundo o mexico e a china principalmente tem um grande parte da divida dos EUA. Os EUA tem um enorme défice, ou seja não tem dinheiro para cobrir as despesas que faz anualmente. Se não pagar simplesmente fica sem dinheiro. E por isso e que os países fazem empréstimos a outros. E podia estar a falar de mais e mais parvoice que dizes. O Trump vai destruir o mundo e so em 3 dias ja se viu o que vai acontecer. Tu e outros deviam era terem vergonha do defenderem. Em 3 dias tirou o direito às mulheres, lixou-se para o aquecimento global e nomeou um ministro do ambiente que diz que o aquecimento global e mentira!!!, nomeou amigos e familiares tao ignorantes como ele para cargos publicos e ainda nomeou um ministro da finanças que se esqueceu de declarar 100 milhões de impostos. Se tudo isto se passasse em portugal, queria ver o que os defensores idiotas de trumpo como tu andavam a dizer agora!

Gosto · Responder · 4 · 26/1 às 19:08

-  **Rafael Nevado** O Hélio tem lições de economia política, finanças e diplomacia com o Professor Google... Top!!!
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 19:10
-  **João Correia** Top é não ter argumentos para o que várias pessoas já expuseram e continuar a desviar as atenções para o que não importa. Mas, pensando bem, é isso que a Administração Trump tem feito. ❤️
Brinca com os legos, mocinho, e deixa a conversa de adultos para os adultos.
Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 19:53
-  **Rafael Nevado** Eu diria que comecei com alguns argumentos bem mais lógicos que as "sanções" aos EUA (como se vai verificar). Sanções... lol Mas, e daí, no mundo onde tu e os hilários vivem também ainda há unicórnios e o camandro...
Gosto · Responder · 26/1 às 20:17
-  **Jose Maria Ribeiro** Este Rafael Nevado só conhece a América em sonhos ou pela NET e pensa que sabe tudo. Simplesmente patético...
Gosto · Responder · 26/1 às 20:51
-  **Rafael Nevado** É isso, Jose Maria Ribeiro, o problema é mesmo meu... 😊 A China vai impor sanções ao seu maior devedor e depois vai receber em palitos... Pequim aguarda pelo vosso génio...
Gosto · Responder · 26/1 às 20:57
-  **João Correia** Ó urso, a China não vai impor sanções económicas a ninguém, muito pelo contrário, vai é aproveitar o mercado mexicano que nem um puto numa loja de doces. Depois, o 2º maior parceiro comercial dos EUA é o México. 60% das verduras e frutas que os EUA con... Ver mais
Gosto · Responder · 27/1 às 10:40
-  **Domingo Gomes Reis** Creo correcta la actitud del Presidente de México. No obstante, lo que debería hacer para resguardo de la dignidad de su pueblo, es que en México se den todas las condiciones socioeconómicas, culturales y jurídicas, capaces de hacer que el mismo prospere en su patria con su trabajo y su industria, sin tener que emigrar fuera de sus fronteras para lograrlo. Ciertamente, ¡la emigración forzada de un pueblo por razones de seguridad y/o oportunidades de trabajo, es una deshonra para la dignidad de su país y de su gobierno...! ¿Por qué México no puede ofrecer a sus ciudadanos las mismas oportunidades que estos, a pesar de todas las circunstancias negativas que conlleva la emigración, encuentran en los EUA...?
Ver Tradução
Gosto · Responder · 26/1 às 23:47
-  **Maria Silveira** A vida está difícil para todos...mas para o Presidente do México, está que não se pode! Isto de ter altos cargos para aparecer na passerelle e deixar andar...é que era!
Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 17:42
-  **Ana Cristina Silva** Já cancelou. O chicano quer parecer homem e tentar uma posição de força com o Trump quando tem dinheiro a receber dos EUA e o homem lhe pode tributar as divisas... 😊 Se a estupidez matasse só à custa do González já se pagava o muro...
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 22:36
-  **Adam Abdellaoui** O mundo poderia boicotar (sempre que possível) produtos made in USA e consumir mais produtos made in México ... Seria um bom passo
Gosto · Responder · 10 · 26/1 às 17:24
- ^ Ocultar 15 respostas
-  **André Cardoso** Facebook?
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 17:34
-  **André Cardoso** Vou procurar o Libro de caras.
Gosto · Responder · 26/1 às 17:35
-  **Adam Abdellaoui** (sempre que possível) como disse ...
Gosto · Responder · 26/1 às 17:38
-  **Adam Abdellaoui** não entendi o 2º comentário
Gosto · Responder · 26/1 às 17:38
-  **Vitor Lemos** Facebook. Face, book.
Gosto · Responder · 26/1 às 17:45
-  **Adam Abdellaoui** + uma vez repito Sempre que possível ... mais alguém vai dizer facebook twitter ?
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 17:46
-  **Vitorino Coelho** Ou mande in Portugal
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 17:55
-  **Hernani Sousa** Adam Abdellaoui Libro de caras, facebook é um produto americano.
Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 18:00



Adam Abdellaoui Ah ... Livro = libro ... OK ... Mas quando eu digo sempre que possível é quando existe alternativa ... Há produtos made in usa que temos de usar os não haver outra alternativa

Gosto · Responder · 26/1 às 18:07



Nelio MacArthur Adam Abdellaoui a intenção é boa mas não é exequível a médio prazo. EUA é a única super potência actualmente. Por isso o país que tentar implementar qualquer boicote pode se arrepender profundamente.

Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 18:23 · Editado



Elena Henriques Não seja por isso, se for preciso largar o livro de caras, ora menos tempo se perde.

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 18:23



Hernâni Sousa Adam Abdellaoui ninguém se enganou a escrever livro. Livro de caras seria assim facebook em espanhol. Que caso não saiba um facebook é mesmo isso, aquele livro que por exemplo é chamado anuário escolar com as fotos de toda a gente na escola, e que guardamos la em casa e um dia vamos matar saudades com velhas memórias.

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 19:55



Rui Delvas Droga? Que outros produtos de excelência posso comprar no México?

Gosto · Responder · 26/1 às 19:57



Adam Abdellaoui Rui Delvas Produtos made in México ,apesar mesmo não sendo produtos mexicanos são produzidos lá e contribuem para o PIB Mexicano (e para o PNB - Produtos nacional bruto, do país de origem) ... entendes agora ? ... mas como é obvio e como já foi dito a aqui uma tentativa de boicote é uma mera utopia , mas algo terá de ser feito porque com esse gajo o futuro dos nossos filhos fica hipotecado ...

Gosto · Responder · 26/1 às 20:17



André Cardoso Por acaso acho que não tens razão, porque uma coisa é o governo, outra coisa são as pessoas que podem ter ou não votado no Trump, e estas pessoas são as que produzem aquilo que consumimos. Vais-me dizer que vais deixar de ouvir música, ver filmes, ler, Internet, a lista não acaba. Já ouviste a pergunta "O que é que os romanos fizeram por nós?".

Mas se fores viver para o mato pode ser que consigas. 😊

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 20:37



Ana Susana Dias BRAVO! BELA BOFETADA NAQUELAS TROMBAS DE LOUCO VARRIDO! E VIVA MÉXICO!

Gosto · Responder · 17 · 26/1 às 17:14



Fábio Ribeiro vai para lá depois vais ver se é viva o mexico quando tiveres no meio num cartel !

Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 17:42



Ana Susana Dias Fábio Ribeiro e tu vai à cova da moura. ficamos quites, só que no entretanto não ofendi um povo inteiro com uma História e uma cultura milenares. percebeste, caramelo?

Gosto · Responder · 5 · 26/1 às 17:50 · Editado



Luiz Martins Poucochinho



Gosto · Responder · 26/1 às 17:57



Virginia Silva "Es mejor morir de pie que vivir de rodillas." - Emiliano Zapata
Ver Tradução

Gosto · Responder · 6 · 26/1 às 17:16



Laura Gomes É primeiro mexicano entre muitos, não querer passar a fronteira com EUA, e a ficar em casa.

Gosto · Responder · 5 · 26/1 às 17:29



Bijou Cabral Que saia da Nafta ! Os EUA andam a destruir o México. E depois é curioso ver que os maiores consumidores da droga mexicana são os americanos.

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 19:44 · Editado



João Correia Os cães ladram, e os homens demonstram-se homens. Próximo buraco a cavar: China. ❤️

Gosto · Responder · 26/1 às 18:31

-  **Luis Manuel** Fez muito bem
Gosto · Responder · 26/1 às 18:00
-  **Jorge Sabino** Espero que os líderes de outros países façam o mesmo.
Gosto · Responder · 26/1 às 23:48 · Editado
-  **Ana Alexandrino** Aplaudo
Gosto · Responder · 26/1 às 18:05
-  **Lino Galveias** muito bem, faz frente ao mal-educado do teu vizinho
Gosto · Responder · 26/1 às 19:57
-  **Maria Clara Silva** Fez Mt bem conversar com aquele atrasado, energume . Eu fazia o mesmo
Gosto · Responder · 26/1 às 18:35
-  **Fatima Gaspar** Os mexicanos também são gente!
Gosto · Responder · 4 · 26/1 às 17:28
-  **Luis Ferreira** Oportunidade perdida para fazer frente a Trump.
Gosto · Responder · 26/1 às 17:51
-  **Vitorino Coelho** Não senhor. Assim é que faz frente. Deixou o Trump a falar sozinho.
Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 18:02
-  **Luis Ferreira** Caro Vitorino não podia discordar mais mas respeito à sua opinião. Em diplomacia as chapadas de luva branca não têm muito efeito. O presidente do México perdeu uma grande ocasião de se tornar um bastião da censura às políticas americanas, de ser ouvido pelos média do mundo inteiro em solo dos EUA. Falta de coragem.
Gosto · Responder · 26/1 às 18:28
-  **Maria Clara Silva** Luis Ferreira aquele sr não merece luvas brancas , isso é para gente de caráter coisa que o energume não tem
Gosto · Responder · 26/1 às 18:40
-  **Luis Ferreira** Foi o que eu escrevi.
Gosto · Responder · 26/1 às 18:53
-  **Lurdes Danaia** Era de prever depois das declarações de Trump!!
Gosto · Responder · 26/1 às 18:55
-  **Paulo Gonçalves** LOL, está preocupado com a exportação da droga....
Gosto · Responder · 26/1 às 22:04
-  **Artur Alexandre** Fez muito bem em cancelar!
Gosto · Responder · 26/1 às 19:02
-  **João Cruz** As alarvidades só agora começaram, calmaaaaaaaaaa !!!
Gosto · Responder · 26/1 às 18:42
-  **Joaquim Pinto** Grande homem.
Gosto · Responder · 26/1 às 18:08
-  **Francisco Ponciano** Grande atitude é preciso enfrentar os negrumeos
Gosto · Responder · 26/1 às 19:00
-  **Georgina Nunes** AMEAÇOU IR PARA TRIBUNAL E FAZ ELE MUITO BEM.
Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 17:33
-  **Rafael Nevado** Que medo!!!
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 17:47
-  **Maria Elvira Correia** Nem mais
Gosto · Responder · 28/1 às 9:53
-  **Maria Elvira Correia** Toma lá trump
Gosto · Responder · 27/1 às 8:39
-  **Jb César** Se assim for, fez muito bem.
Gosto · Responder · 26/1 às 19:40
-  **Isabel Carvalho** Fontes de Braga. Fico-me por aqui 😞
Gosto · Responder · 26/1 às 17:25
-  **Fontes de Braga** que tenho eu a ver com isto? caguei no trump, nos states e no México., só comentei naquele post porque era verdade o que disse, o texto foi retirado do "truques da imprensa portuguesa", bater por bater também não e a notícia eram os sites que tinham de... Ver mais
Gosto · Responder · 26/1 às 17:32
-  **Mario Ramos** VIVA A Donald J. Trump
Gosto · Responder · 27/1 às 10:44
-  **Luis Queiroz** Artur Mendes
Gosto · Responder · 26/1 às 20:00
-  **Manuel Feliz** E o que diz Trump?:
<https://m.facebook.com/story.php...>
Gosto · Responder · 26/1 às 17:13
-  **Francisco Moura Pinheiro** #AmericaFirst <https://afarpa.com/2017/01/26/acupula-do-capitolio/>
Gosto · Responder · 26/1 às 21:19

Artigo 8

Expresso - 26/1

Esta taxa vai gerar 10 mil milhões de euros por ano e, desta forma, os Estados Unidos "vão conseguir facilmente pagar o muro"



Casa Branca: muro será pago com imposto de 20% sobre importações mexicanas

EXPRESSO.SAPO.PT

Gosto Comentar Partilhar

379 Comentários Principais (sem filtro)

78 partilhas
87 comentários

Catarina Guerreiro Digam-me que isto é um grande casting para a casa dos segredos e a qualquer altura aparece a Teresa Guilherme mais as Kardashians por trás dele....
Gosto · Responder · 87 · 26/1 às 21:36

Myke Mendes a vossa visão do mundo não sai de um reality show... faz todo o sentido.
Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 8:27

Rui Costa Um país que importa 69% dos produtos vegetais e 39% das frutas que consome do México, aplicar uma taxa aduaneira de 20% só penaliza os próprios americanos. Só Trump não percebe isso!
Gosto · Responder · 100 · 26/1 às 21:31

↑ Ocultar 13 respostas

Maria Adelina Ferreira Lima Perceber talvez perceba, mas de momento convém-lhe manter -se em alta no Twiter. Oportunamente encontrará forma de fazer crer q os mexicanos pagaram o muro!
Gosto · Responder · 5 · 26/1 às 21:58

Manuel Antero ele percebe bem
Gosto · Responder · 26/1 às 22:31

Alberto Gomes OS EUA NÃO importam 69% dos produtos vegetais que consomem do México! É falso! Uma taxa de 20% sobre as importações do México faz com que centenas ou milhares de fábricas americanas que se mudaram para o México, para explorar a mão de obra barata, fiquem... Ver mais
Gosto · Responder · 11 · 26/1 às 22:33

José Semedo Alberto Gomes Ha varias fontes a confirmarem o q diz o Rui Costa e as Leis de emigração americanas são mais responsáveis por trabalho escravo mexicano dentro do EU do que no próprio Mexico.
Gosto · Responder · 4 · 26/1 às 23:06

Alberto Gomes José Semedo Os mexicanos não fogem do México para os Estados Unidos para ficarem pior! Esse argumento parece o dos comunistas quando diziam que os alemães de Leste que fugiam para o Ocidente fugiam para pior! As leis de emigração nos EUA são desrespeitadas pelos imigrantes ilegais. Como é que uma lei que não é cumprida é responsável pela situação de quem não a cumpre? Se de facto há trabalho escravo mexicano nos Estados Unidos...então os mexicanos devem agradecer ao Trump a libertação da escravatura e o regresso à liberdade no México!
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 23:55

Luisa Maria Fernandes Está a ir longe demais e só passaram 7 dias
Gosto · Responder · 27/1 às 0:43

José Semedo Alberto Gomes , o trump é racista, xenofobo e quer apenas estabelecer um tributo medieval ao povo mexicano, é ele que pretende fomentar a clandestinidade da mão de obra mexicana necessária para a economia americana para a embaratecer. Afinal os americanos é q vão pagar o muro através de impostos . O que esperar? O homem já declarou bancarrota 4 vezes. É um "artista". Os Eu efetivamente tem 69% de dependência da produção agrícola mexicana.
Gosto · Responder · 4 · 27/1 às 2:01 · Editado

Moises Santos José Semedo o racista ja e invencao sua, me mostre um link ou um video ou qqer coisa que prove que o Trump e racista, xenofobo tbem e invencao pois ele ja teve duas esposas de outros pais, o Trump jamais falou que na gosta ou nao tolera imigrantes, ele nao aprova os que estao na ilegalidade, e quem aprova?? de certeza que quem esta ilegal vem de um pais onde nao aprovam, inclusive no mexico ilegal pode epgar ate cadeia.
Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 5:09

 António Monteiro Moises Santos só não vê quem não quer:
<https://www.youtube.com/watch?v=86gbVJV1p2M>



Donald Trump's Most Racist, Sexist, Idiotic and...

YOUTUBE.COM

Gosto · Responder · 27/1 às 9:43

 António Monteiro Ainda bem que nos tempos que correm ele não tem poder absoluto, se não todos os pró-Trump não americanos iriam sofrer na pele aquilo que dizem que ele não seria capaz de fazer... Eu percebo que os Americanos(EU) votem nele, já os de fora defender um homem destes é ridículo. Não sei se vai ser um bom presidente ou não mas como ser humano deixa muito a desejar. Em termos de compaixão penso mesmo que um Lagarto de Komodo ou um Touro enraivecido são capazes de melhor...

Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 9:46

 Rui Gomes Moisés Santos, na apresentação de cumprimentos de Trump como novo Presidente, há um Senador de cor, a quem ele virá as costas para não o cumprimentar. Agora pergunto eu, o que será isso, senão racista ?

Gosto · Responder · 27/1 às 22:43

 José Semedo Moises Santos, Se ainda consideras possível desmentir que o trump é um racista, misógino e aldrabão, não tenho argumentos, procura as suas declarações na net. Só espero que não comece a deportar portugueses. Deixo-te esta citação brilhante : "os portugueses são como os espanhóis, mas, piores"

Gosto · Responder · 29/1 às 0:22 · Editado

 José Semedo Moises Santos estás a gostar do espetáculo q está a acontecer no aeroporto JFK?

Gosto · Responder · 29/1 às 0:22

 Ricardo Goulão Santos Estou para ver como é que os Estados Unidos fazem esta. Estão numa zona de comércio livre (a NAFTA) e querem levantar barreiras alfandegárias? Ou significa isto que Trump decide romper um acordo internacional para pagar o seu desvario? São estes os novos Estados Unidos, que rasgam tratados internacionais por "dá cá aquela palha"? Enfim, "parceiros comerciais" e "aliados" destes não servem de muito. Trump em uma semana arruma com a reputação dos Estados Unidos de democracia livre e respeitadora da liberdade de expressão e de imprensa e, agora, de país que honra os acordos internacionais que assinou. Assim prossegue a queda da maior economia do Mundo. Já agora... sabem quem paga o imposto sobre as importações? Ah, pois é, os importadores! E esses são... dos Estados Unidos! Vamos ainda ver que essas importações dizem respeito a componentes de produtos que os Estados Unidos exportam para outros países que, de repente, vêm os seus custos aumentar para pagar o muro! Ah a imbecilidade...

Gosto · Responder · 13 · 26/1 às 23:44

 Venâncio Samuel Delírio! Uma das duas: 1) a equipa económica de Trump não percebe nada de fiscalidade ou 2) está nem aí com o consumidor americano. Aumentar imposto sobre as importações tem reflexo directo no custo final do produto. O consumidor final vai pagar o pato. Kkkkkkk. O mais estranho em tudo isto é que pessoas aparentemente muito inteligentes estão a embarcar na conversa de Trump, o pseudo salvador dos valores americanos e cristãos.

Gosto · Responder · 3 · 27/1 às 23:04 · Editado

 Machai Junior CN Realmente, esta América está estranha. A terra das liberdades já era. Trump desfaz 400 anos em 7 dias.

Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 18:21

 Miguel Ângelo Carvalho Como é que a equipa de fiscalidade do Trump há-de perceber alguma coisa? Se o chefe deles passou a vida a fugir aos impostos e ainda teve a distinta lata de o afirmar perante toda a nação! Este mentecapto vai destruir completamente os Estados Unidos da América com a sua arrogância, complexo de superioridade, desconhecimento de matérias fundamentais, etc.

Gosto · Responder · 27/1 às 20:54



Lino Galveias ou seja, a malta vai pagar mais 20% de imposto sobre produtos.

O México não irá pagar o muro.

O Trump tem produtos da sua linha feitos no México, há a música, os nachos, enchiladas, o tabasco e milhões de mexicanos que constroem os EUA todos os dias, a música dos artistas mexicanos enriquecem editoras (como a Warner com o Ritchie Valens), etc.

Hipocrisia e mentira

Gosto · Responder · 7 · 26/1 às 21:52



Jorge Parente Baptista Richie Valens? Uau. Morreu há montes de anos. Deve vender muita música. Lol.

Gosto · Responder · 26/1 às 22:16



Lino Galveias vende sim (e não falo só da La Bamba, mas de outras que tocam nas rádios e afins, além de discos que ainda são vendidos)... e além disso são muitos mais músicos de origem mexicana. Olha, o Carlos Santana, por exemplo. Se fosse a ele não iria tocar aos EUA. Os Los Lobos são outros, Maná, etc.

Gosto · Responder · 26/1 às 22:26



Luis Schnitzer Da Silva Tudo certo, Lino...excepto o Tabasco que é um produto completamente feito na América por Americanos.

Gosto · Responder · 27/1 às 10:37



Luis Schnitzer Da Silva Nao se esqueça da tequila...

A cultura mexicana está integradíssima na Califórnia e Texas e outros estados.

O trump é completamente ridículo e só está a prejudicar os americanos (mexicanos também)

Gosto · Responder · 2 · 27/1 às 10:39



Lino Galveias Mas a influência é bem latina...

Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 10:49



Lino Galveias Mas a influência é bem latina...

Gosto · Responder · 27/1 às 10:49



João Miguel Pelica O poupas é um idiota, afinal quem vai pagar o muro são os consumidores norte-americanos, e estes quando descobrirem que foram enganados pela bazófia do Trump, não vão achar graça nenhuma! O poupas já se está a desmascarar muito mais depressa do que seria de esperar 😏

Gosto · Responder · 18 · 26/1 às 21:39



João Paulo Paraíso Se os produtos importados quiserem manter-se competitivos sabendo dessa taxa, as empresas mexicanas terão de cortar nas suas margens de lucro e até salários. Não é ideal, nem exactamente bom para nenhum dos lados, mas já poderá dizer que foi o México que pagou. De qualquer modo, conhecendo a dependência e défice comercial do México face aos EUA e as táticas negociais do Trump, era de adivinhar que fosse pressionar o país mais fraco e em pior posição.

Gosto · Responder · 26/1 às 22:10



João Miguel Pelica João Paulo Paraíso Se o México não vender para os EUA, encontrará outro mercado neste mundo global (talvez a UE, ou a China), porque ao contrário do seu vizinho do norte, não estão a fechar as fronteiras com uma cortina de protecção. Mas quem vai pagar o que consome a preço de ouro são os americanos, que quase já não produzem nada e têm uma economia estruturada para as fronteiras abertas. O idiota do Trump vai arruinar a América e os americanos vão arrependem-se amargamente de terem posto um asno na casa branca 😏

Gosto · Responder · 7 · 26/1 às 22:43 · Editado



Ana Figueiredo Concordo.

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 22:23



Nuno Silva Os mexicanos podem-se bem borrifar para o imposto.

Basta vender a uma terceira empresa sediada num país não abrangido pela taxinha e esse país "vende" para os EUA, simples porque é o que acontece em todo o lado.

Só se o Trampas taxar a todas as importações e aí é ainda pior.

Gosto · Responder · 4 · 26/1 às 22:54



Luis Schnitzer Da Silva João Paulo Paraíso os produtos alimentares tem uma margem pequena... vai ser difficilimo cortar 20%

O que vai acontecer é que o povo mexicano vai sofrer e o povo americano das fronteiras, que depende do México para uma grande parte da sua comida, vai ser esfolado mas vai calar se porque nunca exerte pressão política...

Calam se e continuam...mais pobres que antes ...mas o trump esta-se marimbando para que o povo sofra...

Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 10:46



João Paulo Paraíso Toda a gente supõe que isto vai ser suportado pelos contribuintes americanos. Eu não acho que seja assim tão linear pois, se esses produtos exportados querem continuar competitivos e apetecíveis no mercado dos EUA, não poderão aumentar muito os preços. Vão ter de reduzir nas margens de lucro, talvez até em salários, para tentar absorver o impacto da taxa. E sim, isto é bullying comercial, veremos no que resulta. E como ficarão as relações diplomáticas entre os dois países após isto.

Gosto · Responder · 26/1 às 22:13



Nuno Silva Os mexicanos podem-se bem borrar para o imposto. Basta vender a uma terceira empresa sediada num país não abrangido pela taxinha e esse país "vende" para os EUA. Só se o Trampas taxar todas as importações, mas aí é evidente quem paga. Para não falar nos contratos em vigor ... quem paga é o consumidores americano. E isto só vai aumentar os preços para os turistas americanos no México ...

Gosto · Responder · 26/1 às 22:56



João Paulo Paraíso Não sei se as empresas mexicanas têm essa agilidade e tenho a certeza que ele deve ter pensado nessa possibilidade. Ele é um tecnocrata, tenta gerir o país como uma empresa e, embora duvide que ele seja inteligente, não duvido minimamente que ele seja muito esperto. Além de ele ter outros trunfos na mão (renegociação da NAFTA, entre outras coisas em que tem a faca e o queijo na mão). Aqui o México vai ser submetido pela força. Eu vejo nisto uma espécie de ensaio para a maneira como ele irá lidar com a China. Veremos os resultados.

Gosto · Responder · 26/1 às 23:09



Pedro Monteiro É tão estúpido, e ainda mais estúpido quem acredita nele. Os contribuintes americanos vão pagar o muro e ainda vão pagar um imposto sempre que comprarem produtos mexicanos ahahah pagam 2 vezes!

Gosto · Responder · 3 · 27/1 às 10:05



Nelson Pernadas Pedro xiuuu não os acordos... os americanos não são conhecidos pela sua inteligência 😊 ao fim e ao cabo ainda não perceberam que o ACA e o Obamacare são a mesma coisa... para mim essa será sempre a cereja no topo do bolo ❤️

Gosto · Responder · 27/1 às 10:23



Joao Fonseca Pascoal 20% de mais taxas, logo aumento de preços ao consumidor. Ou os clientes não compram e deixam de importar do México, logo não há taxas, ou compram com o acréscimo de custo... Quem paga, afinal?

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 23:22



Hugo Correia Exato

Gosto · Responder · 29/1 às 6:21



Machai Junior CN E no final os próprios cidadãos Norte Americanos é que vão pagar pela construção do muro. Ora vejamos: Taxa de importação sobe para 20% >>> preço dos produtos sobem em dominó >>> cidadão Americano sem nenhuma escolha porque os produtos são únicos e de alta qualidade e compra. O produtor mexicano nada perdeu. O consumidor Americano paga mais. Big bad idea.

Gosto · Responder · 27/1 às 18:17



Álvaro Vieira Se se passarem 2 meses após a reconstrução do muro e a máfia mexicana não conseguir exportar a droga que desejavam eles, os traficantes, fazem-no explodir as vezes que forem necessárias.

Gosto · Responder · 27/1 às 10:05



Marco Enes Parabéns consumidor norte-americano. Acabou de comprar um Muro.

Gosto · Responder · 2 · 27/1 às 10:59



Ilidio Valerio Mas afinal quem vai pagar o muro serão os americanos, pois esses 20% irão incidir sobre os produtos que eles vão consumir vindos do México, será que é assim tão difícil de entender???...Daquele artista só sai asneira, será que vai aguentar no poleiro até ao fim do ano???

Gosto · Responder · 6 · 26/1 às 21:44



Nélcio Painha Este "senhor" Trump é sem dúvida um iluminado que veio ao mundo... Enfim

Gosto · Responder · 3 · 26/1 às 21:40



Jose SottoMayor Assim é o povo Americano que paga o muro !! Quem vai pagar 20% nos produtos Mexicanos sao os EUA 😊

Gosto · Responder · 27/1 às 9:50

-  **Armando Dinis** Nesse caso quem vai pagar o muro são os americanos. Ao comprar os produtos mexicanos que até me parece bem
Gosto · Responder · 27/1 às 10:20
-  **Nuno Silva** Mas se o imposto é sobre o produto importado como é que são os mexicanos a pagar?? é o consumidor americano!!
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 22:11
-  **Jorge Parente Baptista** Obriga os mexicanos a baixar o preço base para poderem vender na mesma.
Gosto · Responder · 26/1 às 22:18
-  **Nuno Silva** "obriga"?? obriga é aos americanos a pagar mais.
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 22:29
-  **Alberto Gomes** Nuno Silva Se os produtos mexicanos ficarem mais caros 20% já não compensa importá-los porque as empresas americanas fazem mesmo mesmo preço ou até um pouco menos! Se o México deixa de receber o dinheiro que recebia quando exportava esses produtos é igual a dar esse dinheiro para construir o muro! Se no fim do mês eu ganhar menos 50 €, ou tiver que pagar mais 50€, o resultado é o mesmo para mim. Menos 50€ no meu bolso!
Gosto · Responder · 26/1 às 22:41
-  **Nuno Silva** Os mexicanos vão-se estar a borrifar! E acha que a importação de outros países chega a compensar a diferença? é que ;e preciso mudar fornecedores, contratos, etc. E vendo bem este imposto é facilmente ultrapassável, basta o produto passar por um distribuidor de um terceiro país e vai limpinho. Só resulta se o Trump aplicar a TODOS os países e aí quem paga? O CON-SU-MI-DOR AMERICANO Percebeu?
Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 22:48
-  **Zé Miranda** Estes são competentes. Prometem cumprem. E o contribuinte acaba por não ter de perder dinheiro.
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 21:30
- ^ Ocultar 15 respostas
-  **Ricardo Ferreira** O problema é não saberes o que dizes, e pensares que a fruta e os hortícolas caem do céu na América, assim como a economia...Assim como qualquer porcaria em que o Trump tenha pegado dá mais prejuízo que lucro.
Gosto · Responder · 14 · 26/1 às 21:34
-  **Daniela Quino** O preço do produto como é óbvio será mais alto. Derp.
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 21:36
-  **Ricardo Ferreira** A competência aqui é o "sei lá o que digo, só sei o Great Again"
Gosto · Responder · 7 · 26/1 às 21:38
-  **Daniela Quino** This is why we can't have nice things.
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 21:39
-  **João Miguel Pelica** Cumpre o quê? Quem vai pagar o muro não é o contribuinte americano, mas é o consumidor, qual é diferença?
Gosto · Responder · 4 · 26/1 às 21:41
-  **Zé Miranda** Não fica mais caro porque os produtos mexicanos têm que competir com os outros e como o México não produz quase nada exclusivo significa que a vasta maioria dos produtos mexicanos estão em mercados de concorrência perfeita, i.e., o preço é um dado fixo e não é manipulável. Logo serão as empresas que produzem no México as mais afectadas por este tipo de imposto. O México é particularmente vulnerável a este tipo de taxas porque não produzem nada especializado, para mercados com pouca concorrência. O Trump como estudou alguma coisa útil (ao contrário de vocês) sabe isso e portanto não teve problemas em avançar com a medida. Fazer o mesmo para o Canadá por exemplo seria mais difícil. Porque o Canadá produz de facto produtos que os EUA não conseguem ir buscar mais baratos a outro lado.
Gosto · Responder · 26/1 às 21:44 · Editado
-  **Ricardo Ferreira** Rapaz, mas tu sabes o que estás a dizer? O México não produz o quê? Fala do que sabes pa! Há um tratado económico entre os EUA-Canadá-México, no qual quem ganhará é o Canadá, que aspira a isto ao tempo. Quando o Canadá for efetivamente um concorrente à altura, veremos quem verga a mola. Mas voltando ao que interessa, convidó-te a leres mais e a estudares factos, e no meu comentário tens o grande importador de horticultura e frutícolas dos EUA. A tua resposta vai ser uma à medida das energias renováveis, ou seja, eles que deixem de comer verduras para se enfadarem de Kfx e Mc's? Fala do que sabes pa.
Gosto · Responder · 7 · 26/1 às 21:50
-  **Fernando Lourenço** Lolol inteligente o menino
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 21:50
-  **Ricardo Ferreira** Já agora, quero ver a economia Americana pagar salários hilários aos Americanos, como paga aos Mexicanos e restantes hispânicos. A classe média dos EUA está à espera dos empregos deles, mas está esperando ganhar tanto como eles? Grande risada que dou em gajos como tu que defendem o que não sabem.
Gosto · Responder · 5 · 26/1 às 21:52
-  **Ricardo Ferreira** Ele não é inteligente, é apenas um Great Again É um fenómeno normal.
Gosto · Responder · 3 · 26/1 às 21:53

 **Zé Miranda** NAFTA já passou à história com esta decisão do mexicano. O México não produz produtos que concorram em mercados onde a concorrência é baixa excepto carros, electrónica e penso que me estou a esquecer de algum. Essas indústrias vão passar directamente a fabricar em US com um imposto de 20%, uma vez que não faz sentido estarem no México a não ser para poupar custos o que vai desaparecer com o imposto. Tudo o resto são produtos de mercados altamente concorrenciais em que as empresas mexicanas não podem mexer no preço.

Gosto · Responder · 26/1 às 21:56

 **Zé Miranda** Como não sabes nada deixo-te aqui as exportações do México. 1. Vehicles: \$74.9 billion
2. Electronic equipment: \$62.9 billion
3. Machinery: \$49 billion
4. Oil: \$14 billion
5. Medical, technical equipment: \$12.2 billion
6. Furniture, lighting, signs: \$10.8 billion
7. Vegetables: \$5.5 billion
8. Fruits, nuts: \$5.4 billion
9. Gems, precious metals: \$5.1 billion
10. Plastics: \$4.8 billion

Gosto · Responder · 26/1 às 21:58

 **Ricardo Ferreira** Mas quero os números do que entra nos EUA. Já agora, e falando nos veículos e equipamento eléctrico, saber porque é que o Trump se reuniu há dias com as grandes indústrias desse ramo?

Vou-me repetir "a classe média quer os empregos dos hispânicos mas nunca ganhará como eles" e aí veremos. Refuta isto.

Gosto · Responder · 26/1 às 22:01

 **Zé Miranda** Com este imposto a 3 primeiras passam directas para US uma vez que estas indústrias são outsourcing de antigas fábricas americanas que forneciam ao mercado americano e continuam a fornecer mas com custos mais baixos (antes dos 20% de imposto em cada produto). Os outros produtos são de mercados altamente concorrenciais logo não podes meter o imposto no produto. Quanto às renováveis não tens bases científicas para discutir comigo, logo estaria a perder o meu tempo a discutir contigo porque te faltam conhecimentos para a análise objetiva das diferentes alternativas à produção de energia.

Gosto · Responder · 26/1 às 22:04 · Editado

 **Hugo Correia** Em suma não conseguiste aprender que os nacionalismos não levam países pra frente (alemanha,Itália...etc) pois não? Alem disso um pais como os estados unidos fecharem-se no seu casulo correm o risco de todos lhe virarem as costas .

Gosto · Responder · 29/1 às 6:30

 **Alexandre Brum Ferreira** Vítor Gaspar também fazia contas destas. O problema é quando as importações diminuírem por causa do aumento de imposto, lá se vai o valor total.

Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 10:55

 **Diogo Pinto** problema maior será quando deixar de haver mexicanos para fazer o trabalho que ninguém quer... estarão os americanos dispostos a fazer esse trabalho a receber o mesmo que um mexicano?

Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 11:36

 **Nuno Costa** Mais uma prova de q o muro será pago pelos americanos... só os burros comem palha.

Gosto · Responder · 3 · 26/1 às 21:34

 **Manuelfernandes Faria** Isso tambem e muito?

Gosto · Responder · 26/1 às 21:43

 **Antonino Silva** E a seguir ao muro os mexicanos vai pagar o quê, as férias dos políticos americanos.? vamos lá

Gosto · Responder · 26/1 às 21:43

 **São Lopes** Eu não sou economista,mas parece-me que é o consumidor final que paga o preço de todos os custos do produto....

Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 22:04

 **Joao Parracho Filipe** Se taxasse a imbecilidade, arranjava fundos num instante...

Gosto · Responder · 26/1 às 23:34

 **Carmen Melo** O tiro estava prometido mas ainda vai calhar aos pés...

Gosto · Responder · 6 · 26/1 às 21:33

 **Adriana Ribeiro Brito** Se o México deixar de enviar coca e marijuana para os states durante dois meses, os americanos derrubam o muro à cabeçada 😂

Gosto · Responder · 27/1 às 23:39

 **Rui Hélder Feio** Então quem paga são os americanos sempre que consumirem algum produto importado do México.

Gosto · Responder · 27/1 às 15:04

 **Sérgio Gomes** Afinal são os americanos que vão o muro... está mesmo a começar bem...

Gosto · Responder · 26/1 às 21:58

 **Norberto Sousa** Olhe que não, olhe que não, essa taxa é demasiado elevada e poderá ter efeito adverso à economia dos USA!

Gosto · Responder · 1 · 27/1 às 18:08 · Editado

 **Resende Dias** Deve ser ao contrário, mais 20% sobre o que exportam para o Mexico.

Gosto · Responder · 26/1 às 23:24

 **Carlos Cunha** epa isto resolvia se num instante....apelo a todos os paises que passem a usar o euro como moeda internacional de pagamento e referencia....e depois veremos a americanada a destruir muros num instante

Gosto · Responder · 27/1 às 7:08

 **Mauricio Correia** É sempre a abrir. O pior é quando acabar os coelhos da cartola.

Gosto · Responder · 26/1 às 21:59

 **Carlos Silva** O Trump/Trampa vai voltar a pôr o país dele na lama, no que ao bom relacionamento com uma grande parte dos paises do mundo diz respeito, com todas estas loucas atitudes de prepotência.

Gosto · Responder · 26/1 às 21:45

-  Valentim Rodrigues E já agora, como estão os Panamá Papers?
Gosto · Responder · 6 · 26/1 às 21:43
-  Filipe Silva Devem estar na cama que o teu presidente e o teu secretário geral usam para trocar carícias.
Gosto · Responder · 26/1 às 21:47
-  Valentim Rodrigues Não sabia que o pipinho era do lgbt... E consegues acariciar a Catarina?
Gosto · Responder · 26/1 às 21:48
-  Fernanda Dias os consumidores compram artigos mexicanos, pagam os 20% e os comerciantes pagam o imposto depois ao estado como???
- Gosto · Responder · 27/1 às 17:51
-  Eduardo Pizarro Desde o principio que ele disse que o Mexico iria pagar de alguma forma...Era logico ...
Gosto · Responder · 26/1 às 22:24
-  Maria Rodrigues E o México? Não será um importante importador de produtos americanos? Diz-se que sim. Apliquem a mesma taxa.
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 22:07
-  Margarida Ferreira Já começo a ficar farta deste assunto do muro. Ainda se fosse o criminoso oxigenado a pagá-lo todo, ainda vá.
Gosto · Responder · 26/1 às 22:13
-  Rogério Miguel Gonçalves 😄😄😄😄😄😄
Ok, os produtos mexicanos ficam mais caros, mas quem é que paga mesmo esses impostos?
😄😄😄😄😄😄
Gosto · Responder · 27/1 às 0:47
-  Acácio Machado Mandar números para o ar é muito fácil. Quem vai pagar são os americanos se quiserem os produtos mexicanos.#opoupasnoseumelhor
Gosto · Responder · 26/1 às 23:32 · Editado
-  Fábio Ribeiro Óbvio ! o mexicano deve estar a comer tacos à palhinha neste momento e outros a engolir burritos a seco 😄😄
Gosto · Responder · 26/1 às 21:38 · Editado
-  Fábio Ribeiro <https://youtu.be/AAQ1y0F16E>
- 
- Fernando Correia Marques - Burrito (Official Video)**
Fernando Correia Marques - ...
YOUTUBE.COM
- Gosto · Responder · 26/1 às 21:49
-  Elias Almeida Miambo Eu disse ontem o presidente mexicano tinha que se cuidar porque os americanos sempre tem um troufo na manga esta aí.
Gosto · Responder · 27/1 às 4:47
-  Laura Gomes Os americanos irão estar repletos de taxaço sobre os produtos importados, mas a taxa da sua imbecilidade fica por taxar.
Gosto · Responder · 4 · 26/1 às 21:30
-  Fábio Martins Os mexicanos se forem espertos não exportam nada para os States que de certeza se vão arrender rapido
Gosto · Responder · 26/1 às 23:46
-  Filipe Silva Portanto, pagam os consumidores americanos, de produtos mexicanos.
Isto é uma administração de crianças e de adolescentes.
Gosto · Responder · 26/1 às 21:46
-  Leandro Filipe 20% ... Ya. Acho que abster-se-ão de importar daí a senão existir um bem em que o EUA seja monopólio
Gosto · Responder · 26/1 às 5:57
-  Pedro de Machado O México que coloque taxa mais alta na cocaína e erva ...
Gosto · Responder · 9 · 26/1 às 21:32
-  Alcides Diogo kkkkkk
Gosto · Responder · 26/1 às 22:31
-  Nuno Branquinho Foram rápidos na solução...
Gosto · Responder · 2 · 26/1 às 21:29
-  Antonio Subtil Não serão obrigados a importar dos Estados Unidos...!
Gosto · Responder · 26/1 às 21:32
-  Valentim Rodrigues Força Trump! Para cima deles!
Gosto · Responder · 1 · 26/1 às 21:43
-  Ivo Henriques Logo pagam os americanos...
Pois o custo dos produtos vai aumentar...
Gosto · Responder · 27/1 às 7:41
-  Henrique Monteiro Alves Pois, não de uma maneira, é doutra...
Gosto · Responder · 26/1 às 21:33
-  Daniel Vaz Em suma: é o povo Americano que irá pagar o muro ao comprar os produtos mais caros. Está certo.
Gosto · Responder · 26/1 às 21:47
-  Manuel Feliz 😄
Gosto · Responder · 26/1 às 21:33
-  Ricardo João os mexinanos que façam outro muro financiado de igual maneira.
Gosto · Responder · 27/1 às 11:23
-  João Campos Republicanos com QI mais baixo que uma leituga.
Gosto · Responder · 26/1 às 22:08
-  Carlos Leão Neves Loucos ou mentirosos
Gosto · Responder · 26/1 às 22:00
-  Pedro Neves Ou seja, serão eles próprios a pagar o muro.
Gosto · Responder · 26/1 às 23:23

-  **Momade Braimo** Estou disposto a salvar os EUA.
Gosto · Responder · 27/1 às 4:37
-  **José Carlos de Oliveira** Vamos ver...
Gosto · Responder · 26/1 às 21:34
-  **Fátima Mota** Pois, a roubar é que está malta se entende!
Gosto · Responder · 26/1 às 21:41
-  **Carlos Gertrudes** Vão comprar os grelos e as nabiças no Canadá!
Gosto · Responder · 26/1 às 23:41
-  **Joao Fonseca Pascoal**

Gosto · Responder · 26/1 às 23:15
-  **Damy D'Álmeida Sacanolas**
Gosto · Responder · 26/1 às 21:27
-  **Francisco Verissimo** Inteligente na negociação
Gosto · Responder · 26/1 às 23:12
-  **Ivan Tsyganov** por mim podem construir o muro
Gosto · Responder · 26/1 às 21:51
-  **Maria Clara Gama Prazeres Parvalhão** !
Gosto · Responder · 27/1 às 0:25
-  **Fernando Sarmento** No fim deste pesadelo américo,veremos quem se vai ir por último...
Gosto · Responder · 26/1 às 22:08
-  **João Moita** Hehehehe
Gosto · Responder · 26/1 às 23:36
-  **Jorge Mealha** Se incluir a Droga até vai dar para construir dois muros.
Gosto · Responder · 27/1 às 0:23
-  **Francisco Vicente** Já deixei de ir ao Mac. É comprar Coca Cola
Gosto · Responder · 27/1 às 13:20 · Editado
-  **Jose Lloyd** Governo altamente imoral !
Gosto · Responder · 27/1 às 10:05
-  **Domingos Lourenço**

Gosto · Responder · 27/1 às 18:04
-  **Maria Ofelia Lopes** se é a forma da droga não entrar , pelo menos, faça-se a tal muralha.-
Gosto · Responder · 27/1 às 23:17
-  **Artur Ress** A palhaçada já começou, e a sério!
Gosto · Responder · 27/1 às 11:19
-  **Eusébio Maria** Estes anormais não sabem fazer contas
Gosto · Responder · 27/1 às 13:57
-  **Armando Nina** Os GI é que vão pagar as favas...
Gosto · Responder · 27/1 às 17:08
-  **Leandro Filipe** Kkkkk
Gosto · Responder · 28/1 às 5:55
-  **Fátima Mota** 🙄🙄🙄🙄🙄🙄🙄🙄
Gosto · Responder · 26/1 às 21:45
-  **Pedro Pena** Ora... e como vão ficar as exportações dos USA para o México?
Gosto · Responder · 26/1 às 22:23
-  **Martins Rogério** E os produtos americanos vendidos no México não pagam impostos?
Gosto · Responder · 26/1 às 21:47
-  **Paulo Teixeira** Ou seja, pagam os americanos.
Gosto · Responder · 26/1 às 21:55
-  **José Andrade Benê** todos que estam a dizer quem sai a perder é o povo americano são inbecil. porque Quando se aumenta a taxa de inportação desminui- se no consumo de exportação e. com isto o povo mexicano sofre porque Quando a pouca procura os preços baixam e Quando a sim a contecer regista se o desemprego
Gosto · Responder · 27/1 às 14:01 · Editado
-  **Miguel Dos Santos** O México também constrói muros:
<http://www.elmanana.com/sialmurofronterizo%E2%80...>
Gosto · Responder · 26/1 às 22:40
-  **Irene Rodrigues Rosa Silva** E que tal um embargo aos produtos do USA por parte do México
Gosto · Responder · 26/1 às 21:33 · Editado

Artigo 9

**Expresso**
- 27/1 - 

Donald J. Trump adiantou que EUA e México vão “renegociar os acordos comerciais”, o que será “positivo para os dois países”



“Vamos renegociar os nossos acordos comerciais”. A conversa telefónica entre Trump e Peña Nieto

EXPRESSO.SAPO.PT

 Gosto  Comentar  Partilhar

  34 Comentários Principais (sem filtro) ▾

 **Paulo Fernandes** O rapaz da cabeleira laranja já diz que vai renegociar. Entrada de leão saída de gatinho!
Gosto · Responder ·  1 · 28/1 às 11:07

 **Ana Susana Dias** quem é que acredita neste mentiroso? quero é declarações do presidente mexicano
Gosto · Responder · 27/1 às 20:35 · Editado

 **Jose Banze** Se ha coisa que o Trump não é sem duvida é mentiroso..
Gosto · Responder · 28/1 às 4:28

 **Valentino Haron** Anda a pensar que tudo é como ele quer...
Gosto · Responder · 27/1 às 19:38

Artigo 10



Expresso

- 30/1 -

O antigo Presidente esteve em silêncio sobre as decisões tomadas por Donald J. Trump. Até agora...



Obama “satisfeito com o envolvimento da comunidade” quando “os valores da América estão em jogo”

EXPRESSO.SAPO.PT

Gosto Comentar Partilhar

777

Comentários Principais (sem filtro)

36 partilhas
31 comentários



Beto Ibeas O mentiroso voltou. Gostava de saber onde estavam os manifestantes e sua indignação quando Obama baniu pelo dobro do tempo a entrada de iraquianos em solo americano.

Gosto · Responder · 20 · 31/1 às 5:00

Ocultar 12 respostas



Branco Ricardo quando ? em 2003 ? e o que quer dizer " pelo dobro do tempo" aqui o orangotango cor de laranja definiu um intervalo de tempo ?

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 6:16



Nuno Gonçalo Branco Ricardo <https://www.google.pt/.../how-the-trump.../index.html...>



How the Trump administration chose the 7 countries in the immigration...

CNN.COM

Gosto · Responder · 31/1 às 7:34



Beto Ibeas Branco Ricardo, <http://www.ceticismopolitico.com/esquerdistas-reclamam.../>

Esquerdistas reclamam hoje, mas silenciaram quando Obama baniu...

CETICISMPOLITICO.COM

Gosto · Responder · 4 · 31/1 às 8:37



João Miguel Falso. Suspendeu a atribuição de novos vistos. Não impediu de entrar quem já os tinha. Informe-se sobre o que fala por favor.

Gosto · Responder · 3 · 31/1 às 8:37



Beto Ibeas João Miguel, isto o que você coloca é acessório e não o principal. Não se trata de problema com vistos.

Gosto · Responder · 3 · 31/1 às 8:45



João Miguel Beto Ibeas Veja as pessoas que ficaram detidas em aeroportos. Crianças. Estudantes. Pessoas com vistos aprovados, com família americana. Difícilmente isto pode ser acessório. E para além da comparação com Obama, tem algo mais a dizer sobre o que se passou nos últimos dias?

Gosto · Responder · 31/1 às 10:59



Filipe Rodrigues The rising of the orange trolls

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 11:43



Beto Ibeas João Miguel, foram 109 casos contra a entrada de 350.000 imigrantes no mesmo período. Trump foi eleito e tem legitimidade no que faz, assim como o Obama cansou-se de fazer e nunca houve protesto dos que agora demonizam Trump.

Gosto · Responder · 3 · 31/1 às 11:54



Raquel Roque O Obama emitiu essa restrições depois dos atentados de Boston e apenas para a nacionalidade que ficou provado que tinha cometido o atentado. E ninguém com Green cards ficou impedido de entrar nos EUA apesar dessa mesma proibição. O Trump é um hipócrita, porque pelas razões que oferece para esta suspensão como é que se explica que não tenha suspenso a entrada a pessoas do Líbano, Arábia Saudita, Afeganistão e Paquistão?

Gosto · Responder · 3 · 31/1 às 12:06



Filipe Rodrigues Beto Ibeas eu não demonizo Trump apenas demonizo a ignorância o racismo e a xenofobia

Gosto · Responder · 2 · 31/1 às 12:06



Beto Ibeas Raquel Roque, então você acha que o certo fez o Obama agir só depois do atentado? Depois que a casa pega fogo é que se faz o seguro? E Trump é criticado por prevenir? Trump tem seguido fielmente o que prometeu em campanha, portanto o termo hipócrita não faz sentido. Hipócrita é o Obama. E sabe Deus os dados e a situação que a nova adm veio a saber quando chegou à Casa Branca.

Gosto · Responder · 31/1 às 14:28 · Editado



Raquel Roque Beto Ibeas então explique me: se o Trump está a tentar prevenir terrorismo porque é que a Arábia Saudita não está incluída na suspensão? Está provado que pessoas dessa nacionalidade estiveram por detrás do 11 de Setembro. Não faria sentido (usando o argumento do Trump) que a proibição de entrada fosse aplicada a nacionalidades que comprovadamente já atacaram os EUA de alguma forma?

Gosto · Responder · 3 · 31/1 às 15:14



Artur Medeiros Pereira E o que o homem disse de tão especial? Só vejo aqui comentários de trolls irritados por uma declaração normal. Só pk deixou de ser presidente perdeu o direito a opinar? The rising of the trolls...

Gosto · Responder · 7 · 31/1 às 10:49



Bruno Pereira Não sabes porque? Porque ele matou 8 milhões de bebés através do aborto, lançou 26000 mil bombas em 7 países diferentes que foram invadidos e destruídos, quase provocou a 3 guerra mundial provocando a Rússia sabendo que eles são muito superiores a nível militar, não podia ser presidente Porque tinha de ter nascido na América e não nasceu e por isso falsificou a sua certidão de nascimento, criou o estado islâmico com 3000 documentos oficiais da casa branca a provar isso, provocou a crise dos refugiados para espalhar a religião dele que é o Islão, mas há muito mais, agora percebes?

Gosto · Responder · 3 · 31/1 às 13:28



Bruno Pereira Não sabes porque? Porque ele matou 8 milhões de bebés através do aborto, lançou 26000 mil bombas em 7 países diferentes que foram invadidos e destruídos, quase provocou a 3 guerra mundial provocando a Rússia sabendo que eles são muito superiores a nível militar, não podia ser presidente Porque tinha de ter nascido na América e não nasceu e por isso falsificou a sua certidão de nascimento, criou o estado islâmico com 3000 documentos oficiais da casa branca a provar isso, provocou a crise dos refugiados para espalhar a religião dele que é o Islão, mas há muito mais, agora percebes?

Gosto · Responder · 2 · 31/1 às 13:29



Artur Medeiros Pereira Fiquei tão aturdido com o nível de cultura e inteligência da tua resposta que estou sem palavras. Como posso objectar a tanta sapiência?

Gosto · Responder · 31/1 às 13:58



M Fernanda Castro Neste momento Obama devia continuar calado..perdeu as eleições. .se os americanos estivessem muito contentes com ele os Democratas tinham vencido. ...mesmo com candidata fraca..

Gosto · Responder · 10 · 31/1 às 12:29



Branco Ricardo ele não era candidato

Gosto · Responder · 31/1 às 14:19



M Fernanda Castro O que era o mesmo,apoio total à candida que era demasiado fraca ..

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 14:26



Jose Luis Matias Hitler também ganhou eleições

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 16:24



M Fernanda Castro Ganhou com um discurso algo aparecido. ..

Gosto · Responder · 31/1 às 17:24



Olinda Almeida Senhora M Fernanda Castro estamos ver nas manifestações o quanto os Americanos estão felizes com o resultado das eleições

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 17:31



Martins Jose Estão vendo que nem tudo o que sai de Trump é negativo este esteve á beira de ir para o desemprego,graças au plano Trump está á beira de manter um tacho,o problema é o que vão os democratazinhos meter em prática,para sustentar a euforia anti Trump,numa faze onde começa a ser dificil encontrar financiamentos duradouros para sustentar campanhas planejar orçamentos,quando as guerras começam a deichar de faser parte da agenda prioritaria de um pais onde os resposaveis comesam a acordar de um estado de sonolencia onde permaneceram durante decadas,na iluzão de virem a ser um exemplo internacional,politica e socialmente,quando o chão que pisavam estava dando de si sem que alguém manifesta se a minima indignação pela sua propria sorte,tirando parte do poder de decisão das fabricas de armamento que sustentam grande parte do destino de milhões de pessoas através do Mundo,onde irão no futuro estes e outros penduras da sociedade politica se financiar para continuar seu jogo de manipolação de massas!!!

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 7:26



Raquel Roque À beira do desemprego? Mas já ouviu falar de algum ex presidente dos EUA que tenha tido problemas em fazer fosse o que fosse?

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 12:09



Diogo Sousa ...a ele se deve o fenómeno Donald Trump.ninguém ganhou nada nas ileições: ele, Hussein Obama perdeu. Ponto final. Tudo o que se disser, serão desculpas de" mau pagador".

Gosto · Responder · 1/2 às 0:11



Antonio Martins Obama... banana! Fez quase tudo errado e no final é que lhe deu para acionar o que devia ter feito desde à 8 anos , quando iniciou o mandato! Hipócrita!

Gosto · Responder · 3 · 31/1 às 14:38



Francisca Afonso Olha o boboobama a querer conversa!... Vai para junto dos teus e deixa os EUA em paz!...

Gosto · Responder · 10 · 31/1 às 0:39



José Santos E é isto um funcionário público da segurança social...

Gosto · Responder · 10 · 31/1 às 1:40



Rui André lol ahah

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 2:48



Branco Ricardo o Havai ?

Gosto · Responder · 31/1 às 6:14



Branco Ricardo observo com humor que pessoas colocaram likes nesse disparate. sentido de humor calculo

Gosto · Responder · 2 · 31/1 às 6:19



Rui Jamp que nojo... A SS anda pelas ruas da amargura...

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 9:21



Pedro Costa Realmente estamos mesmo mal servidos de funcionários públicos

Gosto · Responder · 31/1 às 9:28



Artur Medeiros Pereira "Vai para junto dos teus"...pode dizer o que quer dizer com isso?

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 10:45



Valter Sousa Devias ser despedida

Gosto · Responder · 31/1 às 13:47



Branco Ricardo Espera, já sei, estão a mandá-lo pra Chicago.

Gosto · Responder · 31/1 às 20:18 · Editado



Ana Cristina Silva Um africano a querer ditar as politicas do pais fundado por George Washington. De rir.....

Gosto · Responder · 5 · 31/1 às 10:14

^ Ocultar 25 respostas



Mafalda Vicente Desculpe ? Um africano ?

Gosto · Responder · 2 · 31/1 às 12:07



Ana Cristina Silva Um Africano mentiroso que nunca podia ter sido presidente Porque não nasceu na américa e falsificou Até a sua certidão de nascimento e ainda fala em valores, e também por ser Muçulmano, gay assassino, abortista, corrupto marxista não quer dizer que esses sejam os valores da américa!

Gosto · Responder · 2 · 31/1 às 13:37



Valter Sousa És uma racista de merda não mereces ser violada por 20 skinheads. 0

Gosto · Responder · 2 · 31/1 às 13:48



Valter Sousa Mereces CANCRO!!!

Gosto · Responder · 31/1 às 13:49



Artur Medeiros Pereira hahahaha...isto está cada vez melhor! Cada vez estão mais afoitos, sem medo de dizerem o que realmente pensam. O positivo de Trump é que estas bostas saíram da sanita onde sempre viveram escondidos. Agora já sabemos quem são.

Gosto · Responder · 2 · 31/1 às 14:03



Bunny C Maruan Nasceu no Havai que é um dos 50 estados dos estados unidos da america. Sabe aquelas estrelinhas na bandeira? É uma delas. E o Havai não é em Africa..... Santa burrice credo....

Gosto · Responder · 2 · 31/1 às 14:19



Ana Cristina Silva Ó Valter Sousa poe.te fino que és deportado num instante..afinal foste p londres pw o teu país estsva bem idiota? Olha se nao morres primeiro..sei bem onde te encontras..cuidado

Gosto · Responder · 31/1 às 14:27 · Editado



Branco Ricardo porquê ?

Gosto · Responder · 31/1 às 14:26



Ana Cristina Silva Bunny C Maruan nao é nome de desenho animado...vai.te Informar

Gosto · Responder · 31/1 às 14:26



Ana Cristina Silva Barack Obama foi o único ganhador do prêmio Nobel da Paz sem ter feito nada pela paz.

Derrubou o governo da Líbia sem nem se dar ao trabalho de justificar, armando e financiando rebeldes líbios para iniciar uma guerra civil no país enquanto ordenava... Ver mais

Gosto · Responder · 31/1 às 14:29



Bunny C Maruan Nível.... AHAHAHAHA

Tenha calma senhora.. Senão não se entende o que está a escrever.



Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 14:32



Bunny C Maruan E reveja lá as fontes dessas informações

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 14:35 · Editado

 **Ana Cristina Silva** Enquanto no mundo árabe, milhões de mulheres são tratadas como lixo, açotadas, apedrejadas, feitas escravas sexuais, sofrem mutilação genital, são obrigadas a se casar ainda quando crianças, entre diversas outras atrocidades, que também acometem a gays e deficientes, no Ocidente, os meios de comunicação social, grupelhos esquerdistas e um bando de idiotas úteis, cegos ou vendidos, em vez de se insurgirem contra ISSO, não!!! resolvem antes se voltar contra TRUMP e difamá-lo por ele querer nos defender de todos esses horrores e proteger as fronteiras do país do qual é PRESIDENTE. Mas graças a Deus, parece q esta sua presidência está a começar de forma excelente PROIBINDO E DEPORTANDO essa canalhada q quer entrar nos EUA vindos desses países, sabe-se lá com q intenções! Já uns quantos, ao q consta, foram proibidos de embarcar! ahahah q beleza!

Gosto · Responder · 31/1 às 14:43

 **Jose Luis Matias** Talvez o comentário mais triste e ignorante do Facebook. Parabéns, não é para qualquer um

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 16:25

 **Ricardo Gonçalves** Uma vaca racista a balbuciar umas anormalidades!

De rir!

Gosto · Responder · 31/1 às 17:55

 **Mafalda Vicente** Ana Cristina Silva me poupe, você nem merece o ar que respira.

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 18:10

 **Ana Cristina Silva** https://m.youtube.com/watch?v=Wd-rq_y8jJ4



Anonymous - Donald Trump Finally EXPOSES...

YOUTUBE.COM

Gosto · Responder · 31/1 às 18:15

 **Ana Cristina Silva** Artigo exceptional. O conjunto de minorias organizadas ocupam de forma cada vez mais evidente o espaço mediático que aliás hoje se torna o reflexo dessas minorias. Paineleros, fufas, casais unisexuais, adopções por casais unisexuais, pró islamismo, feminismo, transgenerismo, bissexualismo, animalismo, poligamia, etc, etc. O traco comum a essa relação incestuosa entre os media e essas minorias é a destruição dos valores milenares, da familia, da honra, da verdade e o sexualimo natural. Diga-se que a esta mudança acelerada, com tanta gente ceguinha

Gosto · Responder · 31/1 às 18:16

 **Valter Sousa** Ana fui para Londres porque gosto do tempo.

Gosto · Responder · 31/1 às 18:54

 **Valter Sousa** Ana Cristina não sabia que tinham Internet na retrete e tinha wireless na fossa..

Gosto · Responder · 31/1 às 18:59

 **Valter Sousa** Já estou com pena dos skinheads

Gosto · Responder · 31/1 às 18:59

 **Branco Ricardo** Ana Cristina Silva nunca tinha ouvido tanta asneira neste vídeo, agora qualquer bicho careto faz um vídeo anda ás voltas num discurso onde diz uma quantidade de vacuidades que mesmo dentro do género não tem ponta por ond se pegue. chama-se a si mesmo anonymous e fica muito satisfeito

Gosto · Responder · 31/1 às 19:55

 **Lina Conceicao** Ana Cristina Silva , Havai não fica na África , fica na América do Norte 🇺🇸

Gosto · Responder · 🇺🇸 2 · 31/1 às 22:13

 **Bruno Cristino** Ana é claramente melhor o Trump. pois bem, a si e a todas as pessoas que o apoiam eu desejo as melhoras... mas permita-me dizer-lhes que como mulher devia estar envergonhada em defender um homem como o Trump

Gosto · Responder · 🇺🇸 4 · 1/2 às 11:04

 **Mafalda Vicente** Depois a senhora Ana Cristina mete frases deste género "É impossível progredir sem mudança, e aqueles que não mudam as suas mentes não podem mudar nada." - George Bernard Shaw" nas suas fotos, aí me poupe a ignorância e a hipocrisia, já me fez o dia 😊

Gosto · Responder · 🇺🇸 2 · 1/2 às 11:10

 **Pina Hugo** Os jornaleiros do espesso já se esqueceram de escrever sobre o caso Panamá +apers? Os vossos donos não deixam?

Gosto · Responder · 🇺🇸 3 · 31/1 às 12:18

 **Branco Ricardo** porque o Expresso que durante quarenta anos foi acusado de ser uma montra da direita passou por artes mágicas a ser montra da esquerda? pois está claro, e o Pinto Balsemão era dirigente do POUS... perfeitamente

Gosto · Responder · 🇺🇸 1 · 31/1 às 19:45 · Editado

 **Ademar Moura** A verdade factual é que em oito anos o Obama conseguiu parir o jeitoso do Trump !

Gosto · Responder · 🇺🇸 2 · 31/1 às 10:06

 **Juan Pedro Echeverría** E quando o senhor tão indignado ajudava os tais "rebeldes" da Síria? como se +pode ser tão hipócrita...??

Gosto · Responder · 🇺🇸 4 · 31/1 às 11:49

 **Branco Ricardo** que eu me lembre queixavam-se era que ele não ajudou rebeldes na Síria. No meio de tantas facções , grupos e grupúsculos, quem foram então esses rebeldes ?

Gosto · Responder · 🇺🇸 1 · 31/1 às 14:25

 **Juan Pedro Echeverría** Branco Ricardo "rebeldes"..no entiendo? Ver Tradução

Gosto · Responder · 31/1 às 14:27 · Editado

 **Branco Ricardo** Juan Pedro Echeverría há quem não entenda, por acaso há,, perdão, há quem não perceba do que está a falar... but I'm game , quem era então o grupo que acha devia ter sido apoiado pelos Estados Unidos, numa altura em que andava tudo às Aranhas, ninguém... Ver mais

Gosto · Responder · 31/1 às 14:39

 **Juan Pedro Echeverría** andava tudo às aranhas? tudo muito claro, não queira esconder-se atrás de palavras, palavras leva-as o vento...

Gosto · Responder · 31/1 às 14:42

 **Juan Pedro Echeverría** Desde quando um presidente que se diz democrático apoia uma monarquia como a da Arábia Saudita que manifesta "decapitar" inimigos tal qual os tais "rebeldes"... só por pensarem diferente? mesmo que só tenham 15 anos??

Gosto · Responder · 🇺🇸 1 · 31/1 às 14:44

 **Juan Pedro Echeverría** Olhe faça como eu,,,investigue e verá que nada anda às aranhas nesta era da informação..Pase bem!!

Gosto · Responder · 31/1 às 14:45

 **Branco Ricardo** Juan Pedro Echeverría precisamente, palavras leva as o vento, "presunção e água benta" tem aí o suficiente para afogar um exército Egípcio e achaques e mais uma vez presunções de adolescente podem ter piada para o papá e para a mamã, mas anunciá-lo aos sete ventos é no mínimo entediante

Gosto · Responder · 31/1 às 14:52

 **Juan Pedro Echeverría** Branco Ricardo ahahahahahahahah...palerma há muitos,

Gosto · Responder · 31/1 às 14:55



Carlos José Barracho A este custou-lhe largar o poleiro: Não esquecer a guerra na Síria....e as centenas de milhares de mortos.....

Gosto · Responder · 31/1 às 18:35



Julia Correia Falou o Rei dos Drones.... quantos milhares de inocentes os seus Drones mataram?

Gosto · Responder · 3 · 31/1 às 12:42



Joao Pereira Correção: Obama satisfeito por a comunidade espalhar o caos e a desordem quando os valores que ele acha que são americanos estão em jogo.

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 21:55



Bruno Pereira Um Africano mentiroso que nunca podia ter sido presidente Porque não nasceu na América e falsificou Até a sua certidão de nascimento e ainda fala em valores, e também por ser Muçulmano, gay assassino, abortista, corrupto marxista não quer dizer que esses sejam os valores da América!

Gosto · Responder · 3 · 31/1 às 13:24



Jose Luis Matias A ignorância é o novo chique

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 16:26



Branco Ricardo Jose Luis Matias homem, o problema é que lhe dou razão

Gosto · Responder · 31/1 às 19:56



Branco Ricardo gay, muçulmano assassino ? e comunista também ? man, you are on a rol. faltou liberal ambientalista amante de árvores. Agora a sério, onde foi buscar tanto disparate ? e já agora, não insulte a palavra Cristão, identificando-se nem que por mera aproximação com o significado da palavra

Gosto · Responder · 31/1 às 20:00



Bruno Pereira Branco Ricardo Como é que é? ambientalista? não tens outro disparate para dizer? além de usar armas que manipulam o clima (que é terrível não sabes quando as mesmas já foram utilizadas até na guerra do Vietname, ou seja há muitos e muitos anos) de ser o maior apoiante das empresas de alimentos geneticamente modificados, também não te explico os efeitos que tem na saúde, não queres saber.... e depois ainda é um fomentador da indústria da doença, acrescentando produtos tóxicos nos alimentos e produtos de uso diário das pessoas que as levam a ficar doentes e a dar lucro as farmacêuticas amigas inventar um falso aquecimento global quando o planeta está em rápido AAAAAArefecimento global! e tudo para quê? para facilitar a vida as empresas que vão perder o direito à patente de certos gases e que tem de inventar um nova mentira para levar o mundo a comprar o seu milagroso produto, tu não tens informação nenhuma para fundamentar a tua opinião, apenas dizes aquilo que a televisão e jornais querem que tu digas e penses, há 3000 documentos oficiais a comprovar que o OBAMA criou o estado islâmico, 3000... sabes o que é isso? e são documentos oficiais, até te podia passar os mesmos, mas tu não ias ler... tu sabes o que é o comunismo? é gritante a tua ignorância... quanto mais ignorantes mais sábios se acham.... esta comunicação social de facto consegue o que quer... manipular ignorantes.

Gosto · Responder · 31/1 às 20:44 · Editado



Maria Amélia Megre N estava de férias?????

Gosto · Responder · 4 · 31/1 às 8:49



Jorge Duarte Cala-te Lixastes os USA durante 8 anos

Gosto · Responder · 5 · 31/1 às 8:58



Pedro Costa Agora é que vais ver o que é lixar um país a sério 😂

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 9:28



Jorge Duarte Agora os USA têm um PRESIDENTE

Gosto · Responder · 3 · 31/1 às 9:30



Pedro Costa Até hoje os EUA tiveram presidentes a sério, este é o primeiro clown a chegar ao cargo 😂😂😂😂

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 11:20



Maria João Brigeiro Lixastes?! Isso é em que língua?

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 11:20



Jorge Duarte É a minha se não gosta não leia

Assim é a democracia

Tanto o Barraca como o Presidente Trump foram eleitos

democráticamente

Eu votaria Trump

Gosto · Responder · 2 · 31/1 às 12:12



Branco Ricardo como ?

Gosto · Responder · 31/1 às 14:20



Branco Ricardo Jorge Duarte votaria Trump,? naturalmente! nenhum dos dois tem vivido neste mundo. já agora porquê ?

Gosto · Responder · 31/1 às 20:03



Francisco Afonso A azia continua!!

Gosto · Responder · 5 · 31/1 às 7:42



Hugo Martinho Este imbecil só está a incentivar os liberais esquerdistas progressistas a continuar os protestos e o caos, criando mais divisão, mais instabilidade e mais insegurança! Um dia destes alguém se aleija - lol - e aquilo vira uma guerra civil...

Gosto · Responder · 6 · 31/1 às 4:47



Branco Ricardo está a incentivar progressistas ? malandro ! porque o progresso é mau, não é ?

Gosto · Responder · 3 · 31/1 às 6:12



Rui Jamp está a defende-los do Burro loiro com cara de pato com toques fascistas (porque nem o sabe ser o lorpa do trampa)

Gosto · Responder · 2 · 31/1 às 9:22



Daniel Silva Progresso é discussão e tolerância e não imposição dos valores das minorias à maioria.

Gosto · Responder · 2 · 31/1 às 11:39



Jose Dias Daniel Silva - pois sera mas, o que se verifica sao as ditas minorias a tentar impor as suas ideias esquerdalhas , perante a maioria.

Nao foi por acaso que o tao adorado Tramp ganhou as eleicoes , a maneira americana , pelo colegio eleitoral, embora fosse o mesmo por parte dos ditos democratras, que correram com o Bernie Sanders e apoiaram a hillaria e lixaram -se .

Gosto · Responder · 31/1 às 17:31



Branco Ricardo Jose Dias homem, esse seu argumento final não tem ponta por onde se lhe pegue. ao defender o colégio eleitoral que elegeu o "Adorado Trump" mas que ao mesmo tempo enxotou Bernie Sanders infere-se que o colégio eleitoral não se pode confiar, logo nem sequer a eleição do "Adorado Trump"

Gosto · Responder · 31/1 às 20:07

Artigo 11



Expresso

- 31/1 -

"Estamos a estudar (possíveis) decisões, mas encontramos-nos em guerra [contra o Daesh] e não queremos prejudicar o interesse nacional"



Iraque já não vai retaliar decisão de Trump

EXPRESSO.SAPO.PT

Gosto Comentar Partilhar

58

Comentários Principais (sem filtro)

3 partilhas

13 comentários



Nidia Ribeiro Pouco a pouco as palavras foram esquecidas, a erva cresceu e a chuva caiu sobre as malas pretas e os oculos partidos...

A história dos bonobos com óculos, Adela Turin e Nella Bosnia

Gosto · Responder · 31/1 às 21:25



Sidney Pedroso vao ficar sem a mesada.kkk

Gosto · Responder · 6 · 31/1 às 20:11 · Editado



Paulo Grazioli ou toma um míssil na cabeça.

Gosto · Responder · 31/1 às 20:14



Oscar Manuel Varandas Correia Já levaram com com uma "Desert Storm" e uma "Iraqi Freedom"... E o Trump afirmou que os USA deviam ter ficado com o petróleo... Portanto muita Cagufa!!

Gosto · Responder · 31/1 às 20:33



Horacio Junior Granda lata!! Fingem que podem, mas na hora do vamos ver...é só cobardia.

Gosto · Responder · 1/2 às 11:49



Pedro Carvalho E voces julgam que o trump vai combater o daesh convosco loool?

Gosto · Responder · 31/1 às 20:28



Paulo Valente Cortem a venda de petróleo a ver se não vos deixam voltar a entrar.

Gosto · Responder · 1/2 às 8:46



Renato Soares E o que fazem ao petróleo? Vão bebê-lo?

Gosto · Responder · 1 · 1/2 às 10:04



Paulo Valente Como se não houvesse procura...

Há muito para onde vender se calhar a melhor condições a que vendem aos Estados Unidos.

Gosto · Responder · 1/2 às 10:11



Paulo Grazioli Se falar não pro EUA, eles mandam um drone e manda míssil.

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 20:14



Francisco Mestre claro que não

Gosto · Responder · 31/1 às 20:10



Paulo Gabriel Prioridade é prioridade, e cada um tem a que tem.

Gosto · Responder · 31/1 às 20:22



Artur R. Madeira Miranda Apontaram as armas ao Iraque!
-mudaram logo de opinião 😂😂😂

Gosto · Responder · 1 · 31/1 às 20:18



Hannibal de Sousa Claro que não vai, do contrário será novamente bombardeado!

Gosto · Responder · 31/1 às 20:36



João José Marques Vão ter que bombardear, é preciso é ver quem?
Nem todos são Iraque e Líbia

Gosto · Responder · 31/1 às 23:57



Edmilson Sousa Pontes Conversa! quem manda do Iraque são os americanos.

Gosto · Responder · 1/2 às 19:18



Mario Ramos VIVA A Donald J. Trump E Marine Le Pen

Gosto · Responder · 1/2 às 9:05

Artigo 12

E **Expresso**
- 31/1 -

O nome para a pasta da Educação do Executivo de Trump ainda terá de ser aprovado por todos os membros do Senado norte-americano



Betsy DeVos mais perto de se tornar secretária da Educação norte-americana

EXPRESSO.SAPO.PT

Gosto Comentar Partilhar

12 Comentários Principais (sem filtro)

 **Telmo Cóias** Esta não deixa de ser mais uma atribuição de um cargo... engraçada! É que, o nome não o sugere nem de perto nem de longe, mas, mesmo que nada de pernicioso isso pudesse ter apenas em relação ao nome e nem mesmo em relação ao parentesco, uma vez que como se costuma dizer, temos cinco dedos numa mão e nenhum deles é igual, mas... o curioso aqui é que esta senhora é 'apenas' irmã de um outro 'sr.' que dá pelo nome de Erik Prince e que foi 'apenas' o fundador da célebre empresa de mercenários que dava pelo nome de Blackwater os quais foram várias vezes acusados de matanças durante a invasão do Iraque em 2003. Posteriormente a Blackwater mudou de nome mais duas vezes, Erik Prince pisgou-se para os Emiratos para não ter que responder perante um tribunal Americano (coisa muito isenta, claro está) devido à porcaria que fez no Iraque, uma vez que os Emiratos não têm acordo de extradição com os EUA. Mas... o mesmo Erik Prince que a 'justiça' Americana queria 'julgar', continuou durante a administração Obama (da qual 'fugiu') a efectuar alguns contratos na área da segurança militar e serviços de informação para com as operações militares americanas no Afeganistão e Iraque, ou seja... tudo do mais transparente que se poderia imaginar. Para além da curiosidade da senhora aqui em causa não ter currículo, esta não deixa de ser outra também... interessante! Se em relação ao anterior (Obomba) poucas ou nenhuma dúvida existiam já que nos assegurassem a boa mrd civilizacional que foi, no entanto com o presente ninho de víboras em formação por lá, não me parece que este apesar de todas as promessas lhe vá ficar atrás! A ver vamos, mas... o mais certo é isto tudo mais cedo ou mais tarde vir a dar o mesmo tipo de molho que estava mais que assegurado com a xora Hillary.

Gosto · Responder · 1/2 às 0:05

 **Artur Medeiros Pereira** Inacreditável a falta de conhecimento que demonstrou nas sessões de confirmação. Não tem nenhuma qualificação para o cargo.

Gosto · Responder · 1/2 às 10:18

 **Jose Maria Ribeiro** Uma pessoa acusada de plágio... Bela Ministra da Educação. Ao nível de Trump, até poderia ter escolhido a mulher 😊😊😊😊

Gosto · Responder · 1/2 às 0:42

 **Branco Ricardo** agora só falta arranjar-lhe uma... uma educação entenda-se porque pelas entrevista é uma tonta sem nada na cabeça

Gosto · Responder · 1/2 às 7:46

 **José Santos** Onde está a indignação dos Trampistas agora? <http://www.politico.com/.../donald-trump-cabinet...>

Gosto · Responder · 1/2 às 9:26

Artigo 13

Expresso
- 1/2 · 🌐

“É uma medida temporária que tem como alvo seis ou sete países, os quais são claramente responsáveis por ameaças terroristas”, declarou a líder da Frente Nacional, partido de extrema-direito francês



“França já não tem quaisquer fronteiras por causa da UE”: Marine Le Pen elogia medida anti-imigração de Trump

EXPRESSO.SAPO.PT

👍 Gosto 💬 Comentar ➦ Partilhar

👤 132 Comentários Principais (sem filtro)

15 partilhas
34 comentários

António Lopes Nunca em tempo algum o Europeu viveu tanta prosperidade. A memória de muitos curta e ignorante, é que lhes permite escrever o quão má é a UE. Nascido em 1982, mas oriundo de uma aldeia onde até meados dos anos 70, a luz não existia, onde em 1991 uma simples viagem de carro desde Lisboa até ao Norte demorava mais de 9 horas. A ascensão social existiu. Os meus Pais têm apenas a 4 classe e eu tive a sorte de ter uma Licenciatura, obrigado a todo este projecto Europeu. Sou Europeu, sou Democrata, luto todos os dias como milhares de portugueses e Cidadãos do Mundo para que os meus filhos tenham melhores condições que as minhas, e as minhas foram muito boas... Por essa razão, dou o meu voto a uma Europa forte, presente. Eu sou Cidadão Europeu.
Gosto · Responder · 56 · 1/2 às 21:56 · Editado

Maria João de Carvalho



Gosto · Responder · 2/2 às 7:15

Tiago Silvestre Nunca houve tantas vítimas de terrorismo também, nos últimos e anos mais de 200 pessoas morreram em França por ter tolerado religiões que passados 1400 anos não tiveram nem uma reforma para se adaptar à actualidade
Gosto · Responder · 2/2 às 10:06

Tina Fernandes António Lopes a memória de alguns é muito curta .mas são pessoas como você que fazem a diferença.
Gosto · Responder · 4 · 2/2 às 10:14

Melissa Mota Dória António Lopes de facto a memória de muitos é curta...e essa ignorância analfabeta pode custar-nos a todos os bons níveis de vida e de mobilidade que atingimos nos últimos anos, além de uma série de direitos proclamados pela UE e que entram automaticamente na nossa legislação. Obrigada por essa partilha, tenho a certeza que vai iluminar muita gente, que pensa que a UE resume-se a receber uma parcela de impostos.
Gosto · Responder · 4 · 2/2 às 10:32

Afonso César Bom e esclarecido testemunho, António Lopes. Como você muitos portugueses e europeus têm o mesmo ou semelhante percurso. Temos de salvaguardar para as futuras gerações.
Obrigado.
Gosto · Responder · 1 · 2/2 às 15:32

António Pedro Magalhães vamos falar na inquisição ou isso não conta como terrorismo? vamos comparar o número de mortes? hum?
Gosto · Responder · 2/2 às 16:33

Fernando Branco A questão não poderá unicamente ser vista através do que de positivo se possa atribuir ao facto de termos entrado na UE,mas tb às diferenças em termos de prioridades que surgiram após o Estado Novo e o espírito pequenino de um Salazarismo enraizado que... Ver mais
Gosto · Responder · 2/2 às 17:12

 **Margarida Ferreira** Extrema direita, ou extrema esquerda nem pensar. Na nossa história já tivemos um hitler, um Salazar, um Estaline Um Hugo Chavez, etc...Já chegava de extremismos, ah. e agora já temos um D.Trump e secalhar uma Marine L Pen.

Gosto · Responder · 4 · 2/2 às 11:39

 **Carlos Carneiro** Santa hipocrisia... Então e a Arábia Saudita, financiadora do ISIS, parideira da maioria dos terroristas de 11.09, parideira do Bin Laden... Santa hipocrisia...

Gosto · Responder · 10 · 1/2 às 22:31

 **Vera Matos** Mais uma "trumpista"! Agora decidiram sair as ratazanas todas da toca!!! Que nojo de gente!!!

Gosto · Responder · 5 · 1/2 às 21:44

 **Jose Dias** Os tais multicoloridos e multiétnicos da desuniao europeia, com a tenebrosa frau merkel na frente, nao sao melhores.

Gosto · Responder · 2/2 às 16:40

 **Vera Matos**
https://www.facebook.com/vera.matos.12/posts/10205861082845448?notif_t=like¬if_id=1486045988697771#



70 285 282 visualizações

ATTN:

- 2 de Setembro de 2016 · 🌐

 Gostar da Página

ATTN: EXCLUSIVE: The Black Eyed Peas just decided the world needs the song "Where is the Love?" again.

Like ATTN: on Facebook.

Gosto · Responder · 2/2 às 17:15

 **Vera Matos** E mais não digo!!

Gosto · Responder · 1 · 2/2 às 17:16

 **Filipe Rodrigues** Olha os seguidores do papagaio laranja nunca mostram a cara porque será?

Gosto · Responder · 1 · 2/2 às 18:42

 **Jacinta Seixas Esteves** Esta mulher nem com as eleições à porte tem medo de usar as palavras...!!!

Gosto · Responder · 1 · 2/2 às 9:55

 **Maria Joao Varela** Extrema direita- não esperaríamos que dissesse nada diferente. Que os franceses se mostrem mais inteligentes que os americanos e não votem nela.

Gosto · Responder · 8 · 1/2 às 21:18

 **Marlene Silva** Viva à Liberdade viva à União Europeia. Aquela que fala contra mas gosta de usufruir do dinheiro da UE.

Gosto · Responder · 6 · 1/2 às 22:19

 **Carlos Castanheiro** Países claramente responsáveis por ameaças terroristas: EUA, Reino Unido, França...

Gosto · Responder · 2/2 às 12:44

 **Francisco Faria** Ventos de mudança, já existem países na Europa governados pelos nacionalistas e cada vez vão ser mais quer queiram quer não queiram um dia será em França

Gosto · Responder · 2/2 às 20:28

-  **Bruno Silva Engraçado** é ver as pessoas que sao Anti-Trump a maioria dos comentários limitam-se aos insultos...
Gosto · Responder · 5 · 1/2 às 22:00
-  **João Miguel Pelica** Deve estar distraído quanto aos comentários das pessoas pró-Trump!
Gosto · Responder · 1 · 2/2 às 7:27
-  **Afonso César** Os dois lados, Bruno. Agora há um dos lados imensamente pior e mais sombrio, qual deles será? Trump e a sua claue. 😊
Gosto · Responder · 2/2 às 15:34
-  **André Gastão** Mas porque continuam a dar voz a este tipo de pessoas e partidos... Não percebo é porque dão tempo de antena a estas pessoas..
Gosto · Responder · 2 · 2/2 às 17:32
-  **Valentim Rodrigues** Força Marine!
Gosto · Responder · 5 · 1/2 às 23:04
-  **Filipe Rodrigues** Sim força marine para te afogares e deixares o mundo civilizado em paz pequena ladra populista
Gosto · Responder · 1 · 2/2 às 10:07
-  **Jose Dias** Carrega neles... 😊
Gosto · Responder · 1 · 2/2 às 16:42
-  **Valentim Rodrigues** O Pipinho picou-se! Deve ter um respiradouro, porque afogados estamos há muito tempo!
Gosto · Responder · 1 · 2/2 às 21:10
-  **Carlos Gonçalo Matos** Lidei no mundo Árabe,nunca tive problemas,São pessoas como nós todos,depende da formação de todos.
Gosto · Responder · 3/2 às 2:48
-  **Maria Antonia** rainha da parodontose. os dentes que caíam e libertem fronteiras.
Gosto · Responder · 1 · 1/2 às 21:14
-  **Jose Dias** Exactamente, para quê fronteiras, como diz a hillaria, toca a construir pontes e nada de muros, assim é que é. Só que a hillaria ~, assim como muitos políticos populuchos , não leva nenhum imigra para a sua casa, pois não ?

Gosto · Responder · 2/2 às 21:23 · Editado
-  **Pedro Carvalho** e o Expresso a fazer-lhe propaganda
Gosto · Responder · 1 · 2/2 às 16:43
-  **Maria Ofelia Lopes** fronteiras-portas de casa-ninguém abre a porta a terroristas-
Gosto · Responder · 1 · 2/2 às 20:48
-  **Manuela Santos** Vous êtes très distraite...
Ver Tradução
Gosto · Responder · 2/2 às 15:37
-  **Lia Atif** Maluca!!
Gosto · Responder · 2/2 às 7:46
-  **Jose Dias** que haja muitas, muitas malucas como ela e não lindinhas como a tenebrosa frau merkel, que enche a europa da maldita tralha do islão. Não se esqueça disso, enquanto puder...
Gosto · Responder · 2/2 às 22:04
-  **Lia Atif** Pois eu sou muçulmana e sou portuguesa o senhor antes de culpar alguma coisa deveria aprender primeiro para poder julgar corretamente
Gosto · Responder · 3/2 às 0:01
-  **Deolinda Caçador** Que falta de miolos...
Gosto · Responder · 2/2 às 22:13
-  **Nidia Ribeiro** <http://www.uai.com.br.../mamae-constroi-replica-de...>
Gosto · Responder · 1/2 às 23:20
-  **Antonio Sa** E que tal repores a maçaroca?
Gosto · Responder · 2 · 1/2 às 22:04
-  **Pedro Costa** Paga mas é o que deves! Caloteira
Gosto · Responder · 4 · 1/2 às 22:20
-  **Domingos Correia** Escarros ambulantes.
Gosto · Responder · 1 · 2/2 às 2:42



Laura Grima Idiota e fascista. Deus me livre!

Gosto · Responder · 2/2 às 14:52



Teresa Rebelo Skakun a hungria tem o quê?!

Gosto · Responder · 1/2 às 21:49



Martins Maria Mercedes DÁ QUE PENSAR E MUITO!

Gosto · Responder · 2/2 às 11:52



António Lourenço Força Marine

Gosto · Responder · 2/2 às 14:27



Ana Luísa da Silva Mas para mamar dos subsídios a ue já serve, não é?

Gosto · Responder · 2/2 às 15:17



Jose Dias Quem nao gosta de mamar ? Entao, ela nao sera melhor nem pior que os outros politicos (alias, eles ate sao piores, pois mentem e lixam- nos, com politicas hipocritas e multicoloridas , permitindo que toda a tralha venha para ca).

Gosto · Responder · 2/2 às 16:45



Ana Luísa da Silva Tralha? Está a falar de pessoas? A falta de capacidade de ver o outro como sendo um ser humano é muito triste, sabe? A falta de empatia não demonstra inteligência, só nos aproxima dos animais, que não pensam nem têm consciência.

Gosto · Responder · 2/2 às 16:57



Jose Dias Ana Luísa da Silva - respondendo ao seu simpático comentário, só queria dizer o seguinte : - será que os nossos heróicos reis, desde D.Afonso Henriques até D. Afonso III , que lutaram e se esforçaram até ao limite para expulsar os mouros de cá, teria... [Ver mais](#)

Gosto · Responder · 2/2 às 21:53 · Editado



Carlos Gonçalo Matos Concordo plenamente.

Gosto · Responder · 3/2 às 2:50



Carlos Gonçalo Matos E os ciganos que pagam os contribuintes,ninguém fala.

Gosto · Responder · 3/2 às 2:52



Diógenes Ribeiro A GALINHA PRETA JÁ CHEGOU AO DRAGÃO

Gosto · Responder · 4/2 às 15:02



Mario Ramos VIVA A Marine Le Pen E Donald J. Trump

Gosto · Responder · 2/2 às 11:55



Francisco Pinto <http://i.imgur.com/4emiUbH.jpg>

Gosto · Responder · 1/2 às 23:06

Artigo 14

 **Expresso**
- 2/2 · 

Numa carta enviada a Juncker e a Donald Tusk, os eurodeputados sublinham a sua convicção de que "as pessoas que entendem que a sua missão é dissolver a União Europeia não podem ser acreditadas como os seus representantes oficiais"



Eurodeputados pedem que escolha provável de Trump para embaixador na UE seja rejeitada

EXPRESSO.SAPO.PT

 Gosto  Comentar  Partilhar 

 29 Comentários Principais (sem filtro) ▾

3 partilhas
2 comentários

 **Monja Nuno** e os eurodeputados que defendem a saída dos países de origem da UE são bons representantes ??? esta UE cada vez melhor...depois ficam espantados que, como em França, a eleição presidencial seja entre candidatos de extremos

Gosto · Responder · 3/2 às 17:47

 **Maria Elvira Correia** Concordo

Gosto · Responder · 3/2 às 17:38

Artigo 15

 **Expresso**
- 3/2 -

Estas sanções adicionais são semelhantes às decretadas por Barack Obama em anteriores testes de mísseis balísticos levados a cabo pelo Irão



EUA podem impor novas sanções ao Irão devido a ensaio de míssil balístico

EXPRESSO.SAPO.PT

 Gosto  Comentar  Partilhar

 18 Comentários Principais (sem filtro)



Oscar Manuel Varandas Correia Não querem é devolver os 150.000 milhões de Dólares... E os Israelitas os 1,2 biliões de dívida ao Irão.. Estados ladrões que se legitimam com mentiras.. Já com o banco central Iraquiano foi o mesmo espoliado de todas as suas reservas de ouro...este ano na Líbia... O mesmo!
<https://financialtribune.com/.../swiss-court-sentences...>
Gosto · Responder · 3/2 às 0:17

Artigo 16



Expresso

- 6/2 · 🌐

Michael Morell acusou ainda o Presidente norte-americano de não ser conhecedor do que Putin fez durante “um longo período de tempo”



Para o ex-diretor da CIA há uma “ligação especial” entre Trump e Putin

EXPRESSO.SAPO.PT

👍 Gosto 💬 Comentar ➦ Partilhar

👍 🤔 🍌 88

Comentários Principais (sem filtro) ▾

19 partilhas
6 comentários



Djumaamade Nadjaba Na verdade este tem suas razões porque ele é cia a mesma cia que sempre divulgou coisas erradas para levarem guerras de interesse pessoais porque o presidente foi claro ha muito assassinato nos estados unidos que só lamentaram a dizer que a morte de Khadafi foi um erro e pararam ai

Gosto · Responder · 🌐 3 · 7/2 às 5:24



Djumaamade Nadjaba Desculpa queria dizer ha muitos assassinos nos estados unidos

Gosto · Responder · 7/2 às 5:25



Maria Vargas Homens com eles no sitio! Nai se coibem de dizer o que pensam ser a verdade! Mais dia, menos dia, pagarao a ousadia....

Gosto · Responder · 6/2 às 23:38



Joaquim Evangelista Não é preciso ser ex da cia para chegar a essa conclusão , ate um cego vez isso ...alias a nato já lá foi !!

Gosto · Responder · 7/2 às 8:28



Carlos Miguel Sousa Quando o Garry Kasparov falar com o Trump ele passa a saber....

Gosto · Responder · 7/2 às 13:45



Nuno R. Magalhães Fricken idiot

Gosto · Responder · 6/2 às 23:22



Diogo Rodrigues Luís Machado

Gosto · Responder · 7/2 às 1:40

Artigo 17

 **Expresso** · 14/2 · 

O porta-voz da Casa Branca revelou que Trump e um pequeno grupo de conselheiros foram informados no final de janeiro depois do Departamento de Justiça ter avisado as chefias do Governo sobre os contactos de Flynn com o alto diplomata russo no final de 2016



Trump já sabia “há semanas” que Flynn tinha enganado membros da administração

EXPRESSO.SAPO.PT

 Gosto  Comentar  Partilhar 

   29 Comentários Principais (sem filtro) ▾

 **Inocêncio Da Cruz Paulino** O Flynn sempre apronta, vcs deviam ver o que ele aprontou no episódio da série TIMELESS. Kkkkkk

Gosto · Responder · 14/2 às 21:16 · Editado

Artigo 18

E **Expresso**
- 15/2 -

Donald Trump negou novamente qualquer relação com a Rússia e classificou as informações que dão conta de contactos entre membros da sua campanha e os serviços secretos russos como "um absurdo"



Trump garante que serviços secretos norte-americanos estão a passar informação de forma "ilegal"

EXPRESSO.SAPO.PT

👍 Gosto 💬 Comentar ➦ Partilhar

👍 😄 🍌 21 Comentários Principais (sem filtro) ▾

 **Fatima Costa** Trump, a força de atirar merda para o ventilador... vais ver como vais ficar a cheirar mal!
Gosto · Responder · 2 · 16/2 às 3:21

 **João Miguel Pelica** O princípio e o fim de um idiota que um dia chegou à casa branca...
Gosto · Responder · 2 · 16/2 às 8:28

 **Daniel Filipe Martins** Fake news ou leaks? Não há meio de decidir-se..
Gosto · Responder · 3 · 15/2 às 21:37

 **João Miguel Pelica** É conforme o estado do tempo 😊
Gosto · Responder · 2 · 16/2 às 9:29

 **Joao Nascimento** O "papão", ai que medo.
Gosto · Responder · 15/2 às 21:33

 **Mario Ramos** RUA COM A ESQUERDANHA NO FACE
Gosto · Responder · 16/2 às 16:29

 **Miguel Carvalho** LOL
Gosto · Responder · 15/2 às 22:45

 **Maria Gonçalves**

Gosto · Responder · 15/2 às 21:56

 **Mario Ramos** VIVA A Donald J. Trump
Gosto · Responder · 16/2 às 16:30

 **Mario Ramos** <https://www.youtube.com/watch?v=v4EEV3kZO68>

Conclusão da Investigação Determina Falsidade da...
YOUTUBE.COM
Gosto · Responder · 16/2 às 16:30

Artigo 19

**Expresso**
- 16/2 · 🌐

Presidente dos EUA tem vindo a criticar o trabalho e a integridade dos serviços secretos, que acusa de terem "passado de forma ilegal" informação secreta para os media



Trump desconfia dos próprios serviços secretos

EXPRESSO.SAPO.PT

👍 Gosto 💬 Comentar ➦ Partilhar

👍 😂 🤔 82 Comentários Principais (sem filtro) ▾

4 partilhas
26 comentários

 **Art Lopes** A sério?? O que esperar de alguém que põe em causa o sistema judicial do seu próprio país?? O que pensar de alguém que vai contra o próprio sistema democrático?? Ah, é um grande ...
Sim , um grande parvo
Gosto · Responder · 🌐 9 · 17/2 às 8:06 · Editado

 **José Da Silva** Não sei quem é mais parvo. Que sentido faz o que tu dissestes?
Gosto · Responder · 16/2 às 22:16

 **Art Lopes** José Da Silva
Provavelmente para si não faz sentido nenhum, mas deixe lá, há mais pessoas como o José, com problemas cognitivos 🤔
Gosto · Responder · 17/2 às 8:15 · Editado

 **Armindo Santiago Marques** Espero que tenha tido a mesma opinião quando se descobriu que não havia armas de destruição massiva lá para os lados do iraque. É interessante como o mesmo fato pode servir argumentos opostos.
Gosto · Responder · 🌐 1 · 17/2 às 11:04

 **Art Lopes** Armindo Santiago Marques
Sim, por acaso tive a mesma opinião.. e há ainda outra coisa em comum, tal como hoje, também na altura estava no poder um Republicano 🤔....ambos usaram a desculpa " serviços secretos" para tentar justificar os próprios erros.
Muito obrigado por reforçar o que escrevi 🤔
Gosto · Responder · 🌐 1 · 17/2 às 13:33 · Editado

 **Mario Leao** O governo na sombra não vai descansar enquanto Trump não cair. E o povo europeu vai ficar muito satisfeito pela queda de alguém legitimamente eleito, sem perceber que vivemos numa ditadura onde quem desafia os globalistas é comido pelo sistema. E não percebem porque a imprensa pertence aos globalistas e molda o pensamento das pessoas. Haja futebol e casa dos segredos e está tudo bem...
Gosto · Responder · 🌐 2 · 17/2 às 0:59

 **João Miguel Pelica** Um presidente em choque com os serviços secretos, com o sistema judicial e com os média do seu próprio país!!! Trump está a todo o vapor a caminho da destituição 😊
Gosto · Responder · 🌐 10 · 16/2 às 20:15

 **Martins Jose** Se não conseguires enfrentar os camaliões da CIA,a situação fica preta,os prjojetistas do consumo de armas não podem parar,tem todo o monopolio belico pure detrás!!!
Gosto · Responder · 17/2 às 9:33

 **João Cruz** Trump desconfia da sua própria sombra, os cretinos têm sempre este sintoma...
Gosto · Responder · 🌐 1 · 17/2 às 11:33

-  **Joaquim Evangelista** Fazes muito bem as secretas russas são mais fiáveis e já te ajudaram mais !!
Gosto · Responder · 4 · 16/2 às 19:59
-  **Apolinario Dias Tavares** A sua guerra é contra todo o mundo e vai acabar sozinho com certeza talvez ainda na cadeia.
Gosto · Responder · 1 · 16/2 às 21:11
-  **Paulo Ramos** Com merda que têm feito afinal havia armas de destruição maciça no Iraque.
Vocês deviam pensar um bocadinho oh "jornaleiros"
Gosto · Responder · 17/2 às 16:40
-  **Richardson Fox** Trump ruma célere ao impeachment. Departamento de Estado , costuma dar corda para enforcar-se (quem assim tiver vocação...) Para não se tornar um escândalo, de difícil justificativa política, psiquiatras emitirão laudo pericial de incapacidade psicológica para o cargo. Deve sair em camisa de força...
Gosto · Responder · 2 · 16/2 às 20:12
-  **João Pedro Alves** esquizofrenia paranoid dem-lhe Risperidona dose máxima injectável de 15 em 15 dias 😊
Gosto · Responder · 1 · 16/2 às 21:02 · Editado
-  **Gloria Morgado Araujo** Faz mto bem. Ja chega ! Tratem das coisas importantes de que a Caixa e o Pais precisam.
Gosto · Responder · 17/2 às 10:19
-  **José Da Silva** É correr come eles e arranjar outros. Aliás, tu já sabias disso, Sr Trump!
Gosto · Responder · 1 · 16/2 às 20:12
-  **Victor Neto** Nunca vi tanta gente ser tao estúpida em tao pouco tempo. Incrível
Gosto · Responder · 2 · 16/2 às 21:20
-  **João Correia** Mete-te com as secretas, mete. Não, a sério. xDDDDD
Gosto · Responder · 17/2 às 4:09
-  **Paulo Pinto** Isto vai acabar mal...
Gosto · Responder · 16/2 às 23:02
-  **Nélio Dias**

Gosto · Responder · 16/2 às 21:01
-  **Andres Maglioni**

Gosto · Responder · 17/2 às 0:49
-  **Albano Carvalho** este sr arranja guerras internas com todos. isto vai acabar mal.
Gosto · Responder · 16/2 às 21:28
-  **Carlos Silva** Ainda te vou ver na cadeia. lol
Gosto · Responder · 2 · 16/2 às 20:41
-  **Pedro Costa** De bacoira em bacoira, até ao chiqueiro total 😄😄😄😄
Gosto · Responder · 1 · 17/2 às 7:10
-  **Jose Pires** Com as toupeiras que o Nobama lá deixou , eu até do ar desconfiaria !
Gosto · Responder · 16/2 às 21:38
-  **Pedro Costa** Chuva dourada leaks 😄😄😄😄
Gosto · Responder · 1 · 17/2 às 7:11
-  **César Da Silva** Herança do Obama e seus democratas..
Gosto · Responder · 16/2 às 21:23 · Editado
-  **Jose Maria Ribeiro** Ha ha ha ha 😄😄😄
Gosto · Responder · 16/2 às 20:42
-  **Lili Macedo** really?
Gosto · Responder · 17/2 às 15:44
-  **Gloria Morgado Araujo** Este comentario nao era para aqui..
Gosto · Responder · 17/2 às 10:19
-  **Daniel Silva** Vai contratar os serviços russos
Gosto · Responder · 16/2 às 22:15

Artigo 20

**Expresso**
- 16/2 · 🌐

Numa conferência de imprensa que tinha como objetivo levar a sua mensagem "diretamente até ao povo", Donald Trump voltou a endereçar novo ataque aos media



“Herdei uma confusão”. Trump volta a criticar os media e elogia o trabalho da sua administração

EXPRESSO.SAPO.PT

👍 Gosto 💬 Comentar ➦ Partilhar

👍 😂 🤔 50 Comentários Principais (sem filtro) ▾

2 partilhas
5 comentários

 **Carlos Correia Mendes** O que era de esperar dum gajo que consome quilos de viagra? Basta olhar...

Gosto · Responder · 17/2 às 16:39

 **Fatima Gaspar** Palavras para quê?...É um despenteado mental e foi eleito presidente dos EUA, vá lá saber-se porquê e como?....

Gosto · Responder · 1 · 17/2 às 19:39

 **Jose Maria Ribeiro** Herdou uma confusão e transformou-a numa catástrofe...

Gosto · Responder · 17/2 às 19:26

 **Pedro Costa** Daqui a pouco chegam as ovelhas para defenderem este pastor

Gosto · Responder · 1 · 17/2 às 13:54 · Editado

 **Mario Leao** Ele não precisa disso. Vocês é que andam em guerra.

Gosto · Responder · 17/2 às 16:04

 **Pedro Costa** 😂😂

Gosto · Responder · 17/2 às 16:50

 **Pedro Costa** Eu não disse??

Gosto · Responder · 17/2 às 16:50

 **Pedro Costa** Ihihih outro 😂😂😂😂

Gosto · Responder · 18/2 às 7:47

 **Renato Almeida** <https://www.youtube.com/watch?v=0YhIUgNFVF0>



**"You're a LIAR" Donald Trump
CONFRONTED with his LIES by CNN...**

YOUTUBE.COM

Gosto · Responder · 17/2 às 12:19

Artigo 21

E **Expresso**
- 17/2 ·

Está concluído o processo de escolha de mais um homem de Trump



Scott Pruitt, que disse não acreditar nas alterações climáticas, vai liderar a Agência de Protecção Ambiental

EXPRESSO.SAPO.PT

Gosto Comentar Partilhar

24

Comentários Principais (sem filtro)

2 partilhas
6 comentários



Nuno Da Silva Pelos vistos o aquecimento chegou ao pico nestes ultimos 20 anos segundo alguns cientistas, a versão oficial fala em anomalia, mas o que me preocupa é o ambiente, fumarada e produtos químicos na natureza não é saudável.

Gosto · Responder · 18/2 às 16:11



Manuel Feliz Apanhem os terroristas das alteracoes atmosfericas provocadas por chemtrails!

O mundo esta' doente principalmente por ter vindo a ser diariamente envenenado por metodos de geoengenharia...

E os media ha' pelo menos 15 anos escondem isso das populacoes, para proteger os terroristas...

Gosto · Responder · 1 · 18/2 às 20:49 · Editado



Se Beto Tudo não passa de crenças.... eu também não acredito no Pai Natal.

Gosto · Responder · 17/2 às 21:27



Nuno Gonçalves Vive-se na idiocracia

Gosto · Responder · 1 · 18/2 às 2:49



Ana Carvalho Daqui a duas gerações já não há Terra

Gosto · Responder · 18/2 às 3:01



Esmeralda Lourenço Mas estamos quase no fim do mundo?????????????

Gosto · Responder · 17/2 às 21:25



Miguel Santos Esta pois...todos os dias ...para quem morre e o começo de que, nasceainda acredita nessas baboseiras ?....

Gosto · Responder · 18/2 às 20:01

Artigo 22

E Expresso
20/2

"Estou ansioso por me juntar à equipa de segurança nacional e fazer tudo o que puder para proteger os interesses do povo americano", declarou o novo conselheiro, o tenente-general do Exército H. R. McMaster

A photograph showing Donald Trump on the right, wearing a dark suit and a red tie, and H. R. McMaster on the left, wearing a dark military uniform with gold stripes on the sleeves. They are both looking towards each other in conversation.

Flynn já tem substituto. Trump nomeia general do Exército como conselheiro de segurança nacional

EXPRESSO.SAPO.PT

👍 Gosto 💬 Comentar ➦ Partilhar

👍 😊 19